

DANIFICADOS LIKE US

**BILIONÁRIOS &
GUARDA-COSTAS**

AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
**KRISTA & BECCA
RITCHIE**

18+

LIVRO 1 NA SÉRIE LIKE US

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DANIFICADOS LIKE US

BILIONÁRIOS &
GUARDA-COSTAS

AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE

18+

LIVRO 1 NA SÉRIE LIKE US

DANIFICADOS LIKE US

**BILIONÁRIOS &
GUARDA-COSTAS**

*AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES*

**KRISTA & BECCA
RITCHIE**

LIVRO 1 NA SÉRIE LIKE US

Copyright © 2017 K&B Ritchie

Copyright © 2023 Editora Bezz

Título original: *Damaged Like us*

Tradução: Taís Guerra

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa Original: Twin Cove Designs

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ritchie, K&B

Danificados (Like us – Bilionários & Guarda-costas, livro 1)/Krista & Becca Ritchie; Tradução: Taís Guerra. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2022.

Sobre *trademark*TM : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

Romance Homoafetivo

ÍNDICE

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

37
38
39
40
41
43
44
AGRADECIMENTOS
SOBRE AS AUTORAS



AVISO DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora e da editora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de assédio físico e verbal, e linguajar indevido. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

Romance Homoafetivo.



NOTA DAS AUTORAS

Você não precisa ler nenhum de nossos romances anteriores para ler o presente livro.

Este é o início de uma série totalmente nova.



LISTA DE PERSONAGENS

Nem todos os personagens desta lista aparecerão no livro, mas a maioria será mencionada.

Idades representam as do personagem no início do livro. Alguns personagens serão mais velhos quando forem apresentados, dependendo de seus aniversários.

OS HALES

Lily Calloway & Loren Hale (pais)

Maximoff – 22

Luna – 17

Xander – 14

Kinney – 12

OS COBALTS

Richard Connor Cobalt & Rose Calloway (pais)

Jane – 22

Charlie – 19

Beckett – 19

Eliot – 18

Tom – 17

Ben – 15

Audrey – 12

OS MEADOWS

Ryke Meadows & Daisy Calloway (pais)

Sullivan – 19

Winona – 13

A EQUIPE DE SEGURANÇA

Estes são os guarda-costas que protegem os Hales, Cobalts, e Meadows.

Equipe Segurança Ômega (ESO)

Akara Kitsuwon – 25 (líder)

Farrow Keene – 27

Quinn Oliveira – 20

Oscar Oliveira – 30

Paul Donnelly – 26

Equipe Segurança Épsilon (ESE)

Thatcher Moretti – 27 (líder)

Banks Moretti – 27

Heidi Smith – 50s

...mais

Equipe Segurança Alfa (ESA)

Price Kepler – 40s (líder)

...mais por vir



Maximoff Hale

— VOCÊ NÃO PODE me dizer nem uma *única* coisa sobre ele? — perguntei, provavelmente, pela milionésima vez. Não estava mantendo as contas, mas, pela mordida contrariada de Akara em seu *bagel* de mirtilo, suponho que minha pergunta já tenha azedado há uns cinco minutos.

Hoje é dia de catástrofe.

O dia em que minha vida pouco convencional e estranha se torna *colossalmente* mais complicada. Posso lidar com tormentas inteiras e sustentar a Terra com uma só mão, mas gosto de estar semipreparado para essas situações. Carrego a porra de um canivete de verdade no bolso, mas quero um metafórico também.

Akara engole seu *bagel*. — Quer saber uma *única* coisa?

— Só uma — confirmo.

— Ele é seu novo guarda-costas.

Pisquei lentamente e o encarei furioso.

— Obrigado por me contar a *única* coisa que eu já sabia.

A *única* coisa que tem me feito subir pelas paredes como um Homem-Aranha possuído. Durante toda a minha vida, tive o mesmo guarda-costas, mas ele decidiu se aposentar recentemente.

Ontem mesmo, dei adeus a Declan. É um sabor agri-doce. Ele quer passar mais tempo com a esposa e os dois filhos, e não ser o guarda-costas de um ser

humano internacionalmente famoso, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Eu entendo isso. Egoistamente, gostaria que ficasse por mais tempo.

E, quando digo *mais tempo*, quero dizer *para sempre*.

Guarda-costas pessoais são como cônjuges. Toda a minha família imediata e distante tem um. Eles nos seguem por todos os lados, comem conosco, protegem nossos quartos quando trazemos estranhos ou, no meu caso, “ficantes descomplicados”. Transas perfeitas. Casos de uma noite só. Tudo isso será passado a uma nova pessoa.

Nunca tive que apresentar um novo guarda-costas aos pormenores da minha vida. Não será apenas Um Dia Na Vida de Maximoff Hale. Será uma posição permanente que durará décadas, a menos que o cara se torne um babaca incompetente.

Esse momento crítico tem me deixado no meu limite, porque Akara, o chefe dos guarda-costas da Equipe Segurança Ômega, tem se recusado a compartilhar mais informações sobre ele.

— Como disse há uma hora — Akara me diz —, é melhor que o conheça pessoalmente.

Antes que eu pudesse responder, seu celular toca.

Espero que seja meu novo guarda-costas. Verifico meu relógio de pulso.

Ele está vinte minutos atrasado, e Akara já me assegurou de que ele recebeu o convite.

Local: Superheroes & Scones

Horário: 6h (antes que a loja abra às 8h)

A acolhedora, mas *imensa* loja está vazia. Acendi apenas algumas luzes porque nenhum funcionário chegou ainda, o lugar está silencioso. Minimamente iluminado. Enquanto espero, vou para a área do bar e me sirvo um suco de laranja.

Não estou roubando.

Minha família é dona da loja híbrida de dois andares, uma mistura de café e gibiteria. As mesas e os sofás vermelhos e azuis, assim como os corredores e mais corredores repletos de prateleiras de gibis e produtos *geeks*, dão à Superheroes & Scones um ar de lanchonete retrô e gibiteria moderna. Ao redor do mundo, existem oitenta e cinco delas, mas esta, na Filadélfia, é muito original.

Desde sua criação, ela tinha passado por algumas grandes reformas. O

segundo andar costumava servir de escritório para uma editora de gibis, que se mudou para o prédio ao lado.

Tampando a jarra de suco, olho para a direita. Escadas azuis brilhantes giram para a área de um loft no segundo andar. Uma área iluminada, com puffs coloridos, sofás, mesas de centro e televisões embutidas que passam filmes de super-heróis o tempo todo.

Se pudesse listar meus lugares preferidos no mundo, Superheroes & Scones estaria em segundo lugar. Logo depois da piscina.

Qualquer piscina.

Tomo um longo gole do meu suco de laranja, e o celular de Akara começa a soar repetidas vezes.

Limpo a boca no meu bíceps e noto as notificações de mensagem de texto iluminando sua tela.

— Alguém está bem popular.

Melhor que seja meu guarda-costas atrasado.

Akara limpa os dedos em um guardanapo de papel.

— É uma pessoa só.

Estico o pescoço para tentar ver se identifico o nome.

Akara protege o celular com o peitoral e começa a ler as mensagens.

— Relaxe. Coma. Tente não pensar demais, se é que isso é possível para você.

— Não é. — Eu posso admitir isso.

Akara sorri, mas se concentra em seu celular. Partes de seu cabelo preto e liso tocam seus cílios escuros. Seus músculos definidos poderiam rasgar sua camiseta azul da *Studio 9*. Não há uniforme para a equipe de segurança. Guarda-costas normalmente se vestem de acordo com a ocasião.

Quando vou a eventos de caridade, eles vestem ternos e smokings.

Giro os ombros para trás, com os músculos tensos. Preciso me alongar, nadar por várias horas. Verifico a hora no meu celular. Depois, tomo outro gole do meu suco de laranja e vejo Akara digitar.

— Você sabe — falo a ele —, não estou perguntando sobre o sentido da vida ou pedindo o mapa de galáxias ainda não descobertas. Você poderia me dizer qual é a cor do cabelo dele. O signo. Talvez, o sobrenome...

— Boa tentativa. — A sobrancelha de Akara se levanta para mim apenas para me dizer *não tente me engambelar*, antes de ele retornar para o celular.

— Por que não termina de fazer sua lista para ele?

— Eu já imprimi e tudo mais. — Está no bolso dos meus jeans. Akara sugeriu que eu pontuasse “as regras da minha vida” para a pessoa desconhecida.

Por exemplo, n. 32: *Tiro fotos com meus fãs a qualquer hora e deixo que eles as postem*. Algo que nem todos os meus primos e irmãos permitem. Isso avisa ao público e à mídia sobre onde estou em tempo real. É considerado um risco.

Uma ameaça à minha segurança.

Mas vivo minha vida sob um holofote desde que estava no útero. Não me importo se alguém sabe onde estou em *tal e tal* hora. As chances são de que os paparazzi me encontrem, de qualquer jeito.

Depois de colocar meu copo de volta no bar, passo uma das mãos pelos meus desgrehados cabelos castanhos-claros. Os fios foram clareados do tom castanho-escuro natural.

Eu sei que *vocês* sabem como eu sou. Vocês têm visto meu rosto nas capas dos tabloides. Isso, enquanto pegavam o leite semidesnatado, talvez, uma barra de *KitKat*, ou, quem sabe, uma lata de *Fizz*.

Tenho olhos verdes-floresta que apunhalam as almas dos que tentam mexer com minha família. Maçãs do rosto acentuadas, que se parecem lâminas, e um físico bem esculpido que consegui nos meus dias de competidor profissional de natação. Talvez vocês *não* saibam que *Burberry* e *Calvin Klein* queriam me recrutar aos dezoito anos.

Eu recusei.

Akara digita. E digita.

Nos últimos cinco anos, Akara tem sido uma parte central da minha vida. Mesmo não sendo meu guarda-costas pessoal. Como chefe da Equipe Segurança Ômega, está a cargo das contratações, transferências, demissões, e de manter todo o sistema funcionando. Ele é a cola.

A constância.

Ele tem vinte e cinco anos, é tailandês-americano, treinado em MMA, mas especializado em Muay Thai, e dono da academia *Studio 9 Boxing & MMA*, logo no final da rua. Todas as manhãs, as pessoas lotam a Studio 9, e é impossível entrar sem uma indicação às noites.

Ele levanta o olhar do celular e me encara.

— Você precisa relaxar.

Sou impaciente. E muito autoconsciente. Digo a ele com firmeza:

— Se ele não aparecer até às oito horas, iremos embora. — Não posso estar aqui quando a loja abrir. Ficarei preso, assinando autógrafos e tirando fotos por horas a fio, e tenho uma longa, *longa* lista de coisas que preciso fazer.

Eu sou o CEO de uma organização de caridade que arrecada *milhões* anualmente, e estabeleci a meta de arrecadar 300 milhões de dólares para H.M.C. Philanthropies até dezembro. Ainda não atingimos nem a metade disso.

— Ele sabe. — É o que Akara diz. *Ele sabe*.

Quem diabos é ele? Eu me endireitei, tenso, como se estivesse a segundos de me juntar à Guarda Nacional.

— Você, pelo menos, escolheu alguém que consegue seguir o meu ritmo? — Ele não vai pular fora depois de uma hora ou duas? Eu estou constantemente indo e vindo da minha casa na cidade para os escritórios do trabalho, e para o bairro fechado da minha casa de infância, onde meus três irmãos mais novos ainda vivem.

— Novamente, relaxe. — Akara levanta uma mão. — Eu conheço você. Não escolheria alguém que não pudesse lidar com seu estilo de vida para fazer parte da sua equipe de segurança. — Ele puxa o cabelo para trás novamente e coloca o boné de *baseball* ao contrário.

Akara parece acessível agora. Amigável, até.

Mas já testemunhei o dia em que encarou um homem adulto de cinquenta e cinco anos. Duas vezes o seu tamanho. Veias pulavam dos músculos sobressalentes do homem: um conhecido usuário de anabolizantes. Ele também era o guarda-costas oficial do meu primo Beckett. E estragou tudo. Deixou um paparazzi se esgueirar para um banheiro público enquanto meu primo mijava.

Akara foi para cima do guarda-costas, gritando, repreendendo-o. Eu apenas fiquei ali assistindo aquele cara mais novo fazer um homem de meia-idade chorar. Lágrimas *jorrando* no seu rosto. Akara o fez sentir como se tivesse cometido homicídio culposo.

Percebi que era por isso que a maioria dos meus guarda-costas diziam:

— Não irrite o chefe da ESO. — Irritar Akara era como se meter no

corredor da morte.

BUM.

Nossas cabeças giraram para as janelas fumê da loja. Quatro pré-adolescentes bateram contra o vidro, saltando nas pontas dos pés. Gritaram uma variedade de nomes, incluindo o meu, e grudaram as mãos nas janelas, tentando bisbilhotar a parte de dentro.

Sorri.

É engraçado. Se não achasse, ficaria irritado a cada minuto de cada dia. Normalmente, há uma fila do lado de fora da loja até o horário de fechamento, então, não me surpreendo de as pessoas já estarem aqui antes das oito.

— Um, dois, três — eles contam juntos antes de berrarem —
MAXIMOFF HALE!

Meus lábios abrem um sorriso maior.

Vocês, como os quatro pré-adolescentes e o mundo todo, me conhecem como Maximoff Hale, CEO de uma organização de caridade sem fins lucrativos; ex-estudante de Filosofia; nadador profissional; filho de uma mãe viciada em sexo e de um pai alcoólatra em recuperação; fiel irmão de três e primo de onze.

Vocês são obcecados com meu eterno status de relacionamento “solteiro”, e nunca me viram namorar alguém publicamente. Em algumas ocasiões em que não fui cuidadoso o suficiente, vocês viram fotos em que trazia garotas ou garotos aleatórios para casa.

Vocês sabem que não tenho nada sério com eles.

Vocês sabem que só duram uma noite. Nada de amarras.

Vocês *não* sabem nada sobre nossos guarda-costas, sobre como eles existem em nossas vidas, tão próximos quanto membros da família. É dever deles se manterem anônimos perante o público, e vocês não podem rastreá-los ou *conhecê-los* do jeito que nós conhecemos.

Então, vocês não sabem nada sobre Akara Kitsuwon e o resto da Equipe Segurança Ômega.

Akara sorri para as três meninas e o menino que não podem nos ver, mas nós os vemos se agitando com entusiasmo e tirando selfies.

— Nunca me canso disso.

Eu ergo meu suco de laranja.

— Entretenimento eterno.

Dois cartazes feitos em casa são grudados na janela.

Leio um deles: *VEM ME COMER, MAXIMOFF HALE!* Ela parece ter doze anos, está de trancinhas e aparelho.

Os músculos da minha mandíbula tensionam. “Brincadeira”. Isso não é nada engraçado. Não é preciso dizer, mas eu nunca faria sexo com uma pré-adolescente ou adolescente ou qualquer pessoa que pareça remotamente tão jovem. Meu Deus... *doze anos*. Eu tenho uma irmã dessa idade.

Não sou contra ficar com fãs. É praticamente inevitável, mas precisa ser: a) consensual; b) com alguém maior de idade; e c) coisa de um dia só.

Akara examina os pré-adolescentes.

— A parte assustadora — ele diz — é que esse tipo de coisa nem me choca mais. — Ele olha a fechadura da entrada da loja antes de voltar ao celular.

O outro cartaz da amiga diz: *EU QUERO TER SEUS FILHOS, XANDER HALE!!*

Xander é meu irmão de quatorze anos.

Meus ombros enrijecem, mas tento esquecer aquele cartaz sem pensar demais nisso. Akara volta a digitar *novamente*. Eu me inclino para frente. Ainda sem conseguir ver sua tela.

— Um encontro? — pergunto.

Akara rapidamente responde:

— *Não*. — Então, ele remove os cotovelos do balcão. Sentando-se. — É Sulli.

Sullivan Meadows. Minha prima de dezenove anos.

— É Sulli que está te enchendo de mensagens? — Olho para ele. — Você não disse para ela que está comigo? — Eu precisava de um guarda-costas que me trouxesse aqui para conhecer meu *nov*o guarda-costas. Irônico. Perguntei a Akara se havia alguém disponível na Ômega, e ele se ofereceu.

— Pensei que ela fosse dormir até às nove, pelo menos.

Quero que ele continue contando.

Ele para ali mesmo.

— Por quê? — Tento não surtar. Posso jurar que toda a equipe de segurança gosta de me manter fora da jogada. Poderia receber duas vezes mais informações se perguntasse à minha família, mas me contenho para não escrever para Sulli.

— Não importa — ele fala evasivo e dá outra mordida no seu *bagel* enquanto escreve para minha prima.

— Importa para mim. Ela é *minha* família. — Ela não é parte da segurança. Ela está do meu lado. *Famosos*.

Três famílias famosas – os Hales, os Meadows e os Cobalts – foram permanentemente unidas por nossas mães e irmãs. As irmãs Calloway, para ser mais exato. E, os Calloways, principalmente meu avô, fundaram Fizzle: uma empresa de refrigerante que ficou mundialmente conhecida por bater a *Coca-Cola* em vendas na última década.

Fizzle é parte do porquê de sermos todos famosos.

Mas essa não é a história toda.

Acrescento: — Eu mesmo posso escrever para ela. — Tento alcançar meu celular, mas ele cede, assentindo para mim.

Quando ele engole a comida, diz: — Ela bocejou durante todo o caminho de volta do parque estadual. Não voltou para casa até as três da manhã. — Ele manda outra mensagem. — Eu deveria saber que ela acordaria. — Seus olhos fitam os meus. — Ela tem MEFIFO.

Medo de Ficar de Fora.

Meus lábios abriram num meio-sorriso.

Sulli criou a sigla ela mesma. A coisa mais previsível sobre minha prima mais nova era a coisa menos previsível possível: *o sono*.

Eu acharia estranho que Akara soubesse desses detalhes sobre Sulli, mas ele é o guarda-costas pessoal dela. Ele tinha sido designado a Sullivan desde que ela tinha dezesseis anos. Se alguém sabe sobre os hábitos dela, é ele.

Cai a ficha novamente. O pensamento que estive espantando como se fosse uma abelha: *alguém também está prestes a saber sobre os meus hábitos mais íntimos*.

Maravilha.

Eu me inclino sobre o balcão do bar, braços cruzados sobre minha camiseta verde. E, então, meus músculos enrijecem assim que a fechadura começa a se mexer na porta de vidro fumê.

Alguém está entrando. Alguém que tinha uma chave.

Meu novo guarda-costas.

Ele finalmente está aqui.



Maximoff Hale

QUERIDO MUNDO, PARE de querer acabar comigo. Atenciosamente, um ser humano desnortado.

A última pessoa que queria ver acaba de entrar na Superheroes & Scones. Sirvo-me de mais um copo de suco de laranja e vejo um rosto familiar passar pela porta.

Com seu imponente um metro e noventa de altura, sua camiseta em gola V preta para dentro do jeans preto, e um cinto de couro bem afivelado. O cabo da arma está preso à sua cintura, e seu cabelo descolorido de branco contrasta com suas sobrancelhas castanhas.

A maioria das pessoas acha Farrow Redford Keene intimidante à primeira vista, mas estou imune à maioria das formas de intimidação.

Isso se chama ser um Hale.

Posso descrever Farrow de três formas significativas.

1. Frustrante.
2. Irritante.
3. Indiferente a mim.

Como ele é o guarda-costas da minha mãe, e ela vem à loja com frequência, espero vê-la entrando atrás daquela figura autoconfiante e impassível.

Farrow caminha como se fosse o dono do mundo, mas atrás de seus olhos

castanhos sempre há diversão. Às vezes, acho que está propositalmente desafiando James Franco em *Freaks & Geeks*, tirando a maconha e multiplicando o *sorriso* de Franco por um bilhão.

Isso não deveria chamar minha atenção.

Mas chama.

Ele chama.

Agora mesmo, tento ignorar sua presença, mexendo na tampa da garrafa de suco lentamente. Meus olhos permanecem nele. Não importa o quão firme eu os mande *olhar para o suco*.

Tenho tido este problema desde os dezesseis anos. Infelizmente, conheço Farrow há muito, *muito* tempo. Estou falando dos anos de pré-adolescência. Antes de a equipe de segurança designá-lo à minha mãe, ele era apenas o filho do médico da família, disponível vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para consultas domiciliares e emergências.

Então, quando minha irmã Kinney quebrou o tornozelo por causa de suas botas com salto doze centímetros, Dr. Keene apareceu na cidade, com seu filho Farrow.

Tentei puxar as botas de Kinney, e o Dr. Keene me disse: — Afaste-se, Maximoff.

Ele gesticulou para Farrow se aproximar, ensinando primeiros socorros ao filho. Tudo para que ele pudesse seguir os passos das *várias* gerações dos Keenes que vieram antes dele. Uma prestigiada família de médicos.

Momentos como esse ataçaram minha natureza competitiva. Se Farrow tomava a frente, eu almejava encontrar um lugar ao seu lado. Se Farrow era rápido, eu queria ser ainda mais. E ele nunca desistia. Em *nada*. Ele era muito cabeça-dura para me deixar ganhar sem uma boa briga.

Em algum momento, perto do meu aniversário de dezesseis anos, comecei a ter uma quedinha por ele. Talvez, porque nunca me *deixasse* ganhar. Talvez, porque ele é cinco anos mais velho que eu, e graduado em Yale. Ou porque faz trinta barras como se não fosse nada. Talvez, sejam todas as tatuagens cinza e preta que cobrem sua pele clara até a garganta. Lindas asas simétricas cobrem seu pescoço, espadas cruzadas, seu pomo de Adão. Talvez, sejam seus quatro piercings visíveis: a argola do nariz e do lábio inferior, e os dois barbells das sobrancelhas.

Talvez, seja *tudo isso* junto e misturado o que aquece minha pele,

bombeia o sangue para baixo, e me atrai como um abestado. Ele está permanentemente acampado no meu córtex cerebral e no meu pau, e não sei como expulsá-lo.

Essa paixonite não era um problema quando eu era adolescente, quando fantasiava em segredo com os lábios do cara gostoso e mais velho em volta do meu pau. Sempre soube que ele era gay e, aos dezoito anos, disse para o mundo todo que eu era bissexual. Depois disso, achei que havia uma chance de Farrow olhar para mim com interesse.

Mas não aconteceu.

Em seguida, ele se tornou o guarda-costas da minha mãe. Há, exatamente, três anos.

Qualquer tipo de atração que eu sentia por ele se tornou mais eticamente errada do que já era. Eu me forço a lembrar que ele não sabe de *nada*. Contei a Jane, minha melhor amiga, sobre minha quedinha e meu lapso de julgamento, mas ela jamais contaria a alguém.

Farrow entra pela porta da loja e dá uma grande mordida em uma maçã vermelha.

E, então, seus olhos castanhos recaem sobre os meus olhos verdes-floresta. Instantaneamente, ele me lança um olhar *conhecido*.

Eu atribuo esse olhar ao seu jeito sabichão. Devo ter me mostrado exasperado, porque seus lábios abrem um pequeno sorriso, e ele engole a fruta.

Balanço meu suco de laranja antes de dizer: — Olha só o que os ventos vomitaram. — Descanso o copo.

Farrow leva a maçã à boca.

— Você quis dizer *trouxeram*.

— Não — digo firmemente, com as mãos no balcão perolado. — Quis dizer vomitaram.

Ele revira os olhos com um sorriso bem-humorado e lentamente se alonga para os lados. Depois, fecha a porta com um chute. Ele a tranca com sua chave extra.

Eu enrijeço.

— Onde está minha mãe?

Akara *finalmente* guarda o celular, ao qual estive tão apegado desde que chegamos aqui.

— A troca do guarda-costas de Lily aconteceu esta manhã.

Troca.

O que significa... meu cérebro começa a fritar, minha mandíbula enrijece e minha respiração fica pesada quando vejo Farrow se aproximando dos bancos. Seu caminhar é másculo e despreocupado. O tipo de andar que pertence às pessoas que se conhecem profundamente.

Mais perto, ele descansa o joelho no banco ao lado de Akara, e me diz: — Eu sou seu novo guarda-costas.

Eu inspiro, tentando recompor minha aparência, embora minha pulsação bata a uma velocidade anormal. *Farrow Redford Keene é meu novo guarda-costas.*

É difícil para mim visualizá-lo na minha vida *desse jeito*. É por isso que estou assustadoramente calado, tentando bloquear mentalmente o quão complicado isso deixará todo o resto.

Farrow me encara fervorosamente.

— Animado? — ele pergunta com um sorriso à espreita, como se soubesse que não.

Animado que meu antigo crush será uma companhia permanente pelo resto da minha vida? Estamos eticamente obrigados a permanecer platônicos.

Eu escolheria as palavras: *sexualmente frustrado e complicado pra caralho*. Mas vamos de *animado*. Causará menos atrito por enquanto.

— Não sei se posso dizer isso — falo e tomo o resto da minha bebida em um só gole. — Qual é a lógica por trás disso aqui? — Gesticulo para Farrow com meu copo vazio. Toda a equipe de segurança tem boas intenções, e sei que uma troca de guarda-costas possui um peso enorme.

Eu não posso exigir alguém de minha preferência, nomear um bastardo. Todos os guarda-costas trabalham juntos. Eles são *pessoas*, não bonecos de guerra. Eu os respeito o suficiente para confiar em suas escolhas.

E não é como se eles soubessem que eu costumava imaginar Farrow de joelhos.

E não que eles *algum dia* saberão disso.

— A lógica de costume — Akara diz. — Nós consideramos o local onde você vive. — *Uma casa na cidade na Filadélfia*. — Seu estilo de vida. — *Pronto para tudo*. — Outras variáveis de segurança, e deu *match*.

— Então, é o *Grindr* para guarda-costas, mas sem o sexo — digo

sarcasticamente, enquanto tento ignorar Farrow, mas meus olhos involuntariamente voam para ele.

Farrow levanta a sobrancelha para mim tomado por uma onda de satisfação.

Quero gemer e sorrir, e estou certo de que minha expressão oscilou entre as duas coisas.

— Não vamos divulgar isso dessa forma, mas claro... basicamente — Akara diz.

— *Basicamente* — Farrow interfere — Lily queria que eu fosse seu guarda-costas.

Lily é minha mãe.

Akara cala Farrow com um intenso, mas semicerrado, olhar. Só posso supor que Farrow não deveria ter me dado tanta informação.

Ele acrescenta: — As exatas palavras dela foram: *Farrow é o melhor*.

— Mentira — digo a ele. — Minha mãe faria um juramento e esperaria a morte antes de dizer que *qualquer pessoa* é melhor que Garth. — Seu primeiro guarda-costas. Eu nunca a tinha visto tão emocionada com relação a alguém como no dia em que ele se aposentou.

Farrow gira a maçã para morder do outro lado.

— Então, ela quebrou uma promessa de jardim de infância por mim. — Sua voz de convencido era grossa e rouca, mas sensual. Como cascalho envolto em seda.

Meus músculos acordaram dos pés à cabeça.

— Uau — digo, com um tom tenso.

Minha cabeça está totalmente em outro lugar. Nesta situação.

Nesta nova realidade.

Nele.

Farrow abaixa a maçã, e minhas bochechas devem ter se aguçado porque seus olhos castanhos conseguem desfazer minha melhor expressão.

Eu encontro seu olhar e, em nosso súbito silêncio, uma forte tensão emerge. Nossas vidas mudarão depois desta troca, e há ainda um fator *desconhecido*.

Não consigo nem conceber a ideia de Farrow como meu guarda-costas. Percebo Akara lançando olhares entre nós. Aferindo o quão bem estamos nos dando.

Mas a resposta dele é tão boa quanto a minha.

E eu não tenho resposta alguma.

Nem mesmo faço ideia de como é cultivar uma nova relação com um guarda-costas. Tive o mesmo guarda-costas por praticamente vinte e dois anos.

Farrow joga o resto de sua maçã em uma lixeira próxima. Então, salta do banco, e seus ombros notavelmente se afrouxam, ao contrário dos meus.

— Vamos começar com o básico, escoteiro lobinho.

— De todos os apelidos que poderia me dar... — Mas nada impede Farrow de me chamar assim. Minha tia criou o Escoteiro Lobinho para ser um escotismo de sobrevivência e vida selvagem que incluía todos os gêneros. O movimento ganhou reconhecimento nacional e, sim, ainda ajudou no acampamento de verão das tropas.

— E o que seria o *básico*?

— O básico. — Ele se apoia nas extremidades do balcão. Seu rosto está a poucos centímetros do meu. — Sempre que deixar sua casa na cidade, escoltarei você. Ando na sua frente. Entro nos cômodos antes de você. Vou aonde for, até que retorne são e salvo para casa.

Pisco lentamente, e minha pele ferve. Imaginar Farrow comigo *todos os dias, o dia todo*, é como tomar um galão de milkshake de um só gole. Meu cérebro está totalmente congelado. Esfrego minha mandíbula, totalmente travada.

Farrow inclina a cabeça.

— Está tudo bem?

— Farei algumas correções.

— No básico? — Ele olha para Akara, e eles trocam um olhar que não consigo decifrar.

Ignoro essa troca e continuo: — Você entra nos lugares ao meu *lado*.

— Não — Farrow rejeita imediatamente. Ele passa as duas mãos pelos cabelos brancos, retirando completamente as mechas de seu rosto. Às vezes, ele faz isso para ganhar mais tempo para responder. Outras vezes, penso que é um sinal de que ele está ficando sério.

Akara descansa o cotovelo na bancada.

— Moffy, ele tem que revistar o ambiente antes que você entre, como Declan fazia.

Declan não é Farrow. Meu antigo guarda-costas preferia manter sua privacidade, a ponto de eu não poder dizer que o conhecia muito bem pessoalmente. Eu *conheço* Farrow de um jeito que jamais conheci Declan.

Isso muda instantaneamente a relação guarda-costas-cliente que costumava ter.

— Então, quando estivermos na rua — digo a Farrow —, você andarão ao meu lado. Não precisa andar na minha frente toda vez como se fosse meu labradoodle.

— Um labradoodle — ele repete, com uma expressão facial que pendia entre um revirar de olhos e uma risada. — Você não podia ter escolhido um animal mais dócil, não é mesmo?

Antes que eu pudesse responder, ele acrescenta: — Vou levar isso em consideração, mas não posso prometer que seguirei essas instruções em *todas* as situações.

Parece justo.

Concordo com a cabeça duas vezes.

— Quando ficou sabendo do novo posto? — Ele parece inabalável. Se fosse um super-herói em um campo de batalha, a história em quadrinhos mostraria Farrow relaxado, em um banco destruído, usando seus poderes para facilmente sobreviver e se safar.

Em comparação, minha forma de externalizar meu estado de espírito para esta confusão é manter as costas eretas, os ombros rígidos e a cabeça erguida.

— Eles me contaram ontem à noite — ele diz.

Processo a informação.

— Então, apenas oito horas antes de mim.

— Doze, tecnicamente. — Seus lábios começam a se abrir em um sorriso, como se ele estivesse ganhando de mim em alguma coisa. Eu escondo meu próprio sorriso.

— Obrigado por esse ajuste *técnico*.

— Disponha, lobinho.

Ele se inclina para frente e abaixa a voz em um sussurro sexy: — Como é bom lembrar que sou melhor do que você em quase tudo.

Esforço-me bastante para não encarar seus lábios.

— Parece que você vive em um universo paralelo.

Ele sorri pelo canto da boca, e se afasta.

BUM.

Nossas cabeças se voltam para as janelas da loja. Mais pessoas batem contra o vidro, tentando espiar o lado de dentro, e outras gritam enquanto esperam que a Superheroes & Scones seja aberta.

— Precisamos ir — digo o óbvio.

A ficha do *precisamos*, nesse contexto, quanto a Farrow e eu, realmente começa a cair.

Não somos eu e Akara. Não somos eu e um cara que conheci recentemente.

Somo apenas eu e ele.

Não do jeito que eu costumava fantasiar. Agora, Farrow é obrigado a me proteger, manter uma relação profissional comigo e sempre me manter a salvo.

Penso em um urso polar comendo *Cheetos* na lua para amenizar a imagem de Farrow como meu guarda-costas. Eu acho que é um sinal.

De que isto está prestes a se tornar muito estranho.



Maximoff Hale

DEIXANDO A SUPERHEROES & SCONES no meu *Audi* vermelho, mergulho na rodovia. O ar está visivelmente tenso entre nós desde que entreguei minha lista de oito páginas. Enquanto ele a lê silenciosamente no banco do passageiro, eu me concentro na estrada e passo pelos carros dos paparazzi, que tentam me abraçar como se fôssemos amigos.

Farrow levanta o olhar e examina os vários SUVs e sedans apostando corrida atrás de nós.

— Eu realmente deveria ser o único a dirigir neste relacionamento.

Eu enrijeço com a palavra *relacionamento*. Mentalmente, acrescento o *platônico*, mas o meu eu de dezesseis anos, com sua paixonite juvenil, estaria duro como uma rocha agora.

O meu eu de vinte e dois anos ainda está incomodado por ter colocado Farrow em seu banco de imagens eróticas.

— Número doze. — Eu aceno para a lista.

Ele me olha por um longo momento antes de se concentrar no papel.

— Diz que você não está acostumado a deixar que outras pessoas peguem o volante.

Na verdade, diz: *eu sempre dirijo*.

Olho para ele uma vez, depois me volto para a estrada.

— Não sabia que você não sabia ler. — Mudo de faixa.

Eu quase posso sentir seu sorriso se abrir.

— O amado sabe-tudo de sempre. — Eu o ouço virar uma página. — Há um erro de digitação no número trinta e dois.

Ele me chamou de amado. O que diabos isso significa? *Amado.* Tenho que deixar isso para lá, mas a palavra continua passando pelos meus olhos como os *outdoors* da estrada.

— Que erro de digitação?

— Você esqueceu uma vírgula.

Solto um gemido irritado.

— Não é um trabalho de conclusão de curso. Não critique minha gramática.

Farrow apoia um de seus sapatos no banco, equilibrando o antebraço no joelho. Então, ele tira o grampo com a boca e o cospe. Fico tenso e tento prestar atenção nele e na estrada ao mesmo tempo.

Ele tem uma maneira muito particular de mover as mãos. Elas se mexem com meticulosidade e cuidado. Uma espécie de precisão que pertence aos cirurgiões e a alguém preparado para desmontar e montar uma arma com os olhos vendados.

Imaginei aquelas mãos *em mim* mais vezes do que posso contar. *Não recomece agora.* Estou tentando, mas com ele tão perto, as fantasias para maiores de dezoito anos lutam para chegar à superfície. O calor toma conta da minha pele e tenta agarrar meu membro.

Folheando os papéis, Farrow me diz: — Você está prestes a perder a saída.

— Droga.

Ele abre um sorriso satisfeito e entretido, mas consigo atravessar três faixas e me esquivar de mais alguns paparazzi com habilidade, pegando a saída com segurança.

Farrow dobra quase todas as páginas e guarda apenas duas das folhas.

— O que está fazendo? — pergunto.

Ele acena com a pilha de páginas dobradas.

— Que tal abandonar oitenta e cinco por cento das suas regras e ser menos escoteiro, *escoteiro*?

— Não. — Eu balanço minha cabeça algumas vezes. Essas regras refletem meu estilo de vida atual. — Esta é a porra da minha vida, Farrow.

— E você tem que abrir espaço para mim — diz ele, sério. — Vamos encontrar o nosso ritmo, mas não com você me colocando em uma chave-de-cabeça antes mesmo de o round começar.

O que eu acho é que ele odeia ser atado a regras estritas que não são de sua autoria.

— Declan as seguia.

— Em detrimento da sua segurança — diz ele, sem rodeios. — Você tem o hábito de acelerar. *Eu* deveria estar dirigindo.

Voltamos a isso.

— Eu dirijo — digo a ele. — Suas opções são *infinitas*. Observe-me dirigir. Observe os outros carros. Observe o horizonte. Conte os sinais de trânsito. Procure uma música.

— Incorreto. — Ele lambe o polegar e folheia rapidamente as páginas antes de parar em uma delas. — Número noventa e dois: *prefiro não ouvir música no carro até o meio-dia*. — Ele inclina a cabeça para mim. — Por que...?

— Geralmente tenho de fazer ligações de negócios. *Para a caridade* — enfatizo. Ele sabe que faço trabalhos sem fins lucrativos. Todo dia será o Dia de Levar Farrow ao Trabalho. É estranho. O mais estranho é que ele está trabalhando agora.

Ele não está apenas no meu carro para conversar. Ele está no trabalho.

— Você está planejando fazer uma ligação de negócios agora? — ele questiona.

— Não.

— Então, na verdade, deveria ter escrito “eu prefiro não ouvir música no carro até o meio-dia *quando tenho ligações de negócios*”. — Ele abre o porta-luvas e encontra uma caneta. Ele reescreve a regra. — Você também tem outro erro de digitação aqui.

— Já chega de falar dos malditos erros de digitação — digo e ajusto o ar-condicionado em direção ao meu corpo que esquenta ao ver seu sorriso se abrindo cada vez mais.

Para preencher o silêncio, ligo o rádio e escolho uma estação de música eletrônica.

A batida pesada ecoa através dos alto-falantes.

— Música antes do meio-dia — diz Farrow. — Já comecei a afrouxar

suas regras.

Com uma mão no volante, uso a outra para empurrá-lo.

— Amo como você se dá crédito pelas coisas mais bestas da vida. É tão generoso de sua parte.

Farrow quase ri, mas nós dois ficamos quietos e sérios de repente. Dois SUVs de paparazzi aparecem de ambos os lados e abruptamente me fecham em uma curva à direita.

— Saia na Market Street — sugere Farrow.

— Esse era o meu plano. — Eu acelero quarenta quilômetros por hora acima do limite permitido apenas para ultrapassar os SUVs, mas eles têm um *Honda* na minha frente. O *Honda* azul pisa no freio, fazendo-me também pisar no meu.

Droga.

Agora, estou encurralado, como um rato em uma armadilha.

Procuro meu óculos de sol no porta-copos, mas Farrow já está me entregando meu *Ray-Ban* preto, fazendo-me lembrar de que ele é treinado para essas situações. Ele me passa o óculos de modelo aviador.

Braços e câmeras saem das janelas abertas dos paparazzi. Sou forçado a dirigir na velocidade deles, e *flashes* perfuram meus olhos de quase todas as direções. Meu óculos de sol diminui o brilho, mas não minha frustração.

Na maioria dos dias, convivo bem com os paparazzi. Respondo suas perguntas inofensivas, assino suas fotos para vender no *eBay*, e nos respeitamos minimamente.

Então, eles fazem acrobacias como *esta*, e eu me questiono quanto a porcentagem de paparazzi decentes versus os que jogariam minha família em uma vala por mil dólares.

— Quer ajuda? — Farrow pergunta. — Ou prefere apenas deixá-los tirar fotos suas em flagrante?

Eu gesticulo para o para-brisa.

— Não há o que fazer.

— Não sou Declan. — Farrow desafivela o cinto e se inclina sobre o painel do meio. Em minha direção. Minha respiração fica presa em meus pulmões, e vejo seu braço deslizar pelas costas do meu assento. Com a outra mão, ele esmurra a buzina do volante, que adentra o céu da manhã de forma estridente.

Ele estende seu corpo ainda mais sobre mim. Enquanto dirijo, ele toma cuidado para não bloquear minha visão da estrada, mas estou mais concentrado no fato de que seu ombro roça meu peito, e um de seus joelhos fica entre minhas pernas.

Farrow abaixa o vidro do lado do motorista. Ele vira a cabeça, ligeiramente, e nossos rostos estão literalmente a um triz. Concentrando-se nos paparazzi, ele grita: — Diga ao *Honda* para ir embora ou fecho as janelas de Maximoff! — *Por fechar*, ele quis dizer que colaria folhas para bloquear os *flashes* por dinheiro.

O fotógrafo diz: — Mais um minuto! Saia da frente! — Ele faz um movimento de *xô* para Farrow.

— Ei! É *agora ou nunca* — ameaça Farrow, com um tom tão cáustico que não me surpreendo quando o fotógrafo desaparece dentro do SUV. Momentos depois, o *Honda* entra à esquerda.

Liberando a estrada.

Nos liberando.

Acelero o máximo que posso. Declan nunca teve esse tipo de efeito nos paparazzi. Isso me deixa calado por um minuto.

Farrow recosta em seu assento, e fecho a janela. Ele pega seus papéis, e eu olho para ele, para a estrada, e novamente para ele.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Quer me dizer alguma coisa?

— Onde você aprendeu isso?

Farrow coloca o cinto de segurança.

— Quando você é o guarda-costas da mulher mais famosa do mundo, não pode ser um espectador passivo.

Minha mãe.

Minha mãe é a mulher mais famosa do mundo. Ela é a razão de suas irmãs serem famosas. A razão pela qual sou famoso.

A razão pela qual *todos nós somos* famosos.

Lily Calloway é a origem do escrutínio público, do assédio da mídia, da invasão dos paparazzi logo na Filadélfia, entre todas as cidades do mundo, mas não é culpa dela.

Nunca foi culpa dela.

Eu gostaria de poder dizer que nossa fama derivou de um puro ato de

amor, de bondade, de arco-íris ou magia maldita, *algo* diferente do que realmente aconteceu.

Mas foi um escândalo. Anos antes de eu nascer.

Alguém vazou informações suas quando ela tinha apenas vinte anos.

Lily Calloway, a herdeira do império de refrigerantes Fizzle, é uma viciada em sexo. A manchete sobre seu vício abalou o mundo. Uma manchete lasciva e chocante. Foi o bastante. A notícia fez com que todas as irmãs Calloway passassem da obscuridade rica à notoriedade instantânea.

Nossa fama queima. E queima. Nenhum de nós precisa atizar as chamas para que ela permaneça acesa.

E, para mim... a fama é minha amiga e inimiga. É uma parte de quem sou. Uma coisa tangível que vive dentro de mim. Esta é a única vida que já vivi.

É a única vida que conheço.

Atualmente, moro com Jane em uma histórica casa vitoriana, com pouco mais de 270 m². Todos os pisos são de madeira. As paredes internas são de tijolos. E a cozinha é tão pequena que uma terceira pessoa teria que bancar o Indiana Jones e escalar as bancadas para caber ali.

Eu viveria um estilo de vida mais minimalista se pudesse. Não preciso de muito.

E eu diria que um banheiro para três quartos é extremamente modesto para alguém com minha conta bancária, mas estou bem ciente de que viver no distrito histórico de Rittenhouse-Fitler, na Filadélfia, custa caro para a grande maioria das pessoas.

Posso ser detestavelmente rico, mas tento entender ao máximo o que tenho, o que posso oferecer, e o que os demais precisam.

Dirijo em direção a uma garagem na qual cabem três carros, o que é um verdadeiro luxo nesta área da Filadélfia, e estaciono ao lado do *Volkswagen Beetle* azul-bebê de Jane.

Antes de desligar o motor, o relógio do meu carro pisca a hora, 8h12. Farrow tira o cinto de segurança e enfia os papéis dobrados no bolso de trás. Ele age como se estivesse apenas de visita, mas meu guarda-costas está se mudando.

Isso mesmo.

Isto não é um *bem-vindo* ao filme de comédia que é a minha vida. Este é um *bem-vindo ao drama que é a minha vida* ou, possivelmente, o filme de terror.

É muito cedo para dizer qual dos dois.

Pelo menos, não vamos ser colegas de quarto. Acima da garagem, há *duas* casas idênticas, que ficam lado a lado e compartilham uma porta adjacente no primeiro andar. Tudo para facilitar o acesso.

Os seguranças ficam na casa da direita.

Jane e eu ficamos na da esquerda.

Farrow mal leva um segundo para digerir o ambiente. Eu sei que *ele* sabe que está se mudando. Há duas malas e uma mochila preta no meu porta-malas que comprovam isso.

Eu tiro o cinto.

— Precisa de mais alguma coisa? Posso pegar algo para você na loja. — Eu quase grunhi para mim mesmo. Por que diabos estou perguntando isso a Farrow? Estou no automático, e alguém precisa me mudar para o manual rapidamente.

Ele para, com a mão na maçaneta da porta. Quando olha para mim, seus lábios abrem um sorriso.

— Que fofo você fingindo que pode ir à loja sem mim.

— Eu não estava fingindo. — Guardo as chaves e abro minha porta. — Apenas omiti o fato. — Por minha própria sanidade mental. Estou bem ciente de que Farrow agora é obrigado a me seguir por todos os lados. *Altamente consciente*. Não posso exatamente fingir que esse cara tatuado de vinte e sete anos é uma craca aleatória que se prendeu ao meu navio.

Agora, ele é meu maldito co-capitão.

E não estou animado.

Caso não tenha deixado isso perfeitamente claro.

Saímos do *Audi* e fechamos as portas em uníssono. Abro o porta-malas e, enquanto pego a mala maior, digo a ele: — Retiro minha oferta.

— Que pena — Farrow diz em um tom sério, jogando a mochila no ombro —, esqueci o xampu e o condicionador.

— Ai, meu Deus, você pode pegar o meu emprestado. — Rosno para mim mesmo, desejando conseguir ser um babaca com ele por pelo menos dois

segundos.

Farrow ri como se tivesse ganhado essa.

— Acabei de lembrar, tenho xampu e condicionador.

Olho para ele e pego sua segunda mala ainda segurando a outra.

— Você é um idiota.

— Você é puro de coração. O que mais se mantém igual? — Farrow tenta tirar a mala maior de mim.

Eu a puxo de seu aperto.

— Posso carregá-la para você.

Ele me lança um olhar.

— Você não está ganhando um distintivo de *honra* ao mérito. Posso carregar minha própria bagagem. — Ele ajusta a alça de sua mochila. — Mas, para ser gentil, vou deixar você levar a mala pequena de rodinhas.

— Ah, obrigado — digo secamente, e empurro a *mala pequena* em seu peito enquanto seguro a maior.

Somos dois machos alfa, e isso se torna extremamente evidente durante essas brigas sem sentido, em que queremos levar a mala mais pesada.

Estou acostumado a ajudar, especialmente, porque tenho uma família grande e sou o mais velho. E, para Farrow, todo seu trabalho e toda sua criação foram sobre ajudar os demais e o seu *dever*. Somos como relâmpagos e trovões, inerentemente diferentes, mas parecidos o suficiente para compartilhar o mesmo céu.

Farrow não discute sobre levar a mala maior.

Então, fecho o porta-malas.

— Você se lembra qual é qual? — Aceno para as duas entradas. Ele esteve aqui antes como guarda-costas da minha mãe.

Farrow mantém seu olhar no meu.

— A porta da esquerda vai para *Azkaban*. A da direita, a *Mordor*.

Olho para ele como se chifres tivessem aparecido em sua cabeça. Sou eu quem faz referências à cultura pop. Farrow nem gosta de fantasia.

Ele tolera o tema, como alguém que odeia maionese, mas a come quando está em um sanduíche de peru.

— Você tem andado com minha mãe há tanto tempo assim? — questiono.

Tenho pais apaixonados por histórias em quadrinhos e obcecados por cultura pop. *Os pais mais legais*. Tenho certeza de que as duas meninas

Meadows e as sete crianças Cobalts protestariam, dizendo que seus pais são mais legais, mas não há comparação.

Juro solenemente que os meus são melhores.

Farrow lambe lentamente o lábio inferior em um sorriso. Meus músculos se contraem, e tento me concentrar em seus olhos, não em sua boca. *Não em sua boca.*

— Não — diz ele. — É uma piada interna da equipe de segurança.

Fico surpreso com a informação que ele acaba de compartilhar comigo.

— Sério?

Ele assente, e nos dirigimos para a porta certa. A que ele chamou de *Mordor*.

— O que me disseram foi que começou com seu irmão mais novo. O guarda-costas dele repetiu a piada para outro guarda-costas, e ela se espalhou.

Posso visualizar Xander fazendo comentários sobre *Harry Potter e Senhor dos Anéis*. Facilmente.

Subimos os poucos degraus, e espero um degrau abaixo dele, apoiando a mala sobre as rodinhas.

Farrow procura a chave no bolso.

— Declan não falava com você com tanta frequência, falava?

Fico imóvel, minha apreensão enchendo a garagem. Pensando no passado, eu me pergunto se devia ter feito um esforço maior para conhecer meu guarda-costas pessoalmente. Será que fui rude? E se todo esse tempo, ele quis que eu me intrometesse em sua vida, mas eu pensei que estava apenas respeitando seu espaço?

Declan sabia tudo sobre mim. O mundo sabe *quase* tudo sobre mim. E eu só sabia os nomes de seus filhos e esposa.

Praticamente nada mais.

Farrow olha para mim e avalia minhas feições.

— Está tudo bem se ele não falava.

Eu me lembro da origem da pergunta.

— Ele não revelou nenhum segredo da equipe de segurança, se é isso que você está perguntando.

Farrow encontra a chave, mas se vira totalmente para me encarar.

— Nós vamos nos acertar, Moffy.

— *Maximoff* — corrijo-o, com a voz firme como mármore sólido. Toda

minha família me chama de Moffy, mas, quando ele usa esse apelido, eu me lembro da época de infância, quando ele me chamava assim. Isso torna nossa diferença de cinco anos mais aparente e, quando imaginava meu eu jovem e adolescente *na cama* com ele (o que só acontecia nas minhas fantasias), sinto vergonha.

Então, ele não pode me chamar de Moffy.

E ponto final.

— Maximoff — ele diz, como se eu estivesse sendo um babaca.

— O que precisamos acertar exatamente? — Coloco o trem de volta nos trilhos antes que ele entenda meus reais motivos.

— O que compartilho com você não são *segredos*, ou ao menos metade de nós não os considera segredos. A outra metade é tão estressada que pode ser confundida com a Guarda da Rainha, que fica parada fora do Palácio de Buckingham.

— Então, você se assemelha a um *rebelde* na equipe de segurança. — Olho para ele com descaramento, observando suas tatuagens, o guarda-roupa preto, e os piercings. — Todo esse tempo, e eu não fazia ideia.

Farrow solta uma risada rápida, em um sorriso agitado e divertido, assentindo algumas vezes. Acho que o *espertinho* mordeu a língua e, então, seu olhar recai sobre os meus lábios, por um breve segundo.

Antes mesmo que pudesse processar o que isso significava, ele começa a agir como se nada tivesse acontecido.

Ele começa a destrancar a porta.

Pode ter sido apenas na minha cabeça.

Sou propenso a fantasiar. Será que não inventei isso apenas nos recônditos excitados do meu cérebro sexualmente frustrado?

Eu preciso sair e ter um encontro esta noite.

Esse é meu primeiro pensamento. Meu segundo pensamento é como um tapa frio na cara: *Farrow precisa vir comigo.*

Não posso escapar dele. Por quase toda a eternidade.

 Farrow Keene

COM A BAGAGEM NA MÃO, lidero o caminho pelos dois lances das estreitas escadas de madeira. Para o grande desgosto de Maximoff. Tenho certeza de que ele adoraria ser o *líder* do bando que não existe, mas ele tem que ficar em segundo lugar desta vez.

Para falar a verdade, no que me diz respeito, desta vez e sempre.

Não estou apenas sendo pretencioso ou arbitrariamente arrogante. Ele tem que aprender a me deixar liderar, para o bem dele.

Um silêncio pesado se estende enquanto nós dois subimos as escadas. Não estou acostumado a tensões desconfortáveis, e também duvido que ele esteja.

Veja bem, eu não *pedi* para ser o guarda-costas dele. Não me candidatei à vaga nem enviei uma solicitação. Eu caí nesse papel a pedido de sua mãe.

Eu gosto de mudanças.

Dou *boas-vindas* às mudanças. Mas, como um dos meus passatempos favoritos é irritar Maximoff Hale, não tenho certeza de que teria me oferecido para esse trabalho.

Outra onda de tensão passa por nós antes de Moffy me avisar: — Seu quarto é pequeno.

Acabo sorrindo, porque já estive nestas duas casas várias vezes. Elas são idênticas. O segundo andar tem dois quartos e um único banheiro. O terceiro andar é um quarto no sótão. Todo o resto está amontoado no primeiro andar.

Maximoff mora no sótão do terceiro andar, dentro da outra casa. Em um quarto que mal cabe uma cama grande, uma estante e uma cômoda.

Estou prestes a morar na versão idêntica *daquele* mesmo quarto no sótão.

— Eu posso lidar com isso. É do mesmo tamanho que o seu. — Olho de volta para ele.

A apenas dois degraus abaixo de mim, sob meus calcanhares, um dos famosos mais queridos do mundo está confiante e agitado.

E ele carrega minha mala de vinte quilos içada sob os ombros com facilidade, como um soldado com uma mochila. Ele não está ostentando sua força. Quando se trata de Moffy, trata-se somente de ser *eficiente*. Ele está aguardando um espaço para subir a escada mais estreita que se pode imaginar.

Seus bíceps esculpidos esticam o tecido de sua camiseta verde.

Sorrio. Tenho certeza de que a maioria das pessoas desmaiaria a seus pés agora. Possivelmente, gaguejariam. Talvez tentassem seduzi-lo. Diriam todas as coisas certas da maneira certa.

Em vez disso, ele tem a mim.

— Se ao menos sua gramática fosse tão boa quanto sua habilidade para levantamento de peso — digo a ele —, você seria um adversário à altura.

— Se ao menos seu humor fosse realmente engraçado, eu estaria rindo.

Abro um sorriso maior.

— Eu não estava tentando fazer você rir, escoteiro.

Moffy geme de irritação, mas seus lábios começam a se abrir em um sorriso lentamente. Ele franze o rosto até que suas feições se tornam uma carranca.

— Você se sente melhor? — pergunto e continuo subindo as escadas.

Ele me mandaria embora voando se pudesse usar as mãos, mas não quer vacilar com a mala. Nada é difícil para ele. Muitos tabloides classificam Maximoff Hale como a *celebridade mais quente do mundo*.

É certo.

Ele tem olhos que se parecem a folhas de grama e um maxilar pontudo, características tão impressionantes por si só que já o tornam uma preciosa relíquia de mármore sem nem mesmo acrescentar seu corpo escultural de outro mundo.

E ele invadiu meus pensamentos de maneiras que a *Disney* não aprovaria. Começou há três anos, durante o primeiro semestre da faculdade.

Tinha acabado de me tornar o guarda-costas pessoal de sua mãe, e ela foi ver uma de suas competições de natação. Eu me sentei nas arquibancadas e o observei enquanto saía da piscina universitária, com bandeiras da Ivy League penduradas no alto.

Insígnias em latim rabiscavam o espaço livre da parede.

Seus músculos flexionaram quando ficou de pé e confiante em seu quase um metro e noventa de altura. Ao puxar o óculos para a cabeça, a água escorrendo pelos vincos de sua pele bronzeada. Suas pernas estavam mais musculosas. Ombros, mais largos. Ele parecia mais velho.

Lembro-me de pensar, *Maximoff Hale já é um homem.*

Depois disso, sua imagem basicamente invadiu minha mente em momentos “pessoais”. Ser o guarda-costas de sua mãe não me impediu de imaginar Maximoff nu e curvado sobre uma cama. Coisas acontecem. Pessoas surgem na sua cabeça do nada quando você está batendo uma.

Estou feliz por ter bom gosto.

Quando descobri que tinha sido designado para a equipe de segurança dele, não me fixei no fato de me sentir atraído por ele. É irrelevante.

Eu poderia ter uma foto dele emoldurada para fantasiar durante as noites (não tenho), e, ainda assim, fazer o meu trabalho com excelência.

Sou um guarda-costas muito bom.

Um dos melhores, e nada nem ninguém vai mudar o fato de que estou aqui para protegê-lo.

Enquanto o silêncio nos envolve novamente, chego ao topo da escada, onde há uma única porta. Entro no meu novo quarto, com Maximoff logo atrás de mim.

Solto um longo assobio.

— Você escolheu me avisar que o quarto é pequeno, mas não que é *quente e bolorento*?

Jogo minha bagagem ao lado da cama e testo as molas com a bota. Ah, vai servir. Um colchão de molas é suficiente.

Moffy deixa minha mala na porta.

— Vou verificar o ar-condicionado.

— Não precisa. — Passo a mão na boca, meu piercing de lábio, frio. Claro que dizer *está quente* o faria querer consertar a temperatura. — Aprecio a preocupação, mas é aqui que você tem de parar de me tratar como um

convidado, irmão ou qualquer pessoa que você sinta a necessidade de mimar e proteger. — Sustento seu olhar intenso. — A temperatura sobe. Estamos em um sótão.

— Nunca ninguém me disse isso — ele diz, secamente. — Moro no outro sótão há três anos, pensando *por que diabos isto aqui parece a sauna do inferno?* Graças a Deus, tenho você para compartilhar essa sua sabedoria infundada.

Tenho que me apoiar na parede de tijolos, minha vontade de rir está me matando.

O sarcasmo faz parte do DNA dele. Suas foices verbais vieram de fábrica. Gesticulo para ele com a mão.

— Continue.

— Terminei.

Reviro os olhos antes de me afastar da parede de tijolos. São todas de tijolos, eu percebo. Sem mofo, felizmente, mas parece que as vigas de madeira do teto não têm sido espanadas há uma década.

Afasto a camisa do peito. Deve estar fazendo trinta e dois graus Celsius aqui. É agosto na Filadélfia. O calor do verão ainda está presente, mas o ar-condicionado ligado faz o andar de baixo parecer um freezer em comparação com o sótão.

Estou prestes a abrir a única janela, mas vejo que Moffy já se voltou para o parapeito, ignorando meu discurso anterior por completo.

Inclino a cabeça para o alto, contendo outro revirar de olhos.

Ele não faz ideia de que, nesta manhã, passei seis horas sendo interrogado sobre *ele* e as entradas, saídas e janelas das duas casas.

Recomendação da Ômega: *tente mantê-lo longe das janelas*. Não estou mais em um bairro fechado. As janelas estão voltadas para vias públicas. O que significa que qualquer um pode sacar uma câmera, apontar a lente para cima, e tentar filmá-lo.

Regra do Moffy n. 44: *Eu abro minhas próprias janelas*.

E aqui nasce a discórdia. Sua mãe aceitou todos os *airbags* que a mantinham segura, mas Moffy preferia viver a vida da forma mais irrestrita possível.

É considerado perigoso.

Veja bem, para celebridades existe um espaço muito pequeno entre

liberdade e segurança. Eu luto para oferecer esse meio-termo ao cliente. Especialmente para alguém como Maximoff, que deseja essa liberdade. No entanto, quanto mais ele tentar proteger *a si mesmo*, maior será o nosso problema.

Ele não pode ser seu próprio guarda-costas.

É impossível.

— Para cada janela que você abrir, eu ganho duas — digo a ele.

Ele para no parapeito da janela.

— Por que diabos eu concordaria com uma proporção desigual a seu favor?

— Porque um para dois é melhor do que um para três.

Ele lambe os lábios.

— Que tal um para um?

Balanço a cabeça de um lado para o outro, considerando a proposta por menos de um segundo.

— Não.

— Sim.

— Tudo bem — cedo rápido e o surpreendo, mas o que realmente quero é que ele me dê espaço para entrar em qualquer lugar. Um para um é melhor do que um para zero.

Meu trabalho é sobre tomar decisões em frações de segundo, decisões que afetarão a vida dele. Então, considero os riscos de forma rápida e sutil. Minha janela dá para uma magnólia crescida, que obstrui a vista da rua. Além disso, se ele se importasse em ser pego por uma câmera, não estaria indo proativamente abrir a janela neste horário.

Conclusão:

Risco = baixo.

Janela = toda sua, Moffy.

Mantenho nele um olhar atento enquanto removo minha roupa de cama e lençóis pretos da mochila.

Maximoff abre a janela emperrada, flexionando os músculos. A madeira velha range quando chega ao topo.

Quando ele se vira para o meu colchão, estala os dedos. Moffy examina minha roupa de cama. Seu telefone vibra no bolso da calça jeans, mas tem estado assim desde que o vi pela primeira vez hoje.

Mais cedo, deduzi que estivesse ignorando as mensagens.

— Precisa de um minuto? — pergunto.

— Para quê? — Ele está sério, mas sempre alerta, como se estivesse a segundos de ter que correr para salvar sua família.

Eu quase abro um sorriso.

— Para deixar a ficha cair.

Ele respira profundamente.

— Entendi. Troque esse *minuto* para um *século*, e ficarei bem.

Descanso o joelho no colchão, e minha mão desliza para o meu bolso.

— Em um século, você já estará morto.

— Maravilha. Você poderá proteger meu cadáver.

Levanto as sobrancelhas.

— É realmente adorável que você pense que viverei mais que você.

— Quem disse que não?

— Sou cinco anos mais velho que você. — Encontro um chiclete no bolso e o retiro do papel prateado. — Também sou mais alto que você. — *Por dois centímetros.*

— Eu me esqueci de que, no seu mundo paralelo, a *altura* determina a expectativa de vida de uma pessoa.

Dou uma pequena risada e coloco o chiclete na boca.

Cada um parou de um lado da cama, mas nenhum de nós realmente se mexe. Observo seu *look* do dia, uma camiseta verde, jeans e um relógio barato.

Parece valer apenas vinte dólares, e não mais de um bilhão.

Sua humildade silenciosa o faz parecer ainda mais velho.

Meus olhos voam até os dele, e ele fica visivelmente tenso.

Um de nós precisa falar. Sem brincadeiras. Sem humor. Raramente tenho conversas sérias com ele e, para que eu seja seu guarda-costas, nossas conversas sérias precisam superar todas as outras.

Passo as duas mãos pelo cabelo pela terceira vez hoje. Empurrando os fios para trás.

— Quais são os planos para hoje à noite?

Minhas palavras o atingem como um balde de água fria. Ele se encolhe, desvia o olhar e balança a cabeça algumas vezes.

— Isso é muito esquisito.

Masco meu chiclete lentamente, pensando em como abordar o tema. Eu estou entrando na vida dele, não o contrário. Ficaria muito irritado se nossas posições fossem trocadas.

— Por que não me ajuda a arrumar a cama? — pergunto.

Maximoff aceita a mudança de tema e gesticula para que lhe dê uma das pontas do lençol. Faço isso.

Ele nunca rejeitaria o pedido de ajuda de alguém. Nem me lembro da última vez que pedi sua ajuda.

Muito provavelmente nunca pedi.

Prendemos o lençol nos cantos do colchão e, então, jogo um travesseiro e uma fronha preta para ele.

Por um longo momento, eu o encaro, e seus olhos verdes aguçados encontram os meus olhos castanhos. Nós dois desaceleramos, e nenhum de nós precisa falar para perceber que o ar está tenso.

Sei qual é o motivo.

Ele sabe qual é o motivo.

É *sexo*. Sexo é o tema intocado.

Maximoff Hale é o solteiro mais cobiçado do país. É de conhecimento público que ele frequenta boates e bares. É meu trabalho *esconder* da mídia quantos encontros de uma só noite ele tem.

A equipe de segurança fofoca, mas Declan nunca compartilhou com ninguém quantas pessoas Maximoff fode. Agora, devo salvaguardar esse mistério. E tenho a responsabilidade de não só conhecer a pessoa com a qual ele quer dormir.

Mas de interrogá-la.

Tenho que obrigá-la a assinar um acordo de confidencialidade. Tenho que ficar de guarda na porta do quarto dele, caso algo ruim aconteça. Ficarei lá até a pessoa partir. Eu a escoltarei para fora da casa.

Sou o único que protegerá seu pau. E seu coração.

— Você pode confiar em mim — digo a ele.

Ele afofa meu travesseiro na fronha.

— *Tenho* que confiar em você. Há uma grande diferença nisso.

Estouro uma bola do chiclete e balanço a cabeça para frente e para trás, analisando ambas as afirmações.

— Você vai *ver* que pode confiar em mim, mais cedo ou mais tarde.

Trabalho para você agora. Não para sua mãe.

Essas palavras afrouxam seus ombros um pouco. Toda a equipe de segurança geralmente responde aos pais, já que a maioria das crianças Hale, Meadows e Cobalt ainda é menor de idade. Por medo da ira dos pais e da rescisão de contrato subsequente, muitos guarda-costas delatariam Maximoff em um piscar de olhos.

Eu não vou fazer isso.

Não temo nenhum dos pais ou a possibilidade de ser demitido. Proteger a mãe dele por três anos, quase vinte e quatro horas por dia, não foi brincadeira. Ela é tímida, viciada em sexo, e seu corpo desengonçado e suas feições suaves a fazem parecer perpetuamente jovem: bochechas redondas, cabelos castanhos na altura dos ombros e olhos verdes como os de Moffy. Detratores encontram nela um alvo fácil.

Já cuspiram na minha cara inúmeras vezes. Levei ganchos de direita na mandíbula, socos nas costelas, tudo destinado a ela. Quebrei a cara de um idiota e fui *processado* depois, embora tenha sido ele quem tenha tentado tocá-la por baixo do vestido.

Desarmeí pistoleiros, homens com facas e desordeiros que empunhavam pistolas d'água, bolsas de brilho, *vibradores*, ou qualquer projétil forte. Tirei Lily de uma multidão ensandecida que amassou seu carro. Vasculhei milhares de quartos e banheiros antes que ela entrasse. Eu me certifiquei de que ninguém na face desta Terra colocaria a mão nela.

Vivo de minhas ações, e minhas ações dizem: *sou o melhor em tudo o que faço*.

Então, se alguém realmente quiser me demitir, já teria feito isso há anos, sempre que desligo meu comunicador ou deixo espaços em branco nos relatórios de “onde você foi” e “o que você fez”. Essa prática padrão serve mais para incitar fofocas na equipe de segurança do que para proteger o cliente.

Maximoff joga meu travesseiro na cama.

— Então, isto é uma promoção ou um rebaixamento para você?

Eu ajeito o edredom preto.

— É uma *transferência*. Todos na segurança ganham a mesma quantia. Você só ganha mais se for um líder de equipe. — Limpo o suor da testa com meu bíceps, o calor não está diminuindo.

Moffy usa a bainha da camisa para limpar a própria testa, revelando um abdômen trincado. *Droga*. Casualmente, evito olhar.

Estouro outra bola de chiclete.

— Mas esta situação habitacional em particular é definitivamente um *rebaixamento*. — Olho para cima e sorrio, enquanto ele usa o dedo médio para apontar para a porta.

— Existe uma saída caso não consiga lidar com isso.

— Posso lidar com qualquer coisa, Maximoff. — Mordo meu chiclete com um sorriso maior. — Só disse o óbvio. Esta casa é antiga e pequena. Antes, eu morava em uma casa novinha em folha, uma mansão. — As famílias Hales, Cobalts e Meadows vivem na mesma rua em um bairro fechado, não muito longe daqui.

Um bairro nobre da Filadélfia.

Uma rua na mesma vizinhança. Eles compraram duas mansões de oito quartos só para abrigar os guarda-costas, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Atualmente, as Equipes Segurança Alfa e Épsilon estão lá. Basicamente, são eles que protegem os pais e os filhos menores de idade.

Nós, da Ômega, que protegemos os filhos de dezoito anos ou mais, estamos espalhados.

Nossos movimentos imitam os dos nossos clientes. Não escolhemos onde moramos.

Simplesmente, moramos onde nossos clientes moram, e as trocas de guarda-costas acontecem.

Um pode sair para começar uma família ou se concentrar em seus filhos. Outro é demitido por incompetência. Outro quer uma mudança de vida. Seja qual for o motivo, os três líderes da segurança vão reposicionar muitos de nós sempre que abrir uma vaga.

Desta vez, aconteceu comigo.

Nunca fiz parte das *panelinhas* da Equipe Segurança Alfa, porque odeio as panelinhas. Eu era muito rebelde para ser aceito pelos guarda-costas mais velhos e comportados. Agora, como faço parte da Ômega, quase não verei o pessoal da Alfa, o que é perfeito para mim.

Moffy prende a última ponta do meu edredom.

— Então, quando a segurança descobriu que você seria meu guarda-costas, ninguém enviou cartões de condolências ou disse que seria melhor se

tivesse sido despachado para a lua?

Ele está pescando informações sobre como a segurança o percebe, porque Declan obviamente disse alguma besteira.

— Ninguém teve tempo de me enviar cartões — digo. — Mas, se o fizessem, a maioria diria *boa sorte tentando comandar aquele navio*.

— Faz sentido — diz ele. — É isso mesmo?

Nossa, ele não faz ideia. Se eu ficasse cara a cara com Declan hoje, apertaria a mão dele e diria: *você é um idiota*. Mas também teria de fazer isso com dois terços da equipe de segurança. Todos nós temos relacionamentos diferentes com nossos clientes.

Eu prefiro o tipo de relacionamento mútuo.

— Ninguém teria pena de mim. — Deslizo minha mochila vazia para debaixo da cama. — Não é como quando Oscar foi transferido para a equipe de Charlie. Todos nós fizemos um funeral para ele. — Levanto minha sobrancelha em um aceno para Moffy.

Ele sorri um pouco e balança a cabeça algumas vezes.

— Charlie.

Charlie Cobalt, seu primo de dezenove anos, o Cobalt mais velho, é notoriamente difícil de seguir. Um dia, está em Ibiza, no próximo, em Paris ou no Japão. Ele é espontâneo, imprevisível e, dentre todas as crianças, seus *tweets* e comentários sinceros são os que mais viralizam.

Apenas um segundo se passa, e os lábios de Moffy começam a se curvar, suas maçãs do rosto se aguçam. Na segurança, ouvi rumores de que Moffy e Charlie não se dão bem.

Até os vi discutir antes. Se ele raramente sai com Charlie, então, raramente verei Oscar.

É assim que funciona.

Maximoff verifica suas mensagens de texto, mas logo depois, coloca o telefone de volta no bolso.

— Então, hoje, vou almoçar em casa. Você pode se instalar, fazer o que precisa fazer. Irei para o escritório, em Center City, por volta das duas. Mando uma mensagem quando estiver na garagem.

— Preciso do seu número.

Suas sobrancelhas se juntam.

— Nós nunca trocamos números de telefone?

Masco lentamente de novo.

— Nunca foi preciso, lobinho.

Quando éramos mais jovens, só o via quando tinha que acompanhar meu pai no plantão ou nos feriados para os quais éramos convidados pelos Hales. Churrascos do Dia do Trabalho, alguns aniversários. Não é como se eu e Moffy fôssemos amigos.

Quando eu tinha vinte anos, ele tinha apenas quinze. Eu estava na faculdade com amigos da minha idade.

Inclino a cabeça para o lado, observando-o olhar para o espaço. Aceno com a mão para Maximoff.

— Algo que não entendeu?

Ele afasta minha mão, voltando ao presente, e estende a dele.

— Seu celular. Eu adiciono meu número aos seus contatos.

— Ou você pode simplesmente me entregar o seu.

— Não.

Reviro os olhos para o *não* contundente, mas, por enquanto, decido apenas obedecer e entregar meu celular a ele. Não é uma discussão que preciso ganhar.

— E depois que terminar de trabalhar?

Ele digita o número no meu celular e o devolve.

— Os planos para o jantar estão em aberto. Aviso, caso vá a algum restaurante.

— Ficará em casa depois do jantar?

Antes de responder, Maximoff tira a camiseta úmida pela cabeça e a amassa em uma das mãos.

Minhas sobranças escalam seu corpo escultural, seus ombros largos de nadador e o torso magro que brilha com o suor. Digno de uma fotografia, um *flash* financeiro para os paparazzi. Certos clientes querem que as fotos tiradas pelos paparazzi sejam “bloqueadas”. Alguns postam as mesmas fotos no *Instagram* para que elas se tornem inúteis para os paparazzi. Outros não se importam.

Regra n. 67: *Não se preocupe com os “flashes interesseiros”. Não é importante.*

Olho a curvatura de seus longos braços.

— A academia é um pit stop constante? Sua mãe tinha lugar cativo no

sofá — Eu costumava passar meu *pequeno* tempo livre na Studio 9 ou dormindo desmaiado.

Maximoff esfrega a testa úmida com o bíceps.

— A piscina.

— Só a piscina?

— Sim.

Coço minha garganta, onde tenho duas espadas tatuadas.

— Posso contar oito lugares do seu corpo que me dizem que você está mentindo. — Casualmente aponto para seu abdômen.

Maximoff me analisa.

— Você não parece impressionado.

Ele está acostumado a pessoas que o bajulam. Abro um sorriso.

— Porque o meu é melhor, lobinho.

Ele bufa, olha para mim e faz um gesto.

— Tire a camisa. Vamos descobrir.

Eu estouro meu chiclete.

— Amo um desafio. — Tiro a camiseta gola V pela cabeça e a atiro no colchão.

Seu olhar varre a tinta preta no meu peitoral, costelas e abdômen, em quase todos os lugares. Minha pele clara é um mosaico de caveiras, ossos cruzados, espadas, águas turbulentas e navios. Pardais e andorinhas coloridos intercalam as imagens dos piratas em tons de cinza.

Sigo seus olhos enquanto eles descem por todo o caminho até a barra da minha calça preta.

Normalmente, pensaria que pudesse estar conferindo alguma coisa, mas Maximoff tem mais limites éticos do que um campo de futebol junto a uma quadra de tênis junto a um rinque de hóquei. Aposto que cravaria uma espada no coração antes de manchar sua moralidade.

— O meu é melhor — ele retruca.

— Vamos precisar de um juiz imparcial.

Moffy olha para a porta.

— Janie ainda não chegou em casa.

— Eu disse *imparcial*.

— Encontre alguém que não me conheça e depois conversamos. — Ele sabe que isso é impossível. Então, pergunta: — Minha lista ainda está no seu

bolso de trás?

— Sim.

— Você vai querer escrever isto.

Sua lista estava completa, mas definitivamente deixava de fora alguns detalhes significativos sobre *sexo*. Nem vi menção alguma a contratos de confidencialidade nas páginas, mas ele precisará disso se quiser foder estranhos sem ter sua cueca roubada.

Eu digo: — Posso memorizar tudo o que você tem para me dizer. Já memorizei suas 132 regras no carro, folheando as oito páginas rapidamente. Mãos firmes e mente afiada. — Eu me formei como o melhor da minha turma na faculdade de Medicina, o que enfureceu metade do corpo docente. Eu não “parecia” um médico. Eu ouvia “tire seus piercings” e “cubra suas tatuagens” diariamente.

Quase tiveram um piripaque quando fiz as tatuagens no pescoço e nas mãos no segundo ano. Ainda assim, eu me formei no top 1% da classe.

Maximoff não insiste em que eu pegue um pedaço de papel. Ele se adianta.

— Em algum momento — ele diz —, não nesta noite, porque eu ainda estou digerindo este novo arranjo...

— Relacionamento — eu o corrijo, e seus ombros travam instantaneamente. Definitivamente, estarmos conectados dessa forma o incomoda imensamente.

Ele ignora meu comentário.

— Em algum momento, sairei para alguma boate e encontrarei alguém para foder. É apenas sexo, *sem compromisso*, casos de uma noite só, e preciso que você se lembre desta próxima parte.

— Qual?

— Você não pode me dizer *não*.

Meu nariz se dilata e meus olhos rolam na onda mais lenta.

— Você não pode estar falando sério. — Seu olhar diz que ele está. — Moffy...

— Maximoff — ele corrige, o que me faz balançar a cabeça e quase revirar os olhos pela milésima vez. Todos em sua família e a segurança usam o apelido. Ninguém, além da mídia e do público, costuma chamá-lo de *Maximoff*. Suponho que esteja me associando aos *tabloides* para tentar me

irritar.

Ele faz um gesto para mim.

— Para um cara com uma memória tão boa, você se esquece muito de me chamar pelo meu nome.

— *Maximoff* — digo, com uma reverência extra que o faz me empurrar com as duas mãos. Volto ao real problema. — Todos os seguranças diriam *não* se eles sentissem que há alguém mal-intencionado querendo dormir com você. Eu diria para você *ser mais esperto do que isso*.

Ele é uma celebridade bilionária. Metade da população deseja seu dinheiro, fama ou pau. Na maior parte das vezes, os três. Alguns estão dispostos a cruzar todos os limites para conseguir isso. Alguém poderia drogá-lo. Eu poderia ouvir uma conversa suspeita que ele não ouviu.

As possibilidades são infinitas.

Ele considera minhas palavras por apenas meio segundo.

— Você tem que confiar em meus instintos como Declan confiava.

O chiclete fica imóvel na minha boca.

— Confiarei em seus instintos até que eles falhem com você. Que tal assim?

— Certo. Eles não vão me decepcionar. — Ele caminha até a porta e sai do meu quarto.



Maximoff Hale

COM UMA MÃO no volante, dirijo em direção ao mercado.

Levo meu telefone aos lábios com a outra mão e falo em um aplicativo de notas.

— Sabão em pó, ovos, detergente...

Sopa de ovos para o gerente, a voz automática lê de volta.

Está de brincadeira? Olho para o celular.

A diversão de Farrow no banco do passageiro é palpável.

— Freio.

— Droga. — Piso no freio pouco antes de quase bater em um sedan branco. Dois dias de Farrow como meu guarda-costas e já estou sentindo os efeitos.

Disperso.

Agitado.

Sexualmente tenso.

Não transo há quarenta e oito horas. Eu me masturbei ao tomar banho esta manhã, e realmente tentei tanto não pensar *nele*. A água quente atingiu meus ombros, e minha cabeça se inclinou para frente quando o calor encharcou meus cabelos castanhos. Minha mão esquerda se fechou em punho contra a parede de azulejos. Minha mão direita acariciou meu membro latejante fortemente ereto.

Que implorava por gozar.

Uma fantasia insistia em passar pela minha cabeça, não importando o quanto tenha dito *saia daqui. Vá embora*. Farrow entra no box logo atrás de mim. O vapor toma conta das portas de vidro. Há ondas de um calor sufocante.

Sinto sua presença dominante e assertiva ser pressionada contra minhas costas musculosas. Em seguida, seu forte braço se estende ao redor do meu corpo, e sua grande palma da mão envolve a minha, em punho, sobre a parede de azulejos.

Ele a segura firmemente. A água corre pelos altiplanos e vales dos músculos no meu corpo. Meu olhar viaja por sua pele tatuada. Seus lábios macios roçam a base do meu pescoço, do meu ouvido.

E ele sussurra algo em sua melhor voz, profunda e grave...

— Maximoff. — Farrow estala os dedos na minha cara. *Droga*.

Eu volto da fantasia. Volto ao presente, no qual estou dirigindo, no qual estou segurando meu telefone com muita força em uma das mãos, no qual Farrow está me encarando como se tivesse me visto voar sobre uma dimensão desconhecida.

Como caí naquela cena do chuveiro de novo?

Só estava tentando me lembrar de *esquecê-la*. Para todo o sempre.

Farrow abre a boca, mas, antes que pergunte onde eu estava com a cabeça, rebato: — Estava pensando em Janie. — *O que diabos há de errado comigo? Jane, sério?*

Contenho o desejo de me encolher. Ela pode ser minha melhor amiga, mas também é minha prima. Então, acrescento depressa: — Você sabe, estou indo me encontrar com ela.

No mercado. Essa parte é verdade. Fazemos quase tudo juntos.

Farrow me estuda por um momento ainda mais longo, sem dizer nada. Ajusto o ar-condicionado. Meus músculos se contraem, meu corpo está quente. Pelo menos, não suei através da minha gola cinza. Pelo menos, não fiquei duro.

Ele estende o braço para mim.

Minhas sobrancelhas o interrogam.

Farrow deixa o braço nas costas do meu assento.

— Precisa de um minuto?

— Para quê? — Fico completamente rígido, mas meu olhar passa metade

do tempo nele e metade do tempo na estrada. Parece que está prestes a fazer um movimento brusco com a mão.

Seus lábios se abrem lentamente, e ele coça a testa, perto dos piercings.

— Você parece distraído. — É tudo o que ele diz.

— Eu estou *bem*. — Agarro o volante dez vezes mais forte e continuo lambendo os lábios, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Não tenho nada a acrescentar, exceto *venha me foder*.

Ele é seu guarda-costas. Sim, bem, esse título só começa a torná-lo ainda mais atraente. Não achei que isso fosse possível. Mas quando ele não está me seguindo, eu o imagino comigo. Meu cérebro se recusa a esquecer meu guarda-costas para que eu tenha um único momento livre de Farrow.

— Passa para cá. — Farrow aponta para minha mão.

Meu telefone?

— O quê?

— Já que não me deixa dirigir, posso fazer o mínimo, que é digitar sua lista de compras.

Deveria deixá-lo me ajudar com essa tarefa, mas hesito em passá-la a Farrow. Gosto de fazer as coisas sozinho.

— Você não é meu assistente.

— Sou o cara que está tentando garantir que você não mate nós dois na estrada. Você obviamente precisa das duas mãos no volante, então... — Ele acena para que eu solte o celular e, ao meu silêncio, ele acrescenta: — Ou você pode encostar e me deixar dirigir...

Deixo o celular cair em seu colo.

— Você realmente não quer que eu dirija. — Ele apoia a bota no banco, o cotovelo no joelho dobrado, e pega meu celular. — O dia em que finalmente me deixar conduzir você por aí será muito mais gratificante.

— O dia — digo, secamente. — Você quer dizer *o dia* que nunca vai acontecer? Esse? — Vejo o revirar dos seus olhos antes de apontar para o meu celular. — Está desbloqueado?

— Já estou no seu bloco de notas. — Ele corrige os erros de ortografia cometidos pelo aplicativo.

— Janie me mandou uma mensagem com as coisas que precisa. — Mudo de faixa. Duas vans de paparazzi me seguem agora, então, confiro o espelho retrovisor constantemente. — Deve ser a primeira mensagem que aparecer.

Ele solta um assobio longo.

— Cem mensagens de texto *não lidas*. — Sinto sua surpresa quando ele diz: — Você está realmente quebrando seu código moral. — Eu o encaro e avanço para o celular. Ele o retira do meu alcance. — *Não ignorarás tua família*.

— Você se acha tão inteligente. — Sem esforço, passo entre duas caminhonetes e contorno os paparazzi. — Todas essas mensagens são de hoje, Sherlock. — Desligo o pisca-pisca.

— Está falando sério?

— Sim. Estou em doze conversas em grupo com diferentes membros da família. — Tenho *onze* primos. Isso sem contar meus irmãos e pais. Ou minhas tias e tios. Todos nós conversamos. — Se não posso responder durante o dia, leio minhas mensagens à noite.

Ele procura o contato de Jane.

— Se alguém tiver uma emergência, o que você faz?

— Dou uma olhada nas mensagens caso alguém esteja surtando, mas, na maioria das vezes, se for sério, eles ligam. — Estranhamente, deixo esses fatos escaparem com facilidade. Fatos que geralmente guardo para mim.

Eu confio nele.

Ele ter feito parte do meu mundo muito antes de ser meu guarda-costas ajuda. Também é parte do *problema*, mas isso é outra coisa completamente diferente.

Enquanto o silêncio assenta, ele digita no meu aplicativo de notas e diz: — Jane está pedindo ‘tartarugas’ de chocolate, *pretzels*, absorventes e limonada. — Ele ajusta as saídas do ar-condicionado e aponta o ar gelado para mim.

Olho dele para a estrada.

— Você está com frio? — Posso ajustar o ar para ele.

Ele digita no meu aplicativo de notas.

— Você parecia estar com calor.

Como diabos ele sabe disso?

— Não estou — refuto, e subo a temperatura do ar.

Farrow vasculha seu celular também.

— Ainda tenho tempo de ligar para a loja. Posso pedir para que alguém encha um carrinho com todos os itens da sua lista. — É uma via segura.

Assim, os clientes não me bombardeariam nos corredores. A Alfa é conhecida por estar um passo à frente, fechando o supermercado. Eles dão aos meus pais, tias e tios privacidade, saídas e entradas seguras.

— Não — digo com firmeza. — Prefiro comprar minhas coisas eu mesmo. — Levo duas horas para fazer isso, mas não gosto da ideia de alguém à disposição, tomando o tempo de outra pessoa.

— Está bem. — Ele parece genuinamente *bem* com esse cenário.

Eu estava esperando uma discussão de dois minutos. Meus músculos tensos relaxam um pouco.

— Aviso — digo a ele —, os paparazzi vão forçar a barra quando eu sair da loja. Vão se aproximar para tirar fotos das minhas sacolas.

Ele escuta com atenção.

— Não me importo que vejam o que comprei, então, não se incomode em empurrá-los de volta. Só preciso sair de lá em uma quantidade razoável de tempo.

— Tirarei você de lá. — Sua certeza firme aquece meu peito. Ele levanta o celular. — Do que mais você precisa?

— Carne moída, batatas fritas, tempero para tacos, tudo que tenha a ver com *bagels*, aveia, barras de proteína, *shakes*... — *Eu preciso de preservativos. E mais lubrificante. Droga.*

Sinto sua confusão se formando com a minha parada abrupta, mas ele termina de digitar esses itens.

Não deveria estar me censurando perto dele.

Em algum momento, terei um caso de uma noite. Ele poderá ouvir meu orgasmo através da porcaria da porta ou parede. Tentei não tornar o sexo um tabu na minha vida. Com pessoas de confiança, tento falar sobre isso tão abertamente quanto falo do clima. Meus pais me criaram para ver o sexo de uma forma positiva.

Isso continuará sendo assim. Até que eu seja um cadáver sem vida.

— O que mais? — Farrow olha para mim.

Mudo meu aperto no volante.

— Pelo menos três caixas de preservativos e um lubrificante à base de água — digo, com uma voz tão afiada quanto uma faca serrilhada. Pronto para matá-lo. *Acalme-se*. Estou temperamental.

Entendo o motivo.

Farrow deixa o pé cair no tapete do carro, sentando-se mais ereto. Ele digita, e o silêncio engrossa. Não consigo ler a reação dele, não enquanto me concentro no trânsito noturno e em uma van que quase encosta no meu para-choque.

Tenho tentado dirigir apenas quinze quilômetros por hora acima do limite. Quero mostrar a ele que o excesso de velocidade não é um “hábito”, mas uma escolha que posso controlar. Uma escolha que eu faço.

Porém, é difícil não acelerar para o dobro disso quando os paparazzi chegam *tão* perto.

Eu acelero.

Só para passar por um *Mustang* e mudar de faixa. Abro uma distância entre o meu carro e os paparazzi. Enquanto desacelero, Farrow deixa o braço cair sobre o painel do meio.

Quando termina de digitar, ele diz: — O lubrificante à base de silicone é melhor do que aqueles à base de água.

Olho para ele. Só uma vez.

— Nunca experimentei.

Ele mantém uma mão na boca. *O que isso significa?*

Começo a olhar para a estrada. Para ele, para a estrada, para ele, e percebo que está sorrindo. Quando percebo sua expressão, ele deixa a mão cair, seus lábios estão escancarados, e ele se mexe em seu assento, inclinando-se para frente enquanto digita algo no celular.

— O que você está fazendo?

Ele vira a cabeça para mim, e algumas mechas brancas de seu cabelo caem sobre os cílios.

— Estou escrevendo o nome do meu lubrificante favorito para você, lobinho.

Flexiono o abdômen para parar de endurecer. *Querido mundo, eu te odeio. Com os melhores cumprimentos, um ser humano que está tentando não gozar.*

— Legal — digo, quando ele me passa o celular. Sim, legal demais. Deixar meu crush de infância, que também é meu guarda-costas, escolher um lubrificante para mim. Não fantasiar com ele será *muito* mais fácil agora.

Muito inteligente da minha parte.

Genial.

Talvez não tenha sido uma boa ideia abandonar Harvard.



Maximoff Hale

HÁ SEIS MESES, Jane Cobalt entrou no meu quarto à meia-noite, correndo.

Seu rosto estava coberto por uma máscara facial de abacate, seus cabelos escuros estavam torcidos em uma toalha rosa.

— Moffy? — ela sussurrou.

Ainda não tinha adormecido, então, ao escutar sua voz serelepe, acendi minha lâmpada rapidamente. Janie pôde ver a garota aninhada debaixo das minhas cobertas. Estávamos totalmente pelados. Os dois.

Jane estremeceu.

— Desolée. Ça n'a pas d'importance. — *Sinto muito. Não é importante.* Ela começou a sair.

Sussurrei com urgência: — Attends. — *Espere.* Corri para fora da cama e puxei uma cueca boxer. — Jane. — Corri para a porta e a garota disse meu nome de um jeito grogue. Garanti a ela: — Já volto.

Deixei a porta entreaberta para diminuir as chances de que ela começasse a tirar fotos do meu quarto.

Jane esperou por mim no meio da escada. No topo, Declan jogava um jogo em seu celular. Ele estava de guarda no meu quarto naquela noite. Meu guarda-costas me dava uma quantidade colossal de espaço figurativo. Mal se dava conta de que eu estava ali.

— Jane? — Parei um degrau acima do dela.

— *Volte* — ela insistiu. — Eu não queria interromper. Apenas tive um súbito... — Com as duas mãos, ela apontou para o próprio corpo e para o exterior.

Jane raramente ficava sem palavras.

Minhas sobrançelas franziram e balancei minha cabeça repetidamente.

— Há uma criatura a solta no seu intestino delgado? — Não estava acostumado com a mímica de Janie.

Um pequeno sorriso repuxou sua máscara de abacate.

— E você ainda se pergunta por que nunca é o primeiro a ser escolhido no jogo de charadas. — Tudo bem, isso também.

Ela respirou fundo.

— Tive uma súbita... *épiphanie*. — *Epifania*.

— Sobre o quê? — Fiquei tão estático quanto uma estátua de pedra. *Ela está se mudando*. Meu palpite repentino foi como uma facada nos pulmões.

Estamos juntos desde o nascimento. Inseparáveis desde crianças e adolescentes. Na Filadélfia, não havia uma grande lista de atores e celebridades que pudessem desviar a atenção de nós. Não estávamos em Los Angeles ou Nova York. Nossas famílias eram os únicos brinquedos brilhantes na vitrine. Os únicos animais do zoológico.

Como crescemos sob os olhos do público, nós nos relacionamos com pouquíssimas pessoas aqui. Então, é natural que permaneçamos juntos. Na idade adulta, sempre me pareceu que, de alguma forma, nós *precisávamos* seguir em frente, mas nunca entendi se isso significava seguir em frente longe um do outro.

Eu queria Janie no meu mundo. Ela mesma disse que aqueles três meses de separação por causa da faculdade — eu fui para Harvard, ela, para Princeton — foram os “dias mais sombrios e miseráveis” de sua vida.

Depois de uma rápida olhada para minha porta entreaberta, ela murmurou: — Uma epifania sobre o meu futuro. Contemplações noturnas da vida, você sabe.

Eu sei. Quando tínhamos dezesseis anos, costumávamos nos esgueirar para a casa da árvore das meninas Meadows, à noite, para conversar por horas e horas sobre nossas identidades. Nosso papel no mundo.

Quem nós éramos. Interna e externamente.

Nossa atenção se desviou quando dois gatinhos malhados subiram as

escadas. Ela pegou Walrus, mas deixou o irmão Carpenter fugir. Jane tem cinco gatos: Walrus, Carpenter, Toodles, Ophelia e Lady Macbeth.

Nunca me incomodei com eles ou com os animais de rua que ela, às vezes, abriga.

Eles fazem Janie feliz.

— Não posso fazer filantropia por muito mais tempo — disse ela, após uma breve pausa.

Então, *é isso*.

Muitas emoções me atingiram ao mesmo tempo, então, eu as empurrei para o lado. Um vazio pesou sobre mim.

Desde os dezoito anos, Jane era a Diretora Financeira temporária da H.M.C. Philanthropies. Tentei me preparar para o dia em que ela partiria, mas acabei deixando a ideia murchar e se apagar do meu cérebro.

Ela estaria para sempre ao meu lado.

Exceto que os “para sempre” sempre acabam.

— Já se passaram quase três anos, Moffy. — Ela tentou beijar Walrus sem sujar seu pelo malhado de abacate. Então, ele saltou de seus braços. — Esse trabalho voluntário deveria ser apenas um pit stop. Você é bom nisso. Você *ama* fazer isso com fervor. — Ela disse a palavra *ama* desde o âmago. — Mas eu...

— Você não tem que me convencer. Eu sei que não é a sua praia. — Eu gostaria que fosse, mas não vou *implorar* egoistamente para que fique.

Por lealdade, ela o faria. E não quero prender minha melhor amiga.

Jane baixou a voz para sussurrar outra vez.

— Todos nós somos incrivelmente privilegiados, e pensar que estou desperdiçando um momento ou qualquer oportunidade que nos foi concedida me parece um fracasso eterno.

— Não — refutei, preocupado com o rumo que a conversa estava tomando.

— É verdade. — Ela se esforçou para não coçar o rosto, mas sua máscara parecia estar coçando, porque ela continuou a enrugar o nariz. Seu queixo se inclinou para cima, e ela me olhou nos olhos. — Não posso ficar de braços cruzados e ser a mulher que *ninguém* esperava que eu fosse.

Minha mandíbula ficou tensa.

— Você coloca *muita* pressão em si mesma. — Todas as garotas do meu

convívio fazem a mesma coisa e, em parte, isso está muito relacionado com os ideais impossíveis que a mídia coloca sobre elas.

Antes mesmo de atingirem a puberdade, elas têm de ser modelos, advogadas, bem-sucedidas, bonitas, ferozes, fortes, humildes e doces, quando tudo o que eu mais queria para cada uma delas é que fossem *felizes*.

— Para começar — Jane disse —, minha epifania não tem nada a ver com matemática.

— Ótimo.

Jane adorava matemática quando criança. Até entrou para o clube de matemáticos da escola na adolescência, o que fez com que as pessoas fantasiassem que Janie teria uma carreira na área. No entanto, ela nunca quis que isso fosse uma paixão *por toda sua vida*. Mesmo assim, no *Twitter*, no *Tumblr* e em todas as redes sociais, as pessoas criaram uma vida inteira para Jane a partir de sua matéria escolar favorita da infância.

Foi muita pressão para uma *criança*.

Medo de decepcionar seus pais, o que é algo difícil. Medo de decepcionar os fãs, o mundo, uma parede enorme e indestrutível na qual muitas pessoas que amo continuam esbarrando.

Até cheguei a conhecer essa parede antes.

Jane respirou fundo. O ponto crucial estava chegando.

— Percebi esta noite — disse ela — que passei quase todos os quatro anos da minha “experiência universitária” sem ambição. Sem brilho. Eu preciso liderar. — Ela cerrou o punho como se tivesse incorporado a alma de Joana d’Arc. — De um desafio. — Seus olhos se iluminaram como o fogo. — Meus pais vivem por suas ambições, mas o meu tanque está seco. Vazio. *Caput*.

— Você não carece de ambição. Você está em Princeton. — No mundo de qualquer outra pessoa, isso seria considerado um sucesso. Para a família Cobalt, participar de uma Ivy League era apenas o esperado.

— Aulas *on-line* — ela me corrigiu. — E só tenho mais três semestres restantes. Estou estabelecendo uma meta. Um desafio. Eu *tenho* que encontrar uma carreira antes de me graduar. Nada de ficar se debatendo como um peixe fora d’água. Eu nasci de leões.

Lá estava.

A maior verdade.

Seus pais descobriram suas metas no útero. Sua mãe criou sua própria empresa de moda aos *quinze anos*. Seu pai administrava um negócio multibilionário de tintas, ímãs e diamantes chamado Cobalt Inc., aos *24 anos*.

Na mente de Jane, ela não era a tartaruga que estava ficando para trás. Ela ainda não tinha nem se inscrito na maldita corrida.

Ambição. Ela queria isso.

Jurei ajudá-la e, desde então, temos feito atividades aleatórias juntos. Apenas para acender a chama da inspiração. Aulas de voo, competição de patins e, mais recentemente, *decoração de bolos*.

Sinos ressoam enquanto Farrow mantém a porta aberta para uma chique padaria da cidade. Eu estava a um centímetro de agarrar a maçaneta primeiro.

— Só sou mais rápido que você — diz Farrow, quase rindo enquanto minha carranca se aprofunda. *Em terra, talvez*. — E muito mais humilde também. — Sei que ele só me deixa entrar na padaria antes dele porque está vazia. Ela tinha sido alugada, há algumas horas, por Jane.

Há algumas semanas, seu guarda-costas também se aposentara, e Akara atribuiu um novo rosto a Jane. Quinn Oliveira, de 20 anos, é o guarda-costas mais jovem da equipe, e começa a ganhar suas patentes no destacamento de Jane.

Não o conheço tão bem. Só sei que ele é um ex-boxeador profissional, brasileiro-americano, e que seu irmão mais velho é outro guarda-costas da ESO. A inexperiência de Quinn não me incomoda. Todo mundo tem que começar de algum lugar, mas acho estranho que estejam deixando Farrow treiná-lo. Meu Deus, Farrow praticamente jogou fora minhas regras no primeiro *dia*. Ele não é o modelo ideal de guarda-costas.

Quinn se aproxima da prateleira de doces da padaria. Bem próximo à vitrine da loja, para uma ótima *segurança de entrada*.

E onde há um Quinn, tem de haver uma Jane.

Deixo Farrow na frente da padaria, e faço o meu melhor para olhar apenas uma vez para trás. Não meio milhão de vezes. Farrow apoia o joelho em um banquinho de madeira e fala baixinho com Quinn. Meu guarda-costas aponta para as entradas e saídas, provavelmente dando dicas ou algo assim.

Adentro um pouco mais na padaria. Meu sorriso se forma no instante em

que vejo minha melhor amiga.

Com as mãos apoiadas nos largos quadris, Jane examina o menu escrito a giz e de forma artística como se essa decisão determinasse todo o seu futuro.

Óculos de sol gatinho da cor azul-claro empoleirado em seus cabelos castanhos, compridos e crespos. Jane é tão única quanto seu estilo: calças de cor verde-menta, mangas vitorianas com babados que saem de um suéter com estampa de zebra, saltos de lantejoulas que não combinam e uma bolsa em formato de melancia. Ninguém pode duplicar ou clonar essa garota.

Ela é única e patenteada, não a deixarei ir embora. Em nenhuma hora, dia ou ano. Eu a amo demais.

Ao me aproximar depressa, roubo seu olhar e vejo seu sorriso tomar forma.

Em francês perfeito, digo: — Bonsoir, ma moitié. — *Boa noite, minha outra metade.* — Beijo suas duas bochechas sardentas.

Seus longos cílios fazem sombra aos seus olhos azuis, empolgados.

— Somos só você e eu, meu velho.

Quase ao mesmo tempo, seus braços envolvem minha cintura e os meus deslizam ao redor de seus ombros. Eu a puxo para um abraço caloroso.

Meus músculos começam a relaxar, como se eu estivesse em casa.

Vocês conhecem Jane Eleanor Cobalt como a Cobalt mais velha, irmã de sete. A garota de vinte e dois anos, amante de bolos e colecionadora de gatos, que convida qualquer um para sua vida como se amigo fosse. Vocês viram vídeos dela no *Instagram*, queimando torradas, experimentando uma calça nova e lendo passagens de literatura antiga.

Vocês também a pressionam para se tornar professora de matemática e defender as mulheres na área das ciências. Vocês opinam sobre quem ela está namorando, mas não têm certeza se há algo “sério” entre eles.

Eu a conheço como Janie.

Minha melhor amiga, ma moitié. Temos um mês de diferença de idade, mas ela é um milhão de anos-luz mais inteligente do que eu. Uma garota que respira lealdade como se fosse um terceiro pulmão. Alguém que se sacrifica todos os dias, minutos e segundos pelas pessoas que ama.

Aviso: se mexer com ela, quebrarei seus joelhos e colocarei sua cabeça em uma forquilha. Que bom que esclarecemos essa parte.

Jane descansa o queixo no meu peitoral. Ela olha para cima.

— Somos só nós dois, *exceto* pelos dois guarda-costas muito fortes, os funcionários da padaria e seus três irmãos que chegarão às sete.

Convidei minhas duas irmãs e meu irmão para se juntarem a nós mais tarde.

— Obrigado por ligar para a padaria com antecedência — digo, sério. Sem sarcasmo.

Quando perguntei a Jane se meu irmão mais novo poderia participar, sua primeira resposta foi: *alugarei a padaria por algumas horas*.

Nós dois – Jane e eu – normalmente não fechamos lojas inteiras só para nós. Podemos lidar com a mídia e a atenção do público. Mas Jane sabia que Xander não viria se pessoas estivessem por perto. Em vez de dizer, *deixe ele pra lá*, ela foi a primeira a me ajudar a incluí-lo.

— Avec plaisir — ela diz suavemente. *Com prazer*.

Sou fluente em duas línguas estrangeiras por razões *muito* diferentes. Não quero tocar no tema da segunda, mas a primeira, o francês... Jane e eu o aprendemos mais entre nós mesmos do que na escola preparatória. Pegamos o idioma com rapidez, já que os pais dela são fluentes.

Meu braço permanece em volta de seus ombros enquanto encaramos o menu. Bolos de todos os tipos foram rabiscados com giz rosa.

BUM.

Minha cabeça gira abruptamente para a vitrine. Um bando de jovens *animadas* se empurra contra a porta de vidro. Estou falando de uma quantidade de corpos suficiente para inundar a calçada e escorrer pelo estacionamento da rua.

Eu me levanto, com os músculos tensionados.

— Nossa localização vazou. — *Tão rápido*. Jane e eu não costumamos atrair multidões como se fôssemos uma banda do Coachella, a menos que as pessoas postem sobre nós.

Janie começou a percorrer seu *feed* no *Twitter*.

— ... parece que um fã tuitou que viu os paparazzi do lado de fora da padaria.

— Eles postaram o endereço?

— Oui. — *Sim*.

— Ótimo — digo secamente, e tiro meu celular do bolso.

Alguns fotógrafos lotaram a área quando estacionei meu carro pela

primeira vez. Não os menciono toda vez que os vejo, porque é como apontar para a grama, o cimento ou o maldito céu. No meu mundo, eles fazem parte do cenário. Estão sempre lá. Sempre presentes.

Às vezes, arruinando meu dia.

— Para trás! — Farrow grita através do vidro. As garotas continuam tentando abrir a porta trancada. Algumas batem nas janelas. Por mais grave que sua voz soe, Farrow parece despreocupado com a massa crescente. Ele segura a maçaneta para evitar que a porta seja empurrada contra o trinco.

Quinn também grita para os fãs *saírem*, mas meu olhar está preso a Farrow. Dou uma conferida em seu corpo de um e noventa de altura, relaxado, mantendo a compostura diante de uma situação de alto estresse.

Farrow se vira ligeiramente, mantendo a mão na porta. Em um rápido olhar, seus olhos tocam os meus.

Antes que leia minha expressão, eu me viro completamente. Esfrego minha mandíbula afilada.

Meu telefone vibra na palma da minha mão. Vejo os nomes *Luna* e *Kinney*, minhas duas irmãs, e leio as mensagens recebidas.

Luna: *Moffy!!!!!! Xander não quer sair de casa :’((*

Kinney: *Eu disse a ele que nada de ruim iria acontecer, mas ele viu seu nome nos assuntos mais comentados do Twitter.*

Luna: *E a hashtag da padaria #PhillyBakery.*

Eu: *Não está tão cheio assim aqui.*

Xander: *Não minta.*

Eu: *Estarei ao seu lado quando entrar. Prometo. Não vou deixar ninguém tocar em você.*

Nenhuma resposta.

Levanto o olhar. Farrow está me observando. Sigo seus dedos precisos que tocam um microfone pequeno e fino preso ao colarinho preto do seu decote em V. O fio do microfone vai até o fone de ouvido e depois desce até um rádio que está preso em sua cintura.

Todos os seguranças usam rádios, mas se ele está tocando o microfone, isso significa que está falando com outros guarda-costas agora mesmo.

— Eles estão desistindo? — Jane pergunta enquanto se aproxima de mim.

— Provavelmente. — Se Xander ficar em casa, isso significa que sua

ansiedade está nas alturas. Luna e Kinney vão querer fazer companhia a ele.

Tento uma última coisa.

Eu: *Vou distrair a multidão quando você chegar.*

Quero acrescentar que também mataria por ele. Moveria montanhas e quebraria pedras. Faria *qualquer coisa* para garantir a segurança do meu irmão menor.

Eu: *Levo até um tiro por você. Faço qualquer coisa. Basta chegar aqui.*

Pressiono enviar.

Depois de uma longa pausa, meu telefone vibra.

Xander: *Não vai funcionar. Nunca funciona.*

Meus músculos se encolhem. Mostro a mensagem para Janie.

— Faz duas semanas que ele não sai de casa. — Meus pais tentam não pegar no pé dele por causa do isolamento, a menos que passe de um mês. *Isso aumenta a ansiedade dele*, eles dizem. Mas ficar confinado por semanas a fio também não é saudável. Jane franze a testa.

— Da próxima vez, devemos ir buscá-lo primeiro.

Eu assinto, em concordância.

 Farrow Keene

— *ALFA PARA FARROW* — Uma voz masculina estridente ecoa em meu tímpano.

Raspo os ovos mexidos do fundo da panela e os coloco em uma tigela de cerâmica. Na cozinha da casa, jogo a frigideira na pia, enrolando para responder Price. O severo líder da Alfa, de quarenta e poucos anos, continua agindo como se eu ainda pertencesse à ESA.

Agora, sou da ESO.

Não recebo ordens de ninguém. O que tenho que fazer é: ouvir as ordens de Akara e decidir se quero segui-las ou não.

— *Alfa para Farrow* — Price dispara.

Eu me apoio no balcão e como os ovos tranquilamente, mas em uma velocidade naturalmente rápida. O relógio do forno marca 23h23. Estou em casa há menos de vinte minutos, tempo suficiente para fazer xixi, tomar banho e estalar alguns ovos. Três semanas na minha nova função e já estou acostumado ao estilo de vida acelerado de Maximoff.

Seus dias são atribulados, e seus planos mudam constantemente, a depender dos paparazzi, das emergências de família, e dos cem funcionários que gerencia na H.M.C. Philanthropies. A maioria dos seguranças ficaria moído se atribuídos a ele, mas sua agenda agitada e estressante me faz lembrar dos plantões no pronto-socorro.

Como e aproveito cada segundo, como se a vida fosse um doce.

O que mais me surpreende: ele ainda não foi a nenhuma boate ou bar. Foi ele quem me disse que isso aconteceria “em breve”, mas tem estado protelando. Não pergunto o motivo, porque prefiro não o pressionar a transar com alguém. Ele estará pronto quanto estiver pronto, e terei que mantê-lo a salvo.

Mantenho o foco nisso.

— *Alfa para Farrow, Alfa para Farrow* — Price repete mais algumas vezes, exasperado.

Eu só deveria estar ouvindo *Ômega para Farrow*. Toco meu microfone.

— Farrow. — Vamos ouvir o que ele tem a dizer. Abocanho mais uma colher de ovos, sozinho, na cozinha, já que meu único colega de quarto está dormindo. O guarda-costas de Jane, Quinn, ainda não se acostumou às horas estranhas. Assim que Jane voltou para casa esta noite, ele praticamente desmaiou no andar de cima, apesar do meus melhores esforços para sugerir que fizesse uma refeição rápida primeiro.

Introdução ao Guarda-costas: *coma assim que tiver um segundo livre, você nunca saberá quando terá outra chance.*

No meu fone de ouvido, Price diz: — *Você precisa perguntar sobre o acampamento anual de caridade a Moffy. Ouvimos rumores de que planeja abrir o evento ao público este ano, e a equipe de segurança precisa da confirmação. Sem demora.* — O rádio silencia.

Abrir um evento privado, e vigiado, ao público cria grandes riscos à segurança. Alguns que jamais ignoraria. Contudo, Maximoff tem o poder de fazer o que quiser com o acampamento Charity Camp-Away. Não apenas por ser o CEO. Foi *ele* quem construiu o super elogiado e divulgado evento de dezembro há anos.

Doadores ricos comprarão entradas caras para os três dias de acampamento com ele e vários membros da família. Eles basicamente pagam para poderem se reunir ao redor de uma fogueira com celebridades. Apenas pessoas extremamente bem abastadas podem pagar os ingressos.

Escutei muitos de seus telefonemas no carro, e não o ouvi mencionar uma mudança no formato do acampamento.

Clico no microfone.

— Farrow para Alfa, onde ouviu esses rumores? — Carregando minha tigela, atravesso a passagem abobadada para a sala de estar. A porta de

madeira ao lado da lareira de tijolos conecta minha casa à de Maximoff.

— *A ESA detectou a palavra público nos e-mails do assistente dele* — Price me conta. — *Precisamos de mais informações sobre Moffy. Responda o quanto antes.* — Quando a segurança hackeia e-mails, é pelo bem das famílias. No entanto, vejo a ironia. Nós os protegemos, mas tiramos a privacidade deles para isso.

Não posso mudar esse fato.

A Alfa, a Ômega e a Épsilon têm um lema: *esteja sempre à frente da mídia*. É impossível parar os tabloides, mas devemos estar atentos a tudo que possa chegar à imprensa e causar estragos.

Antes de tocar na maçaneta, clico no microfone novamente.

— Responderei. — No segundo em que abro a porta da sala de estar de Maximoff, um gatinho malhado passa pelos meus tornozelos.

Rapidamente me viro para pegar o animal de estimação de Jane. Walrus prende as garras na madeira, mas levanto a bolinha de pelos e aproximo seu rosto de gato do meu.

— Travesso, sapeca.

O gatinho acaricia meu nariz. Abro um sorriso e digo a ele: — Você não tem permissão para escapar, seu espertinho. — Walrus mia.

Jane deixou bem claro: *Não deixe que os gatos entrem na casa dos seguranças. Não é segura para eles. Vão se enfiar em todos os cantos e buracos.*

— Não vou perder nenhum gatinho.

Assim que entro na sala adjacente, liberto Walrus, que corre para debaixo da cadeira de balanço. Não há ninguém no primeiro andar. Fecho a porta com um chute, e vozes ecoam pela escada estreita.

Encosto na parede de tijolos, continuo comendo meus ovos mexidos e examino o espaço diminuto. A versão decorada do meu lado vazio da casa: uma namoradeira em estilo vitoriano de cor rosa pálido, travesseiros com babados, uma cadeira de balanço, mantas em tons pastel, um carrinho de chá de vidro, uma mesa de café para duas pessoas sob a passagem abobadada da cozinha e, pelo menos, vinte fotos de família sobre a lareira.

O estilo vovozinha brega grita Jane Cobalt.

A casa também tem um cheiro diferente, de café, chá, velas florais e *gato*.

As escadas rangem, e Jane aparece primeiro, com seu pijama de short

azul-claro e regata. Ela desce carregando um óleo corporal e só me nota quando chega ao último degrau.

— Farrow. — Ela sorri e me lança um olhar de curiosidade. Como se eu tivesse sido flagrado com um pote de óleo corporal nas mãos.

— Jane — cumprimento, comendo outra colherada de ovos. Se algum “amigo” dela estivesse em casa, eu saberia. Ela não tem tempo de responder.

Maximoff desce pulando de dois em dois degraus, e chega afobado.

Ele tira a camiseta branca por cima da cabeça, com o cabelo desgrehado, o corpo marcado e a calça jogger cinza de moletom na cintura.

Meus lábios se abrem mais e mais. Ele ainda não me viu, e vai enlouquecer assim que o fizer. Como meus ovos como se comesse pipoca.

Jane me observa atentamente, mas não tenho nada a esconder. Sou eu mesmo, sem remorsos. Todos os dias, o dia todo.

— Pronto, Janie? — ele pergunta, penteando os cabelos para trás com uma mão apressada. Então, levanta o olhar e me vê. Petrificado, sua mandíbula fica tensa e seus olhos, arregalados.

— Também senti sua falta — brinco e termino meus ovos mexidos. Meu sorriso cresce quando sua irritação enrugua suas feições e aperta seus olhos.

Maximoff adentra o primeiro andar.

— Só se passaram dois minutos desde a última vez que nos vimos.

— Trinta e três — corrijo, e vejo Jane se sentar no sofá, abrindo o pote de óleo de amêndoa doce. Tenho a sensação de que sei para que serve. Eu me concentro em Moffy. — A segurança está pedindo mais informações sobre o Camp-Away.

Ele cai em si, e assente.

— Você vai ter que esperar. Prometi uma massagem a Janie, e ela está em primeiro lugar.

— Você vai dar ou receber? — pergunto.

Suas sobrançelas pulam, e ele lambe os lábios, inclinando a cabeça ligeiramente. Ele esfrega a mandíbula afilada.

Eu sorrio, meu corpo tensiona, mas ignoro o sentimento.

— A massagem, escoteiro. Você está dando ou recebendo?

— Recebendo — ele diz, com mais facilidade. — Jane está fazendo seus experimentos com a massagem terapêutica.

Ela amarra o cabelo ondulado em um rabo de cavalo baixo.

— Se vocês dois precisam conversar sobre o acampamento, posso esperar...

— Não. — Maximoff balança a cabeça repetidas vezes. — Meu foco agora está em você. Sua ambição, seu objetivo, lembra?

Jane assente e lê os ingredientes do óleo no verso da embalagem. Seus olhos azuis se levantam para mim.

— Posso fazer uma em você, depois de Moffy.

— Vamos ver no que isso vai dar primeiro. — Descanso minha tigela vazia na mesa mais próxima.

Maximoff gesticula para a cadeira de balanço.

— Sente-se. — Ele me dá essa ordem, porque tem que se sentar, e odeia quando me coloco acima dele.

— Vou ficar de pé. — Passo entre ele e a cadeira de balanço para chegar à lareira.

— E eu que sou teimoso? — Ele se senta ao lado de Jane, e ela se ajoelha na almofada atrás dele.

Observo as fotos de família.

— Nunca disse que você tinha o monopólio da teimosia. — Pego uma foto emoldurada de Maximoff dando um salto mortal para fora do iate de Hale, com Jane no canto, apontando para ele com uma expressão de surpresa fingida. Mostro a foto a ele. — Tudo o que você faz, eu faço melhor.

— Que palavras mais competitivas — diz Jane, esguichando óleo nas palmas das mãos. — Como participante imparcial da sala, eu me ofereço para ser o juiz de qualquer torneio.

— Acho que você quis dizer *participante parcial*. — Devolvo a foto ao seu lugar. Os dois estão juntos em quase todas elas.

— Posso ser imparcial — diz Jane, enquanto começa a massagear os músculos *tenso* de Maximoff. Ele agarra o encosto do desconfortável sofá vitoriano para se apoiar.

Eu o observo enquanto pergunto a Jane: — Quem é melhor no boxe?

Jane faz uma pausa e abre a boca, mas nenhum som sai.

Eu a ajudo: — F-A-R...

— M-O-F-F-Y — ela soletra rapidamente, e exala um suspiro como se tivesse acabado de escapar de uma sentença de morte por traição. — Tia Lily diz que *a verdade o libertará*, e não poderia concordar mais. Estou me

sentindo muito melhor agora. — Ela foca na massagem novamente, usando os nós dos dedos nas costas dele.

Maximoff sorri para mim, como se tivesse me derrotado.

— Não sei por que está tão feliz. Ela só provou que está do seu lado.

Maximoff me lança um olhar.

— Você não pode admitir, nem por um segundo, que, *talvez*, apenas talvez, eu seja melhor do que você no seu próprio esporte.

Custou um grande esforço separar meu olhar do dele.

— Sua humildade é impressionante.

— Sua prepotência é pior.

Abro um grande sorriso, mas meus lábios afrouxam quando Maximoff cerra os dentes, quase estremecendo. Ele olha para Jane por um instante e tenta espiar os nós dos dedos dela que beiram sua coluna. Seus ombros permanecem em sua usual rigidez, imóveis na posição.

— Tente relaxar — sugiro, e me aproximo do sofá. — Ou precisa de instruções de *como* fazer isso?

Ele me encara.

— A única instrução que preciso é a de como fazer você calar a... — ele vai diminuindo a voz, e sufoca um novo estremecer. Jane não consegue ver sua expressão.

— Você está muito perto da coluna dele — digo a Jane, e seguro seu pulso. — Posso?

— Por favor.

Levo as mãos dela para o músculo trapézio, músculo lateral que fica entre as escápulas. Fecho os dedos dela, e sujo minhas mãos de óleo. Assim que começa a massageá-lo novamente, ela pergunta: — Melhor, Moffy?

— Sim. — Seu pescoço está tensionado e, quando ele olha para mim, respirando fundo, percebo que minha aproximação foi a causa.

Acabei de varrer sua postura impassível: Maximoff Hale, sem camiseta, besuntado no óleo, sendo massageado pelas mãos de uma aprendiz.

Ele se sentiria melhor sob as minhas.

Ele estremece: — *Caralho*. Jane. — Ela belisca seu nervo.

Ela levanta as mãos oleosas.

— Desculpe. — Jane procura alguma coisa. — Merde. — O que significa *merda*, em francês. — Espere, Moffy. Vou procurar o vídeo novamente. —

Ela assente para mim, depois para a mesa de centro, onde está seu celular. — Farrow, você se importa?

Limpo o óleo das minhas mãos na minha calça preta e pego o celular, envolto por uma capinha azul de zebrinha.

— O quão sério é esse lance de ser massagista?

Ela afasta uma mecha de cabelo das bochechas sardentas com o cotovelo.

— Se eu gostar de verdade, pesquisarei como me tornar uma massagista profissional, e começarei a partir daí. — Ela aponta para o celular. — O vídeo deve estar no histórico do *YouTube*.

Espero que desbloqueie o celular.

— E o que fará quando tiver um cliente que queira um “final feliz” com a famosa Jane Cobalt?

Maximoff olha para Jane, trocando um olhar de quem já tinha discutido os riscos para a segurança dela antes.

Sempre que entro nas redes sociais para identificar ameaças à segurança, aquelas relacionadas a Jane Cobalt são as que mais beiram o nojento, o estranho e o *violento*. Ambos são conscientes de como as pessoas os veem. Basta uma conta de *Twitter*:

Quero bater em Jane Cobalt. Quero vê-la chorar.

Amarre e sufoque essa vadia com gosto #JaneCobalt

Jane Cobalt gosta disso, como sua mãe. Monte nela, ela ficará molhadinha!!!

Vou transar com a filha de Connor Cobalt até deixar suas pernas bambas.

A Ômega leva além a proteção de Jane, sem que ela se dê conta. Nas últimas três semanas, tivemos que interceptar seus e-mails, porque um babaca ficava mandando fotos de mordanças de bolas para ela. Nunca falaria disso com Jane. A segurança quer que todos eles possam viver sem sentir medo constantemente.

Eu concordo.

Lidamos com todos os idiotas e babacas para que eles não tenham que fazer o mesmo.

Jane dá de ombros e joga mais óleo nas mãos.

— Eu teria que escolher meus clientes. Faz parte.

— De ser famosa — eu digo.

— De ser a filha de Rose e Connor Cobalt — ela esclarece. — Todo mundo me vê pelas lentes dos meus pais.

Maximoff estala o pescoço e murmura: — Para o bem e para o mal.

Eu entendo.

A fama deles deriva dos pais, não deles mesmos. Rose e Connor Cobalt são famosos por vídeos de sexo que vazaram na mídia. Especificamente, de BDSM. Portanto, o público assume que a filha mais velha do casal é igual à mãe.

A equipe de segurança tem uma perspectiva diferente, de dentro. A verdadeira.

E sei que Jane não é chegada em BDSM.

Jane posiciona as palmas das mãos nas costas de Maximoff, mas espera pelo vídeo.

— *YouTube* — ela me lembra. Quando nossos olhos se encontram, ela acrescenta: — Sou privilegiada por ter a oportunidade de procurar minha paixão. Sou privilegiada por ter a oportunidade de *considerar* a ideia de ser massagista. Se for o que amo fazer, não deixarei minha fama me impedir.

Olho para Maximoff.

Sua mandíbula está cerrada. Ele também está preocupado com os riscos. Ele viu os *tweets*. E tenho a impressão de que está adoçando as ambições dela apenas momentaneamente, apostando que Jane escolherá algo seguro.

Acesso seu celular muito facilmente. *Jane*.

— Qual é sua senha? — pergunto. Meu tom é muito *gentil*, considerando que dois terços da equipe de segurança estariam falando com ela agora como se fosse criança.

— Não tenho uma senha — ela diz. — Elas são irritantes. Se perder o celular, posso excluir todos os dados imediatamente. Além disso, não tenho nada que me incrimine. Deleto todas as mensagens e posto a maioria das minhas fotos e vídeos no *Instagram*. Não há nada que alguém possa roubar.

Maximoff sorri, orgulhoso de sua amiga.

Seu jeito preparado me faz lembrar de algo que a equipe de segurança fala sobre Jane. Ela age como se fosse livre, mas toda sua vida está desenhada e planejada demais para seu gosto, e ela precisa lidar com tantas obrigações quanto Maximoff Hale, se não mais.

Enquanto encontro o vídeo, digo a Jane: — Massageie as escápulas dele com leveza, e não o machucará.

Maximoff se agarra nas costas do sofá com força, e morde os lábios mais uma vez. Eu me pego observando-o e, quando me aproximo do braço do sofá, perto de seu peitoral, seus olhos estão no nível do meu cinto.

Maximoff encara o nada. *Onde terá ido, Moffy?* Aceno, mas ele está perdido em seus pensamentos.

— Farrow. — Os olhos azuis de Jane brilham. — Quantas massagens você já deu antes? E por quê?

A Alfa também a chama de Jane ‘a curiosidade matou o gato’ Cobalt.

Vou para seu histórico no *YouTube*.

— Muitas, e pesquise o principal motivo de se fazer massagens, e terá sua resposta. — Encontro o vídeo e assobio. — *Como fazer uma massagem super mega ultra fantástica*. — Aperto o *play* e vejo uma imagem embaçada de duas garotas do Ensino Médio. — Não. — Desligo o vídeo. — Eu te ensino.

Maximoff desperta, olhando para mim.

— Não.

— Bem-vindo de volta, cadete espacial.

Ele me mostra o dedo do meio e repete furiosamente.

— *Não*.

Jane sacode os braços, já cansada.

— Você tem que usar o corpo todo — digo a ela. A ele, digo: — Eu demonstro, e ela imita. — Eu *amaria* fazer uma massagem nele por outros motivos que não ajudar Jane.

Maximoff aponta para o meu peito.

— Você não sabe fazer massagens.

— Você acabou de perder a parte em que falei que já fiz massagens antes. — Deixo o celular de Jane na mesa de centro. — Sou melhor do que a média em muitas coisas. Sou bom com as mãos.

— Ótimo. — Para algo que ajudará Jane, ele está sendo mais cabeça-dura do que o esperado. Ajeito sua postura tensa e vejo a forma como seu pomo de Adão sobe e desce quando engole.

— Talvez Farrow esteja certo — Jane fala —, talvez possa aproveitar uma aula ao vivo.

— Talvez Farrow esteja cheio de mentiras — Moffy responde.

— Talvez Maximoff esteja com medo de receber uma massagem minha — eu refuto.

— Você está enganado. — Ele se levanta e me encara com a mesma autoconfiança de Atlas carregando o mundo. Ele cruza os braços sobre o peitoral despido. — O que faço agora? — Ele está concordando com a massagem.

Uso minha bota para afastar a mesa de centro para longe do sofá. Em seguida, jogo uma almofada no chão.

— Deite-se, escoteiro. Eu vou abalar o seu mundo.



Maximoff Hale

ESTOU FERRADO.

Respiro pelo nariz, suprimindo o que quer que esteja aquecendo minhas veias e desorientando minha cabeça. Luxúria? Irritação? *Atração?*

Eu o encaro fixamente. Pareço audacioso, mas por dentro estou pensando, *nunca na vida quis aceitar uma ordem com tanta intensidade como quero agora.*

Sou consciente de que sempre fui atraído por homens alfa. O tipo de homem que quer estar por cima de mim tanto quanto eu quero estar por cima dele. *Quase* sempre, faço o que quero, mas brincar com a vulnerabilidade de estar com alguém tão forte e dominante quanto eu é algo que me deixa a mil.

Ao imaginar essa pessoa enquanto permaneço aqui parado, neste exato momento, percebo que Farrow Redford Keene seria o último *match* possível.

Ele é seu guarda-costas. Obrigado, voz da consciência. É por isso que estou me recusando a deixar meu olhar escapar para sua boca ou seu corpo de um e noventa de altura. Tampouco lhe dou tempo suficiente para ler minha reação.

Amarro o cordão da calça e me ajoelho sobre o tapete, antes de me deitar de bruços, uma posição na qual raramente me encontro.

Eu me apoio sobre os cotovelos, e estalo o pescoço sobre o ombro. Mantendo um olhar desconfiado em Farrow. Ele retira os anéis de prata. Um por um.

Jesus. Esses dedos, *esses dedos estarão em mim*. A parte de trás do meu pescoço ferve.

Seus olhos castanhos percorrem meus músculos das costas, os quais evidenciam meu profundo amor pela natação. E proficiência na modalidade borboleta.

Depois de guardar os anéis no bolso, Jane lhe entrega o óleo.

— É uma péssima ou boa ideia filmar isso para material de estudo?

— Péssima — digo, por nenhuma outra razão além desta —, se isso vazar em algum lugar, pessoas começarão a perguntar quem é meu massageador amador.

Farrow revira os olhos para a palavra *amador*, mas concorda: — Não filme.

Nós dois sabemos que, nesse vídeo hipotético, as pessoas prestariam atenção em Farrow porque: a) ele é totalmente tatuado, b) é o tipo de homem que faria você desejar um “final feliz”, e c) suas mãos estariam em mim.

Isso o tornaria famoso.

Pessoas famosas não podem proteger pessoas famosas. Caso contrário, eu seria o guarda-costas dos meus próprios irmãos. Quando um guarda-costas *precisa* de um guarda-costas para se proteger, ele se torna inútil para a segurança.

Farrow perderia o emprego.

Jane se acomoda no sofá.

— Então, observarei atentamente e farei anotações mentais. — Lady Macbeth, uma velha gata preta, pula em seu colo e dorme imediatamente, ronronando. Janie beija seu pelo e acaricia suas orelhas.

É bom Jane não se distrair com essa gata. Não farei essa massagem duas vezes.

— Cela n’arrivera pas deux fois — digo a ela. *Não haverá uma segunda chance*.

Ela acaricia Lady Macbeth, mantendo os olhos azuis e brilhantes sobre mim.

— Je regarde. Profite du massage, Moffy. — *Estou prestando atenção. Aproveite a massagem, Moffy*.

Permaneço apoiado sobre os cotovelos, e olho sobre o ombro novamente. De pé, Farrow passa óleo nas mãos, com muita confiança. Seu sorriso se abre

ao ver que o observe, seu piercing no lábio inferior é muito sexy.

Tudo em Farrow me lembra relâmpagos brilhantes na noite escura.

Ele se abaixa.

Caralho, aqui vamos nós.

Ele apoia o joelho ao lado da minha cintura, e a sola de sua bota está do outro lado. Ele está montado em mim sem me tocar. Não ainda, pelo menos.

— Você precisa se deitar totalmente, Maximoff — ele diz naquela voz grave e profunda. — Braços descansados nas laterais.

Minha pulsação late em meu pescoço. Tenso, estendo os braços ao lado da cintura, o que me força a olhar para longe de Farrow. Prefiro esconder o rosto, então, coloco a testa sobre uma almofada decorativa. Consigo me ocultar, mas tenho que fitar o *nada*.

— Não me mate — digo.

Ele se inclina para frente, e aproxima os lábios da minha orelha.

— Machucá-lo seria a antítese da descrição do meu trabalho.

Verdade.

— Confie em mim — ele sussurra. — Relaxe. — Sua voz sedosa me acalma dos pés à cabeça como se estivesse entrando em uma sauna fumegante.

Ca-ra-lho.

Meus ombros normalmente rígidos querem desabar, mas mantenho os braços parados forçadamente para não os deixar cair sobre a almofada. Minhas costas estão totalmente expostas. E apenas o tecido cinza das minhas calças de moletom separam minha bunda nua de Farrow.

Não estou de roupa de baixo.

Ele com certeza perceberá.

Fecho os olhos. Respiro profundamente. A ansiedade está me matando.

Então, suas mãos quentes e oleosas começam por meu cóccix. *Merda*. Usando o peso do corpo para fazer pressão, ele esfrega os polegares e as palmas das mãos sobre minhas costas. Chega à base do meu pescoço e desenha círculos sobre meus largos ombros.

Contenho um suspiro a meio caminho da garganta. *Cacetecacetecacete*.

Seus dedos e mãos criam movimentos hipnóticos que descem e sobem pelas minhas costas, ombros e até mesmo bíceps e antebraços. Sempre que ele ancora seu peso para massagear e alisar meu corpo, imagino sua pelve perto

da minha bunda. Eu afundo no chão.

Fecho os olhos com mais força. Não posso ficar duro.

— Relaxe — ele sussurra, enquanto seus dedos passam sobre a parte de trás do meu pescoço.

Isso é bom demais.

Ele se inclina sobre meu corpo enquanto suas mãos largas viajam para baixo e desviam para minha cintura. No limite do elástico das minhas calças.

Não fantasie.

Não fantasie.

Respiro pelo nariz novamente. Se eu me viro e me sento, rolaria um beijo? *Pare de pensar.* Quando ele se inclina novamente, imagino seus lábios em meu maxilar, mordendo minha orelha antes de chupá-la, então, eu me viro e a gente... *não.*

Sim.

Sim, sim.

Ainda estou deitado no chão. Ele ainda está massageando meus ombros tensos que se recusam a ceder. Seus lábios roçam minha orelha, e ele realisticamente, sussurra: — Solte-se.

Não dá.

No momento que eu me soltar, passarei de limites que não devem ser ultrapassados.

Ele massageia o músculo trapézio com mais força, mais profundamente, levando-me a um lugar que não posso ignorar. Um estado de euforia. Meus olhos se abrem, mas quase reviram, minha boca se abre ligeiramente. *Caralho...* seguro seu pulso.

De repente. Instintivamente. E ele congela, as palmas de sua mão estão na parte de baixo da minha cintura. Sem soltá-lo, uso meu outro braço para levantar meu corpo. Meu peito desperta em uma respiração pesada e irregular.

Olho para ele.

Farrow respira tão pesadamente quanto eu, seus olhos procuram os meus em busca de razões para eu tê-lo parado. Eu me imagino levando sua mão para baixo. Para minha cintura.

Sob o tecido.

Faça.

Pisco uma vez, lembrando que Jane está aqui. Então, penso: *essa não*

pode ser a única razão para me fazer parar.

Ele é meu guarda-costas.

Solto seu pulso.

O sofá antigo range quando Jane se endireita.

— Posso deixá-los a sós se quiserem.

— Não — digo firmemente e encaro Farrow, esperando que também rejeite a oferta.

Farrow olha para o meu corpo com um olhar inebriante, praticamente, dizendo: *Eu teria dito sim*. Então, ele se levanta para longe de mim.

Não tenho tempo para pensar.

Meu celular toca, na mesa de centro. Uma ligação. Não uma mensagem. Rapidamente, eu me levanto e apanho o celular. Vejo o identificador de chamada: minha irmã mais nova. Meus olhos viram raios *laser*.

Extremamente focados.

Eu me concentro no aqui e agora. Todo o resto não importa.

Aproximo o celular da orelha.

— Luna? — Uma respiração estranha ecoa no alto-falante do celular. Franco a testa. — Luna?

Farrow encara o nada como se alguém estivesse falando com ele pelo fone de ouvido. Ele caminha em direção à porta da frente. Jane levanta de um pulo e procura informações ou mensagens no celular.

— Luna, *responda*. — Minhas bochechas enrijeceram. Escuto atentamente, apertando o celular. Ela nunca fez isso antes, mas ela também costuma ser meio esquisita.

Vocês conhecem Luna Hale como a garota de dezessete anos, devota aos aliens, que fica postando baboseiras no *Twitter* e que acredita em OVNI. Vocês rudemente a apelidaram de “Vergonha alheia de segunda categoria”. Alguns de vocês até a chamam de “bêbada” mesmo quando ela está 100% sóbria, e questionam a sanidade mental de qualquer um que saia com ela.

Eu a conheço como minha irmãzinha. Uma garota que se mantém fiel ao que acredita, mesmo quando ridicularizada. Alguém que admiro e amo incondicionalmente.

Aviso: matarei você se sequer respirar errado perto dela. Simples assim.

No telefone, Luna respira muito levemente. Quase não escuto nada.

— Fale comigo, irmã... — A ligação cai. Que diabos está acontecendo?

Eu me viro para Janie. — Escreveu para seus irmãos? — Os melhores amigos de Luna são os dois irmãos mais novos de Jane.

— Oui. — Janie digita rapidamente. — Eliot e Tom ficam me mandando emojis de diabinhos.

Balanço a cabeça, irritado. Há *cinco* meninos Cobalt, e minha irmã foi fazer amizade justo com os dois que atearam fogo na casa de bonecas de Jane e riram dela enquanto a casa queimava. Eles tinham dez anos na época, mas continuam aprontando o caos com dezoito e dezessete anos.

Perto da porta, Farrow fala ao microfone.

— A garagem está lotada. Acompanhe Luna até a porta ou estacione na rua. Posso buscá-la no carro. — Farrow gesticula para mim, mas já estou me aproximando dele.

Meu fone vibra.

Uma mensagem.

Luna: *Estou a caminho. Não posso falar :(*

— Luna está vindo para cá — digo a Janie, que continua digitando. Paro apenas a um metro de Farrow. — O que você sabe?

Ele clica no microfone e fala para equipe de segurança: — Ok.

Seu olhar fixa em mim quando ele diz:

— Luna pediu para o guarda-costas trazê-la aqui. Ela também exigiu que ele permanecesse no carro, o que significa...

— Que ela não quer que ele escute — completo, assentindo comigo mesmo.

Janie coleta o resto dos fatos.

— Ela deve estar escondendo alguma coisa dos pais e está com medo de que o guarda-costas dê com a língua nos dentes.

Ele daria. Ela é menor de idade.

Não é a primeira vez que meus irmãos vêm até mim. Quando fazem algo errado, minha reação é a versão *light* da reação do meu pai superprotetor. Dizem que sou três quartos do que Loren Hale é. Às vezes, acho que me contam suas encrencas primeiro para criar coragem de encará-lo.

Farrow olha as câmeras de segurança externas pelo celular. Quando me flagra observando o que está fazendo, penso que me dará as costas.

Em vez disso, ele segura meu pulso e me puxa para perto. Nossos ombros

quase se tocam.

— Essa é visão da rua — ele diz.

A tela mostra alguns paparazzi perambulando na calçada.

Farrow explica: — Quando o carro de Luna chegar ao meio-fio, abrirei a porta e a escoltarei para dentro da casa.

Cruzo os braços e faço que sim com a cabeça. Gostaria de ser quem traz minha irmã em segurança para casa, mas só deixaria a situação pior.

Com paparazzi constantemente acampados do lado de fora, sair pela porta da frente é como pisar propositalmente em um formigueiro. Considerando que sou *mortalmente* alérgico a formigas-de-fogo, isso não seria algo que eu faria. Normalmente, só saio de carro. Diretamente da garagem.

Jane puxa a mesa de centro para o lugar de origem.

— Luna pode dormir aqui. Arrumarei a cama do quarto de hóspedes para ela. Podemos até ver o filme favorito dela. — Janie joga a almofada decorativa no sofá. — Não vejo *Guardiões da Galáxia* há décadas.

— É — digo secamente —, que tal evitar oferecer *cookies* e um tapete vermelho à minha irmã até que saibamos o que aconteceu? Até onde eu sei, ela pode ter reprovado de ano. — Semana passada, Luna tinha ficado de detenção por fumar no banheiro das meninas. Mantinha uma atitude apática na escola desde que tinha começado a sofrer *bullying* no jardim de infância.

Gostaria de ter estudado na mesma época que ela.

Assim, poderia ter estado mais presente. Poderia ter feito o assédio parar. De algum jeito. Mas sou *cinco* anos mais velho. Quando ela começou os últimos anos do Ensino Fundamental, eu já tinha me formado.

Farrow clica em outra câmera de segurança.

Jane se aproxima de nós, com uma expressão leve e empática. Ela segura minha mão.

Mantenho os braços cruzados.

— Moffy — ela diz timidamente —, sei que prefere pensar que Luna mandou mal porque a alternativa a isso é dolorosa, mas precisa considerar a outra possibilidade.

Que algo ruim tenha acontecido com minha irmã. E que ela esteja me procurando para pedir ajuda.

Bloqueio todas as minhas emoções em um baú de aço. Nada transparece em meu rosto.

— Estou ciente disso.

Farrow me examina por um rápido segundo, e me entrega o celular.

— Já volto. — Ele sai pela porta da frente, fechando-a com um chute. Ao mesmo tempo que um *Escalade* preto estaciona no meio-fio, ele se aproxima da rua.

Declan jamais teria me dado o celular. Percebo que posso ver minha irmã pelo celular de Farrow. Ele sabe o quanto eu gostaria de estar lá fora com ele, mas para manter Luna a salvo – da atenção da mídia e dos paparazzi raivosos – isso é o mais próximo que posso chegar.

E ele me deu uma visão melhor do que qualquer outro guarda-costas já deu.

 Farrow Keene

POSTES DE LUZ e rápidos *flashes* iluminam o *Escalade* preto que estaciona. Aciono a equipe de segurança em meu ouvido direito e caminho facilmente entre o frenesi dos paparazzi.

Aproximadamente cinco homens abordam o carro, pressionando suas lentes sobre os vidros fumê. Outros vêm e vão pela calçada, chamando seus colegas apressadamente.

— Venha logo!

— Achamos que é uma das crianças Hale, talvez, Xander.

Dois homens tumultuam a parte de trás da porta, e eu me coloco na frente deles. Meu ritmo e aparência assustadores são como tiros de revólver. Eles tropeçam para trás, e eu seguro a maçaneta do *Escalade*. Finjo abrir a porta do carro para me livrar dos idiotas mais fervorosos.

Um homem se precipita e bate contra minhas costas. Lanço um olhar rápido e fulminante a ele.

Rápido, porque não podem pensar que me importo com eles. Alguns paparazzi gostam de cavar brigas para ter o que fotografar ou como pedir dinheiro (eu bato neles, eles me processam), mas a maioria dos desordeiros cavam brigas por fama ou porque são babacas. Meu trabalho é evitar confrontos. Não iniciá-los.

Quando realmente abro a porta, posiciono meu corpo no espaço livre, não deixando que as câmeras vejam Luna ainda.

Não fico surpreso com o que encontro. Uma menina desengonçada de dezessete anos está esparramada no banco de couro como uma estrela do mar. Ela veste uma fantasia do Homem-Aranha de corpo inteiro. Com máscara e tudo.

É um truque fácil para evitar que as pessoas tirem fotos para vender.

Ela olha para mim de cima a baixo.

Não costumo sorrir durante um pandemônio, mas Luna sempre consegue deixar a vida interessante. De todas as crianças Hale, posso dizer que me sinto mais próximo dela. Para meu aniversário de vinte e cinco anos, ela escreveu uma fanfic dos *Vingadores* na qual Bucky Barnes e Capitão América não eram apenas *amigos*. Foi divertido pra cacete.

— Luna, está pronta para sair? — pergunto.

O motorista se vira. É o guarda-costas de cento e trinta quilos que tem estourado meus ouvidos nos últimos dez minutos. Não tenho relação alguma com o pessoal da Épsilon desde que o líder da ESE começou a me chamar de “ponto fraco”, quando *ele mesmo* poderia se candidatar para a sala de monitoramento.

Felizmente, o guarda-costas de Luna *não* lidera a Épsilon. Eu me livreí de uma dor de cabeça.

— Ela não quer falar — ele me diz.

— Ela não precisa falar para sair do carro. — Eu estendo a mão para ela.

Ela a segura firmemente, sentando-se e deslizando no banco.

Paparazzi gritam: — QUEM É? QUEM ESTÁ NO CARRO? É VOCÊ, XANDER?

Assim que ela salta para o cimento e solta minha mão, bato a porta do carro. Empurro quem está na minha frente, para abrir caminho, e me certifico de que ela está atrás de mim.

Mantenho um olho no caminho à frente e olho constantemente para trás e para Luna. Ela não é uma das crianças que temem os paparazzi. Ela parece estar bem, mas, com a fantasia de Homem-Aranha cobrindo seu rosto, é difícil saber por que está aqui e o que aconteceu.

Quando nenhum outro paparazzi espera à frente, eu me posiciono atrás de Luna e a protejo. Assim que chegamos à entrada de tijolos, a porta se abre.

Maximoff puxa a irmã para a segurança do lado de dentro.

Agachado sob a pia do banheiro, reviro o armário de Maximoff. Meu cotovelo bate na privada ao lado algumas vezes. Não há espaço algum aqui, nem mesmo para uma banheira. Apenas para um pequeno chuveiro.

Puxo a cesta de esmaltes de Jane, e Maximoff se agacha para procurar dentro do armário ao meu lado. Ele sente essa necessidade intrínseca de *ajudar*, e ativou o modo irmão-mais-velho-super-protetor há vinte minutos.

O amor por seus irmãos o deixa mais preocupado, não mais leve.

E um cara tão protetor com as pessoas que ama é extremamente sexy.

Pego o kit de primeiros socorros que está bem ao fundo.

— O enxaguante bucal tem de ser sem álcool — aviso.

Ele encontra uma garrafa, e nós nos levantamos. Abro o kit para ver do que mais preciso.

Maximoff me observa.

— Seus conhecimentos médicos estão atualizados?

— Sei mais do que você — retruco, já que tive que intervir quando ele tentou diagnosticar Luna lá embaixo —, e fui eu quem entrou em Medicina na Universidade Yale.

— Mas o seu preparatório da graduação só durou dois anos.

— Porque cumpri os requisitos mais rápido do que a média, garoto que não terminou Harvard.

— Tem certeza? — ele diz, sem expressão. — Talvez você só fosse ruim.

Reviro os olhos e sorrio.

— Não é bem assim que funciona. — Avalio os itens do kit. Luvas, algodão, seringa de plástico e termômetro. Ainda falta alguma coisa.

— Farrow — ele fala com seriedade —, se você não tem certeza do que está fazendo...

— Maximoff. — Olho diretamente para ele. — Estou *cem por cento* certo de que ela tem uma infecção por causa da porcária de um piercing na língua. Se não confia em mim, procure os sintomas no Web M.D. Isso confirmará que estou certo.

Ele estala os dedos.

— Eu confio em você. Eu só... — ele aponta para a cabeça — estou processando a informação de que minha irmã enfiou uma agulha de costura na língua há uma semana, ainda está sangrando e, talvez, esteja com uma febre baixa. Sabe como é, só mais uma noite normal de sexta-feira.

Eu pego os meus suprimentos e fecho o kit de primeiros socorros.

— É uma boa noite de sexta-feira quando ninguém está chorando ou morrendo.

— É exatamente por isso que ela ainda não quis contar aos meus pais. — Ele tenta relaxar os ombros rígidos. — Meu pai morreria, e minha mãe choraria de preocupação. — Ao pensar em alguma coisa, ele balança a cabeça. — *Caralho*.

— Preciso fazer solução salina, então, leve seus *caralhos* lá para baixo comigo, escoteiro.

Ele leva o enxaguante bucal enquanto carrego o resto dos suprimentos. No andar de baixo, passamos pela sala de estar onde Luna e Jane conversam baixinho no sofá.

Assim que põe o pé na cozinha, Maximoff enche uma panela de água e a coloca no fogão. Sorrio e coloco os suprimentos na bancada. Ele me entrega o sal e mantém meu olhar preso ao dele.

— Você sabe que solução salina é água fervida com sal — noto. — Onde aprendeu isso? Acampamento dos Escoteiros?

— Senso comum.

Quem diria que senso comum poderia ser tão atrativo? O calor aumenta.

Acabo soltando: — O senso comum cai bem em você. — Passo por ele para pegar um copo no armário, e meus ombros roçam em sua pele nua. Mal há espaço para dois corpos nesta cozinha apertada.

Ele fica tenso, prende a respiração e olha para trás para me ver.

A calça de moletom ainda é sua única peça de roupa, e sua bunda fica perfeita nela. Nunca quis tocar, segurar e foder alguém tanto quanto quero tocá-lo, segurá-lo e *fodê-lo*. E, mesmo tendo acabado de massageá-lo, não me parece suficiente.

Nem um pouco suficiente.

De qualquer modo, ele disse *não*, e quando um cara diz *não*, eu paro imediatamente.

Maximoff verte a água fervida em um copo. Eu misturo o sal e meço uma pequena quantidade de enxaguante bucal em outro copo. Nossos bíceps e antebraços continuam se batendo e encostando.

Sua respiração fica audivelmente entrecortada, rouca, e ele pigarreja.

Meus músculos queimam. Se ele fizer isso de novo, posso ficar duro.

— O que estava te perturbando? — pergunto, referindo-me ao seu *Caralho* de antes.

Maximoff olha para a passagem abobadada e, depois, para mim.

— Minha irmã mais nova furou a própria *língua*. Então, fico pensando no que as outras pessoas pensam sobre piercings, no que dirão sobre ela, em como isso poderá afetá-la, na mídia, e na seguinte manchete: *Luna Hale faz piercing na língua, ela gosta de boquete*.

Não posso dizer que esteja surpreso.

— Você oficialmente se preocupa demais com o que as outras pessoas pensam.

— Eu preciso — ele refuta. — As pessoas julgam minha família todo santo dia. Então, se há alguma forma de salvar meus irmãos e primos do assédio, correrei atrás disso.

Usando a seringa, puxo a solução salina. Os pais de Maximoff pagam pessoas que preveem essas manchetes e amenizam as polêmicas, justamente para que não tenham que se preocupar com isso. É para isso que servem os publicitários, mas Moffy tenta ser tudo para todo mundo.

A qualidade que mais gosto nele também pode ser sua pior característica. Ele se importa demais com os outros.

— O mais provável — digo — é que sua irmã não se preocupe tanto assim com o julgamento dos outros.

Maximoff balança a cabeça, cético.

— Já olhou para mim? — pergunto, apontando para meus piercings no rosto. Minha orelha esquerda também tem piercings, mas tirei os brincos no mês passado para variar o visual. E há um piercing transpassando meu mamilo direito. — Nós, que colocamos piercing e tatuagens, geralmente, não nos importamos nem um pouco com o que as pessoas pensam ou falam sobre piercings e tatuagens.

Maximoff apoia o cotovelo na bancada e me encara.

— Geralmente, a maioria das pessoas não é famosa ou possui *haters* com *Photoshop* que transformam sua cabeça em dois coelhos transando.

Isso aconteceu com a mãe dele, não Luna.

Lentamente, ponho as luvas brancas de látex.

— Você deveria se lembrar de que sua irmã está acostumada com o ridículo.

Ele processa aquilo por um segundo. Luna não é indefesa contra as manchetes cruéis. Ela tem uma coragem que seu irmão não leva em consideração.

— E, na real — estico a última luva até o pulso —, ela pode ter pensado em sexo oral ao ter escolhido um piercing na língua.

Ele faz uma careta.

— Não.

— Irmãs mais novas também fazem boquetes — digo, e rio quando a carranca dele aparece.

— Você deve saber já que tem tantas irmãs mais novas. — Ele sabe que tenho zero irmãs mais novas, zero irmãos, e uma meia-irmã muito mais velha que eu. Relacionamento de irmãos é um território desconhecido para mim, mas gosto do que eles têm, do quanto são importantes uns para os outros.

É cativante.

Maximoff se inclina para perto e abaixa a voz.

— Até onde eu sei, ela nunca foi beijada. — Ele para, pensando. — A equipe de segurança não saberia dizer se ela tem saído com alguém, saberia?

— A Épsilon saberia. — E acrescento: — Se perguntasse, eles me mandariam ir catar coquinho. — Não estou tão interessado no histórico sexual de Luna a ponto de estender um ramo de oliveira à ESE. Na minha lista de prioridades, essa está bem distante do topo.

Enquanto Moffy contempla isso, grito: — Luna!

Sem a máscara do Homem-Aranha, Luna acena e marcha para dentro da pequena cozinha. Então, Maximoff pula no balcão ao lado da torradeira e se senta no alto para que ela tenha espaço para ficar de pé ao meu lado. Seus traços são uma mistura dos traços da mãe e do pai: rosto suave e redondo, olhos âmbar, cabelos longos castanhos-claros.

Luna xinga um pouco enquanto diz: — Se esta for a causa da minha morte, por favor, digam ao mundo que entrei em uma briga com um alien, e ele ganhou.

Maximoff diz com firmeza: — Você não vai morrer, maninha.

Ela respira profundamente aliviada, feliz sobre se manter viva.

Entrego a ela o copo com enxaguante bucal e solução salina.

— Bocheche e cuspa.

Luna bochecha e estremece. Ela tenta dizer *caramba* com uma boca cheia

de água com sal, e saliva escorre pelo seu queixo. Eu a guio para a pia.

— Cuspa.

Ela cospe, e sangue com água salgada choca contra o metal da cuba da pia.

— Isso arde muito — ela respira fundo e se agarra na borda da pia.

— Acontecerá novamente — aviso. — Coloque a língua para fora.

Luna estremece novamente.

— Agora? — Ela limpa a testa com o braço. Suas bochechas estão muito vermelhas, preciso medir sua temperatura.

Maximoff observa.

— Está planejando ir a algum lugar, Luna? Que outros planos tem para hoje?

— Jane prometeu uma noite de filmes. Podemos ver o filme e voltar para isto depois. — Ela balança os ombros de forma estranha. — O que acha? — Ela faz sinal de joia com os dois polegares.

— Língua para fora — digo.

Luna faz uma careta.

— O corajoso aqui é você, Moffy.

Eu reviro os olhos.

— Eu era corajoso antes dele, então, ele me copiou.

Maximoff intervém: — Isso me soa a *fanfiction*.

— Cara, eu nasci antes de o namoro dos seus pais se tornar oficial. — Olho para ele. — Cinco anos mais velho, dez anos mais inteligente.

Ele me mostra o dedo do meio.

Sorrio e foco em sua irmã.

— Luna.

Ela põe a língua para fora relutantemente. Jorros vermelhos correm da bola prateada até a ponta de sua língua um pouco inchada. Pelo menos, ela tinha comprado um piercing de verdade.

Deixo a joia no lugar para evitar que uma infecção se feche dentro da ferida.

Luna se inclina levemente para a pia, e uso a seringa para lavar ao redor do piercing, em lugares que não alcançaria de outra forma. Quando acabo, ela cospe na pia novamente.

— Acabou? — ela pergunta.

— Ainda não. — Molho uma bola de algodão com solução salina. — Segure isto em sua língua.

Ela parece pálida, e sua testa brilha com uma camada de suor. Enquanto uso o termômetro de orelha, começo a dar as recomendações.

— Nada de beijos ou sexo oral até a infecção sarar.

Ela assente, mas o irmão a interrompe: — Você já beijou? — Ninguém nunca me disse que Maximoff Hale era tão sutil quanto eu.

Luna diz: — A-ham.

— Quê? — Sua mandíbula fica escancarada. — Quem?

Ela tira a bola de algodão da boca.

— Um cara da escola. Você não conhece. Ele comprou um sanduíche para mim depois. — Ela começa a rir das sobrancelhas franzidas de Maximoff e de sua extrema confusão.

— Você está brincando comigo. — Ele para. — Não está?

Não sei dizer o que é real e o que é ficção com Luna Hale, não melhor do que ele.

Luna apenas ri de novo e faz uma careta. Ela toca a boca.

— Luna. — Sua voz fica mais grossa e mais séria quando está estressado. — Por que escolheu a língua? Poderia ter furado a orelha...

— Eu já furei as orelhas. — Ela passa o braço pela testa suada. — Gosto de como os piercings de língua ficam, e pensei que seria fácil se fizesse isso sozinha. — Ela olha para nós. — Além disso, escutei que não ajudam tanto assim no prazer.

— Não ajudam mesmo — Maximoff confirma, admitindo já ter sido chupado por alguém com piercing na língua antes.

Olho para ele.

— É preciso ter habilidade usando o piercing para que você sinta alguma coisa.

Ele lambe os lábios.

— Experiência própria ou está falando por falar?

— Meu último namorado tinha um piercing na língua.

O termômetro apita, preenchendo o silêncio mortal. Tiro o termômetro da orelha de Luna e confiro a temperatura: 38,3°C. Maldição.

— Você tem um ex? — A voz de Maximoff fica tensa.

Levanto uma sobrancelha para ele e pego meu celular no bolso.

— Quatro. Já faz tempo. — Rolo pela lista de contatos.

Luna descansa o cotovelo na pia.

— Moffy nunca namorou ninguém. — O mundo sabe que Maximoff nunca namorou publicamente, mas eu me perguntava se ele não tinha dado um jeito de namorar no privado no passado.

— Você nunca namorou ninguém? — pergunto, deixando de mexer no celular.

— Não.

Não posso fazer nada além de sorrir.

— Sua inocência é evidente. — Volto para o celular.

— Tenho certeza de que já transei mais do que você.

Luna não parece nada surpresa com a declaração. Como ele confia na família, tenho certeza de que é menos reservado quando está com eles.

— Primeiro, isso é algo que nenhum de nós pode confirmar, escoteiro. — Encontro o contato no meu celular. — Segundo, você não ganha nenhum prêmio por sair transando adoidado, assim como eu também não ganho por ter estado em relacionamentos sérios. Terceiro, você ainda é muito *puro*.

Ele solta um grunhido.

Quase sorrio novamente, mas preciso fazer uma ligação que não quero. Antes de Maximoff perguntar, explico o que vou fazer.

— Luna precisa de antibióticos. Posso dar remédios que não precisam de prescrição médica para abaixar a febre, mas ela precisará de uma receita para se livrar da infecção.

Ele encara meu celular e a tela diz *PAI*. Seu olhar encontra o meu.

— Você é médico. Não pode prescrever os remédios?

— Nunca cursei o ano de residência, então, não sou licenciado como médico. — O “Dr.” pode até anteceder meu nome, mas é praticamente inútil sem a residência finalizada e a prova de especialização.

— Não me diga.

Reviro os olhos.

— Sei fazer tudo o que um médico faz, só não posso prescrever sem ser processado.

Luna murmura: — Vou me deitar.

Maximoff se concentra na irmã.

— Fique perto de Jane, no caso de precisar de alguma coisa.

Luna assente e coloca o algodão ensopado na língua novamente. Assim que ela sai, Maximoff pula para o chão e pega o celular das minhas mãos.

— Será mais rápido se eu fizer a ligação para o seu pai — ele diz.

Isso me faz lembrar de que todo mundo – toda a equipe de segurança e toda a família – sabe que estou em péssimos termos com meu pai. Ele aceitou cada uma das tatuagens, cada piercing, cada forma de expressão sexual pessoal, mas, no dia em que larguei a Medicina, olhou bem para mim, na frente de todas essas famílias famosas, na frente da imensa equipe de segurança, em um dia quente de feriado pelo Dia do Trabalho, e disse em alto e bom som: — Você é uma decepção.

Se ligo para ele agora para perguntar algo sobre medicina, há uma chance de que desligue na minha cara.

Concordo com Maximoff, e deixo que fale com meu pai. Permaneço ali durante a conversa, que talvez não tenha levado mais do que três minutos, e a receita é enviada. Ele me entrega o celular.

— Você passará a noite em casa? — pergunto.

— Sim.

— Ok. — Minha saída da casa depende da informação que Price me pediu sobre o evento Camp-Away. Sinto que meu tempo está acabando, e tenho que pegar um trem para um destino indesejável. Eu preferiria ficar aqui, mas o dever me chama. — Preciso saber quais são seus planos para o evento de caridade Camp-Away, em dezembro.

Maximoff cruza os braços sobre o peito nu.

— Pode dizer à equipe de segurança que os planos são os mesmos, exceto pelo procedimento de entrada.

Troco o peso de uma perna para outra.

— O que isso quer dizer?

— Não haverá ingressos extremamente caros para comprar em outubro. Em vez disso, haverá um sorteio.

— Um sorteio — repito.

— Minha equipe estimou um lucro de cinquenta milhões com o Camp-Away com qualquer dos procedimentos de entrada. Reconheço o grande risco que um sorteio traz para a segurança, mas quero dar a oportunidade de participar do evento a pessoas que não podem pagar por isso. — Ele explica: — Assim, por cada dólar doado, a pessoa tem seu nome colocado no sorteio.

Vamos sortear os participantes uma semana antes do evento em dezembro.

Congelo no lugar.

— Basicamente, você abrirá o acampamento de três dias a qualquer pessoa que tenha um dólar. — *O grande público*. Levanto uma mão, e sinto minha pulsação batendo na garganta. — Quantos participantes serão escolhidos no sorteio?

— Todos eles. Trezentos.

Trezentos. A equipe de segurança terá que pesquisar o passado de *trezentas* pessoas em sete dias. E se qualquer pessoa com más intenções passar pelo filtro, Maximoff será colocado em perigo iminente.

 Farrow Keene

O SUOR PINGA por minhas têmporas, dou um soco em um saco de pancadas vermelho e termino minha sequência de socos de direita e chutes de esquerda. 4h23 da manhã.

Nem mesmo cinco horas após eu ter falado com a segurança sobre o sorteio, Akara convocou uma reunião mandatória e “emergencial” da Ômega na academia Studio 9.

Reconheci o perigo do sorteio, mas nem consigo convencer Maximoff a me deixar dirigir seu *Audi*, de modo que duvido piamente que *qualquer um* possa convencê-lo a alterar o evento de caridade ao qual dedicou meses e meses de trabalho e empenho.

Avisei Maximoff que a equipe de segurança recém-admitida reagiria de forma exagerada à sua mudança no Camp-Away. Ele apenas disse: — Conversarei com a Tri-Force e cumprirei tudo que for necessário, mas o sorteio se mantém de pé.

Nunca tanta gente se voluntariou para falar com os guarda-costas chefes de uma só vez. Price Kepler, da Alfa; Akara Kitsuwon, da Ômega, e a ruína da minha carreira, Thatcher Moretti, da Épsilon, todos estão no topo da hierarquia da segurança.

A Tri-Force.

Meu olhar se direciona para a porta fechada, a placa prateada diz: *escritório*.

Maximoff está lá dentro com a Tri-Force há quinze minutos. Os três líderes acham que podem “melhor ilustrar” os riscos para ele, mas Moffy pensa em tudo. Qualquer coisa que possam dizer com certeza já foi considerada por ele.

Em resumo, estão perdendo tempo.

Tiro minhas luvas pretas de boxe, e meu peito sobe e desce pesadamente. Três fileiras de sacos de pancadas vermelhos estão alinhadas do lado direito da academia, onde estou parado. À esquerda, está o ringue de boxe, as prateleiras de pesos e outros equipamentos de ginástica.

Há apenas três guarda-costas na Ômega. Somos todos mais novos quando comparados a outras Forças, e isso é proposital. Os Hales, Meadows e Cobalts nos contrataram para que durássemos um par de décadas na carreira, não um par de anos. Como somos próximos em idade de nossos clientes, temos maior probabilidade de permanecer por perto no longo prazo.

Enquanto esperamos Akara sair do escritório, nós quatro malhamos com intensidade, mas damos uma pausa após vinte minutos.

Oscar tira as luvas azuis, e seus cheios e encaracolados cabelos castanhos caem sobre a bandana.

— Vocês escutaram que Luna colocou um piercing em algum lugar “indiscreto”?

Estou acostumado às notícias viajando rápido entre a equipe de segurança. Guarda-costas fofocam igual a qualquer família, mas nunca deixamos vaziar para o público. Nem mesmo por acidente. Todo mundo é muito cuidadoso.

Quinn para de fazer seus abdominais.

— Tipo... ela fez no...? — Ele gesticula para o pau.

Reviro os olhos e desato as faixas pretas das mãos.

Donnelly joga a toalha sobre os ombros.

— No clitóris? Não é um palavrão.

Oscar se intromete: — Deixem Quinn em paz, meu irmão mais novo se impressiona fácil e ainda conserva sua inocência e virtude, enquanto o resto de nós já perdeu suas adoradas cabeças.

Quinn joga as luvas de boxe verdes no irmão dez anos mais velho.

— Mano, eu posso dizer *clitóris* sempre que quiser. *Clitóris, clitóris, clitóris, clitóris...*

— Já entendemos — digo, jogando minhas bandagens no tapume.

Quinn coça o maxilar não barbeado, que harmoniza bem com sua pele dourada, e a pequena cicatriz abaixo do olho. Seu nariz é um pouco torto devido a um rápido e péssimo golpe que levou no circuito profissional de boxe. Oscar tem marcas permanentes similares. A segurança brinca que não importa quantos socos Oscar e Quinn levaram como boxeadores profissionais no passado, sempre serão esses malditos bonitões.

— Eu me censurei de propósito — Quinn esclarece. — Ela é uma adolescente, e não queria mencionar o... você sabe... dela.

— Clítoris — Donnelly diz.

— A jujuba — Oscar acrescenta.

— O botão mágico. — Donnelly dá um sorriso insolente.

Quinn balança a cabeça como se todos nós tivéssemos perdido a noção.

Minhas sobrançelas franziram.

— Foi você que assumiu que “indiscreto” significa “piercing no clítoris”.

— Aceno com a cabeça para ele. — E você mesmo não era um adolescente mais ou menos *um* ano atrás?

Oscar e Donnelly riram alto, e Quinn me lançou um fraco olhar mortífero. Ele precisa trabalhar um pouco na “intimidação”, está muito verde: novinho em folha no destacamento da segurança. Com vinte anos, ele é o guarda-costas mais novo da equipe. Se ele falhar, isso recairá sobre os ombros da Ômega, mas principalmente sobre os meus.

Akara me escreve todos os dias.

Veja se Quinn precisa de alguma coisa.

Dê uma olhada em Quinn.

Mantenha Quinn na linha.

Quando deixei a Alfa para me juntar à Ômega, Akara me disse diretamente: — Não banque o espertinho comigo. Preciso de ajuda com o cara novo. — Porque me encontro com Quinn tanto quanto Maximoff se encontra com Jane.

O que é praticamente toda hora.

Inadvertidamente, isso fez de mim o mentor não oficial de Quinn, embora nunca tenha querido ser professor. Gosto de fazer as coisas sozinho.

Oscar deveria fazer esse papel, mas os irmãos Oliveira pediram para serem separados para evitar “brigas de família”. Provavelmente, porque quase

deixaram de se falar quando Oscar treinou Quinn como boxeador.

Ninguém nunca fala sobre a antiga desavença, mas posso dizer que existiu.

Quinn pega uma garrafinha de água ao seu lado.

— Então, o que Luna realmente furou?

— Acho que foi o umbigo — Oscar diz.

Donnelly se segura em seu saco de pancadas. Uma tatuagem colorida cobre toda a pele clara de seu braço. Ele tem cabelo acastanhado, olhos azuis desavergonhados, vinte e seis anos, e veio do sul da Filadélfia.

— Verdade ou mentira, Farrow?

— Por que você saberia? — Quinn me pergunta isso como se estivesse escondendo informação dele. Tecnicamente, eu estava.

— Porque sou mais próximo dos Hales do que todos vocês juntos. — Todos eles são guarda-costas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. No final do dia, todos somos partidários das famílias que protegemos. Os Hales, Cobalts e Meadows amam uns aos outros até a morte, e preferem que nós os amemos da mesma forma.

Mas dependendo, mais dia, menos dia, acabamos nos apegando a uma família específica.

Oscar amarra a bandana novamente.

— Você vai ver, irmãozinho. Logo, estará tirando férias na Europa com Jane e o resto do império Cobalt, enquanto Farrow aqui estará preso em uma convenção comic con com o esquadrão *geek*.

Eu sorrio.

— Você quis dizer que estará *preso* em um jato privado com sete crianças Cobalts, a mãe e o pai delas, e brincadeiras constantes que lhe darão uma enxaqueca permanente a nove mil pés de altura.

Donnelly aponta sua garrafa d'água para mim.

— Cuidado com quem joga aos leões, Farrow, acabará sendo mordido.

Meus lábios abriam num sorriso, minha fidelidade sempre foi clara. Os Hales são conhecidos por serem receptivos aos esquisitões e ovelhas-negras, amarem fandom pra caramba, e serem descontraídos e legais. No meu primeiro dia de trabalho para Lily, ela perguntou: — *De que casa você é?*

Ela quis dizer de qual casa de *Harry Potter*. Quando disse que nunca tinha lido os livros, ela comprou os sete para mim e fez anotações nas suas partes

favoritas.

Os Hales são um bando de bobões. Para mim, isso os torna instantaneamente adoráveis.

Mas também respeito as outras duas famílias. O Império Cobalt é o maior, e eles são conhecidos pelo porte majestoso, proeza intelectual e compromisso feroz uns com os outros. Cada Cobalt é orgulhosa e apaixonadamente único, mas se unirão em um exército de um só quando necessário.

Quinn pergunta: — Para onde os Meadows viajam em família?

— Costa Rica — dizemos todos de uma vez só.

Quinn joga a outra luva no corredor de malas.

— Akara é um sortudo.

Guarda-costas *competem* para proteger as duas meninas Meadows. A família de quatro pessoas é selvagem, aventureira e passa mais da metade do ano ao ar livre. Como Akara protege Sullivan Meadows, a filha mais velha, ele já fez mochilão pela América do Sul, nadou com tubarões em Keys e, no verão passado, participou dos bastidores das Olimpíadas enquanto ela ganhava quatro medalhas de ouro em natação.

Donnelly acena para mim.

— Verdade ou mentira? Acha que me esqueci que não respondeu?

— Mentira — digo a ele facilmente, não tendo nada a esconder. A verdade é melhor do que deixar a segurança fazer suposições absurdas. Então, acrescento: — Ela mesma perfurou a *língua*.

Oscar apoia um cotovelo no saco de pancadas, nem um pouco pego de surpresa. Suas feições dizem, *já vi de tudo; sou inabalável*.

— A Épsilon não deveria denunciar as crianças — diz ele. — Se ela confiasse em seu guarda-costas, ele poderia tê-la levado a uma loja de piercings sem que seus pais soubessem.

— Isso é permitido? — Quinn pergunta, mas ninguém responde à polêmica. É permitido? Na verdade, não, mas os melhores guarda-costas vão ao túmulo por seus clientes.

Eu irei.

Eu me viro para Oscar.

— O aniversário de dezoito anos de Luna é daqui a três meses. Se quisesse, ela poderia ter esperado até novembro para conseguir um profissional para furar a língua.

Oscar inclina a cabeça.

— Então, ela ter se furado sozinha não tem nada a ver com manter isso em segredo? — Ele levanta os braços. — Então, *por qual motivo...*?

— Ela queria fazer isso sozinha. — Percebo a maçaneta da porta do escritório girando levemente.

Donnelly se abaixa até o tatame e se senta contra outro saco de pancadas.

— Eu devia ter mais ou menos a idade dela quando furei minha cartilagem. — Ele balança os dedos. — Quatro alfinetes.

Oscar bebe água.

— Usando você mesmo como exemplo, Donnelly, o argumento automaticamente entra nos *contras*.

Donnelly sopra-lhe um beijo com o dedo médio.

Finalmente, a porta do escritório se abre e quatro homens emergem. Meu olhar instantaneamente se fixa em Maximoff. Ele se mantém estoico, confiante, não encolhendo na presença autoritária da Tri-Force.

Caramba.

Os cantos da minha boca começam a se erguer, mas abaixam com um pensamento irritante: não vou embora com Maximoff. Thatcher e Price disseram que escoltariam Moffy até a casa. Assim, eu poderia participar da reunião da Ômega.

Prefiro ser o único a acompanhá-lo.

Maximoff se despede de Akara. Enquanto Price e Thatcher caminham na frente de Moffy em direção à saída do ginásio, ele estranhamente fica para trás por um segundo.

Seus olhos verdes-floresta vasculham o ginásio.

E, então, pousam sobre mim. *Ele estava procurando por mim.*

Meu sorriso se estende, e minhas sobrancelhas se erguem conscientemente.

Ele lambe os lábios e olha para os meus cabelos úmidos e em minha camiseta preta grudada em meus músculos. Ele grita: — Um treino de cinco minutos e já está cansado?

— Vinte minutos — eu corrijo —, e nunca se esqueça de que duro mais que você.

Maximoff toca seu coração zombeteiramente e atira o dedo do meio para mim ao sair. A porta se fecha atrás dele.

Oscar descansa o peso do corpo em seu saco de pancadas, ainda encarando a saída.

— Fotos não fazem justiça a esse cara.

Esfrego o lábio inferior, e sinto o piercing no meu polegar. Sei que Oscar é bissexual desde que o conheci em Yale. Ele também se dedicava às ciências, mas seu foco era a cinesiologia. Nós compartilhamos alguns dos mesmos cursos e íamos a bares gays juntos nas noites de sexta-feira, porque: 1) Oscar é engraçado, e 2) vê-lo dar em cima de outros caras é divertido pra caramba; ninguém mais consegue dar cantadas tão boas e ruins ao mesmo tempo.

Leio nas entrelinhas.

— Acha Moffy gostoso?

— Todo mundo acha Moffy gostoso. — Oscar se vira para mim. — Seria quase impossível encontrar alguém que falasse menos que isso. Você não o vê? Em uma escala de um a dez, ele está...

— Fora do seu alcance — digo com naturalidade, tentando não soar territorialista. Meus músculos se contraem, quase flexionados, mas Oscar não percebe.

— Está mais para *fora, bem fora, dos limites*.

Talvez.

Akara se aproxima de nós quatro, com seu mais de um metro e oitenta.

— Olá, pessoal, sentem-se.

Oscar e eu escorregamos para o tapume, onde Donnelly e Quinn já estão sentados. Assim que tocamos o chão, Oscar enfia a mão em um saco de *Doritos*.

Caramba, com Oliveira, nem se todos os lanches da máquina automática estivessem em sua bolsa de ginástica, seria o suficiente. O cara está sempre com fome.

— Antes de mais nada, se pretendem recomendar amigos de academia como seguranças, *pergunte* de onde eles são. Não é tão difícil. Tipo, *ei, Donnelly*.

— Fala, chefe.

— Onde você nasceu e cresceu?

— Sul da Filadélfia. — Ele dá um tapinha no peito. *Sul* soa como *soul* fora de sua boca.

Akara gesticula para os irmãos Oliveira.

— Oscar e Quinn, onde vocês nasceram e cresceram?

— Nordeste da Filadélfia — dizem com profundo orgulho.

Akara acena para mim.

— Noroeste da Filadélfia, a duas ruas de você. — Crescemos em um bairro rico e frequentamos a mesma escola. Nós nos conhecíamos, mas nos tornamos amigos quando Akara abriu esta academia e fui um dos primeiros a entrar pela porta.

— Viram só, fácil — diz Akara bem na frente de Oscar, chamando sua atenção. A Tri-Force só contrata novos guarda-costas que nasceram na Filadélfia. Eles querem pessoas na equipe que possam navegar pela cidade de olhos vendados.

Oscar levanta a mão.

— Achei que Reynolds fosse daqui. Ele tinha aquele sotaque irritante do sul da Filadélfia, parecia Donnelly tentando pedir café da manhã no Lucky's Diner. Ele ficava dizendo *beggles* e *wooder*.

Todos rimos.

Quase todo mundo tem um dialeto de suave a inexistente, mas os caras do sul da Filadélfia carregam um sotaque muito mais forte.

— De novo — Akara sorri —, *pergunte* de onde eles são. Economiza o meu tempo. — Ele finalmente se senta no tapume e fecha o círculo. Ele olha ao redor para cada um de nós, e seus lábios se fecham em uma linha séria. — Vocês vão odiar o que tenho a dizer sobre o evento de caridade, mas têm um total de cinco minutos para reclamar. Depois, acabou. Não quero ouvir ninguém reclamando pelos próximos três meses. Não sejam esse cara.

Quinn assente repetidas vezes. *Akara deveria ser seu mentor*.

Penduro o braço no meu joelho casualmente.

— Pena que Oscar já é esse cara.

— Fale comigo quando for designado a Charlie Cobalt. Você também reclamaria se seu cliente escolhesse experimentar alucinógenos em um show de metal e, nem um dia depois, pegasse um voo de dezoito horas para ser voluntário da Cruz Vermelha em outro *continente*. Nunca o vi cansado ou mesmo bocejando.

— Estou certo de que ele está cansado de você, Oliveira — digo.

Todos riem novamente.

Quinn acena para o irmão mais velho.

— Você não deveria reclamar do seu cliente para Jo. Ontem, ela passou o dia dizendo *eu posso proteger Charlie melhor do que Oscar*.

Oscar suspira em aborrecimento. A irmã mais nova deles, Joana, não faz parte da segurança, e só a encontrei uma ou duas vezes na academia. Ela começou no boxe profissionalmente este ano, e os irmãos Oliveira não querem que ela pare.

Por mais que Oscar reclame, não há ninguém que possa fazer seu trabalho.

Muitos tentaram. Ele é taticamente estratégico e perfeito para Charlie Cobalt. É por isso que está em sua equipe há três anos e por quantos mais vierem.

Akara estala os dedos.

— Vocês estão prontos para as novidades?

Donnelly assente.

— Manda.

Akara começa: — Moffy foi muito claro sobre não permitir que nenhum de seus irmãos ou primos com menos de dezoito anos participe do evento.

— A Épsilon está fora — diz Oscar, já que a ESE protege as crianças.

Akara balança a cabeça e empurra o cabelo preto para trás.

— A maioria deles estará no evento como segurança extra.

Estico as pernas e pés descalços, e meus músculos se contraem. Nunca precisamos de segurança extra para o acampamento, e esse fato levanta um silêncio mortal no ar.

— Pedimos a Moffy um prazo maior do que sete dias para checar os antecedentes dos participantes, o que significa que o sorteio se encerrará mais de uma semana antes do evento — Akara menciona o maior ponto de discórdia para a segurança. — Moffy concordou em nos dar mais tempo, mas imprimiu doze páginas de estatísticas calculadas por Jane.

Balanço a cabeça, e meu sorriso se forma. *Escoteiro*. Sei o que ele fez antes mesmo de Akara explicar o resto.

— Ele previu a perda na arrecadação que cada semana a menos de sorteio implicaria. Se levássemos quatorze dias para checar os antecedentes dos participantes, o evento perderia cerca de dez milhões. — Essa não é uma soma pequena de dinheiro.

— A vida deles não têm preço — diz Donnelly. — Você disse isso a ele?

— Sim — Akara diz a todos nós —, mas você conhece Moffy.

— Ele é teimoso — diz Oscar.

— Altruísta — acrescento. — A H.M.C. Philanthropies ajuda as pessoas.

As sobranças de Quinn se unem.

— As famílias não poderiam apenas somar as próprias riquezas para pagar a fundação? Levantar mais dinheiro é arrecadar um trocado em comparação a isso. Ele poderia até cancelar o evento e ficaria tudo bem...

— Não — o resto de nós dizemos em uníssono.

Akara se inclina para Quinn.

— Todo o dinheiro do H.M.C. é alocado em quatro áreas: educação, meio ambiente, questões LGBTQ e saúde mental. Dentro dessas categorias, Moffy construiu programas e iniciativas específicas, e nem todos recebem a mesma quantia. Alguns programas dependem completamente desses eventos.

— Assim como o Camp-Away — eu me intrometo. — Todos os ganhos vão para *Um Dia a Mais*.

Todo mundo conhece o programa que Maximoff criou. Um Dia a Mais oferece ajuda a pessoas de baixa renda que precisam de reabilitação para tratar vícios.

Oscar balança sua água.

— Queremos mesmo negar dez milhões às pessoas necessitadas? Só para ter uma semana extra para eliminar os desordeiros, os lançadores de bombas de purpurina e farinha, possíveis assassinos e estupradores?

Donnelly quer a semana extra para garantir a segurança de todos, mas estou pronto para enfrentar “assassinos” e “estupradores” todos os dias, todas as horas.

— A Tri-Force já tomou uma decisão — diz Akara —, e concordamos com os termos de Moffy. Sete dias para a verificação de antecedentes.

Donnelly solta um grunhido.

Oscar xinga.

Quinn cai em profunda contemplação.

Eu sorrio.

Akara se inclina para trás em suas mãos.

— Não é o fim do mundo. Quaisquer ameaças que entrarem no evento serão detectadas e isoladas lá dentro. Os Hales, Cobalts e Meadows confiam em nós por uma razão. Cometemos poucos erros e nunca falhamos.

Antes de conversarem com Maximoff, a Tri-Force era *inflexível* sobre mudar o sorteio. Agora, estão alegremente contentes com o plano dele.

O cara tem jeito com as pessoas. Estou muito impressionado, e meu pau pulsa.

 Farrow Keene

DECLAN DEIXOU UMA pequena nota ao seu substituto, que acabou por ser *eu*. Não tinha pensado muito sobre as palavras dele, sobre seu *aviso*, até o final de setembro. Até hoje.

Até que Maximoff convidou seus três irmãos e cinco de seus primos para o minigolfe. Até que todos, exceto Jane, cancelaram quando viram as redes sociais: paparazzi e multidões se aglomeraram, saltando no gramado, como se avistassem estrelas do rock ou dignitários ingleses.

E, então, Maximoff disse com firmeza e concisão: — Precisamos sair daqui.

Só estávamos lá há meia hora, e ele tinha passado as *três* horas anteriores coordenando o passeio de minigolfe para sua família.

Ser forçado a abandonar planos rapidamente irritaria a maioria das pessoas.

Maximoff apenas deu meia-volta e criou um novo plano em segundos. Ele autografou bolas de golfe e tacos para que a instalação de minigolfe pudesse vendê-las, e então, passou a próxima hora tirando selfies com os fãs e Jane. Passei o tempo todo afastando garotas e garotos emocionados e soluçantes de sua cintura.

Quando finalmente entramos em seu *Audi*, esperava que Maximoff suspirasse de exaustão. Talvez, expressasse frustração. Sua mãe estaria cansada, um pouco chateada.

Em vez disso, ele parecia estar preparado para qualquer coisa e disse: — Vamos a um pub. Jane nos encontrará lá.

Declan deveria ter escrito: *Maximoff Hale passará por todos os círculos do inferno e sairá ileso.*

Na verdade, ele escreveu: *tudo na vida de Moffy é de curta duração.*

Às 21h12, nós nos livramos dos paparazzi e descobrimos um pub irlandês no sul da Filadélfia. Depois de verificar se era um local seguro, pedimos nossa comida e bebida no bar. Eles disseram que serviriam os pedidos em breve.

Pegamos uma mesa baixa de madeira bem no fundo. A fumaça do cigarro nubla a área apertada e mal iluminada, e um jogo de futebol passa na única TV, o que cativa a atenção de vários velhos barbudos próximos ao balcão, junto ao bartender.

Eu me inclino para trás, apoiando-me em duas pernas da cadeira, casualmente examinando nosso entorno, mas me pego olhando para ele.

Maximoff lê uma mensagem.

— Jane e Quinn ainda estão a quinze minutos de distância.

Abro a boca para responder, mas uma voz se infiltra no meu ouvido direito.

— *Ômega para Farrow.* — Recaio sobre todas as quatro pernas da cadeira e pressiono o microfone.

— Farrow. — Meus olhos se erguem para Maximoff, que observa atentamente, como se nunca tivesse ouvido seu antigo guarda-costas falar com a segurança antes.

Talvez não tenha.

Não vou sair da mesa para falar com Akara. Não me importo se Moffy ouve uma conversa *sobre* ele.

Na verdade, tiro o fone de ouvido, penduro o fio no ombro e giro o botão de volume do rádio, aumentando o som.

Suas sobrancelhas franzem, confusas.

Meu sorriso se estende. *Apenas espere, lobinho.*

A voz de Akara estala no alto-falante do fone de ouvido, audível para mim e Maximoff.

— *Preciso saber se Moffy planeja ir a uma farmácia ou supermercado na próxima semana. Teremos que enviar seguranças extras para ele.* — Com o Camp-Away se aproximando e sua popularidade anual, ele está no noticiário

do entretenimento quase todas as noites.

— E aí? — pergunto a Maximoff. Ele sabe que Akara não pode me ouvir a menos que eu toque no microfone.

Ele se inclina para frente, com os antebraços sobre a mesa.

— Diga que *não*.

Clico no microfone.

— Não, não por agora.

Akara diz: — *Obrigado*. — A linha fica muda depois disso.

Respirando fundo, Moffy se endireita, e nenhum de nós solta nossa forte troca de olhares.

— Gostou disso? — pergunto, abrindo um meio-sorriso.

— Tanto que dói — diz ele secamente, mas um sorriso verdadeiro surge em sua boca. — Você estaria disposto a fazer isso por mim o tempo todo?

— Quer que eu faça?

Amo dar a ele coisas que ninguém mais pode. Para um cara que tem o mundo na ponta dos dedos, qualquer um imaginaria que não há mais nada a oferecer a Maximoff.

Mas lhe foram negados alguns prazeres simples e alguns direitos humanos, como o direito de dirigir com segurança por uma maldita estrada.

Maximoff estala os dedos.

— Na verdade, não. A equipe de segurança vai te matar.

— Agora você se importa se eu morrer? O que aconteceu com me empurrar para fora do carro e dar ré sobre o meu corpo?

— Dá um tempo — diz Maximoff. — Em cinco minutos, voltaremos à sua morte.

Reviro os olhos com um sorriso mais largo, e meus dedos tatuados giram um saleiro como se fosse uma moeda. Pego Maximoff olhando para meus dedos por dois longos segundos. *Ele está apaixonado pelos meus dedos*. Tento sustentar seu olhar.

Ele, propositadamente, olha para trás de mim.

Procuo o foco de sua atenção no bar, e passo a língua sobre os molares, enquanto meu sorriso endurece lentamente. Um cara da minha idade está sentado em um banquinho de couro esfarrapado, vestindo um gorro preto e uma camiseta estampada.

O músculo da minha mandíbula se contrai. Olho de um para o outro, e o

cara lança a Maximoff um olhar sugestivo de *quero-sua-bunda*.

Maximoff sorri de volta.

Não consigo saber se está apenas sendo legal ou se há interesse real. Meu olhar se estreita e vai dele para o cara, meus músculos queimam à medida que eles se examinam.

Eu não deveria me importar.

Apoio o cotovelo na mesa e coloco a mão sobre a boca. Giro um saleiro com os dedos livres enquanto um milhão de argumentos me atingem.

Ele não é bom o suficiente para você.

Você poderia ter alguém melhor.

Você realmente gosta daquele idiota?

Você está aqui comigo.

Não flerte com ele.

Não durma com ele.

O saleiro cai de lado.

Moffy olha para mim enquanto cato o sal.

Ciúmes. Estou com ciúmes de um idiota sem nome usando gorro em uma banqueta. Meus ex-namorados ririam de mim por me importar tanto com uma celebridade de vinte e dois anos.

Desembrulho um chiclete e assim que retiro o papel prateado, Maximoff pergunta:

— Qual é a sua cor favorita?

Os cantos da minha boca se curvam para cima.

— Minha cor favorita? — repito, como se ele tivesse me feito uma pergunta de jardim de infância, o que ele fez, mas meu pensamento é: *ele não está mais interessado naquele outro cara*.

Ele está mais interessado em mim.

Maximoff cruza os braços.

— Que tipo de escola nomeia como *orador oficial* da turma alguém que nem consegue responder qual é sua cor favorita?

Eu me inclino para frente e sussurro baixinho: — Diz aquele que nem sabe o que é ser orador da turma.

— Apenas admita — ele diz —, você não tem uma cor favorita. É triste.

— É prata — retruco.

Ele balança a cabeça algumas vezes, formando o próprio sorriso, e assim

que começa a falar, a garçonne traz dois Fizz Lifes, um prato carregado de petiscos de cascas de batata e uma cesta de batatas fritas.

Ele olha para longe por um longo segundo, perdido em sua cabeça.

Amasso a embalagem de papel do canudo e jogo a bolinha em seu rosto. Ela o atinge no meio da testa, e ele acorda para me encarar.

Ele pergunta: — Você sabe a minha? — *Sua cor favorita*.

— Laranja.

— Você realmente me pesquisou no *Google* — ele diz como se me flagrasse masturbando.

Eu quase ri.

— Cara, você tem uma *mãe* que compra talheres e pratos de plástico laranja para qualquer evento relacionado a Maximoff Hale. — Conto nos dedos, começando pelo polegar. — Isso inclui sua festa de dezesesseis anos, sua formatura da escola preparatória...

— Certo. — Ele se encolhe. — Você me conheceu quando eu tinha dezesesseis anos. Entendi. O mundo entendeu...

— O mundo não se importa com a minha presença no seu aniversário de dezesesseis anos.

Ele me ignora com uma mão e pega uma casca de batata com a outra.

Ele gesticula para mim com a casca da batata.

— Coma. Pare de me encarar.

— Não até você admitir que te conheço melhor do que o *Google*.

Maximoff para de comer, apenas para me questionar: — Por que não namoro ninguém, Farrow? — Esse não é um fato disponível na web, e também é algo que ele manteve escondido de mim.

— Você não gosta de relacionamentos — chuto.

— Não que eu não queira ter um. Eu simplesmente não posso.

Balanço a cabeça.

— Não entendo.

— Nunca estarei em um relacionamento — ele me diz sem rodeios. — *Nunca* experimentarei qualquer tipo de romance que passe de uma noite só, porque namorar alguém em público significaria permitir que a mídia persiga essa pessoa até o ponto da intrusão e vulnerabilidade. Nunca submeterei alguém a uma perda extrema de privacidade, algo que nunca mais poderão recuperar. Aceitei que esta é minha vida e estou satisfeito com isso.

Minhas sobranceiras se erguem.

— Você *não* está satisfeito, está apenas resignado.

Antes que ele proteste, pergunto: — Já se perguntou como é segurar a mão de alguém de forma romântica? Como é ver alguém na sua cama duas noites seguidas? Preparar o café da manhã no dia seguinte, dividir roupas, acordar essa pessoa antes do trabalho? Nunca imaginou isso?

Maximoff balança a cabeça uma vez.

— Eu não posso.

— *Isso* é triste. — Porque ele quer desejar essas coisas, mas nem se permite isso.

Ninguém mais entre os Hales, Cobalts ou Meadows sacrificaria a possibilidade de um relacionamento apenas para proteger essa pessoa da mídia.

Só ele.

— Que tal namorar em segredo? — pergunto.

— Não. Mesmo que encontrasse alguém em quem confiar por mais de uma noite, essa pessoa estaria em todos os noticiários toda vez que fosse vista comigo. Especialmente, se a apresento aos meus irmãos.

Eu sou a exceção a essa regra. Nossos olhos se encontram, e esse fato é percebido entre nós. Ele limpa a garganta e pega seu Fizz Life, o refrigerante *diet* mais popular do mundo.

— Permita-me. — Eu aponto para o copo. Ele tem uma regra sobre pedir bebidas. Regra n. 45: *prove todas as minhas bebidas primeiro. Não confio em bartenders.*

Ele desliza a Fizz Life dele para mim e toma um momento para comer outra casca de batata.

Tomo da sua bebida. *Zero álcool.*

— Pode tomar. — Deslizo a Fizz Life de volta.

Maximoff Hale não bebe álcool. Ele nunca bebeu. É do conhecimento público que o alcoolismo está presente em sua família, e ele escolheu ficar sóbrio. Os bartenders, às vezes, propositalmente, batizam sua bebida. Inferno, algumas pessoas *pagam* o bartender para fazer isso.

Só para ver uma celebridade quebrar a sobriedade.

Maximoff banha a comida com Fizz Life. Então, acena para mim.

— Qual é a sua memória de infância favorita?

Eu sorrio e como uma batata frita.

— Isso é o Jogo das 20 perguntas?

— Você pode me pesquisar no *Google*, eu não posso pesquisar você. — Ele quer estar em pé de igualdade.

Ok. Tomo minha própria bebida.

— Minha memória de infância favorita é a única lembrança que tenho da minha mãe. — Ele sabe que ela morreu de câncer de mama quando eu tinha quatro anos.

Maximoff sustenta meu olhar firmemente.

— Não consigo distinguir suas feições, mas posso ouvir sua voz sedosa dizendo meu nome. Isso é tudo, apenas o meu nome. — *Farrow.*

Ela escolheu o meu nome. Poderia ter escolhido Edward Nathaniel Keene, como meu pai, meu avô, meu bisavô, e todos os homens em um longo legado antes de mim, mas quis algo diferente. Aparentemente, ela adorou a antiga versão cinematográfica de *O Grande Gatsby*, e me deu o nome dos dois atores principais.

Mia Farrow.

Roberto Redford.

E eu sou um Keene.

Reconheço o quão especial e único o nome de Maximoff também é. Seus pais também escolheram seu nome com base no que amam. É por isso que nenhum de nós nunca brinca com o nome um do outro. É por isso que estou tentando honrar como diabos ele quer que eu o chame.

Ele assente com a cabeça algumas vezes, agradecido por eu ter contado essa história.

Mergulho uma batata frita na mostarda.

— Mais alguma coisa?

— Se perguntasse sobre sua faculdade de Medicina, você me diria...?

— Você tem que ser mais específico. — Coloco uma batata frita na boca.

— Para alguém que completou os quatro anos de graduação, deve gostar pelo menos um pouco de medicina, não acha?

— Há pessoas que sofrem durante a faculdade de Medicina, mas não fui uma delas. — Deslizo a mostarda para o lado e pego a garrafa de vidro de ketchup. — Eu gostava de medicina, mas não como minha família.

— O que isso quer dizer? — Ele usa um canudo para empurrar o gelo em

seu refrigerante.

Abro a garrafa.

— Para eles, não se trata apenas de medicina. Meu pai, meu avô, meu bisavô, meu *tataravô*, todos eles compartilham o mesmo nome e profissão. — Despejo ketchup na cesta de batatas fritas. — Conseguir o título de “Doutor” tem a ver com o status e o orgulho de manter esse legado, e eu realmente não poderia me importar menos em honrar uma tradição geracional.

— Por que não ser um médico só por você mesmo e tocar o *foda-se*?

— É por isso que terminei a faculdade de Medicina. — Limpo minhas mãos em um guardanapo. — Eu realmente queria ajudar as pessoas, mas todos os dias pensava em como era só mais um Keene entrando obedientemente na fila. Eu simplesmente não conseguia respirar. Quando estava de plantão na escola de Medicina, eu me sentia mal, como se estivesse fora do meu corpo. — Passo os dedos pelo meu cabelo. — Como se estivesse experimentando a vida de outra pessoa, uma vida que não era a minha.

Maximoff assente. Ele é um bom ouvinte; sempre parece interessado no que as pessoas têm a dizer. Pelo menos, quando não está olhando para o espaço.

— Há uma possibilidade — digo a ele — de que só gostasse de medicina porque era o que eu conhecia, o que estava condicionado a fazer. Posso dizer honestamente que essa foi a única coisa que já me aterrorizou na vida.

Ele pensa por um segundo antes de perguntar: — Então, como decidi que a equipe de segurança era a coisa certa a ser feita?

— Eu fazia aulas de MMA há anos na Studio 9. Akara sugeriu que tentasse o treinamento de segurança. Eu gostei.

Maximoff fica quieto por um instante ainda mais longo.

— Pode perguntar. Não me ofendo facilmente.

Ele se inclina um pouco para frente.

— Então, você gosta da fama sem ser famoso: os jantares requintados, as viagens de iate...

— Eu? — Dou uma olhada nele. — Eu nasci em uma linhagem aristocrática de *babacas* pretensiosos, não preciso proteger uma celebridade para conseguir uma refeição cinco estrelas.

Ele começa a rir.

— Então, por que você gosta? Pelo que me disse ontem sobre o trabalho

de segurança?

— Esta profissão é notória por induzir três coisas.

Maximoff assente, lembrando-se do que eu disse.

— Sobriedade, celibato e insônia. — Ele gesticula para o meu peito. — Por que aguentar horas estranhas, isolamento, dias inconsistentes e noites sem dormir?

— Pela sua vida — eu digo. — Estou aqui para proteger a sua vida e adoro ser colocado em situações de alto estresse, e ainda sair por cima. Vestir um jaleco branco não é a única maneira de impactar uma vida. Meu pai nunca entendeu isso.

Ele fica sem palavras.

Maximoff continua mastigando, vira a cabeça, e vejo um sorriso se formando.

— Você está sorrindo — eu aponto.

— Cale a boca — diz ele sem rodeios e, em seguida, esfrega o queixo, olhando diretamente para mim. — Somos tão diferentes.

— Eu sei. — Ele tem irmãos e primos suficientes para criar seu próprio time de futebol. Eu tenho uma meia-irmã mais velha que mora do outro lado do país. Eu a vejo talvez uma vez a cada três anos, e olhe lá. E é algo mais profundo.

É como se sua família fosse a força vital que o mantém respirando e acordando de manhã. A minha família estava me sufocando. Tomei uma decisão de carreira ao custo de ferir meu pai.

Maximoff provavelmente se renderia à morte antes de trair a família dele.

Enquanto sou a desonra, ele permanece leal.

Lembro-me de uma breve conversa que tivemos alguns dias atrás. Ele me disse que não fez uma tatuagem do Batman porque isso mataria seu pai. Todo mundo sabe que Loren Hale é um *fanboy* obstinado da *Marvel*, e Maximoff se *preocupa* com machucá-lo.

Por causa de uma tatuagem.

— Eu não sei como você pode se importar tão intensamente com seus pais — digo a ele.

Maximoff estica o braço.

— Eles me deram tudo. Não me sinto em *dívida* com eles, mas sinto que é meu dever pagá-los de alguma forma. De alguma maneira.

Eu me inclino para trás sobre as pernas da minha cadeira novamente.

— Como assumir as empresas da sua família? — Fizzle, Hale Co., Cobalt Inc. são empresas familiares multibilionárias herdadas por seus pais. Então, eles criaram os próprios conglomerados: Calloway Couture, Halway Comics, Superheroes & Scones, Cobalt Diamonds, Camp Calloway, e a lista continua.

Os negócios relacionados a Hale poderiam um dia passar a Maximoff, e essa seria sua vida.

— Se pudesse assumir a Hale Co., faria isso em um piscar de olhos — diz ele —, mas meu pai, por algum motivo, diariamente me diz *não*. — *Ótimo*.

Loren Hale está mantendo Moffy com vinte e dois anos e não envelhecendo o filho até os cinquenta. Como Maximoff assume responsabilidades como se esse fosse seu brinquedo favorito, duvido que entenda.

Maximoff se senta mais ereto, e eu admiro seu comportamento confiante que faz seu corpo parecer que está pronto para qualquer coisa. Para uma corrida, uma luta, uma competição, sexo alucinante – *qualquer coisa*. Não é determinação ou tenacidade fabricada; é algo mais palpável.

Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Apoio as pernas da cadeira no chão e me inclino para frente. Droga.

Fui capturado sem que ninguém armasse uma armadilha.

— Então, vamos recapitular — diz ele. — Digamos que hipoteticamente terminasse seu ano de internato e começasse sua residência, em que gostaria de se especializar? Cirurgia ou...

— Medicina de emergência. — Eu brinco com o saleiro novamente. — Mas não teria escolha.

Suas sobrancelhas se unem.

— Como assim?

Franzo a testa.

— Realmente não sabe? — Por sua completa confusão, vejo que nunca percebeu. Eu me inclino para frente, com os braços sobre a mesa. — Maximoff... Eu seria seu médico particular.



Maximoff Hale

EU ENRIJEÇO, e meu rosto fica trancado de emoção, exceto pelas minhas afiadas maçãs do rosto. Meu primeiro pensamento: *evitar Farrow sempre foi inevitável*. Em todos os universos alternativos, estou preso a ele.

Meu segundo pensamento me faz estremecer.

— O que foi? — Farrow pergunta, com os dedos distraidamente cutucando seus anéis de prata. Ele percebe como estou olhando para suas mãos. Seu sorriso de sabe-tudo me mata, e posso jurar que ele está a um segundo de dizer, *você gosta disso?*

E eu penso: *pra caramba*.

Não estou compartilhando os detalhes íntimos do meu segundo pensamento. O *pai* dele examinou uma erupção no meu pau quando eu tinha onze anos. Era uma irritação causada por cloro. Agora, imagine se aquele Dr. Keene fosse, na verdade, *Farrow*, e estremeça comigo.

Eu gesticulo para ele.

— Eu tive um leve derrame só de pensar em você como meu médico. — Finjo surpresa. — Se você fosse meu médico, realmente poderia me salvar agora. — Minha boca cai. — Que ideia.

— Você não estaria falando se tivesse sofrido um derrame.

Transpareço minha irritação, e ele ri na hora, *adorando* salientar qualquer humor que eu jogue no mundo. Isso não deveria me excitar, mas a maioria das pessoas apenas me aplaca. Farrow faz o contrário.

Quando sua risada desaparece, ele me encara com um sorriso atrevido.

Mordo um cubo de gelo, e meu estômago revira de um jeito estranho.

Quase *animado*.

— O que foi? — pergunto agora.

— Você quer que eu te salve? — Suas sobrancelhas se erguem com seus piercings.

— Prefiro morrer — digo instintivamente.

— Maximoff. — Ele se estica mais perto de mim, sobre a mesa, e sua voz cai para uma oitava profunda e áspera que acaricia meu pau. — Como seu guarda-costas, não posso deixar isso acontecer.

Meu olhar fixa intensamente no dele. Seus olhos castanhos grudam nos meus olhos verdes. Tão fortemente que estou absolutamente certo de que estamos nos forçando a não focar mais embaixo. Não nos nossos lábios, não nos nossos corpos. Não em qualquer lugar proibido que causaria um desastre.

Tento dominar a arte de me conter, mas meus olhos dizem o que minha boca não pode.

Me beije.

Ele pode ler.

Eu sei que pode, e nossos peitos sobem e descem pesadamente em uníssono. *Jesus Cristo.*

Não posso.

Não podemos.

Mas meu pensamento é *droga, me beije.*

Apenas faça.

Farrow move a mão. Ele coloca o fone de ouvido de volta, e se endireita.

— Eles estão entrando, atrás de você.

Viro o pescoço enrijecido e, claro, vejo que Janie entrou com Quinn na frente dela. Eles vêm em direção à mesa. Ela usa uma saia de tule roxo claro e um top listrado que a colocou na lista das celebridades mais malvestidas do *Celebrity Crush* esta manhã. Ela não se importou.

Pisco uma vez, e eles já nos alcançaram. Jane desaba na cadeira ao meu lado, e envolvo meu braço nas costas dela. Tento esquecer o que diabos acabou de acontecer com Farrow. Não tenho outra escolha a não ser seguir em frente.

Janie muito sutilmente olha para mim e Farrow, mas felizmente não diz

nada sobre qualquer tensão remanescente.

— Dis-moi qu'ils ont du café — ela sussurra, juntando as mãos como se estivesse rezando. *Por favor, diga-me que eles têm café.*

— Je ne sais pas. — *Eu não sei.*

Quinn se senta ao lado de Farrow e diz: — Outro lembrete de que realmente preciso ler aquele livro de francês que Akara me deu.

Os olhos de Jane brilham com curiosidade, e ela põe o queixo no punho e o cotovelo sobre a mesa.

— E como vai com isso?

— *Bien.* — *Bem.* Quinn dá de ombros. — Seria mais fácil se vocês dois mudassem para o português.

Gostaria de dizer a Quinn que não sabemos português como ele, mas que estou supercontente por ele estar realmente aprendendo francês. Olho para Farrow.

— Akara também lhe deu um livro de francês?

— Não. Ele sabia que iria direto para a lixeira.

— Estou feliz por ter encontrado seu ponto de apatia — digo a ele.

Farrow ri. Ele joga uma batata frita na cesta e depois olha para mim, especificamente.

Meu pescoço está pegando fogo, e continuo esfregando minha mandíbula.

Quinn examina a mesa em busca de comida. Seu estômago ronca audivelmente. Deslizo a cesta de batatas fritas para longe de Farrow, para Quinn. Farrow faz uma careta para mim, como se eu tivesse passado o celular dele para um estranho.

— Você não sabe dividir? — pergunto.

Farrow puxa as batatas fritas de volta para o espaço entre nós.

— Quinn precisa aprender a pedir sua própria comida.

Quinn não deixa Farrow incomodá-lo.

— Onde está a garçonete? — ele pergunta.

— Sim, por favor, *café, café* — diz Jane. — Açúcar e um bocado de creme injetados na veia.

— Você tem que pedir no bar — digo a ela.

— *Merde.* — Sua cabeça cai no meu ombro. Ela está exausta após o desastre de hoje.

— Eu vou para você. — Quando estou prestes a me levantar, Quinn e

Farrow fazem sinal para que eu fique sentado.

— Posso ir sozinho — Quinn diz a Farrow enquanto me sento novamente.

— Ela é minha cliente.

— Akara gostaria que você ficasse com ela — diz Farrow.

Quinn considera isso por meio segundo e, então, todos nós olhamos para o bartender barbudo de um metro e oitenta que se aproxima. Ele para e se eleva sobre a mesa. Mais perto de Janie do que de mim. Ele passa os dedos na barba nodosa e avalia o corpo dela.

Pairando os olhos em seus peitos.

Estou no limite. Qualquer um que olhe para nós como se fôssemos gado... não me inspira confiança. Por experiência própria, sei que preferem ferir minha família a jogar conversa fora.

Da mesma forma, a atenção de Quinn parece aumentar dez vezes. Ele inclina seu corpo em direção a Jane, sentando-se mais ereto, mais ameaçador, como um boxeador prestes a enfrentar um oponente. Se não soubesse, seria difícil dizer que ele é novo na equipe.

— Olá... — Jane começa, mas o bartender a interrompe.

— Você é Jane Cobalt.

— Sim. — A voz de Janie soa mais dura que o normal. — Vocês têm café...

— Sua mãe é mais gostosa.

Eu surto.

— Que diabos acabou de dizer?

Começo a ver vermelho sangue, e já estou na metade do meu lugar. Nossos guarda-costas estão bem atrás de mim. Onde Farrow mantém um *comportamento tranquilo*, como se este fosse só mais um dia normal, os olhos de Quinn se arregalam e escurecem. Horrorizados.

Irritados.

Ele provavelmente não se acostumou a ouvir os comentários ácidos que as pessoas atiram em Janie.

Gostaria que isso não fosse algo com o que tivesse que me acostumar.

O bartender não hesita.

— Disse que *Rose Calloway* tem uma bunda mais gostosa do que essa cadela rechonchuda.

Dou passos à frente, e sinto o gosto de veneno na parte de trás da minha

garganta. As cadeiras rangem, mas não porque me levantei completamente. Instintivamente, fico na frente de Janie. No meu periférico, noto sua mão segurando sua bolsa de melancia.

Onde jazem *spray* de pimenta e um canivete rosa.

Posso ter interceptado Jane, mas Farrow corta meu caminho, colocando a mão no meu peito. Ele me diz algo que não escuto. Olho através dele, para o bartender que observa a reação de Jane.

— Vá se foder — falo com desprezo, tentando roubar sua atenção de Jane.

O bartender ri de mim e depois diz a ela.

— Você não pode chorar se é verdade.

Jane não está chorando. Ela suspira em um grunhido de raiva e tenta ignorá-lo.

— Peço café e, em vez disso, recebo uma opinião não solicitada sobre minha *aparência*. Desastrosamente desigual e um pesadelo completo, Moffy.

O medo aumenta sua voz, e ela agarra meu pulso quando tento dar um passo em direção ao bartender.

Farrow e Quinn soltam nossas mãos enquanto se movem ao nosso redor. O bartender abre a boca para falar novamente, ouço o início da palavra *puta*, e Quinn rosna: — Foda-se.

Farrow levanta a mão para ele, e eu o ouço sussurrar: — Acalme-se. Apenas se concentre em tirá-la daqui.

O nariz de Quinn se alarga e ele assente. Rapidamente, Quinn começa a levar minha prima com segurança para fora do pub. Ouço Jane protestando e gritando: — Não deixo ninguém para trás!

Farrow descansa uma mão forte no meu ombro, tentando me guiar para a saída.

Com um movimento, saio de seu aperto. Estou fervendo de dentro para fora. Minha pele está latejando. Nossos olhos se encontram por um segundo de tensão. Nós dois somos teimosos. E não estou me *movendo* como ele quer.

Farrow avisa baixinho: — Não pule na minha frente. — Ele gira, protegendo-me do bartender. Ele usa o corpo como uma barreira entre mim e o bastardo.

Guarda-costas são obrigados a acalmar situações agressivas. Controlá-las. Pará-las.

Não abastecer ou mesmo ganhar lutas.

Caso ainda não saibam: eu dificulto isso.

Eu deveria sair agora. Deveria esquecer o olhar bruto do bartender. Sua intenção maliciosa. *Eu deveria*. E Janie não irá embora até eu ir. Mesmo que Quinn a arraste para fora, ela vai enfiar os pés na madeira ou no pavimento e se agarrar a mim.

Eu a quero em algum lugar seguro. Bem longe daqui.

Então, abro a carteira e jogo dinheiro na mesa, incapaz de sair sem pagar, mesmo que esteja pagando um babaca.

— E você é Maximoff Hale — diz o bartender. *Não entre na deles*, meus pais sempre me dizem. *Ignore os desordeiros*, eles dizem. *Estão tentando incitá-lo*, eles me lembram.

Eles querem lutar com você.

Não me diga.

Posso lidar com fãs emocionados e exaltados. Posso lidar com paparazzi competitivos. Posso lidar com as lágrimas e os autógrafos e as selfies. Posso até lidar com esta noite, a parte ruim da fama.

O ódio doentio. Desgastando pouco a pouco a nossa humanidade.

Vocês querem saber o que as demais pessoas do pub estão fazendo? Elas estão *filmando*. Com seus celulares. Como se eu fosse a estrela de um maldito drama. E o título do filme é “Esta é minha vida”.

Bem-vindos. Sentem-se.

Coloco a carteira no bolso do jeans.

— Como se sente — o bartender começa de novo — ao saber que mais de mil paus estiveram dentro da sua mãe? Ela já estava esticada quando teve você. Aposto que você só caiu da vagina dela. — Ele ri bem na minha cara.

Minha visão afunila. Vejo vermelho. Vejo o bartender.

Vejo como minha mãe ficaria devastada se ouvisse alguém dizer essa merda para mim. Ela choraria até dormir, e vocês sabem o que isso faz comigo? Isso me faz querer gritar e tacar os dedos em um rosto. E por *um* rosto, quero dizer *a porcaria do rosto dele*.

Vou para cima.

Farrow me restringe, segurando meu punho na palma da mão e forçando minha mão para o lado. Ele me leva para trás.

— Olhe para mim, Maximoff. — Estou olhando além de Farrow, para o

bartender.

Seus lábios estão contra o meu ouvido.

— Ele não merece sua atenção.

Eu já disse todas essas palavras antes: *saia por cima. Vá embora. Você está alimentando as besteiras deles. A violência não resolve nada. Você é o CEO de uma organização sem fins lucrativos. Pare.*

Pare.

Respire.

Saia.

Deixo cerca de cinco metros me separar do bartender. Dou passos atrás e, enquanto me afasto, ele continua falando asneira o tempo todo.

— E sua irmã? — Ele ri zombeteiramente. — Luna Hale é outra vadia molhada. Aposto que ela dá o dobro que sua mãe. Ela também é um pouco viciada em sexo?

Sinto um gosto ácido na minha língua, mas as palavras queimam o fundo da minha garganta.

Elas morrem dentro de mim.

Farrow não pode provocar o bartender. Se esses insultos o devoram, ele não pode me mostrar. Estou em um barco fulminante de *um* só homem.

Tentando me dirigir para a porta. Quase chego lá.

E então ele diz: — Espero que ela tranque as portas à noite.

Eu fico rígido, imóvel, e me viro para ele.

— O que disse?

Ele ri.

— Espero que ela mantenha as portas trancadas. Você sabe quantos homens invadiriam sua casa apenas para prová-la...

Perco a cabeça. Saio do aperto de Farrow e dou alguns passos largos. Eu o acerto. No *instante* em que meus dedos estalam na ponta de seu nariz, Farrow corta meu caminho e empurra três homens que saltam das banquetas do bar.

O sangue jorra das narinas do homem, e ele grita a palavra *processo*.

— Vá em frente e me processe, idiota. — Eu me viro com raiva nos olhos, deixando a bagunça que comecei atrás. Esqueço que Farrow não é Declan. Meu antigo guarda-costas teria ficado para acalmar o pub. Em vez disso, Farrow corre e chega ao meu lado.

Passo a passo comigo, e eu olho para ele. Seu olhar duro contém uma

compreensão crua que diz *você não está sozinho*. E, enquanto olhamos para frente, sua mão cai no meu pulso, depois na palma da minha mão. Ele segura minha mão por um momento, forte, mas brevemente.

Ninguém nunca segurou minha mão assim.

Ele a solta, e nós dois empurramos as portas do pub, andando lado a lado em direção ao meu *Audi* estacionado na rua da cidade. A Filadélfia está iluminada esta noite.

Paparazzi estão aqui.

Olho para o celular, que diz:

Janie: *Vi você sair. Estou no carro, dirigindo para casa. Estou em segurança. Mande uma mensagem assim que também estiver.*

Escrevo uma mensagem rapidamente: *Estou a caminho de casa.*

Enquanto procuro as chaves no bolso, três paparazzi se aproximam com suas lentes, fazendo a mesma pergunta:

— Por que seus dedos estão sangrando?!

— Entrou em uma briga, Maximoff?!

Farrow empurra uma câmera para o lado.

— Tire isso da cara dele.

— Desculpe — os paparazzi se desculpam, sinceros. Eles dão mais do que alguns passos para trás.

Silencioso, destranco o carro e subo no banco do motorista.

Farrow está no passageiro, as portas estão trancadas, e dirijo para a estrada como se este fosse apenas mais um dia da minha vida.

Sigo em frente.

Não olho para trás.

Ligando o pisca-pisca, mudo para a pista da esquerda, acelerando à frente dos paparazzi que correm atrás do meu carro.

Farrow atravessa meu corpo. Eu enrijeço, meus olhos voando dele para a estrada. Ele agarra a fivela de prata pelo meu ombro e puxa a alça sobre meu peito, clicando o cinto na minha lateral.

— Você não vai morrer hoje — Farrow me lembra. — Deixe-me ver sua mão.

Agarro o volante com as duas mãos. A pele estourou em alguns dos meus dedos.

— Achei que já tínhamos falado sobre isso. Você não é meu maldito médico, não é meu assistente. Não é um guerreiro, um vidente ou meu amigo do bairro que acabou virando o Homem-Aranha. Você é apenas...

Farrow.

Engulo um nó na garganta e, então, arrisco e olho para ele.

Ele entende o que quis dizer.

Então, eu digo: — Quebraria o coração da minha mãe ouvir o que ele disse. Você sabe disso?

— Eu sei. — Farrow esteve perto de minha mãe por três anos. *Ele sabe.* — Mas partiria ainda mais o coração dela ver o filho ser atacado por quatro homens com o dobro da idade dele. — Observo a estrada enquanto ele diz: — Você não quer que ninguém o ajude, *mas* está disposto a colocar a vida em risco por... *caralho.* — Ele tira o fone de ouvido completamente e solta o rádio da cintura.

Curvando-se para a frente, ele mexe nos comunicadores.

Pelo tique do músculo da mandíbula, posso dizer que está rangendo os dentes com força.

— O que há de errado? — pergunto.

— Meu rádio acabou de morrer.

— Bem, você não pode salvar todo mundo — digo, o que o faz sorrir.

E ele inclina a cabeça para mim, e mechas de seu cabelo branco caem sobre seus olhos.

— Ainda o amado sabe-tudo de sempre.

Quase sorrio também, mas nossos dois celulares começam a tocar incessantemente. Família, para mim. Equipe de segurança, para ele. Vai ser uma longa noite contando e recontando a mesma história mil vezes.

Nós dois pegamos nossos celulares.

Estou pronto para isso.



Farrow Keene

POR SETE NOITES consecutivas, Maximoff dedica seu tempo ao trabalho de caridade. Pensei que estivesse se punindo pela briga no bar, mas acredito que esteja se afogando no trabalho para evitar sua velha rotina de ir a boates, onde ele “encontra alguém para transar”. Ele tem adiado isso desde que me tornei seu guarda-costas.

Exceto esta noite.

Esta noite é a primeira noite. Estou em uma boate escura. As luzes piscam e piscam, a música vibra no chão.

Veja bem, sou um guarda-costas muito bom. O melhor dos melhores. Mas estou oscilando entre fazer o meu trabalho e ser um idiota. Maximoff vai me pedir para verificar qualquer estranho com o qual queira passar a noite, e meu primeiro instinto é mentir.

Quero dizer a Maximoff que o estranho é um idiota.

Um mentiroso.

Um psicopata ou assassino.

Tudo o que for preciso para dar fim aos eventos subsequentes.

A noite toda, estive silenciosamente me convencendo a não seguir esse caminho.

Para não ser um idiota ciumento. *Faça o seu maldito trabalho, Farrow.*

Nunca foi tão difícil. Não assim.

— Farrow, você pode se sentar ao meu lado — diz Maximoff. — Eles não vão a lugar nenhum. — Ele aponta para os três homens de terno preto que

guardam o sofá VIP, com suas mãos em punho e olhares alertas.

Telefonei para a Tidal Wave, a boate de dois andares, antes de chegarmos. Avisei aos gerentes que Maximoff Hale viria e precisaria de segurança extra.

Essa tinha sido a parte mais fácil desta noite. Vê-lo entreter garotas e garotos com o único propósito de transar... vamos apenas dizer que estou cerrando os dentes.

Concentro-me na tarefa em mãos. O Tidal Wave tem uma segurança decente, mas mesmo com a mão de obra adicional, homens e mulheres bêbados tentam tirar fotos e pular nas cordas VIP.

Todos os olhos estão em Maximoff.

A isso, estou acostumado. Ele tem um mar infinito de pessoas para escolher. No entanto, agora, ele está se escondendo no sofá de couro, ouvindo a banda de rock alternativo que toca no andar de baixo.

Com a batida pesada ressoando, o piso de metal vibra sob minhas botas pretas. Estou acima de Maximoff, e descanso a mão no sofá ao lado de seu ombro.

Inclinando-me para mais perto dele, digo: — Você confia *neles* mais do que em mim? — Aponto com a cabeça para a segurança do clube. — Ou essa posição realmente te incomoda? Eu, de pé. Você, sentado.

Ele pisca lentamente em olhos arregalados e sarcásticos.

Meu sorriso se estende, e rio enquanto masco um chiclete, encostando um pouco para trás.

— Você deveria ter sido psicólogo! — ele grita sobre a música. — Assim, conseguiria um certificado, dinheiro ou algo do tipo ao me psicanalisar. Qualquer coisa além *disso*! — Ele me dá dois dedos do meio.

Reviro os olhos, e minha vontade de rir está me matando. Decido me sentar no braço do sofá ao lado dele, só porque ele pediu. Uma conversa suave ecoa pelo meu fone de ouvido, mas não é para mim.

Sintonizo melhor e examino as multidões que se fixam intensamente em Maximoff. A maioria das pessoas aponta para ele do bar iluminado por neon. Então, lanço um olhar para Moffy, e nossos olhares se encontram.

— Esta posição é melhor para você?! — pergunto.

Seus lábios sobem, e um pequeno sorriso transparece sobre sua agitação.

— Quando pedi para que se sentasse ao meu lado, quis dizer ao meu *lado*!
— Ele gesticula com as duas mãos para a almofada disponível.

No apoio de braço, estou sentado acima dele. Isso o irrita um pouco, mas ele tem tudo nas mãos e gosto de fazê-lo trabalhar um pouco mais.

À medida que a música de rock alternativo atinge um crescendo, grito: — Tecnicamente, ainda estou ao seu lado!

— Você ama seus tecnicismos! — Maximoff joga o celular de uma mão para a outra, seus ombros estão tensos e os olhos tão alertas quanto os seguranças do clube.

Vejo outras pessoas que o bajulam de longe. Tiram fotos, comentam com os amigos, fazem sinais de *venha para cá*. Eu me viro para ele, e me pergunto se ele vai.

Maximoff fica parado, e seu cabelo castanho tingido é grosso e indisciplinado.

Masco o chiclete, tentando não sorrir tanto enquanto o estudo. Ele fez a barba extremamente rente, sua mandíbula é lisa como mármore lapidado e polido, seu cheiro é sempre uma mistura de cloro e cítricos.

Como o verão.

Ele mexe no celular, e suas sobranceiras franzem firmemente irritadas.

Deslizo para a almofada ao lado dele e localizo o logotipo rosa do *Celebrity Crush*. Mais perto, posso falar sem gritar.

— Achei que você não verificasse os tabloides ativamente.

— Isso foi antes de eu *arrebentar* meus dedos e ter milhares de pessoas ameaçando pedir reembolso de suas entradas do sorteio. — O sorteio do Camp-Away foi ao ar esta semana, agora, em outubro, e a publicidade tem sido incontrolável. Duvido que uma briga prejudique seriamente o *hype*.

Definitivamente, não é a primeira vez que ele é pego brigando publicamente. Tudo para defender sua família.

Às vezes, as brigas são ainda mais desagradáveis. Ele é atingido. Coisas se quebram. Alguém acaba processado, ou ele ou o guarda-costas. O fato de termos evitado todos esses cenários faz com que tudo tenha sido um sucesso.

A equipe de segurança viu as imagens das câmeras do pub, e a única crítica que conseguiram fazer foi sobre a explosão repentina de Quinn.

Não o culpo. A primeira vez que ouvi o que as pessoas disseram sobre Lily Calloway, na cara dela, quase estraguei tudo.

Somos informados o tempo todo sobre o assédio que essas famílias constantemente recebem, mas até que você veja isso de frente, não parece

real.

Olhando para o celular, digo: — Está tentando ver quanto dano a briga causou?

Ele assente e percorre *Celebrity Crush*.

Mantenho uma vigilância constante do ambiente e dele, dividindo minha atenção entre os dois.

— Mesmo que peçam vários reembolsos, mais pessoas participarão do sorteio. — Tento roubar sua atenção. — Você está pensando demais.

— Eu sempre penso demais. Isso me mantém... — A cor simplesmente desaparece de seu rosto, e seus olhos grudam no celular.

Meus músculos despertam.

— Maximoff? — Eu me inclino para ele, ao ver seu ombro tenso e firme. Rapidamente, vejo a tela.

25 RAZÕES PELAS QUAIS MAXIMOFF HALE É COMO RYKE MEADOWS!

Ele rola a tela lentamente para baixo, até a primeira razão, e vejo as palavras:

Maximoff Hale primeiro resolve com os punhos, depois, com as palavras. Exatamente como Ryke! Compare o vídeo mais recente de Maximoff perdendo a calma em um pub da Filadélfia com este antigo vídeo de seu tio Ryke Meadows do lado de fora de um restaurante.

Maximoff reproduz o vídeo do tio e aumenta o volume, quase inaudível na boate.

Ryke não deve ter mais do que vinte e cinco anos na filmagem. Sem barba, bronzeado do sol, e taciturno, os tabloides gostam de chamá-lo de agressivo.

Ryke tira o capacete em sua *Ducati* preta.

— *Como é a boceta de Calloway, Ryke Meadows?! —* Um homem de roupa formal dá risadinhas ao pular no meio-fio perto de Ryke.

— *Vai se foder —* ele rosna, endurecendo como pedra enquanto prende o capacete. Ele atinge aquele ponto em que o homem se transforma em presa e ele, em caçador. O olhar de Ryke é o mesmo olhar de Moffy na noite passada.

O homem sorri.

— *Se não me disser o gosto da boceta de Calloway, eu mesmo descobrirei. Começando pela mais nova...*

Ryke se lança e o acerta.

Maximoff abruptamente clica para sair da notícia. A tela fica preta. Respirando profundamente, ele me pergunta: — Esse vídeo te faz lembrar de mim? — Ele me encara com um olhar sem vida, construindo defesas contra minha resposta.

Quero ser transparente com ele. Sem segredos acumulados, sem mentir, mas essa verdade vai machucá-lo um pouco. Puxo ar através dos dentes e, beliscando os dedos, eu digo: — Setenta e cinco por cento.

Maximoff digere isso silenciosamente, e olha para os meus dedos, obcecado com minhas mãos por alguma razão misteriosa.

— Seus setenta e cinco por cento se aproximam a dois por cento....

Sorrio e levanto a voz à medida que a música aumenta.

— Então, você não está olhando perto o suficiente!

— Propositamente! — ele grita de volta, segurando seu celular em um punho apertado.

Masco meu chiclete, avaliando seu estado tenso. Virando minha cabeça para seu pescoço, com meus lábios a uma respiração de sua orelha, digo: — Recoste no sofá comigo.

— O quê? — Ele enrijece.

Levanto minhas sobrancelhas.

— Ele nunca relaxou em um sofá antes. — Solto um longo assobio. — Ah, as coisas novas que ensino a ele.

Maximoff percebe o que quero dizer. Ele guarda o celular como se estivesse aceitando uma aposta, e desliza para trás até que sua coluna bata no couro. Seus ombros descontraem um pouco.

Depois de um segundo curto e silencioso, ele diz: — Obrigado por ser honesto comigo. Falo sério.

Ouçõ a sinceridade profunda em sua voz.

— Ao seu dispor, escoteiro.

Nossos braços se tocam inconscientemente e quando nossas cabeças se voltam uma para a outra, nossos rostos ficam a apenas alguns centímetros de distância.

O ar parece ficar rarefeito com aquela tensão familiar. É a mesma dificuldade de respirar que senti semanas atrás quando o massageei. Nossos olhares se agarram com força.

Na minha cabeça, posso ser seu guarda-costas e dormir com ele.

Sou bom desse jeito. E é simples assim.

Na cabeça dele, não sei o que está acontecendo.

Ele respira profundamente, seu peito sobe e seu olhar perfura o meu à procura de um sinal. Meu olhar acaricia o seu como o toque de uma carne na outra. Quero deslizar mais para perto. Quero colocar meu braço nos ombros dele e dar fim à distância de centímetros.

Meus músculos contraem enquanto fico parado, pulsando. E o próximo olhar dele, eu conheço. É o olhar que derrete seus olhos verdes-floresta, suavemente e vigorosamente implorando: *me beije*.

Respiro, meu corpo está cheio de querosene, aceso em chamas, e pouco antes de eu fazer algum movimento, som, ou sinal mais claro e visível para ele, seu olhar simplesmente cai.

Completamente, para fora de mim. Para o chão e, depois, para o bar onde as meninas começam a gritar pela *alegria* do contato visual.

Eu me encolho, sentindo a dor de ter uma costela arrancada. Passo as mãos pelos cabelos, e Maximoff se levanta.

Faço o mesmo nem um milissegundo depois.

— Onde você está indo? — pergunto tensamente.

— Não sei — ele murmura, e depois balança a cabeça como se estivesse tentando escolher um rumo.

— Precisamos conversar — digo, mas ele não pode me ouvir sobre a mudança repentina de músicas, um hino do rock hardcore explode na boate. Ele já está saindo da área VIP.

Eu o sigo. Passo a passo, ao lado dele, e um banquinho imediatamente fica vago no bar lotado. Maximoff sorri para uma morena baixinha em um minivestido de lantejoulas.

— Você pode se sentar! — ele diz a ela. — Não se levante por mim!

Contenho um revirar de olhos.

Ela ri.

Ele sinaliza para o garçom e pede bebidas.

Para a segurança dele, não tenho outra escolha a não ser fazer o meu

trabalho. Espero por ele como uma autoridade intimidadora, alguém que diz *não mexa com ele*. Já que ele quer ser abordado esta noite, eu não deveria estar tão carrancudo assim.

Estou fora do caminho, mas no caminho. Invisível, mas sendo visto. Todos esses oximoros estão me matando esta noite.

Ela suspira e diz: — Imagina! — umas mil vezes.

Moffy se inclina, coloca a mão no ouvido dela, e sussurra por dois minutos. Os olhos dela brilham como se tivesse ganhado um pote de ouro, e ela assente repetidamente.

Só posso imaginar que ele está dizendo que quer transar com ela. De uma forma mais sutil, mas sem enrolação. Direto. *Apenas sexo*.

Cuspo o chiclete na embalagem, e minha mandíbula dói. Guardo a coisa, e a garota se levanta de um salto e vai ao banheiro.

Maximoff fica no bar, e já que é a primeira vez que sou seu guarda-costas enquanto ele tenta se dar bem, estou um pouco no escuro. Não é como se ele tivesse listado isso em suas regras.

Ele está de frente para mim.

— Precisamos conversar! — Seus sentimentos estão guardados a sete chaves. Olho para seu rosto impassível, tão inexpressivo, que seria possível pensar que ele está canalizando Connor Cobalt, seu tio que pode afastar a emoção quando quiser.

Eu odeio isso.

Vou em direção a ele e sussurro no pé do ouvido: — Vamos discutir suas técnicas de flerte? — Abro um novo chiclete enquanto ele luta para esconder seus sentimentos.

Deixe-os sair, lobinho.

Ele faz gestos para mim.

— Presumo que esteja me pedindo conselhos.

Sorrio e estouro o chiclete na boca.

— Engraçado, achei que queria conselhos meus.

— Você deveria procurar a palavra *engraçado* no dicionário, porque não acho que você saiba a definição correta.

Eu assobio.

— Hoje, você está com tudo, não é? — Ele não consegue responder. Uma garçonete aparece com o pedido das bebidas. Club soda para ele e um

coquetel para a garota. Ela coloca o coquetel no bar, e eu pego o refrigerante da bandeja.

Paro antes de colocar meus lábios na borda.

— Você nunca tomou um gole de álcool — digo a Moffy —, o que significa que você não sabe que gosto tem.

Ele olha para mim, com a cara em branco.

— Você está fazendo alguma pergunta ou dando uma de Nancy Drew?

— Prefiro ser um Hardy Boy, mas boa tentativa. — Nossos olhos se encontram mais fortemente quando encosto os lábios no vidro e tomo um gole.

Álcool afiado morde minha língua.

— Está batizado com vodka. — Procuo um atendente.

— Deixe para lá. Não é grande coisa. — Quando ele me vê procurando o atendente, acrescenta: — Farrow, está tudo bem.

Ele se recusa a reclamar, mas pode mandar de volta uma bebida batizada. Se o ato o faz se sentir um idiota, farei isso por ele.

Maximoff me diz: — Declan deixaria para lá.

— Não sou Declan — lembro-o pela quadragésima quarta vez esta semana. Chamo a atenção de uma garçonete. — Preciso de uma água engarrafada, fechada. — Dou a ela uma nota de 50 dólares.

— É para já. — Ela entra no bar, passa pelo bartender, e me joga uma água engarrafada. Quando me viro para Maximoff, ele parece atordoado.

Ele lambe os lábios, com transparente emoção.

— Tome. — Passo a água para ele.

Ele segura a água engarrafada como se nunca tivesse visto uma embalagem de *Evian* antes.

— É só água.

Maximoff ainda está congelado.

— Você não precisava fazer isso. — Ele quer dizer pegar água para ele.

— Ok, mas eu fiz. — Não é a primeira vez que ele fica assim depois de eu ajudá-lo. Eu me aproximo. — Você não vê, Maximoff? Há uma parede de cimento na sua frente, e te disseram para ficar satisfeito olhando para ela. — Ele escuta. — E você fica aí parado, sem poder ver o outro lado. — A parede são os paparazzi.

A parede são as pessoas que batizam a bebida dele.

A parede são os invasores de privacidade.

Dane-se tudo.

— Qual é a alternativa? — ele refuta. — Odiar a minha vida?

— Não! — grito quando as conversas aumentam de volume ao nosso redor. — É meu trabalho ajudá-lo a pular o muro! Declan pode ter dito para aceitar as coisas ruins da vida, mas eu vou te dar o que nunca teve!

Como uma *água engarrafada*, por exemplo.

Uma solução na qual Declan nunca pensou. Talvez, ele tenha ouvido Maximoff teimosamente dizer *esquece isso*.

Maximoff abre a boca para falar, mas a morena escorrega ao lado dele, puxando sua atenção para a esquerda. Ele diz a ela: — Só mais um segundo! Sua bebida está no bar!

— Tome seu tempo! — Ela morde o lábio inferior e desliza no banco.

Meu pulso está preso no meu esôfago.

Maximoff sussurra no meu ouvido: — A conversa que eu queria ter com você... — Sua voz é visivelmente tensa. — Não posso ficar com ela no carro a menos que ela assine o contrato de confidencialidade. Então, você precisa levá-la para a área VIP enquanto fico com a segurança do clube.

Isso está realmente acontecendo. Eu não pisco.

Faça a porcaria do seu trabalho, Farrow.

Droga.

Tenho que ser profissional. Tenho que dar a ele o que ele quer, e se é isso...

Eu pergunto a ele: — Não quer estar por perto para essa conversa?

Ele balança a cabeça.

— Minha presença geralmente os pressiona, e quero que ela assine o contrato em seus próprios termos.

Não tenho nenhuma habilidade real para assentir ou mesmo forçar um sorriso. Meu corpo se recusa, mas sou capaz de me afastar dele. Uma dolorosa aceitação é construída em minhas feições, tijolo por tijolo. Isto está prestes a se tornar um inferno. Um inferno que sou obrigado a atravessar, e a culpa é minha.

Por gostar dele, em primeiro lugar.

Por alguns segundos, nossos olhares se tocam, mas sou eu quem foge do momento desta vez. Minha cabeça desvia em direção ao bar.

— Ok! — grito de volta para Moffy.

No caminho para a garota, abaixo o volume do rádio, e a conversa suave passa por mim de repente. Quando olho para a morena, uma mão forte segura meu bíceps por trás.

— Farrow, espere. — Sua voz está em meu ouvido.

Lentamente, eu me viro para enfrentá-lo, e ele respira como se tivesse corrido 8 km para me alcançar.

Inclino a cabeça, ainda hesitante sobre a direção que tudo isso pode tomar. *O que você quer, Maximoff?* Parado no lugar, cerro os dentes.

E, então, congelo. Eu o vejo sutilmente observando minhas feições: minhas bochechas, meus piercings, as sardas na minha mandíbula, e ele finalmente permite que seu olhar recaia nos meus lábios.

— Maximoff...

— Não posso fazer isso.

Um buraco se abre nas minhas costelas.

— Seja mais específico.

— Vou para casa. — Ele faz gestos para a saída com sua garrafa d'água. — Sairei agora mesmo, depois de dizer adeus a ela. — Ele leva meio segundo para gentilmente dizer adeus à garota. Então, o foco dele está em mim.

O peso sai do meu peito, e meus lábios começam a formar um sorriso.

Mais uma noite ouvindo-o transar com outra pessoa foi evitada com sucesso. E nem precisei ser um cretino.

Eu me mexo para levá-lo para fora.

— Andarei na sua frente.

Ele já está tentando avançar no meu passo, mas para e diz: — Ande ao meu lado.

Eu faço isso. Nós andamos com passos igualmente fortes e determinados, mas nós dois caminhamos para o início de algo desconhecido, e carregamos nossa conhecida tensão como um terceiro companheiro e uma bomba.



Maximoff Hale

NENHUM DE NÓS quebra o silêncio enquanto dirijo para casa.

A situação se agrava e se aprofunda a cada segundo intocado. Cada momento pesa. Afundamos em eterna câmera lenta.

Farrow alcança as saídas de ar. Lânguidos e sensuais, seus dedos tatuados aumentam a passagem do ar. O ar frio jorra, mas não faz absolutamente nada para diminuir o calor que se forma em minha pele.

Passo a língua pelos lábios pela milésima vez. Meu pau *lateja*, doendo e endurecendo. Ele quer ser acariciado, quer ser fodido e quer foder.

Eu me forço a olhar para a estrada. Agarro o volante de couro como se comprimissem aço. Seu olhar quente muda da estrada, onde os paparazzi seguem meu *Audi*, para mim. De novo, e de novo.

Da estrada para mim. Da estrada para mim.

Sou visto e observado o tempo todo. Por estranhos. Por paparazzi. Por *pessoas*. E, nunca, *nunca*, deixo que isso me desarme. Até agora, quando seus olhos parecem mãos, e eu os quero sobre mim.

— Freie — diz ele, profundamente.

Eu desacelero o carro no último segundo, atingindo o trânsito de para-choques com para-choques. Agora, o carro está insuportavelmente parado. Sinto que meu *Audi* encolheu, como se tivesse sido comprimido.

Muito pequeno.

O console do meio mal separa o corpo dele do meu. E meu corpo do dele.

Ainda quero essa separação? *Não*. E *sim*. Ele é meu guarda-costas, isso não vai mudar.

Não vai.

Mas não consigo nem *pensar* em mais ninguém. Ele não montou acampamento apenas no meu cérebro e pau. Ele construiu um maldito castelo de pedra que nenhum lobo pode derrubar.

O que devo dizer a ele? *Meu pau só quer você*.

Meu cérebro só quer você.

Eu não peguei aquela garota porque só quero você.

Ou: *se eu transasse com outra pessoa esta noite, isso me deixaria doente*.

Nada disso extingue este fato óbvio: é eticamente errado ficar com meu guarda-costas.

— Maximoff — diz Farrow, e meu nome corta o ar denso como uma guilhotina.

Lanço um rápido olhar para ele.

Ele esfrega o lábio inferior e o piercing com o polegar, e suas sobrancelhas se erguem.

— Pronto para falar sobre isso?

— *Isso* — digo, imaginando minhas mãos puxando a camisa do seu corpo, músculo contra músculo, lábios contra lábios. Eu pisco. — *Isso* aqui, esse trânsito parado é terrível pra caramba.

— Com *isso* quero dizer *você* e *eu*. — Ele faz uma pausa. — Nós.

Os faróis brilham no meu retrovisor. Minha postura rígida contrai meus ombros, meus músculos, meu corpo inteiro. E mudo de faixa rapidamente. Janelas de um SUV próximo rolam para baixo, uma *Canon* aponta para o meu carro.

Excelente.

Dirijo trinta quilômetros por hora acima da velocidade apenas para deixar o SUV para trás. Farrow fica de olho nos veículos vizinhos enquanto diz: — Sei que falar sobre isso não é fácil. Em qualquer outra situação, eu apenas beijaria você.

Caralho. Lambo meus lábios novamente. Músculos flexionados.

Eu *endureço* debaixo do meu jeans e cueca boxer.

— Tem certeza de que eu não seria o primeiro a te beijar? — contra-ataco.

Posso sentir seus lábios abrindo um sorriso. Como estamos tão próximos, o espaço entre nós não deveria parecer tão distante. Quem der o primeiro passo terá de cruzar quilômetros, escalar montanhas, atravessar oceanos para chegar ao outro lado.

Olho para ele.

E seu sorriso divertido se estende ainda mais.

— Em seus sonhos, talvez você me beijasse primeiro. — Falar dos meus sonhos me lembra de há quanto tempo estou apaixonado por ele.

Desde que eu tinha *dezesseis anos*.

Começo a trancar minha emoção a sete chaves.

Seu sorriso diminui lentamente.

— Disse algo errado?

— Não — eu digo instintivamente. — Eu não sei. — *Cuidado: ele é seu guarda-costas!* é um aviso que passa pelos meus olhos como *outdoors* na estrada. Pelo amor de Deus, não podemos nem nos *beijar* sem conversar antes. É tudo tão elementar.

Beijar.

Eu quero fazer mais. Eu *quero* mais. De uma forma que nunca tive antes, e é isso que está sendo oferecido? É mesmo possível?

— No que você está pensando? — ele pergunta. — Porque eu não sei onde você está. Você tem tantos limites, você é praticamente um sinal ambulante de *Não entre!*

— Como se você não tivesse nenhum? — eu refuto.

Ele ri.

— Eu considero alguns limites, tomo algumas precauções. Prossigo com cautela, mas, você sabe, sigo adiante. — Ele me dá o sorriso mais quente que eu já vi, e eu cerro os dentes, escondendo minha ereção que clama por pressão. Uma boca, uma mão, uma bunda.

Sua boca, sua mão.

Sua bunda.

Eu me pego balançando a cabeça.

— O que foi? — ele pergunta.

Tenho que dizer a ele meu maior obstáculo. Como se não fosse óbvio o suficiente.

— Eu valorizo o autoconhecimento. — Tomo um fôlego colossal. — A

capacidade de entender e perceber todas as facetas da minha própria existência estranha. Na ética grega, diz-se que apenas os autoconscientes entendem o que é certo e, portanto, terão o conhecimento para fazer o que é bom.

Eu quero fazer o que é certo. Para fazer o *bem*.

Para ser bom.

Farrow bate no console do meio, e o anel do polegar estala contra o couro. Sua mão está a um centímetro do meu braço. Ele assente, entendendo.

— E você vê estar com seu guarda-costas como algo *errado*. E o errado leva ao mau, e o mau é igual a ser infeliz nessa sua cabeça filosoficamente dura. Você percebe que nem todo mundo pensa assim, Maximoff?

Minhas sobrancelhas se unem.

— Em que universo o *mal* leva a raios de sol e felizes para sempre, Farrow? Por favor me ilumine.

— Que tal rebobinar e se perguntar, *isso está realmente errado*? Ou que tal isto: *o que é ético, para começar*? Quem decidiu sobre esses direitos morais? — Ele se inclina para trás, com a bota em seu assento. — Ou o que Thoreau disse sobre isso?

Eu franzo a testa.

— Você leu Thoreau?

— Eu estudei Filosofia e Literatura durante a graduação.

Dou a ele um breve olhar, como se tivesse voado para fora deste planeta.

— Isso foi há mais de *sete* anos. — E duvido que ele leia em seu tempo livre. Enquanto minhas prateleiras estão empilhadas de quadrinhos, novelas gráficas e textos de Filosofia, a estante do seu pequeno quarto está *vazia*.

— Eu me lembro de tudo que leio por alto — diz ele, nem mesmo mentindo sobre “ler por alto”.

Faço uma curva à direita e dirijo para a nossa rua.

Ficamos em silêncio.

Passo por fileiras e mais fileiras de casas geminadas, e podemos ver nossas casas. Viro para a pequena entrada da garagem. Ele clica no botão do portão. Eu estaciono ao lado do *Beetle* azul-bebê de Jane. Depois de desligar a ignição, a porta da garagem se fecha.

Ficamos aqui mesmo. Dentro da minha garagem para três carros, protegidos do barulho da Filadélfia.

Tranquilos. Sozinhos.

Em uma única respiração, Farrow se vira para mim. Seu braço se estende sobre a parte de trás do meu assento de couro. Meus músculos queimam e apertam como elásticos que imploram para serem estalados. Eu o quero ainda *mais perto*. Mas fico quieto, marmorizado.

Seu outro braço repousa no console do meio. Sua mão se move para longe da minha perna.

Farrow acaricia meu olhar enquanto diz: — Thoreau disse: *Não seja demasiado moralista. Você pode se privar de muita vida assim. Procure mais que a moralidade. Não seja simplesmente bom, seja bom para alguma coisa.*

Sua voz profunda e as palavras de Thoreau fluem através de mim como honestidade líquida.

— *Não seja simplesmente bom.* — A auto perfeição tem seus limites. Ser moral, fazer escolhas morais, tudo isso não significa nada em comparação com fazer o bem para os outros. Não preciso ser a imagem perfeita da moralidade para ajudar alguém necessitado.

Prefiro ser bom para alguma coisa.

Para alguém.

Então, olho para ele.

Estou falando de um olhar *real*. Como se eu estivesse escavando cada pensamento e desejo dele. Meus olhos perfuram os seus e, então, meu olhar se derrete em uma onda carnal contra seu olhar.

Farrow devolve o sentimento excitado e tenso. Nossas respirações curtas são o único ruído verdadeiro.

A troca mais inebriante da minha vida. É inegável.

Ele se inclina para frente, com seus lábios a um centímetro dos meus. E, muito profundamente, muito roucamente, ele sussurra: — O que você quer, Maximoff? — Em um instante, eu diminuo a distância.

Meus lábios encontram os dele, e a tensão explode. Avançamos juntos. Um artefato invisível é detonado, explodindo em pedaços.

Ele aprofunda o beijo forte. Nossas línguas lutam, a respiração fica presa em meus pulmões. Eu agarro a parte de trás de sua cabeça, com paixão firme e possessiva.

Quero *mais* dele.

Seu braço musculoso cai sobre meus ombros largos de nadador. Seus

dedos deslizam levemente e provocativamente contra meu pescoço em chamuscas, subindo pelos meus cabelos grossos.

Meu Deus.

Um gemido baixo fica na minha garganta enquanto nos beijamos. Seu sorriso cresce contra meus lábios ardentes.

Eu o quero mais perto, mas o painel do meio está no nosso caminho. Puxo a camisa preta de sua calça. Minha mão desliza para baixo dela, descobrindo os mamilos quentes de seu abdômen flexionado contra minha grande palma.

Minha outra mão se move para sua mandíbula, e sua pele é áspera por causa da barba pouco rente. Sua masculinidade bombeia sangue no meu pau, e me deixa excitado. Eu gosto de homens que podem fazer supino tanto quanto ou mais do que eu. É o tipo que tenta comandar meu navio na cama e, depois, cede.

O tipo que beija como um demônio, mas se derrete em uma poça de prazer quando estamos transando.

Farrow me puxa para mais perto de seu corpo de um e noventa. Encontrando espaço extra para se mover, ele interrompe o beijo, apenas para que sua boca viaje pela minha mandíbula afiada, pelo meu pescoço.

Que se foda.

Eu torço sua camisa em meu punho e, então, subo entre os assentos. Indo para a parte de trás, puxo Farrow nessa direção atrás de mim. Ele me segue. Nossas bundas tocam o assento de couro. Nenhum objeto físico está em nosso caminho.

Respiramos pesadamente, correndo em direção a algo que nunca perseguimos.

Puxo a camisa dele sobre a cabeça, e ele puxa a minha. Pele quente contra pele quente, peito tatuado contra peito nu. Eu o prendo na porta lateral, e sua cabeça toca a janela suavemente.

Ele sorri, ofegante para respirar duas vezes.

— Então é assim? — Seus dedos engancham na minha cintura.

Preciso das mãos dele no meu pau. Eu me inclino para frente, deslocando sua mão para baixo. Seus olhos castanhos estão cheios de intriga. E excitação.

— O quê? — pergunto profundamente.

Um canto de sua boca se curva.

— Você é mandão em todos os lugares, a todo momento. É assim. — E,

então, Farrow usa sua força e prende seus braços sob os meus. Rapidamente, ele me vira, e minha coluna encontra a porta interna do carro. Nossas posições se invertem. A parte de trás da minha cabeça encontra a janela.

Seu joelho pressiona o couro entre minhas pernas. Mais perto, ele aperta minha mão. Ele chupa minha orelha antes de sussurrar: — Eu também.

— Caralho — fico ofegante, e o oxigênio mal sai pelos meus lábios. Estou totalmente sem fôlego.

Os relâmpagos têm me atingido sem parar.

Nunca senti falta de ar na minha vida.

Nunca estive com ninguém que conheço. Não assim. Nunca tive sentimentos reais além da atração física. Não até ele.

Mesclando os dois, sentimentos e físico, isso me catapulta para um novo plano de existência. Farrow solta minha mão para agarrar meu queixo. Seus dedos estão no meu rosto.

Meu pescoço arqueia para trás contra a janela, meus olhos quase reviram, mas eles se fixam em um olhar apunhalado. *Caramba*. Eu preciso dele mais embaixo.

Quando treino meu olhar penetrante nele, vejo como ele bebe do meu prazer. Pela minha expressão, ele me beija fora dos lábios, e eu o beijo mais completamente. Nossas línguas estão emaranhadas.

Ele agarra meu pescoço, nossas cinturas chegando mais perto. Nossas ereções estão presas sob o tecido, mas morrendo de vontade de se conhecerem.

Eu aperto seu cabelo. Puxo. Eu me sento para ficar na mesma altura que ele. A maçaneta se projeta em minhas costas, mas eu puxo Farrow com mais força contra o peito.

Seus lábios se separam em um gemido rouco.

Eu não posso esperar mais. Puxo sua mão para *baixo*. Para o meu zíper. *Abra minha calça, cara*. Tire o jeans, a cueca boxer.

Farrow apalpa meu pau, então, aperta acima do tecido com a pressão perfeita. *Caralho*. Rapidamente, ele puxa o botão, abre o zíper, e por instinto, eu levanto sua cabeça de volta. Para que me beije novamente. Farrow agarra meu queixo com um aperto forte, mas afetuoso.

Garantindo que eu fique quieto.

Então, ele gosta de controle. Não é um fato novo, mas me pergunto se ele

relaxaria na cama. E, então, me pergunto se ele está pensando a mesma coisa sobre mim.

No segundo em que nossos lábios se separam, coloco uma mão firme em seu peito. Eu guio suas costas para o fundo do assento de couro, até que ele fique deitado.

Seu olhar voraz me engole inteiramente.

Espero que ele proteste sobre a nova posição, mas ele agarra meu ombro e me puxa para cima. Nossos movimentos aceleram, febrilmente. Nossas pernas se entrelaçam. Nossos paus estremecem antes de eu acariciar o contorno do seu comprimento, duro como pedra.

Me.

Fode.

Eu desabotoo sua calça preta. Ele puxa meu jeans até a metade das minhas coxas, revelando minha cueca boxer verde. Trocamos beijos fortes e ásperos a cada segundo livre.

Seu piercing no lábio não está mais frio, e sim, quente contra a minha boca. Eu a abro. Nós paramos.

De repente, congelamos quando meu telefone vibra no meu bolso. Ruidosamente.

Incessantemente.

Alguém está me ligando. Nossos peitos sobem e descem visivelmente. Seus lábios avermelharam com a minha força, e antes que eu diga a ele que tenho que atender, ele já está tocando o bolso dos meus jeans. Ele pega o celular.

Ele lembra que as ligações são mais importantes que as mensagens de texto. Eu nunca ignoro telefonemas. Não posso. Não se a família estiver com problemas.

Acabei de perceber que o fone de ouvido dele está fora da orelha. O rádio também. Ele deixou os dois no banco do passageiro na parte da frente.

Verificando o identificador de chamadas, Farrow diz: — É seu pai.



Maximoff Hale

MEU PAI ESTÁ me ligando. Óóóótimo.

Sento-me ao lado de Farrow, e ele se senta comigo. Ainda virados um para o outro, nossos braços estão nas costas do mesmo assento.

Eu estabilizo minha respiração, acostumado a ser interrompido no *pior momento possível* na maioria das vezes.

Farrow aperta o botão verde e me entrega o telefone. Basicamente, dizendo *tudo bem você falar com seu pai, escoteiro. Faça o que precisa fazer.*

— Ei, pai — digo, colocando a chamada no viva-voz para Farrow.

Quase inconscientemente. Ao longo dos anos, mas também como meu guarda-costas, Farrow ganhou minha confiança, e agora posso retribuir. Na minha vida, isso é monumental.

Farrow passa a mão casualmente pelos fios recém-puxados de seu cabelo branco. Seus lábios se curvam quando ele me pega olhando por mais tempo.

Eu dei em cima do meu guarda-costas.

Oficialmente.

Estou na zona de passagens aéreas sem devolução. Enquanto sobrevoou, só quero fazer isso ainda mais. Meu cérebro está focado nele.

Pelo que posso notar, ele está igualmente focado em mim.

— *Ei, Moffy.* — A voz naturalmente afiada do meu pai enche o carro, mas ele não consegue ver nada. Graças a Deus. — *Trago péssimas notícias esta noite.*

Minhas sobranceiras se unem.

— Quão péssimas?

— *Espere...* — Ele deve ter tampado o celular, porque é difícil ouvir sua voz. — *O que você está fazendo acordada? Não, não importa. Cama. Agora.*

— *Pai.* — Conheço essa voz e seu tom sério, como se meu pai inconscientemente estivesse destruindo seu par favorito de botas e maquiagem gótica. É minha irmãzinha Kinney. — *Você não entende. A hora das bruxas é às três da manhã, eu preciso comungar com meu povo.*

— *Espere... você está morta? Esqueci de escrever o obituário da minha própria filha de treze anos? Deixe-me pensar sobre isso.* — A voz seca do meu pai definitivamente diz *não estou pensando nisso*. Seu sarcasmo pesado faz os lábios de Farrow se curvarem ainda mais em minha direção. Ele sabe exatamente de onde o meu se origina.

— *Pai* — ela bufa.

— *Kinney Hale* — ele refuta —, *eu bani os fantasmas desta casa há milênios. Estão todos com medo de mim. Você está perdendo seu tempo. Então, cama. Agora. Você tem escola amanhã.* — Ele deve ter colocado o telefone no ouvido.

Para mim, ele suspira:

— *Crianças.* — Só para irritá-la.

— *Eu não sou uma criança, seu troll.* — Posso realmente ouvi-la pisando forte.

Meu pai ri.

— *Eu te amo, pequena Sonserina!* — ele grita atrás dela. E para mim, ele pergunta: — *Desculpe, onde eu estava?*

— Péssimas notícias — digo, hesitando em tirar os jeans caso precise ir para casa por qualquer motivo. Farrow permanece tão imóvel quanto eu.

— *Você está no carro?*

— Sim. A propósito, você está no viva-voz.

— *Farrow, ele está em alta velocidade? Se estiver, você tem minha total permissão para castigá-lo. Confisque o celular dele. Ele odeia isso.*

Farrow está sorrindo como um gato listrado. Ele está *amando* demais isso. Eu o encaro e o afasto. Ele aperta minha mão.

— Ele está apenas cinco quilômetros acima do limite — diz ele, facilmente, ainda sorrindo. Eu abaixo nossas mãos, examinando seus dedos

tatuados com as palavras *l.a.ç.o*, em uma mão, e *d.o.m.a.r.*, em outra. Farrow me observa fixamente, mas acrescenta ao meu pai: — Vamos culpar o trânsito.

É mais do que uma boa mentira. É uma forma de dizer que está aqui para mim. Não para os meus pais. Não para a equipe de segurança. *Para mim*.

Ele está do meu lado.

— *Roube as chaves dele da próxima vez* — meu pai diz.

Olho para o telefone.

— Que tal não dar ordens ao meu guarda-costas? Esse é o meu trabalho.

Farrow sorri e rosna para mim, *bem que você gostaria*.

Eu quase solto um gemido. Eu só quero fodê-lo.

Antes que meu pai fale sobre minha mãe se preocupar comigo ao volante, eu digo:

— Não posso falar muito. Qual é a péssima notícia?

— *Vamos ter que remarcar nosso almoço amanhã. Seus tios Connor e Ryke têm reunião de pais e mestres*.

Li as mensagens mais cedo esta manhã, e as fotos têm se tornado virais desde o meio-dia. Meus priminhos Winona Meadows e Ben Cobalt pintaram o laboratório de ciências da Dalton Academy com *spray* com as palavras: *assassinos de sapos!*

Esses dois sempre me enviam memorandos sobre objetivos ambientais que a H.M.C. Philanthropies deveria cumprir. Eles têm treze e quinze anos. E eles se metem em problemas juntos todos os meses.

— Basta avisar qual será o novo dia do almoço, e estarei lá — digo a ele. Estou ansioso para almoçar com meu pai e meus tios, mas se um de nós não pode ir, apenas remarcamos para o dia seguinte ou na mesma semana. É péssimo, mas não é o pior que poderia acontecer.

— *Dirija com cuidado, Moffy* — meu pai diz, com um tom sério.

— Eu irei. Boa noite.

— *Amo você, amigão*. — Ele desliga.

Eu guardo o celular e olho para longe, pensativo. A voz do meu pai permanece em meus ouvidos. Ao ficar com meu *guarda-costas*, haverá consequências em cima de consequências. Se eu puder, quero evitar todas elas.

Eu fixo meu olhar em Farrow.

Ele descansa os nós dos dedos nos lábios, sobranceiras levantadas para mim.

— Ouvindo Sócrates e Platão de novo?

Eu forço um sorriso irritado.

— Não. — Levanto meu jeans até a cintura, mas eu não abotoo ou fecho o zíper ainda.

Farrow observa meus movimentos.

— O que há de errado?

Fico perto dele, sem adicionar distância ou espaço.

— O que acontecer entre nós tem de ficar em segredo. Tudo isso. Se quiser fazer *qualquer coisa* comigo, não poderá tratar esta regra como se fosse flexível ou destinada a ser quebrada.

Farrow sorri.

— Concordo.

— Nós concordamos? — digo, incrédulo. *Em que universo alternativo estou?*

— Amo o meu trabalho. — Ele sustenta o meu olhar. — Se a equipe de segurança ou sua família descobrir que eu cruzei essa linha e trai a confiança deles, serei mandado embora. Alguém vai me substituir como seu guarda-costas, o que significa que o novo guarda-costas passará mais tempo com *você* do que eu, e isso simplesmente... não vai acontecer. — Sua voz cai para um sussurro rouco. — Você precisa saber que trabalho com exclusividade. Nada de ver outras pessoas. Você me quer, você me tem, só a mim, e vice-versa. — *Exclusividade.*

Um relacionamento.

Um relacionamento secreto.

Eu nunca tive um desses. Gostaria de ficar feliz que ele só queira a mim. Gostaria de poder aceitar a verdade: que só quero ele. Mas estou preocupado com os pequenos detalhes irritantes entre esses fatos.

Olho direto para ele.

— Você não tem ideia de onde está se metendo. Você não sabe.

Ele nunca quebra o contato visual.

— Então me diga, Maximoff.

Eu não vacilo.

— Eu realmente amo fazer sexo — digo a verdade que sempre escondi.

— Tenho um desejo sexual muito alto. — Parece tão simples. *Não é.* — Nunca falei publicamente sobre quanto sexo eu faço. Compartilhar esses detalhes é uma grande responsabilidade, que carrego com muita prudência. Para começar, minha mãe é viciada em sexo. — *Ele sabe.*

Estou acostumado com esse fato também, mas o que preciso falar prende a minha língua. Eu paro.

Eu me viro um pouco e estalo os dedos. As pessoas costumam perguntar: *não é estranho que você conheça o histórico sexual da sua mãe?* Eu posso lidar com estranho.

Posso lidar com tudo.

Até com a crueldade que fazem com ela, mas isso sempre fará meu sangue ferver. Se você vai atacar alguém, venha até mim.

Farrow mexe o braço que está atrás do banco. Então, seu antebraço está em cima do meu, quase confortavelmente.

Olho para a forma como seus dedos agarram meu cotovelo, e então, olho para ele.

— Não há informações ou pesquisas suficientes para afirmar que o vício em sexo é hereditário. Mas se eu compartilhar publicamente quanto sexo eu faço, a mídia vai começar a me chamar de viciado. Depois, dirão que é *hereditário*. Então, eles vão começar a assediar meus irmãos sobre sexo mais do que já fazem. Então, eu fico quieto.

A frequência com que alguém faz sexo *não* é suficiente para determinar um vício em sexo, mas isso não importa para a mídia. Eles vão se agarrar como coalas aos detalhes e nunca os soltarão.

— Essa não é a única razão pela qual eu fico quieto sobre minha vida sexual — digo a ele. — Eu luto contra um estereótipo no qual sei que recaio, mas que sinto a obrigação de quebrar.

Ele respira por entre os dentes.

— *Maximoff*, você não tem que carregar essa cruz.

Não estou surpreso que ele saiba do que estou falando.

— Tenho, Farrow. Quando me assumi bissexual para o mundo, sabia que as pessoas me olhariam como um modelo para alguma coisa. Tenho a porcaria do dever de não reforçar estereótipos prejudiciais: como *os bissexuais são super sexuais*, todos nós não só fodemos, mas fodemos muito. — Passo minha mão direita pelo cabelo. — Você sabe, no minuto em que disse ao mundo que

gostava de garotos e garotas, muitas pessoas *assumiram* que isso significava que eu também gostava de ménage. Isso não é certo. — Rapidamente, acrescento: — Para esclarecer, *não* gosto de trios.

Seus lábios se curvam para cima.

— Eu entendi isso pela sua cólera. — Ele inclina a cabeça. — Em resumo, você está dizendo que faz muito sexo, mas ninguém pode saber. E tenho certeza de que você sempre fez sexo seguro, já que você é *você*.

— Obrigado — digo secamente, sem mencionar que eu faço exames toda semana e que estou limpo. Eu também não menciono que vou ao médico da família para as triagens e testes constantes.

E, por *médico*, quero dizer *o pai dele*.

Graças a Deus, existe a confidencialidade médico-paciente.

O sorriso de sabe-tudo de Farrow começa a se expandir centímetro por centímetro.

Meus olhos se estreitam.

— O que foi?

— Você pulou de *exclusividade* para anunciar que faz muito sexo.

Não sigo a lógica dele.

— Seu sorriso vai cair do seu rosto.

Ele praticamente transborda de diversão.

— Você não acha que posso satisfazê-lo?

Minhas sobrancelhas saltam. O quê?

Com toda essa confiança, ele sabe claramente que pode.

Nossos olhos se prendem um no outro, e meu pau pulsa novamente. Um gemido arranha minha garganta.

— Eu estava mais — eu sussurro — te avisando. No caso de você não querer fazer sexo todos os dias, várias vezes por noite. Eu tento não presumir os gostos das pessoas.

Farrow abre a boca, mas vozes altas saem pelo fone de ouvido no banco da frente. Ele se estica em direção ao console do meio, mas olha para trás para dizer: — Estou a fim de *você*. Se não conseguisse acompanhar o seu ritmo, não seria seu guarda-costas. — Ele pega o rádio e o fone de ouvido, aumentando o volume, e a voz de Akara inunda o carro.

— ... *encontre Farrow. Ele precisa fazer o check-in.*

Seus músculos da mandíbula se contraem, e ele prende o rádio na cintura.

Quem tiver sido escolhido para “encontrar Farrow” não pode me encontrar com ele. Não de peito nu, cabelo desgrenhado, lábios avermelhados, paus duros, *não*.

Jogo sua camisa preta em seu peito tatuado. Estou acostumado com finais abruptos e *desculpas* constantes, mas desta vez está sendo duro. Trocadilho absolutamente intencional.

Eu puxo minha camisa verde sobre minha cabeça e abro a porta.

— Obrigado pelo pau duro.

Ele encaixa o fone de ouvido.

— Você vai me agradecer mais quando ele estiver na minha boca.

Meus músculos se contraem, o sangue aquecendo com a ideia. Olho de volta para Farrow.

Seus lábios se elevam.

— Você se excita facilmente.

— Você não? — retruco.

— Escondo melhor. Faz parte do trabalho. — Ele aponta para o rádio. — Não fique tão triste, escoteiro. Você não pode ser o melhor em tudo.

Sou *zero* tristeza. Estou radiante.

— Divirta-se com sua mão. Sonhe comigo. — Saio e fecho a porta. Na garagem, a última palavra foi minha, mas sinto sua diversão enquanto eu saio.

Apesar de todos os riscos e do território novo, eu me pego sorrindo.



Maximoff Hale

DE TODA MINHA FAMÍLIA, Connor Cobalt tem o melhor escritório, a melhor vista, sem dúvida. Sempre que estou no elegante arranha-céu da Cobalt Inc., eu me perco olhando pela janela, um panorama da Filadélfia de tirar o fôlego, ou me concentro nas recordações que meu tio pendura. A chuva bate no vidro e o trovão ruge. Não estou focado na tempestade. No momento, estou olhando fixamente para uma revista da *National Geographic*, emoldurada na parede azul-marinho.

A capa mostra um homem robusto, de cabelos escuros, na casa dos trinta anos, de pele bronzeada pelo sol. Com o horizonte laranja e amarelo, ele se agarra a uma rocha de, pelo menos, cento e vinte metros de altura, usando apenas a ponta dos dedos da mão direita. Pernas penduradas, braço esquerdo pendurado.

Sem arnês.

Sem corda.

O sol nasce atrás dele.

Leio o título da revista: *Direto das alturas: O melhor alpinista amador solo do mundo. Ryke Meadows.*

Meu tio.

O meio-irmão do meu pai.

Ele está na casa dos quarenta e ainda escala. Ele ainda ocupa as primeiras páginas das revistas e tem cerca de cinco patrocínios e campanhas

publicitárias diferentes.

Normalmente, olhava para isso com admiração e me orgulhava de conhecer Ryke. Ainda tenho orgulho, mas estou preso, olhando e encarando com mais intensidade.

Eu vejo seu cabelo escuro e desgrenhado, suas sobrelanceiras grossas, o bronzeado dourado, e a forma como seu corpo é definido, tonificado e magro. Eu me vejo nele. Ou, pelo menos, vejo como me pareço com ele, principalmente, quando não tinha meu cabelo de castanho-claro constantemente.

Eu herdei as maçãs do rosto afiadas do meu pai, mas isso é tudo. No final das contas, pareço mais com Ryke Meadows do que com Loren Hale.

— Ele odeia essa — tio Connor diz.

Eu me viro.

Meu tio inteligente e polido me observa atrás de sua mesa. O pai de Jane tem olhos azuis, cabelos castanhos ondulados e veste um terno sob medida com toda a confiança de seu valor. Bilhões. Como meu pai e tio Ryke, ele está na casa dos quarenta e todos ainda são elogiados por sua boa aparência.

Connor Cobalt foi o homem *mais sexy* do mundo três vezes na última década.

Estamos esperando Ryke e meu pai aparecerem. Normalmente, eu os encontro em restaurantes públicos. Mas, desde o frenesi da mídia sobre minha briga e o acampamento, todos os três decretaram “almoço no escritório” antes que eu pudesse protestar.

Foi Connor quem restabeleceu o almoço cancelado. Esta manhã, ele ligou para a Dalton Academy e conversou com a coordenação.

Sem reunião de pais e mestres, então, aqui estou.

Tentando não me lembrar da noite passada no meu *Audi*.

Com Farrow. Se ele estivesse aqui, eu começaria a sorrir como um idiota e ele chamaria a minha atenção. O arranha-céu tem entradas seguras. Então, Farrow tem permissão para sair e comer na praça de alimentação no andar de baixo, dirigir meu *Audi* por aí, fazer praticamente o que quiser.

Eu não tenho ideia do que ele escolheu fazer. Não trocamos mensagens. Nós dois somos espertos demais para ser pegos por um hacker de telefone ou e-mail.

Eu estudo a revista novamente. *Tio Ryke odeia essa capa?*

— Por que ele odeia? — É uma ótima capa. Melhor do que a maioria dos tabloides que detonam minha mãe e meu pai.

— A manchete.

Eu releio.

— Diz que ele é o melhor do mundo.

— E ele discorda veementemente. A humildade de Ryke é um membro a parte. Fiz o meu melhor para amputá-lo no passado, mas ela nunca vai embora.

Humildade.

Eu pisco algumas vezes, meus olhos aumentando de tamanho. Estou muito ciente de que fui chamado de humilde várias vezes. Meu olhar começa a se estreitar.

Jesus.

Cristo.

Quantas características eu compartilho com ele?

Eu apenas deixo a revista de lado e me sento em um sofá de couro, que fica de frente para algumas cadeiras de couro na sala de estar de seu escritório. Meu tio troca a mesa pela cadeira à minha frente.

Eu estalo alguns dedos, um mau hábito, mas mantenho contato visual com Connor. Ele é todo autoconfiante. Contato visual. Ele nunca se acovarda perante nenhum adversário e, embora seus funcionários corram para cubículos ou olhem para ele de queixo caído, nunca fui intimidado por sua presença divina.

— Você sabia que minha mãe está na primeira página do *Celebrity Crush* esta manhã? — Meus ombros estão travados. — A manchete: *Lily Calloway volta aos seus velhos hábitos selvagens!* Eles tinham uma fotografia dela enfiando a mão nas calças do meu pai, e tio Ryke está chateado com uma cobertura em que ele está escalando uma montanha durante um maldito nascer do sol.

Um gosto ácido e ruim escorre pela minha garganta, mas não desvio o olhar.

Encaro tudo de frente.

Connor mal pisca, nada disso o perturba.

— Ryke ficou dez vezes mais chateado com o tabloide do que com a *National Geographic*, pendurada no meu escritório. Isso eu posso garantir.

Eu costumava admirar Ryke quando criança.

Eu costumava me vestir como ele: jaquetas de couro, estilo não-estou-nem-aí. Eu costumava querer *ser* ele. Eu constantemente pedia para ele me levar para acampar. Implorei para que me deixasse andar de moto.

Então, descobri os rumores, que minha mãe e o meio-irmão do meu pai dormiam juntos, que, na verdade, sou filho de Ryke Meadows.

Não acredito nesses rumores. Minha mãe tem sido inflexível sobre sempre ter sido fiel ao meu pai. Ela parece orgulhosa sempre que diz:

— Eu nunca traí Lo. — Uma viciada em sexo que nunca traiu. Isso é notável.

Minha mãe é forte pra caramba.

Mas houve uma vez em que questionei os rumores. Eu tinha doze anos. Perguntei ao meu pai sem rodeios. Perguntei a ele quem era o meu pai biológico, e ele disse: *eu*. Inequivocamente, de todo o coração. *Eu*.

Eu acredito no meu pai. Eu vi os testes de DNA, e eles confirmam que sou filho de Loren Hale. Até divulgamos os testes de DNA.

As pessoas não gostam de acreditar em fatos. Elas querem acreditar na história mais lasciva. Aquela que faz você ficar virando as páginas.

Essa história nem sempre é a verdadeira.

Eu gosto da narrativa em que minha mãe e meu pai ajudaram um ao outro a lutar contra seus vícios. Dois adictos que costumavam se ajudar conseguiram sobreviver juntos e se tornaram sóbrios e saudáveis. Eu gosto da minha realidade. Meus pais da vida real, que possuem uma quantidade inconcebível de força do tipo que a maioria das pessoas jamais conhecerá ou verá.

Eles são meus heróis.

E estou muito orgulhoso de ser filho deles.

Recentemente, esses rumores de paternidade *voltaram* a correr soltos. Quero que o mundo saiba que tenho orgulho de ser filho de Loren Hale. Quero homenagear meu pai, e não tenho ideia de como fazer isso além de me parecer mais com ele. Então, eu pinto meu cabelo.

Eu preciso que todos vocês saibam que eu o amo.

Muito mesmo.

— Temos tacos! — Meu pai invade o escritório, com seu cabelo castanho-claro penteado artisticamente. Seus olhos cor de âmbar raramente

perdem essa margem, assim como sua voz e sua mandíbula, mas há algo tão humano e caloroso sobre meu pai.

É o seu amor pelas pessoas ao seu redor.

Seu amor por sua esposa e filhos.

Seu amor por mim. É mais poderoso do que qualquer coisa que eu já conheci.

Ryke entra no escritório atrás do meu pai. As paredes são foscas para privacidade.

Ele fecha a porta. Eu me assusto quando uma embalagem de taco cai no meu colo.

Meu pai se ajeita ao meu lado, e seu rosto franze para mim.

— Você parece um pouco irritado. O que eu perdi?

Eu gesticulo de mim para Connor.

— Nós estávamos falando sobre como o tio Ryke estava muito chateado com a *Celebrity Crush* desta manhã. — Começo a desembalar o taco e levanto o olhar quando meu pai e Ryke se voltam para Connor, a fonte da informação.

Ryke o encara.

A mandíbula do meu pai se aguça. Nada feliz que Connor tenha alimentado minha frustração sobre Ryke e a amizade de minha mãe.

Connor me encara. Só a mim.

— O contexto é realmente uma coisa linda, Moffy. Vamos tentar não perder isso. — Para meu pai, ele diz: — Eu estava defendendo um ponto que se perdeu na tradução. E para ser claro, foi mal traduzido por seu filho.

É verdade, e quando meu sorriso se forma, meu pai afunda no sofá ao meu lado. Ryke se senta ao lado de Connor. E eles passam a comida.

Olho entre os três.

— Alguém vai falar sobre como essa fotografia foi tirada *no* bairro?

Meu pai e minha mãe estavam no quintal. No quintal *deles*. Em um bairro fechado, com segurança 24 horas. Como a Alfa deixou um fotógrafo tirar uma foto dos meus pais de sabe-se lá-onde, eu não tenho ideia.

E se os paparazzi estiverem nas árvores? E se eles contrataram um dos vizinhos para espionar?

Isso não é bom.

— Estamos investigando — diz meu pai, vasculhando o saco de comida. Ao ver minha expressão severa, ele acrescenta: — Não se preocupe com isso,

Moffy.

— Como posso não me preocupar com isso? — Eu aponto para ele com meu taco de frango. — Luna, Xander e Kinney moram lá e alguém está tirando fotos da casa.

— Desculpe, você perdeu seu crachá? — Sarcasmo, ele finge escanear minha gola vermelha para encontrar o crachá inexistente. — Porque... não acho que diz *papai* na sua camisa. — Ele dá um tapinha no meu ombro levemente. — Tenho certeza de que esse é o meu trabalho, amigo.

— Está escrito *Irmão mais velho* na minha testa. — Devo ter respingado taco na direção dele.

Ele olha.

— Coma. Não Exagere.

Connor usa seu sorriso de um bilhão de dólares.

— O lema favorito de Ryke. — Eles estão falando de boceta.

Ryke desembrolha um taco.

— É bom, mas não é o meu favorito, Cobalt.

— Diga, qual é o seu favorito.

Ryke morde um taco, e molho escorre por seu rosto por barbear. Ele lambe o polegar e diz com a boca cheia: — *Não seja a porra de um idiota.*

Meu pai dá um meio-sorriso.

— Um lema que todos nós quebramos.

O irmão joga um pedaço de alface nele.

Eu estudo suas interações mais do que nunca. Sinto Connor me examinando. Quase conscientemente. Ele está a cinco milhões de passos à frente de todos. Sempre.

Paro de ficar obcecado e vou comer meu taco. Paro. Noto um vazamento de molho picante.

— Estou com o seu — eu digo ao meu pai.

Ele verifica o interior do seu taco. Apenas queijo, frango e alface, e ele troca comigo.

— Você não pode me dizer para não me preocupar — digo a ele, de volta ao tópico original. — Preciso de informações. Não me deixe no escuro.

Ele inala uma respiração severa, sua mandíbula cortante como o vidro.

— Eu não sou criança.

— Você vem dizendo isso desde que tinha quatro anos. Então, desculpe

se quero que você seja só uma criança. — Ele morde seu taco e organiza os pensamentos enquanto come. Ele fala depois de beber uma Fizz Life. — A equipe de segurança está se reunindo para falar sobre isso esta semana. O tema está sendo tratado. Deixo você saber se alguma coisa mudar. Não posso te oferecer mais do que isso, Moffy.

Farrow pode. Ele vai saber o que está acontecendo.

Mesmo que não tivesse Farrow como recurso, concordaria com o meu pai mesmo assim. Posso ser insistente, mas entendo que ele não pode me contar tudo. Eu escondi o piercing na língua de Luna *dele*.

E ele não se importou. Sabe o que ele me disse?

— *Estou feliz que sua irmã tenha a quem recorrer. É para isso que servem os irmãos.*

Então, ele a deixou de castigo por duas semanas. Nada de quadrinhos, filmes ou computadores. E ele tirou todas as fantasias de cosplay do armário dela.

Então, no escritório, concordo algumas vezes com meu pai, mas outra pergunta me perturba.

— Ela está bem? — pergunto com firmeza. — Mamãe. Ela está bem? — Um dos meus maiores medos é ouvir e ver merda de um tabloide primeiro. Não quero descobrir informações por uma fonte secundária.

Não quero ser pego de surpresa. Não posso viver uma vida alimentada por fatos da mídia. É muito errado. Então, é por isso que pressiono e *pressiono* por respostas.

— Ela está bem há anos, amigo. Ela pode enfiar a mão nas minhas calças e estar bem. Ela está bem. — Ele sorri com um sorriso distante. Como se estivesse lembrando o momento.

Eu assinto com a cabeça novamente.

— Odeio que eles estejam usando o vício dela como isca para gatilhos.

— É errado — Ryke concorda.

Nós concordamos. Quantas vezes concordamos nessas questões? Sempre concordamos? E por que diabos estou nos psicanalizando?

A mídia. Maximoff Hale é como Ryke Meadows!

Fui infectado pela mídia. Tabloides parasitas. Ninguém percebe minha guerra interna, exceto, talvez, Connor.

Ryke enrola alguns guardanapos e procura outro taco no saco de papel.

Meu pai dá de ombros como se o jogo sujo fosse comum. Eu reconheço que todos nós já nos deparamos com isso, mas sempre que a mídia toca nos vícios da minha mãe ou do meu pai, eles passam dos limites. Incinerando todo o senso de moralidade e ética.

— O que é errado é esse taco — meu pai diz. — Onde estão os pacotes extras de molho picante?

Molho laranja já pinga da sua comida, mas meu pai colocaria Tabasco em tudo se pudesse.

— Você provavelmente queimou metade de suas papilas gustativas para sempre — digo a ele.

— Então, faz bem em não me imitar.

Reviro suas palavras repetidamente na minha cabeça. *Não é porque eu não queira ser como você*, é o que quero dizer. Mas meu pai sabe disso.

É o mundo que me preocupa.

É você.

Eu o encaro por um segundo, e Ryke joga um punhado de pacotes de molho picante no meu pai. Eles o acertam no rosto em cheio.

Meu pai lança um olhar fulminante para o irmão mais velho, com apenas um ano de diferença. Ryke está quase rindo.

— Decido que você não é mais meu irmão — ele diz para Ryke.

— Quem diabos sou eu então? — Ryke enrola outro guardanapo sujo.

— Só um cara. SUC para abreviar.

Connor sorri mais amplamente.

— Estava querendo renomeá-lo há algum tempo, embora tivesse escolhido outra coisa.

Ryke grunhe.

— Nós não queremos saber.

— Eu quero — interrompo.

— Claro que sim — Ryke diz, jogando seus guardanapos amassados no saco de papel. — Você está sempre do lado dele.

Ele leva um longo tempo para finalmente olhar para mim. Seus duros olhos castanhos encontram meus firmes olhos verdes-floresta, e eu digo: — Não sabia que havia lados.

— Há lados. — Meu pai se levanta e estende a mão para o colo de Ryke. — Estou sempre do lado da boa comida. — Ele pega o saco de papel e se joga

de volta ao meu lado. — Taco? — Ele tenta quebrar a tensão, mas eu não vou deixar.

— Não estou sempre do lado do tio Connor — eu retruco. — Ele me chamou de idiota na semana passada. Por que ficaria do lado disso? — Eu tento esconder um sorriso enquanto gesticulo para Connor, que arqueia *uma* sobrancelha. Estávamos jogando xadrez e, quando perdi, ele me disse para não me preocupar. Eu não teria chance com um QI comparado ao *dele*.

Sutilmente, ele me chamou de idiota. Ele não nega ou refuta. E eu amo honestidade contundente, então, realmente gosto dessa lembrança.

— Diga-me você, Moffy — Ryke diz. — É você que está tingindo o cabelo há mais de um ano. — A sala fica quieta.

E ele se inclina para frente, antebraços nas pernas, para ficar mais perto de mim.

— O que eu fiz? Apenas deixe-me saber, e nós podemos consertar isso.

Percebo que estou sentado exatamente na mesma posição que ele. Curvado para a frente, antebraços nas pernas. Eu não me mexo. Não pisco. Apenas penso.

Penso em como Ryke Meadows pode ter se tornado a maior influência na minha vida. Se eu sou mais parecido com ele do que com meu pai, não é essa a conclusão?

Isso significa que passei muito tempo com ele? Isso significa que eu o amo mais? A mídia vai desenhar essas perguntas, e *danem-se as perguntas*, minha mente não para *de girar*.

Meu pai me criou, e quando eu tinha doze anos, fiz uma escolha. Eu poderia ser ressentido com Ryke ou amá-lo tanto quanto meu pai.

Eu escolhi amá-lo. Quando adolescente, ele me ensinou a andar de moto. Fazíamos acampamentos anuais. Eu criei o Charity Camp-Away por causa do meu amor por caminhadas, camping, caiaque. Isso existiria sem Ryke?

Ele me mostrou como fazer uma fogueira com pederneira, como montar uma barraca, como *escalar* rochas. Fora da família Meadows, sou o *único* que já esteve em sua cabana na árvore na Costa Rica.

Ryke e sua filha Sulli me convidaram.

— Moffy — Ryke rosna meu nome —, você está me ouvindo, caralho? — Suas bombas verbais aparecem com frequência, mas não muito duramente. Seu olhar até suaviza para mim. Ele não quer me machucar.

Eu não quero machucá-lo.

Tentei por *anos* não machucá-lo, mas, no ano passado, eu me cansei. Os rumores de paternidade são ervas daninhas que não morrem. E com incessante *Maximoff Hale é como Ryke Meadows!* nas manchetes, elas brotam toda vez que perco a cabeça ou brigo a pancadas.

Eu deveria ser castigado pela violência, não ser comparado ao meu tio por afeto.

— Não é você — digo ao meu tio com segurança. — Eu o amo, você sabe que sim. Só estou... — eu aceno para minha cabeça.

Pensando demais. Como sempre.

Só não quero ser usado como evidência de que Loren Hale é indigno ou inadequado como pai. Eu nunca quero que ninguém olhe para mim e diga, *Maximoff é como Ryke, então, Ryke deve tê-lo criado. Ele deve amar Ryke mais. Ele deve odiar o pai. E se o pai abusa dele? E se ele é violento?*

Seria tão fácil para as pessoas tirarem essa conclusão por causa do passado do meu pai. Ele é um alcoólatra em recuperação e está sóbrio há mais de vinte anos, mas seu próprio pai era alcoólatra. A mídia disse que meu avô abusou do meu pai. De maneiras diferentes. Algumas histórias são verdadeiras. Outras são falsas.

Mas não quero que ninguém atribua *nenhuma* coisa feia a Loren Hale. Saia do meu caminho. Juro por Deus. Saia do meu caminho.

— O que eu posso fazer para ajudar? — Ryke me pergunta. — Eu quero ajudar.

Assinto repetidamente, e solto de uma vez: — Com qual de vocês eu mais me pareço?

Mas é meu pai quem responde.

— Você se parece com nós três, amigão.

Eu me viro para o meu pai. Ele toca o peito.

— Você é atrevido como eu. — Ele aponta para Ryke. — Cabeça-dura como meu querido irmão. — Ele acena para Connor. — E firme como meu único e verdadeiro amor.

Connor sorri.

— Eu não poderia concordar mais, querido.

Eu começo a sorrir.

— Com qual parte?

Ele me surpreende dizendo: — Com todas.

Acredito que não estão me pacificando com mentiras. Assinto mais algumas vezes.

Pronto para deslocar o assunto a um ano-luz de distância.

— Vamos falar sobre outra coisa — sugiro.

Meu pai pergunta: — Como você está indo com seu novo guarda-costas?

Querido mundo, você está querendo acabar comigo ou o quê?
Atenciosamente, um humano assustado.

Uma imagem surge na minha cabeça: eu em cima de Farrow no banco de trás do meu carro. Como os três contratam guarda-costas para proteger seus filhos, tenho certeza de que todos ouviriam “estou saindo com meu guarda-costas” como “Farrow Keene se aproveitou de você”, e isso não é verdade.

É por isso que tenho que mentir. Mais ou menos.

— Farrow é irritante, um sabe-tudo da pior categoria.

Os olhos do meu pai crescem provocativamente.

— Você gosta tanto assim dele?

Tomo um gole d’água para submergir meu sorriso. Ele está apenas brincando, mas, Jesus Cristo, é verdade.

— É isso? — Ryke pergunta, sobrancelhas franzidas.

Eu penso rápido.

— Somos cordiais. Eu o respeito. Ele me respeita. Isso é tudo o que há para dizer.

— Você se sente bem deixando-o lidar com seus contratos de confidencialidade? — Connor pergunta, referindo-se aos meus encontros de uma noite.

— Claro, sim. — Eu concordo. — A propósito, eu estava querendo perguntar uma coisa. — Abaixei minha garrafa d’água. — O que é melhor, lubrificante à base de silicone ou à base de água? — A última palavra sai dos meus lábios, e a porta do escritório se abre. Espero ver o assistente de Connor vindo bisbilhotar.

... *Farrow* entra no escritório.

O quê?

Esfrego os olhos para garantir que não estou absoluta, inteiramente, cem por cento, fantasiando ou que *não* me dei conta de algum superpoder secreto. Ter a habilidade mágica de conjurar um namorado instantâneo parece mais

crível agora.

Farrow fecha o zíper de sua jaqueta de couro, uma mecha de seu cabelo branco cai sobre seus cílios escuros. Sua confiança casual é marcante, mas isso não pode ser uma fantasia. Ele nem olha para mim.

Ele apenas reconhece Connor.

— A Alfa me pediu para verificar a vista da rua do seu escritório. Price disse que lhe enviou uma mensagem.

Connor está com o telefone na mão.

— Eu vi. Faça o que precisa fazer.

Espere. *Ele vai ficar?* Minha boca cai milímetro por milímetro.

— Obrigado — diz Farrow, seus olhos voando para mim por um breve segundo. Eu mal pego seus lábios se levantando antes que ele encare as janelas e examine a rua abaixo.

Ele está cem milhões por cento ao alcance da minha voz.

Meu pai abre uma bebida energética *Lightning Bolt!* e dá uma cotovelada leve do meu lado.

— Por que quer saber qual lubrificante é melhor?

Não.

Não

Não.

Caralho.



Maximoff Hale

EU SOU UMA estátua ereta solidificada.

Eu esperava que minha pergunta anterior fosse esquecida ou *morresse*. Ninguém nunca se censura na frente da segurança. Eu normalmente também não me importaria, mas este *é* o começo de tudo o que está acontecendo entre nós.

Não preciso que Farrow saiba que acabei de perguntar a meu pai e dois tios sobre lubrificante. Uma conversa que tive *com* Farrow, e não posso voltar atrás sem parecer suspeito.

Tenho que seguir em frente.

— Um amigo me disse que o lubrificante à base de silicone é melhor. Eu estava curioso sobre o que vocês pensam. — Eu elimino a vontade de olhar para Farrow. Não vou deixar meu pai ou tios verem que relaciono *lubrificante* com meu guarda-costas.

Mas imagino seu sorriso esticado e o escuto dizer *tão puro*.

Meu pescoço queima. É a primeira vez que sou cliente da Morto-de-Vergonha.com.

As sobrancelhas do meu pai franzem.

— Que amigo?

Tenho amigos que são funcionários e, depois, tenho a minha família. Não confio em mais ninguém, e meu pai está ciente disso. Digo a única possibilidade.

— Janie.

Connor olha diretamente através de mim, seus dedos em sua mandíbula.

— Tenho certeza de que minha filha sabe que silicone degrada silicone.

— Ele quer dizer que lubrificante de silicone destrói *brinquedos sexuais*.

— Ela tem um “babaca com benefícios” — eu os faço lembrar. — Nate.

— Nós sabemos — todos eles dizem. Também não são os maiores fãs de Nate, mas nunca o conheceram.

Eu sou o único que conhece os BCBs.

Tabloides publicam fotos de Jane em boates com a mesma pessoa. Nate é o quarto e atual BCB. Eles também têm fotos desses mesmos caras com outras garotas. A mídia e os fãs hesitam em chamá-los de “namorados”, porque eles não são.

BCB n. 1 e 2: queriam seus quinze minutos de fama.

BCB n. 3: queria impulsionar sua carreira de ator.

E agora Nate, o BCB n. 4: quer as garrafas de champanhe de mil dólares.

Janie sempre disse que suas intenções não importavam, porque ela só queria sexo, e que eles a respeitassem na cama, algo que ela encontra com dificuldade. Mais dificuldade do que eu. É por isso que ela não pode namorar tão casualmente como eu. Ela tem que ficar com o mesmo cara por um tempo.

Mas quero que Jane fique com alguém que a queira por inteiro. Não apenas sua fama. Não apenas sua riqueza. Ela é uma das melhores pessoas neste maldito mundo. Linda por dentro e por fora. E se os caras com quem ela está dormindo veem menos do que isso, então, eles não são bons o suficiente para ela.

Caso encerrado.

Meu pai faz uma careta.

— Eu nunca preveria, nem em mil milênios, que saberia as preferências de lubrificante da minha sobrinha.

— Você perguntou — eu digo.

— Se arrependimento matasse... — Ele coloca a mão no coração.

— Lubrificante à base de água é muito melhor — diz Ryke. — Não mancha os lençóis e a sensação é muito mais natural.

Connor arqueia a sobrancelha e me diz: — Isso se você quiser ouvir daquele que não faz sexo anal há duas décadas, no mínimo.

Eu arrisco um olhar para Farrow, e ele ainda encara as janelas. Mas vejo o

começo de uma risada fora de controle. Tiro meu olhar dele rapidamente e olho para o meu pai. Ele não é a pessoa mais perceptiva da sala, e sua atenção está em seu irmão e melhor amigo.

Ryke grunhe.

— Vá se foder, Cobalt.

Connor sorri.

— Essa se tornou sua maneira não-eloquente de dizer *Connor Cobalt está sempre certo*.

Ryke lhe mostra os dois dedos do meio.

Connor se concentra em mim.

— Minha preferência depende do que estou fazendo. Um conselho, o silicone é o preferido para o sexo anal, especialmente, se você planeja ficar embaixo. — Ele esteve com homens e mulheres antes de se casar com Rose Calloway. Meu pai e Ryke são heterossexuais.

Estranhamente, *sei* que a posição favorita da minha mãe é anal por causa dos adolescentes idiotas na escola preparatória. Eles encontraram as informações *on-line* e adoravam me lembrar.

Enquanto penso por um segundo, encontro uma maneira de ganhar vantagem e talvez desequilibrar Farrow.

— Eu fico em cima na maioria das vezes.

Farrow estoura uma bolha com seu chiclete. Puxando meu olhar para ele automaticamente. Ele vira ligeiramente a cabeça, mas se detém e fica de frente para a janela.

— Você está saindo com alguém? — Connor me pergunta.

— O quê? — Minha cabeça se vira para meu tio. — *Não*.

Meu pai tenta esconder sua preocupação, mas vincos se formam em sua testa, suas sobrancelhas estão franzidas. Ele odeia que eu goste de encontros casuais e sexo com contrato de confidencialidade. Em um segundo, ele olha para o *meu guarda-costas*.

— Farrow.

Não.

Farrow se vira para nós, mascando um chiclete.

— Sim?

— Você sabe que estou *confiando* em você para manter meu filho seguro.

— O olhar do meu pai poderia abater gado e bandos de gansos. — Sempre

que ele traz um estranho para o quarto sozinho, está se colocando em perigo, e você é o único que pode ajudá-lo...

— Tenho certeza de que posso cuidar de mim mesmo — eu interrompo.

Farrow masca seu chiclete, sorrindo largamente.

— Ouça seu pai, escoteiro. Você precisa de mim.

Balanço a cabeça, tentando muito não sorrir também.

— Eu preciso de *menos* de você.

Ele inclina a cabeça.

— Ninguém jamais disse isso.

— Feliz em ser o primeiro — digo, secamente. Brincar é bastante comum entre nós. Ninguém deve desconfiar.

Meu pai relaxa e olha para Ryke e Connor.

— Não que eu me importe se isso for assim para sempre, mas... já perceberam que todos os nossos filhos *mais* velhos nunca tiveram relacionamentos reais?

— É um padrão ou uma coincidência? — Connor reflete em voz alta, mas aposto que já sabe a resposta.

Jane, Sulli e eu, os três mais velhos de cada família, sofremos mais pressão em relação a quem namoramos. Não é a única razão pela qual todos nós não estamos em relacionamentos, mas é definitivamente algo a mais.

— Já que vocês já estão falando como se eu tivesse evaporado — digo alegremente enquanto me levanto —, preciso ir. Tenho uma reunião em meia hora. — Eu me despeço de todos, menos de Farrow. Ele tem que me seguir.

No minuto em que saímos e caminhamos *lentamente* pelo corredor, ele começa a rir muito. Liberando um som que aposto que estava enjaulando. É quase infeccioso.

Eu me sinto sorrindo.

— Bem-vindo à minha vida. Aparentemente, você tem um assento na primeira fila.

— É divertido pra caramba, mas quando você vai me deixar sentar atrás do volante?

— O dia em que eu morrer.

Ele revira os olhos com a palavra *morrer*. E, então, ele me dá uma olhada descarada. Da cabeça aos pés.

— Você pediu conselhos a seu pai e tios sobre lubrificante. Que

bonitinho.

A maneira como ele diz *bonitinho* soa sincera. Mas ainda sinto a necessidade de me defender.

— Sou próximo da minha família.

Um sorriso caloroso aparece.

— Eu sei. É uma das minhas coisas favoritas sobre você. — Trocamos um olhar inebriante, meu sangue esquenta. Ele examina o corredor vazio e, então, sussurra com um sorriso crescente: — Você fica em cima “na maioria das vezes”. — Ele faz as aspas com as mãos.

— Isso será um problema para você? — pergunto.

Ele revira os olhos novamente, como se não tivesse falado o que ele esperava ouvir. Nossos ombros roçam, nossos corpos se aproximam. Nós nos calamos enquanto um fluxo de funcionários da Cobalt Inc. serpenteia pelo corredor.

Esperamos o elevador em silêncio. Felizmente, quando ele chega, está vazio. Entramos, e eu aperto o botão do saguão. Assim que começamos a descer, Farrow me diz: — Sou versátil. — *Ele gosta de ser passivo e ativo.*

Eu olho para ele.

Ele levanta as sobrancelhas para mim.

— Eu quero seu pau no meu cu.

Eu quase endureço, mas o pego olhando para a câmera de segurança do elevador. Ele está ciente do nosso entorno. É por isso que não colidimos.

No entanto, corro o risco de me aproximar dele. Estamos a apenas alguns metros de distância.

— O que a *maior parte do tempo* significa para você? — ele pergunta sem rodeios. — Uma vez fiquei com alguém que não gostava de nenhum tipo de penetração.

— Definitivamente, esse não sou eu. — Passo a língua pelos lábios, e seu olhar cai para minha boca. — Gosto de praticamente tudo, mas só fui passivo duas vezes.

Seus olhos castanhos voam para os meus, e ele mastiga seu chiclete lentamente, pensando.

— Você não gostou?

— Não com eles. É uma questão de confiança — digo, assim que o elevador apita e desliza até parar.

Não menciono como fantasiei sobre Farrow atrás de mim, seu peso contra o meu. No entanto, em sete de cada dez fantasias, eu o viro e penetro.

Nas outras três vezes... sua ereção está em mim.

 Farrow Keene

UM CELULAR TOCANDO me acorda quando estou quase adormecendo. Rolo para o lado e apoio meu corpo no braço. Se for a Alfa mandando ordens pelo celular, vamos precisar ter uma conversa séria.

Pego o celular, que caiu no piso antigo, e primeiro noto a hora na tela.

02h03

Em seguida, o identificador de chamadas: *Escoteiro lobinho*.

Eu me sento de imediato, e chuto o edredom preto para a borda do colchão. Nesta noite excepcionalmente quente de outubro, quase pensei em dormir nu. Contudo, emergências da equipe de segurança no meio da noite basicamente me dizem *não*. A menos que eu queira ser o cara que tropeça em si mesmo enquanto coloca suas roupas íntimas.

E esse não serei eu.

Coloco o telefone no ouvido.

— Maximoff.

Sua longa pausa acelera meu pulso, e pouco antes de eu perguntar o que houve de errado, sua voz profunda preenche a linha.

— *Venha*.

Caralho. Meu pau aperta contra minha cueca boxer preta, e mais calor se acumula no meu quarto no sótão. Eu me pergunto se ele pretendia que esse *venha* soasse tão ardente e erótico.

Espero antes de pular ao seu comando, por uma única razão.

— Não há uma garota na sua cama? — Descobri rapidamente que, nas noites em que Jane e Maximoff estão sozinhos na casa, sem amizades coloridas, sem encontros de uma noite só, acabam, de alguma forma, dormindo no mesmo quarto. Na mesma cama.

Platonicamente.

É um pouco estranho. Muito estranho quando eu *realmente* me sento e penso sobre isso, mas também entendo como essas famílias tendem a ser abertas e desinibidas. E como as experiências compartilhadas de Maximoff e Jane desde o nascimento os unem como gêmeos fraternos. Muito mais próximos do que apenas primos.

Nunca namorei um gêmeo e, honestamente, questiono como eu me encaixo na dinâmica deles.

Antes que ele responda, pergunto: — Você contou a ela sobre nós?

— *Ainda não.* — Ele planeja deixá-la fazer parte do segredo.

Já concordei com essa estipulação. Veja bem, Jane Cobalt chegou primeiro em sua vida, e vai levar muito mais do que cinco minutos agarrando minha bunda e beijando os meus lábios dentro do seu *Audi* para mudar isso.

— *Ela está dormindo* — diz Maximoff, com a voz abafada. — *Eu sei do quarto dela. Estou no meu agora.* Sozinho. — Sua impaciência quente acaricia o longo comprimento da minha ereção.

Com um nó de excitação na garganta, fico de pé, com os pés descalços no chão. Uso meu ombro para liberar minhas mãos, e coloco o celular no meu ouvido, só para poder pôr o rádio, os fones e minha arma no coldre. Estou prestes a dizer *estou indo*, mas quero a voz dele no meu ouvido.

— Esta é a sua primeira ligação erótica? — pergunto.

— *É a primeira vez que recebe a proposta de uma celebridade?* — ele arremessa de volta sem esforço.

Eu sorrio. Ele é tão espertinho.

— Acho que você quis dizer *de alguém que largou Harvard*.

— *Não, quis dizer celebridade.* — Ele poderia facilmente acrescentar: *internacionalmente famoso, esmagadoramente adorado e reverenciado*, mas ele se limita à celebridade.

Brinco sobre Maximoff ter desistido de Harvard, mas sei a verdadeira razão pela qual fez isso. Não foi por que ele não deu conta, e sim, porque ele precisava de três guarda-costas durante seu primeiro e único semestre. Os

alunos o bombardearam. *Snapchat. Instagram.* Tiravam selfies antes, durante e depois da aula. A perturbação que sua presença causou não estava apenas irritando seus professores, ele sentia que estava arruinando a educação de seus colegas.

Então, ele desistiu.

E ele poderia ter terminado sua graduação com cursos *on-line*, como Jane, mas em vez disso se jogou em sua carreira. É tudo de conhecimento público.

Visto minha calça preta de algodão e, com minha arma e rádio em uma das mãos, saio do meu quarto mais rápido do que Maximoff provavelmente pensa. Desço o estreito lance de escadas, silenciosamente passando pelo segundo andar onde Quinn está desmaiado dormindo.

Chego à minha sala, e abro a boca para falar. Mas ele preenche a linha primeiro.

— *Tente não gozar antes de chegar aqui* — diz Maximoff, e depois desliga.

Caralho.

Deslizo meu telefone para o bolso; meu pescoço, eriçado. Eu subconscientemente apalpo meu pau, para cima e para baixo duas vezes. *Eu o desejo.*

Droga, eu o desejo muito.

Perto da minha lareira, abro nossa porta adjacente.

— Walrus, seu pequeno bastardo — eu sussurro e agarro o gatinho correndo. Gentilmente, chuto a porta e libero Walrus na sala escura de Maximoff. Nenhuma luz está acesa.

O aroma de chá quente é pungente esta noite, o cheiro de *Earl Grey* me faz lembrar dele. Eu vi Maximoff encher garrafas térmicas com chá quente como se fosse café preto.

Calmamente, subo as escadas, tomando cuidado para não rangerem sob meu peso. Passo pelo segundo andar, onde fica o quarto de Jane, um quarto de hóspedes e o único banheiro, e ignoro os dois ou três gatos que me perseguem.

No topo da escada, chego à sua porta. Entro em seu quarto no sótão, tão sufocante quanto o meu, e uso minha perna para impedir que dois bastardos peludos me sigam.

Nada de xanas aqui. Eu os deixo do lado de fora. Antes mesmo de olhar

para cima, Maximoff diz: — Tranque.

Talvez eu devesse mudar o nome de contato dele para *Mandão* no meu telefone. Tranco a porta. Não sou idiota.

Eu me viro, e minha pulsação bate no meu pau. Maximoff está vestindo calça de moletom com cordão, pendendo baixo em sua cintura sarada, sem camisa, abdômen esculpido como mármore, mas, mais do que isso, mais do que o contorno de sua ereção e suas belas maçãs do rosto, é seu comportamento inabalável e firme que domina o pequeno sótão.

Basicamente, dizendo *vou te foder tão bem*.

Meu sangue sobe fervendo, e dou a ele uma olhada lenta. *Digo o mesmo, Maximoff*. Coloco minha arma no coldre e o rádio em sua cômoda.

Pela visão periférica, observo seu quarto por hábito: cortinas cinza fechadas, uma estante baixa, paredes de tijolos vermelhos escuros, uma cama grande e edredom laranja queimado. Pequenas luzes brancas estão penduradas em torno das vigas de madeira, um brilho fraco. Não há nenhuma outra fonte de luz além daquela.

De frente um para o outro, penteio meu cabelo para trás com as duas mãos, e seu olhar percorre meu abdômen tatuado e o piercing no mamilo.

Eu quase sorrio.

— Por que ainda está vestido?

Seus lábios querem abrir um sorriso.

— Venha aqui e tire minhas roupas para mim.

Com dois passos longos, diminuo a distância entre nossos fortes corpos e agarro a base de seu pescoço, minha mão corre para sua mandíbula afiada. Minha boca está provocativamente perto. Nossos olhares entrelaçados percorrem as profundezas um do outro, como se sussurrassem ferozmente: *eu conheço você. Eu conheço você. Conheço você melhor do que a maioria já conheceu*.

A intensidade aperta meus músculos, prolongando o beijo. Eu não fecho meus olhos. Eu não desvio o olhar.

Maximoff agarra meu cabelo, sua outra mão mergulha no meu abdômen enquanto minha segunda mão sobe em seu peito. Ele alcança meu comprimento e o massageia acima do algodão, ele o aperta.

Bom Deus. Um estrondo vibra em minha garganta, e pulsa duas vezes mais forte. Caramba, ele sabe o que está fazendo.

Quando minha mão tatuada alcança a cavidade de seu pescoço, seus olhos voam para baixo pela primeira vez. Observando-me, sua respiração fica pesada.

Descobrir o que excita Maximoff Hale deve ser *minha* maior excitação. Quero fazê-lo gozar. Com vigor.

Levemente – muito, *muito* levemente – envolvo meus dedos ao redor de seu pescoço. Lentamente, acrescento pressão, sufocando-o levemente. Estudo sua reação e a forma como seu peito desaba.

Eu respiro contra sua boca: — Você gosta disso?

Seu gemido soa como um rosnado oco de lobo. É sexo puro e cru.

Então, sua boca encontra a minha, e sua língua habilidosa e *sensual* separa meus lábios. Em uma onda tão lânguida e escaldante. Sua agressividade nunca desaparece, agarrando meu cabelo, puxando minha calça de algodão. Eu saio e seguro sua mandíbula firme, aprofundando o beijo.

Ele me leva para trás, e meus ombros batem no tijolo. Nossas bocas não se desgrudam, e eu seguro sua bunda firme e o puxo contra mim, puxando para baixo sua calça de cordão. Sem cueca boxer, sua ereção é liberada. Eu interrompo nosso beijo, e meus lábios se curvam em seu tamanho.

Não estou surpreso que ele tenha o pau mais bonito que já vi, grosso e longo. Nossos peitos se fundem, nossas pélvis rangem, e ele enfia os dedos no cóis da minha cueca boxer.

Seu sussurro aquece minha mandíbula.

— Isso vai estar dentro de você.

Minha cabeça se inclina para trás no tijolo, *caralho, sim*. Meus músculos flexionam, e estou fora da minha cueca boxer logo em seguida. Ele olha para baixo, e sua reação ao meu pau igualmente lindo é um profundo *caralho*.

Sim, você não é um vencedor em todas as arenas, escoteiro. Não quando estou na disputa.

Com uma mão, agarro a parte de trás de seu pescoço. Com a outra, acaricio seu eixo, meus dedos apertando ao redor dele. Meus ombros afundam na parede de tijolos. Ele observa minha mão com olhos que parecem querer rolar para trás.

Sorrio quando seus quadris se inclinam para frente, sua boca contra a minha novamente, e ele se assoma, alinhando nossas ereções, carne quente e sensível encosta uma na outra, e ele nos empurra com uma mão calejada e

dura que me faz sentir... Eu solto um gemido, meus lábios entreabertos caem em sua mandíbula.

Eu seguro seu rosto e mordo seu lábio, um gemido irrompe de sua boca. *Você gostou disso.* Eu passo os dentes em sua mandíbula, chupando sua nuca antes de mordê-lo levemente.

— Caralho — ele respira.

Ele realmente gosta disso. Passo meus dedos com força em suas costas, e ele me empurra para frente, querendo entrar em mim. Eu vejo isso claramente. Ele abaixa as mãos, e eu o giro rapidamente, de costas para o tijolo. Fico frente para o peito dele. Estou morrendo de vontade de vê-lo vir.

Estou prestes a me ajoelhar, mas ele agarra minha cintura, sua mão subindo pelas minhas costelas.

— Espere. — Sua mandíbula fica tensa, e ele me beija de novo, lentamente. Contra minha boca, ele sussurra: — Goze em mim primeiro.

Eu o ouvi corretamente? Um dos homens mais certinhos que já conheci quer que eu goze nele?

Nossos olhos se encontram, e ele vê o choque nos meus. Por um lado, nunca pensei que ele seria *tão* experiente. Apesar de ter dito que fez muito sexo, que adora sexo, para mim, ele ainda é cinco anos mais novo. Cinco anos *menos* experiente.

Por outro, pensei que ele seria bem envergonhado e inocente, mas ele gosta de ser mordido. Possivelmente, arranhado e sufocado. Agora, isso.

Maximoff Hale tem suas taras e isso o torna muito vulnerável por alguns segundos. No entanto, ele comanda todas as ações também. Estou tonto em pensamentos, e corro minha língua sobre meu lábio inferior ardente.

Ele toca meu pau rapidamente, *céus*. Eu me inclino para frente, antebraço no tijolo perto de sua cabeça. Eu seguro seu rosto com força.

— Você quer que eu goze em você? — pergunto com voz rouca.

Sua cabeça tenta arquear para trás contra o tijolo. Ele rosna um gemido: — *Maldição.* — Sua respiração é irregular e pontiaguda, e eu estou apenas segurando seu rosto.

Sua grande mão me aperta, e eu o aperto. Meus músculos estão em chamas, meus tendões se retesando. Minha cabeça lateja, sangue pulsa para baixo. Respiro com dificuldade pelo nariz. Sua mão muda de velocidade, mais lenta e mais apertada. A pressão perfeita brota dentro de mim, entorpecendo

minha mente.

Minha cabeça quer cair para trás, mas permaneço inclinado para frente, minha testa está quase contra a testa dele. Ele muda o ritmo e agarra *novamente*.

Caralho.

Eu vou ter um... e me empurro para frente, gozando pela porra da mão dele. Seu abdômen brilha, e com a respiração presa em minha garganta, caio de joelhos.

Eu acaricio seu comprimento duro algumas vezes com um aperto habilidoso. Ele observa meus dedos atentamente e afasta meu cabelo úmido do meu rosto.

Eu sorrio antes de deslizar minha língua para baixo dele e segurar suas bolas. Ele estremece e amaldiçoa: — Porra, Farrow. — Esse *porra* quis dizer *pare de me provocar*. Eu tento não rir.

Eu chupo sua ponta e, em seguida, envolvo minha boca em torno dele completamente. Percorro todo o caminho, dentro e fora, para frente e para trás, seu pau entre meus lábios. Agarro seu eixo, às vezes.

Amo tê-lo na minha boca, mas ainda mais do que isso, estou viciado pelo jeito que ele está olhando profundamente para mim, como se eu fosse uma fantasia. Como se eu fosse algo feito de céu e estrelas, algo com o que sempre sonhou, e nunca me perguntei com quem uma celebridade que poderia ter *qualquer* pessoa no mundo fantasiava.

E eu me pergunto há quanto tempo sou eu.

Eu me sinto endurecer novamente. Agarro sua bunda e o levo até o fundo da minha garganta. Eu o saboreio na minha língua. Ele murmura um xingamento, e seus olhos estão rolando para trás, fixos em um brilho no teto. É a cara de tesão mais gostosa que eu já vi.

Eu o puxo para trás e engulo.

Quando me levanto, começamos a nos beijar febrilmente, nossos braços enfiados em torno um do outro, e seguro suas costas musculosas contra meu peito, chupando a base de seu pescoço. Ele geme quando eu mordo sua carne, e então ele gira. Continuamos lutando pela vantagem, sendo mais compatíveis do que a maioria acredita, como dois homens jogando pela liderança. Não lutando.

Eu sorrio amplamente enquanto ele guia minha mão para o tijolo, seu

peito contra *minhas* costas agora. Estamos cobertos de suor. Suas mãos percorrem minha cintura e bunda, traçando as linhas de tinta das minhas tatuagens espalhadas.

Eu estico o pescoço sobre meu ombro e seguro a parte de trás de sua cabeça. Nós nos beijamos duas vezes antes que ele diga: — Não se mexa.

Maximoff sai para sua mesa de cabeceira. Eu me inclino no tijolo com meus antebraços, quase em uma estocada relaxada, observando-o pegar uma caixa de preservativos e lubrificante.

— Ele comprou o meu favorito — eu o provoco.

Maximoff usa seu sorriso irritado e satisfeito como um campeão. Eu poderia olhar para aquele rosto o dia todo, todos os dias. Basicamente, já faço isso.

— Este é o seu favorito? — ele diz, sarcasmo presente, respiração ainda pesada. — Eu teria devolvido, se soubesse.

Assobio.

— Tome cuidado. Você está a segundos de perder seu distintivo de mérito por *honestidade*.

Ele não pode esconder seu sorriso, mas quando vem atrás de mim, nossos olhares se devoram novamente. O ar está tenso, e eu nem preciso animá-lo. Ele está duro como uma rocha novamente.

Céus. Ele pega uma camisinha, joga a caixa de lado e rasga a embalagem com os dentes. Eu o vejo cobrir o pênis, lubrificar a si mesmo e os dedos.

Sua confiança causa um calor na minha garganta, *eu o quero dentro de mim*. Agora.

Olho para frente, minha cabeça pendendo levemente, e relaxo meus músculos. Ele agarra minha cintura, e desliza um dedo ao longo de mim até que se empurra para dentro.

Minha mandíbula se desequilibra, com pressão suficiente para prender a respiração na minha garganta. Ele roça contra minha próstata. Eu gemo: — Porra, *Maximoff*.

Tento respirar fundo, respirações profundas. Ele empurra outro dedo para dentro, provocando-me por um tempo. Olho para trás quando ele retrai os dedos.

Maximoff agarra seu eixo e empurra contra mim. Seu hálito quente aquece meu ouvido.

— Você precisa que eu vá devagar?

Eu sorriria se não estivesse queimando vivo.

— Não. — Olho para trás e agarro seu olhar com força. — Faça como quiser. — *Essa ideia aumenta minha ereção.*

Nós dois ainda estamos de pé, ele entra em mim gentilmente, e minha cabeça se vira para o tijolo, meus olhos quase se fecham com aquela *pressão que faz meu corpo tremer*. Quando tomo tudo dele, seu peito se funde às minhas costas, e ele começa a empurrar.

Porra... solto gemidos baixos e emaranhados. Minha mão em punho no tijolo.

Seus dedos cravam em meus quadris, seu ritmo é profundo, rápido e hipnótico.

Eu me perco no ritmo. Minha mente flutuando sem o meu corpo. Com minha mão livre, eu me abaixo e me acaricio. Apenas duas vezes porque sua mão direita cai pela minha cintura, e *ele* agarra meu pau duro.

Maximoff adiciona atrito em todos os lugares.

Estendo meu braço para trás, eu agarro sua bunda. Seus músculos flexionam sob minha palma com cada impulso mais profundo. Eu solto gemidos e grunhidos. *Caralho.*

Nossos corpos saltam para frente com o ritmo intenso, e eu cerro os dentes, com o prazer percorrendo minhas veias em brasa. Mal olhando para o tijolo na minha frente, meus olhos estão na parte de trás da minha cabeça. Eu gozo, e seu gemido troveja baixo em meu ouvido: — *Farrow.*

Seu corpo balança contra mim, ordenhando seu clímax enquanto eu recupero o fôlego.

Eu descanso minha testa no meu bíceps, a mão suada no tijolo.

Ele envolve o braço em volta do meu abdômen, com muita paixão e conforto. Posso dizer honestamente que nunca fui tão bem fodido.

Maximoff Hale é algo de outro mundo, do início ao fim. Não consigo imaginar ninguém mais com ele além de mim.



Maximoff Hale

MULTIPLIQUE MINHAS FANTASIAS vezes um zilhão. É assim que eu descreveria a noite passada.

Ultrapassou qualquer coisa que minha mente pudesse conjurar.

Farrow programou o alarme do telefone para as 5h40 antes de adormecermos na minha cama. Só para poder sair antes que Quinn perceba que ele sumiu. De alguma forma, acordamos uma hora mais cedo.

Deve ser a novidade, a excitação, ou meu cérebro idiota me *agradecendo* repetidamente por ceder às suas demandas de há seis anos.

Eu me deito de lado. Sob meus lençóis brancos e edredom laranja, virado para o meu guarda-costas. Nus, nós dois. Farrow está apoiado no cotovelo e passa a mão pelo meu cabelo, inspecionando as raízes.

— Logo precisará tingir — ele me diz.

Passo a língua pelos lábios, pensativo. Eu possuo uma rotina com encontros casuais. Eu *nunca* falo de mim. Nunca pergunto nada muito pessoal, não quero enganá-los. Eu os levo para baixo e chamo um motorista particular para levá-los para casa em segurança.

Nunca mais os vejo.

Isso aqui é tão diferente.

A mão de Farrow cai quando me sento na cabeceira da cama. Ele segue o exemplo e estuda minhas maçãs do rosto salientes e olhos baixos. Estou olhando para meus dedos. E percebo, *estou nervoso*.

— Assunto delicado? — ele pergunta.

Olho para ele, seu olhar penetrante e tatuagens no pescoço são naturalmente intimidantes.

Encontro conforto em tudo isso.

— Por que você acha que pinto o cabelo?

Farrow faz uma pausa de um milissegundo.

— Você ama seu pai.

Eu concordo, tentando formar um sorriso. *Ele me conhece*. O nervosismo se infiltra rapidamente. *Ele me conhece*. Sento-me mais ereto, com os ombros tensos.

Farrow me observa atentamente, mas nenhum de nós fala. Ele verifica a hora em seu telefone e, em seguida, sai da cama, com seu metro e noventa, seu corpo magro e musculoso. Nu. Elevado.

Cristo.

Ele é tudo o que eu imaginei e *muito mais*.

Farrow recolhe a cueca boxer do assoalho. Ele puxa o elástico até a cintura.

— Vamos falar sobre por que você está nervoso? — Ele olha para mim.

— Acha que não percebi?

Trago as pernas para baixo do edredom e coloco meus braços em meus joelhos.

— Só pensei que você não se importaria.

— Eu me importo. — Ele balança a cabeça e encontra sua calça de algodão. — Eu me importo *muito*.

Eu respiro forte.

— Eu conheço o sexo. Eu não conheço mais *nada*. O que quer que aconteça depois disso, além de transar um com o outro, é um grande mistério para mim.

Ele está no meio de um movimento para puxar a calça até a cintura, e sorri, com as sobrancelhas arqueadas para mim.

— Alugue um filme.

— O quê?

— Alugue *qualquer* filme romântico, embora os héteros não sejam tão bons. Apenas alugue um filme, assista duas pessoas bobas fazendo estupidezes comuns juntas, e pronto, Maximoff.

Rosno de irritação, mas continuo repetindo suas palavras na minha cabeça. Eu me pego sorrindo. Jesus.

— Não é tão simples assim, Farrow.

— Além do fato de que sou seu guarda-costas e precisamos nos esconder, é sim. — Ele se aproxima do meu lado da cama e descansa um joelho no colchão. — E você gosta de estar bem-informado antes de fazer qualquer coisa.

— Obrigado — digo secamente.

— De nada. — Ele passa o polegar sobre uma marca de mordida no meu ombro. — Desculpe.

— Não precisa se desculpar. — Eu engulo minha excitação, e ele se abaixa e me beija nos lábios. Então, é assim? Posso beijar alguém na manhã seguinte. Posso esperar vê-lo em uma hora.

Posso fazer tudo de novo e de novo.

Algo fica mais leve em meu peito.

Parece liberdade.

A água do chuveiro cai sobre mim, meu telefone está conectado a um alto-falante na pequena pia, tocando uma *playlist* do *Spotify* que Farrow fez ontem. Cheio de rock dos anos noventa. Eu não tenho ideia do porquê de ele gostar desse gênero.

Cannonball, do The Breeders, toca no banheiro, e sinto como se alguém estivesse despejando gasolina direto na minha corrente sanguínea.

Esguicho um xampu de um dólar com aroma cítrico na palma da mão, ensaboando meu cabelo com as duas mãos. Então, a porta se abre. O vidro do chuveiro é metade fosco da cintura para baixo. O topo está apenas embaçado, e esfrego o vapor com o punho.

Janie boceja sonolenta na pia, com uma máscara rosa na cabeça e um *pijama azul da vovó*.

— Bonjour, ma moitié! — grito sobre a água e a música.

— Só você e eu, meu velho — ela boceja ainda mais e abre o armário do espelho para pegar sua escova de dentes.

Eu quase sorrio. Então, lembro que estou escondendo algo de Janie. Nunca escondi *nada* dela, e a sensação não é boa. É como mentir para metade

de mim. Se não posso ser honesto com ela, nunca vou investir totalmente no que está acontecendo comigo e Farrow.

É como funcionam as coisas.

Com a boca cheia de pasta de dente, ela grita para mim: — Hoje, está chovendo, com grandes e miseráveis trovoadas! — Ela cospe e enxagua. — A chance de a mídia tirar fotos do meu cabelo com frizz é de cem por cento.

Eu mal ouço a última parte da música.

— *Desligar música* — ordeno e *Cannonball* para abruptamente.

— Deveria tentar enrolar algumas mechas para o almoço do College Merit hoje, experimentar um novo visual... cadê meu... babyliiss? — Ela procura debaixo dos armários.

— Você não deveria participar de mais almoços de caridade — digo, meio maldosamente. O College Merit é um programa da H.M.C. Philanthropies, que oferece ajuda financeira universitária a estudantes de baixa renda. — Você não seguirá um guarda florestal hoje?

Ela liga o babyliiss.

— Eu ia, mas... mencionei o guarda florestal para meu irmão...

— Não — rosno, sabendo onde isso vai chegar.

Janie mexe nos botões do aparato.

— Você não viu o jeito que Ben olhou para mim quando disse que ele poderia tomar o meu lugar. Ele até me abraçou e me chamou de *legal*, Moffy. — Ela inspeciona uma espinha no queixo no espelho quase embaçado.

Lavo o xampu do meu cabelo.

— Vou te chamar de *legal* todos os malditos dias pelo resto de nossas vidas. Apenas concentre-se em si mesma, você tem um prazo. — Em parte, estou feliz por ela estar comigo hoje, mas é egoísta. Se ela se formar em Princeton e não encontrar uma carreira, ela se recusará a ter tempo para si mesma como faz agora.

Jane dirá: *estou perdendo tempo em uma busca infrutífera por uma paixão que talvez nem exista. Meu tempo é melhor gasto fazendo trabalhos de caridade.*

— Amanhã, no dia seguinte, eu vou — diz ela, mas o amor irresistível de Jane por sua família é seu maior trunfo e maior fraqueza. Eu não posso prever se isso vai mudar.

Termino de enxaguar o cabelo. Coisas não ditas começam a pesar em

mim. Eu pego uma barra de sabão ao lado de esfoliante facial e lâminas de barbear.

— Janie? — Limpo a névoa do vidro do chuveiro novamente.

Ela enrola uma mecha escura.

— Sim?

— Estou saindo com alguém — eu digo, sem rodeios.

Jane se assusta, o ferro escorrega de suas mãos e queima seu pulso antes de bater no chão de ladrilhos.

— *Merde.*

Eu instantaneamente abro a porta do chuveiro, pronto para ajudar, mas ela levanta a mão dizendo *espere*. Jane pega o ferro, coloca-o de lado na pia e coloca o pulso avermelhado sob a torneira.

Espero alguns segundos. Meio escondido atrás da porta. Não recuo ou a fecho.

Quando ela gira totalmente, Jane leva os dedos aos lábios rosados. Olhos azuis se arregalam como discos voadores para mim.

Ela está em choque.

— É louco — eu concordo.

— É Farrow? — ela adivinha com precisão. Talvez, por causa da massagem daquele dia. Obviamente, ela sentiu algo entre mim e Farrow. Mas isso me lembra que preciso ter mais cuidado com Farrow.

Ninguém pode descobrir. Não, a menos que digamos a eles *propositalmente*.

— Sim — eu digo. — É Farrow.

— O que mudou? — ela pergunta. — Espere, não, há quanto tempo isso está acontecendo? Quando isso começou? — Ela começa a sorrir.

Ela está sorrindo?

Meus olhos começam a queimar, carregados por um segundo de emoção.

— Por que você está sorrindo?

— Você está arriscando muito por estar com um guarda-costas, e para *você* fazer isso... você tem de gostar dele, de verdade. Eu só quero que você seja feliz, Moffy. Não é tudo o que sempre quisemos um para o outro?

Assinto algumas vezes. *Ela está feliz por mim*. Apesar das consequências e do segredo colossal que ela terá que guardar, ela está feliz por mim.

Enquanto ela esfria o pulso sob a torneira novamente, digo a ela: — Não

faz muito tempo. Acabamos de transar *oficialmente* ontem à noite.

Seu sorriso faz covinhas em suas bochechas.

— Lembra quando nós tínhamos dezesseis anos e você disse que se pegasse *Farrow Redford Keene*, entraria em autocombustão e precisaria de RCP e uma ambulância?

— Eu disse isso? — brinco.

— Com certeza.

Meus lábios sobem um pouco.

— Meu eu virginal de dezesseis anos precisaria de uma maca se Farrow me desse um boquete naquela época...

Uma leve batida é escutada no batente da porta. Sim, a porta está *bem* aberta.

E Farrow está lá.

Arma no coldre, fone de ouvido, rádio preso ao cinto preto, gola em V dobrada. Ele está pronto para hoje e eu estou nu no chuveiro com minha prima arrumando o cabelo a um metro de distância. Além disso, acabei de admitir em voz alta que pensava nele *sexualmente* aos dezesseis anos.

Excelente.

Eu acrescento no banheiro: — Hipoteticamente.

Farrow apoia um ombro no batente da porta.

— Você era *hipoteticamente* virgem aos dezesseis anos?

Jane aponta seu ferro de frisar para Farrow.

— Sem *bullying* com os virgens.

Farrow parece registrar a presença de Jane totalmente agora. Ele olha para nós, e seu olhar percorre meu corpo parcialmente oculto e nu. Seus olhos voltam para Jane, depois para mim.

— Isso é uma coisa normal aqui? — ele nos pergunta.

Fico feliz que ele abandone minha história “hipotética” e se fixe no meu relacionamento com Jane.

Ela devolve o ferro de frisar ao armário.

— Há apenas um banheiro, e deveria ser mais peculiar para o guarda-costas de Moffy vê-lo seminu do que para mim.

Farrow inclina a cabeça de um lado para o outro, considerando a declaração.

— Acho que não. Veja bem, você é parente...

— Exatamente. — Jane está em modo defensivo, pronta para debater seu lado como se estivesse preparada com cartões de anotações, *slides* em Power Point e redações de quatro mil palavras. — Não significa *nada* nos vermos nus porque somos primos e, realmente, se cavarmos fundo, a nudez é uma construção social...

— Ok, Cobalt — Farrow interrompe. — Passo a aula de Sociologia.

Eu me penduro no topo da porta do chuveiro. *Eu preciso que eles se deem bem.*

— Que tal acabarmos com a discussão sobre qual de vocês causa mais estranheza ao me ver seminu? Posso pensar em um milhão de outros tópicos para debater. Tipo... — Eu levanto minha mão e digo a primeira besteira que consigo pensar. — Por que as bananas são curvas?

Jane responde: — As bananas crescem em direção ao sol, Moffy, então, à medida que se desenvolvem contra a gravidade, elas se tornam curvas. — Os Cobalts consomem curiosidades como água. É necessário para o dia a dia.

Farrow ri. — Retiro o que disse, o relacionamento de vocês é fofo.

Jane o olha com curiosidade.

— Você sabe... não sei dizer se isso é sarcasmo.

— É genuíno — ele garante.

Antes de quebrar toda a fronteira guarda-costas-cliente, eu chamaria o relacionamento deles de *cordial*, mas para ambos estarem na minha vida agora, eles têm de formar algo mais próximo a uma amizade.

E se não puderem... não sei o que acontece.

Um apocalipse?

Jane olha para Farrow e depois pega um sabonete facial com remédio para acne.

— Só para você saber, Moffy me contou sobre vocês dois.

— Percebi isso. — Ele observa Jane. — Tudo bem manter segredo?

Ela assente.

— Você não precisa se preocupar, nunca contaria a ninguém. — Esfregando o rosto, ela cria espuma. — Se você partir o coração dele, aí, terá que se preocupar comigo.

Eu sorrio por causa da forma blasé com a qual ela diz isso.

Farrow diz a ela: — Ameaça registrada.

Ela enxagua o rosto e seca as bochechas com uma toalha.

— Qual de vocês deu o primeiro passo?

— Eu — Farrow e eu dizemos em uníssono.

Ele ri.

Eu franzo o cenho.

— Tenho cem por cento de certeza que beijei você primeiro.

Farrow se inclina ainda mais casualmente, sua postura relaxada é tão sexy.

— Também tenho cem por cento de certeza de que fui eu quem lhe disse como me sentia primeiro.

— *O primeiro passo* é uma ação. Eu fiz a primeira ação — retruco.

— Se é nisso que quer acreditar, não vou impedi-lo. — Seus olhos castanhos me varrem da cabeça aos pés, e o vapor do chuveiro fica mais quente de repente. *Fiz sexo com um crush de infância.*

Cinco anos mais velho que eu.

Meu guarda-costas.

Sangue é bombeado para o sul, e meu pau quase desperta. Ansioso para ser agarrado. O que significa apenas que, mentalmente, deixei de lado as repercussões e aceitei a atração completa.

Anseio por uma repetição da noite passada? *Muito mesmo.* Encaro o nada por um momento, imaginando a noite passada. Sua mão tatuada deslizando pelo meu peito, segurando meu queixo. Sua outra mão apertando meu... eu pisco e *pisco* rapidamente, me pegando em transe.

Farrow me encara com um olhar conhecido.

— Posso sair se precisarem — Jane diz.

Minha cabeça vira para ela.

— Não, esta é *a sua* casa. Nada mudou para você e eu. — Não posso expulsar Janie do banheiro. É o banheiro dela também.

Jane contempla isso por um breve segundo. Então, seus olhos azuis pousam no meu guarda-costas.

— Você se importa que eu esteja aqui?

— Não — diz Farrow rapidamente, a única resposta correta em minha mente. — Você se importa que eu esteja aqui?

— Não — ela diz rápido.

— Ok. — Farrow assente. — Então, estamos bem.

Ela assente com mais firmeza.

Estou altamente ciente de que eles sentem pressão para se dar bem. E essa pressão vem de mim. Mas para que isso funcione, nós três temos que coexistir.



Farrow Keene

— *AJUDA AQUI, Farrow* — Akara diz pelo meu celular, que posicionei no porta-copos do *Audi*. Coloquei no viva-voz enquanto Maximoff acelera cerca de vinte e cinco quilômetros por hora acima do limite para chegar a um torneio de golfe beneficente. — *Todos os seus registros diários ficam vazios após às 19h.*

Maximoff estreita os olhos para mim.

Murmuro um inaudível: *está tudo bem*. Eu o tocara, na mão ou no ombro, mas mantenho o olhar nos dois SUVs prateados que andam grudados no nosso para-choque. Não tenho certeza se eles têm câmera de longo alcance, mas se alguém flagrar a mais mínima carícia, estaremos acabados.

Gosto muito dele para colocar tudo a perder apenas por segurar sua mão, especialmente, quando posso segurar seu pau mais tarde esta noite.

— Simplesmente, não vejo qual é o problema — digo a Akara. — Quando estava na equipe de segurança de Lily, sempre deixava lacunas nos registros diários. Se a Alfa não está acostumada com isso até agora, então, é problema deles, não seu.

Minhas tendências “não ortodoxas” tornavam mais fácil dar umas escapadas com Maximoff. *Para onde seu cliente foi das 19h à meia-noite?* Em branco.

Não é da conta de ninguém, só da nossa.

— *Esqueça a Alfa* — Akara rosna, passando de “chefe” a “amigo” rápido.

— *Sou eu falando com você agora, e estou lhe dizendo que tenho dois guarda-costas na minha Força que não estão preenchendo seus registros. Eu não te adverti especificamente de que Quinn pegaria seus hábitos?*

Um ruído irritado gruda na minha garganta. Não percebi que ele estava me imitando. Não verifico ativamente as entradas de todos os outros. É uma perda de tempo.

— Cara, pode ser uma coisa boa — eu digo, ajustando o fone de ouvido enquanto o som abafado é filtrado. — Ele está aprendendo com um dos melhores.

— *Um de você já é suficiente* — diz Akara com determinação. — *Não podemos ter dois na equipe.*

— Falarei com Quinn.

— *Não* — diz Akara. — *Comece a preencher seus relatórios. Não me importo se você escrever uma ou duas frases, apenas mostre a Quinn que esse é um requisito. E se ainda estiver na dúvida, olhe para baixo. Leia o próprio tornozelo.*

Reviro os olhos. Fiz uma pequena tatuagem do roteiro da segurança quando tinha vinte e um anos. Akara estava comigo. A tinta no meu tornozelo diz: *viva segundo suas ações*.

— Sim, senhor capitão.

Ele desliga primeiro.

Maximoff muda de faixa e dá uma conferida por cima do ombro.

— Agora, qual é o plano? Inventar as respostas do relatório? Fugir para a costa, voar para o espaço sideral? — Ele mal olha na minha direção; os dois SUVs paparazzi se multiplicaram em quatro. — Talvez, possamos construir uma colônia em Marte — diz ele, sarcástico. — Não comer nada além de batatas pelo resto de nossas vidas.

— Você está citando um filme que nunca vi, não está?

O canto de sua boca sobe, mas não muito. Preocupações reais jazem sob seu humor árido, e não permitirei que elas criem raízes.

— Vou ser vago no meu registro — explico, escutando a conversa no meu ouvido direito ficando mais alta. Puxo o fone de ouvido e aumento o volume do rádio. — Está muito longe de ser uma realidade sombria e tenebrosa, então, pare de fazer seus kits de sobrevivência e apenas confie em mim.

Ele está acostumado a entrar no modo “controle de danos”, mas precisa

respirar e não correr para se armar. Estamos apenas no início de uma maratona de muitos segredos.

Maximoff tenta virar a cabeça para mim, mas precisa prestar atenção nos veículos dos paparazzi que o cercam.

— Sabe que confio em você mais do que em qualquer outra pessoa. Estamos na mesma *vibe* sobre tudo isso: sem mensagens de texto, sem e-mails, até mesmo tomando cuidado com câmeras de rua... e isso significa... isso significa muito para mim.

Meu peito infla enquanto minha boca se abre em um largo sorriso.

— Estou feliz que você se sinta seguro comigo.

Ele faz uma careta.

— Foi isso que eu disse?

— Do seu jeito, mas *sim*.

Ele não consegue conter o próprio sorriso, mas logo seus lábios se curvam rapidamente. Suas mãos apertam o volante, e ficamos em silêncio enquanto um sedan azul chega na pista próxima a nós. Localizo a câmera antes mesmo que abram a janela.

Maximoff acelera.

Eu me viro e observo o SUV em nossa traseira. Do para-brisa dianteiro, eles apontam câmeras para a janela traseira do *Audi*. Silenciosamente, conto quatro... cinco, seis e, agora, *sete* veículos na estrada, com o único propósito de obter um *flash* milionário de Maximoff Hale.

— Pegue a 95.

— Ainda não. — Maximoff corta o sedan azul e entra e sai habilmente do tráfego disperso da rodovia. A excitação frenética ecoa pelo alto-falante do meu fone de ouvido, preenchendo nosso silêncio concentrado.

— *Cobalt Empire todos juntos* — diz Oscar.

— *A equipe dos sonhos* — canta Donnelly.

— *A banda está prestes a entrar* — Heidi, a guarda-costas de Eliot Cobalt sussurra no microfone. Ela está na Épsilon, mas Heidi é a única guarda-costas feminina em toda a equipe. Com cinquenta e poucos anos, ela está com os Cobalts desde que Jane nasceu.

Maximoff muda de faixa novamente e parece se sentir um pouco mais confortável, porque pergunta: — Gostaria de estar lá?

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você quer dizer com o “Cobalt Empire” ou assistindo Tom Cobalt e sua banda se apresentando *ao vivo* publicamente pela primeira vez?

— Tanto faz.

Mantenho a vigilância nos SUVs em alta velocidade dos paparazzi. Eu me lembro quando o primo de dezessete anos de Maximoff montou uma banda punk com três pessoas quando tinha quatorze anos. Tom é o vocalista.

— Não fui um dos guarda-costas que viram Tom aprender a tocar violão. Não o vi escolher um nome para a banda ou dei minha opinião. — Reviro os olhos, porque, de todos os membros da segurança, foi *Oscar* quem sugeriu o nome *The Carraways*, uma brincadeira com o nome do meio de Tom Carraway Cobalt.

Tom escolheu *The Carraways*.

— Não assisti aos ensaios ou o ouvi reescrever músicas. — Estico o pescoço sobre meu ombro. Odeio esse SUV na nossa cola. — Vê-lo *ao vivo* em um local pequeno não significa tanto assim para mim.

— *Três, dois* — Donnelly sussurra — ...um.

A voz profunda e apaixonada de Tom e a fúria da guitarra, bateria e baixo tomam conta do fone de ouvido. Aposto que todos os nove guarda-costas Cobalt estão pressionando os botões do microfone para que o resto da equipe de segurança possa ouvi-lo.

Maximoff sorri ao longo da música emo-punk.

— Tom. — Ele balança a cabeça e, em seguida, encontra um momento para olhar para mim. — Ele tinha apenas dez anos quando eu finalmente disse a todos que gostava de garotas *e* garotos. Não achei que isso teria importância para ele. Eu estava na frente da minha família no Natal, os presentes estavam meio desembulhados, o maldito *Jack Frost* tocava ao fundo e, quando todos começaram a me abraçar e sorrir, vi que Tom estava chorando.

Seus olhos ficam vermelhos, e seu pomo de Adão balança.

Meu peito está tenso de emoção.

— Ele estava feliz.

— Estava feliz pra caramba. — Maximoff pisca de volta a água que brota em seus olhos. — Tom sabia que era gay... desde que tenho *memória*, e sou cinco anos mais velho que ele. Quando me ajoelhei na frente dele e o abracei, eu me senti culpado. — Ele se encolhe. — Por não ter contado antes. Eu sabia que sentia atração por caras desde os treze anos. Poderia ter contado a ele dois

anos antes.

Estendo meu braço sobre a parte de trás de seu assento, agindo como se estivesse usando o assento para verificar atrás de nós. Eu só quero estar mais perto de Maximoff.

— É admirável o quanto você se importa — eu digo —, mas ele tem sorte de ter você. — Calorosamente, acrescento: — Sua paixão se deixa notar.

Ele tenta sustentar meu olhar, mas não consegue. Não com os paparazzi ameaçando tirá-lo da estrada.

— Você gosta de caras compassivos?

— Eu gosto de você — digo em menos de um segundo.

Ele lambe os lábios, e seu pescoço fica vermelho. *Ele gostou disso*. Eu me inclino para trás, mantendo meu braço no banco.

Maximoff olha para mim.

— Quando você se assumiu para o seu pai?

— Eu tinha onze anos — digo a ele facilmente —, e meu pai me perguntou se havia alguma garota de quem gostasse na escola. Eu disse que havia garotos. — Eu quase rio com a memória. — Ainda posso ver o choque em seu rosto, especialmente por eu ter dito com tanta confiança *eu sou gay*. Depois da surpresa inicial, ele começou a me perguntar sobre quem eram meus crushs. Eu me assumi na escola na mesma época.

Ele ouve com atenção.

— Lembro que você disse algo sobre não estar tão confuso sobre isso.

Essa foi uma breve conversa que tivemos *anos* atrás, quando ele tinha dezesseis. Estávamos em uma festa de 4 de Julho que sua família deu. Estou surpreso que ele se lembre.

— Sim — eu digo. — Eu já tinha certeza aos nove anos. Eu estava em um shopping e me senti atraído pelos modelos masculinos de cueca nos cartazes. Dezoito anos depois, e ainda tenho muito bom gosto.

Levanto minhas sobrancelhas para ele.

Maximoff sorri.

— Você acabou de me chamar de gostoso?

— Estou certo de que estava *me* autoelogiando.

Ele está prestes a me mandar calar, mas o trânsito rouba sua atenção. E, então, a primeira música do The Carraways termina e a conversa volta.

— *Acabei de renascer* — diz Donnelly.

— *Alguém me segura* — outro guarda-costas entra na conversa.

— *Passe os lencinhos.*

— *Ele conseguiu!*

— *Caramba, ele se saiu muito bem* — acrescenta Quinn.

— *Nosso menino cresceu* — diz Oscar, engasgado. — *Meu Deus.*

Maximoff arregalou os olhos, um pouco atordado com todas as reações.

— Você ainda não percebeu — eu digo —, as conquistas de vocês são basicamente nossas conquistas. — Nossas vidas são dedicadas a essas famílias e, quando elas são bem-sucedidas, *sempre* há uma parte de nós que também se sente bem-sucedida.

Ele acelera novamente.

— Já que não está na equipe de segurança dos Cobalt, qual é o seu equivalente a este momento para você?

Penso por um breve segundo.

— Quando Luna aprendeu a dirigir.

Maximoff assente.

— Minha mãe ensinou minha irmã, então, isso significa...

— Que eu também estava no carro. — Percebo o sedan azul ao mesmo tempo que Maximoff. Ele fica tenso, e ficamos em silêncio. Desligo o rádio para que ele possa se concentrar.

O sedan está ao nosso lado esquerdo e dois SUVs brancos estão à nossa direita, outro está grudado no para-choque. Maximoff está rígido, constantemente olhando pelo espelho retrovisor.

— Você sabia — ele diz — que meu pai me *proibiu* de ensinar Luna a dirigir?

— Sim, e eu concordei. Velocidade em questão... — Eu me estico em direção a ele e leio o velocímetro. — *Cento e dez.* — Eu me agarro a seu assento e desço a mão na buzina.

O sedan recua, mas os SUVs se espremem para mais perto.

— Você tem de pegar a 95 agora.

Ele tenta desviar para a saída, mas os paparazzi o prendem propositalmente.

— Relaxa, Farrow.

Nem um segundo depois, todos os SUVs, sedans e todos os veículos de paparazzi se dispersam apressadamente. Eles nos liberam abruptamente.

— *Carvalho* — ele rosna, sabendo a causa.

Luzes azuis e vermelhas piscam em nossa traseira. Estamos sendo parados pela polícia.



Maximoff Hale

QUANDO SAIO DA AUDIÊNCIA no tribunal local, coloco o *Ray Ban* por necessidade. Farrow já está de óculos escuro e, em uníssono, lado a lado, passamos pelas portas duplas.

Os *flashes* de câmeras disparam em rápida sucessão.

Repórteres de estações de notícias do horário nobre saltam perto de mim. Microfones a postos. Suas perguntas soam estridentes em meus ouvidos.

Farrow estende o braço e impede que os repórteres pulem na minha cara. Sigo em frente.

Sem hesitar. Sem demorar. Sem ficar de mimimi ou reclamar. O que está feito está feito, maldição, e não é a primeira vez que apresento meu caso ao tribunal. Não é a primeira vez que digo: — Eu assumo a responsabilidade por excesso de velocidade, mas, e quanto aos paparazzi? — Eles raramente são multados.

O tribunal sempre responde: — Independentemente dos paparazzi, você tem meios para pagar um motorista pessoal. Não há desculpa para pôr a vida de outras pessoas em risco.

Eu entendo.

É por isso que dificilmente discuto. Antes de subir no *banco do passageiro* do meu *Audi*, vejo um repórter falando para uma câmera.

— Esta é a quarta vez que o tribunal suspendeu a licença de Maximoff Hale por excesso de velocidade. E sua licença *permanecerá* suspensa por doze

meses.

Não posso dirigir por um ano.

Farrow desliza para o banco do motorista, fecha a porta e coloca a chave na ignição. Pela primeira vez, desde que Farrow é meu guarda-costas, não estou atrás do volante.

Estalo os dedos e o observo ajustar os espelhos laterais.

— Você está adorando isso.

Seu sorriso se alarga, voltando a se parecer ao de James Franco, e ele acelera o carro, saindo do tribunal. Ele dirige com apenas *uma* mão, mas abandona os paparazzi depois de uma curva fechada em uma rua estreita. Ele navega por Filadélfia com facilidade e precisão.

Meu pau lateja... *não*. Se pudesse falar com meu pau, diria *you não pode se sentir atraído por Farrow quando ele está dirigindo o meu carro. Esse é o meu carro. Meu*. Só é permitido que ele fique atrás do volante por...

Eu estremeço. Um ano inteiro de agonia.

Farrow estuda minha expressão com um olhar rápido.

— Percebendo que sou melhor motorista do que você?

— Percebendo que a catástrofe acabou de acontecer. — Estalo os dedos novamente e me remexo no assento, sentando-me mais reto. Em parte, para evitar uma ereção. Principalmente, para parar de me estressar por não estar com o pé no acelerador ou no freio. Não sou mais o capitão do meu navio.

— Você chama tudo de catástrofe — diz Farrow, com seu olhar voando para mim com mais frequência.

— Não, eu não.

— A torradeira quebrou na semana passada, você disse que era o *catástrofe*. Ficou sem cabides, você disse que era *catástrofe*. Estava chovendo, você disse...

— Obrigado por esse breve resumo. — Não tenho ideia do que fazer comigo mesmo no banco do passageiro. Eu me inclino para frente. Eu me inclino para trás. Passo as mãos pelo cabelo grosso, estico meus braços sobre meu peito...

— Apenas respire, Maximoff. Não vou te jogar na estrada. Gosto muito de seus boquetes.

Abro um sorriso. Como ele consegue me fazer sorrir agora? Respiro e me inclino mais para trás, ignorando as mensagens que vibram incessantemente

no meu celular. Giro a cabeça para ele.

Nossos olhos se acariciam.

Farrow estende a mão direita, mas não pode me tocar fisicamente. Basta uma mínima oportunidade para que *alguém*, em um carro passando, nos veja e tire uma foto. Às vezes, eu me pergunto se ele está silenciosamente desapontado com nossa falta de demonstração de afeto em público. Para mim, tudo está igual. Não sinto falta do que nunca tive.

Ser excessivamente cauteloso é o que fará isso durar.

Farrow se compromete com uma ação segura. Ele agarra a parte de trás do meu assento.

— Aposto que posso distraí-lo durante todo o caminho para casa. — Sua voz cai para uma oitava ainda mais rouca. — *Sem* tocar em você. Aposto que posso deixá-lo duro sem falar sacanagem.

— Você deve gostar de perder apostas com frequência.

Sorrindo, Farrow gira a roda com uma mão, virando em outra rua.

— Com quem você fantasiava quando era adolescente?

Porra. Eu me ajusto no meu assento, meu pau contrai contra meu jeans. *Que se foda.*

— Já está difícil assim? — Ele levanta seu óculos até a cabeça, empurrando o cabelo branco para trás. Seus trejeitos e a forma como o canto de sua boca se curvam *apertam* o meu pau.

— Mais do que tudo, estou agitado.

— Eu sei. É esse seu meio-sorriso. — Farrow ri quando eu o afasto, e ele acrescenta: — Vamos, Maximoff. Em quem pensava enquanto se tocava?

— Diga-me quais são suas categorias favoritas de pornografia gay e, talvez, eu responda.

— *Talvez*, você responda — ele diz, com as sobrancelhas levantadas. — Ok... meu pornô gay favorito... — ele para, pensando. — Eu gosto de *pau grande* e *sexo feroz*. — Ele acende o pisca-pisca para virar à esquerda. — Você já assistiu algum pornô antes?

— Apenas algumas vezes. — Entendi por que minha mãe era viciada em pornografia e, em parte, acho que parei de entrar em *sites* pornográficos depois da terceira vez por isso. — Quem você imaginava quando era adolescente?

— A equipe masculina de natação olímpica — diz ele.

Ao ver minhas sobranceiras levantadas, ele ri.

— Estou brincando com você. Não tinha ninguém específico em mente.

— Farrow foge dos paparazzi à distância dirigindo em uma rua lateral. Seu próximo olhar é *conhecido*. — Não como você tinha.

Ele sabe que minha fantasia era ele.

Sem rodeios, Farrow enfatiza: — Você pode *me* contar.

Olho para ele.

— Por que não está surtando?

— Não era eu que tinha um crush.

Meu rosto se contorce em uma série de emoções, pousando em um estremecimento.

— Eu poderia jurar que a aposta era para me deixar *duro*, e não para querer te jogar para fora do carro.

Farrow ri.

— Conte-me sua fantasia. Em detalhes. — Seu olhar escorre por mim em uma onda abrasadora antes de se fixar na rua. — Eu quero ouvir.

Agora sua aposta faz sentido. Ele disse que não teria que falar sacanagem, porque deixou isso para *mim*. Isso não deveria ser tão difícil. Todas as noites, transamos no meu quarto e adormecemos juntos depois. Ele coloca o despertador para as 5h40 em ponto e sai da minha casa antes que Quinn acorde.

Minha rotina de encontros casuais foi substituída por uma rotina de Farrow Redford Keene, o que é bem melhor. Mais quente, mas inerentemente diferente.

Como agora, posso descrever *verbalmente* uma fantasia ao meio-dia. Estou perto de alguém com quem posso transar vinte e quatro horas por dia. Tenho acesso desinibido e irrestrito à experiência mais inebriante e eufórica da minha vida, com alguém com quem me importo.

Passo a língua pelos lábios lentamente. Se vou liberar minha fantasia para Farrow, vou com tudo. Nenhuma restrição.

— Tenho uma fantasia repetida.

Farrow está escutando, com seus olhos em mim a cada segundo.

— Eu estou no chuveiro — continuo —, e já pensei muito sobre o que esse local significa. Então, vou poupar-lhe o trabalho de me psicanalisar e apenas lhe contar. — Eu me sento mais ereto. — Nunca deixo ninguém ficar

até a manhã seguinte e tomar banho comigo. Nunca confiei em alguém para ficar assim, mas meu cérebro, por alguma maldita razão, sempre, *sempre* deixa você ficar.

Farrow tem aquele olhar, como se ele quisesse me beijar, mas sabe que não pode. Ele agarra meu assento com mais força.

Mais embaixo. Eu anseio por sentir essa mão ainda *mais embaixo*. Em mim. Abrindo meu zíper. Acariciando-me. Eu balanço a cabeça uma vez, e continuo: — Então, eu estou no chuveiro sozinho, e a porta se abre. E lá está... — Finjo surpresa. — Meu inimigo mortal.

Ele revira os olhos.

— Pelo amor de Deus, posso perder essa maldita aposta se continuar fazendo gracinha.

Nenhum de nós menciona que a aposta não tem prêmio algum, exceto o direito de se gabar.

Eu tento ser mais sério.

— Você está completamente nu.

— Melhor.

Eu me mexo um pouco no lugar, apenas visualizando a próxima parte.

— Você entra no chuveiro, fecha a porta e vem atrás de mim.

Farrow fica imóvel.

— Atrás de você? — Talvez ele esperasse que eu o curvasse ou batesse nele. Embora isso seja bom, não é a *única* coisa boa que existe.

— Sim.

Nossas respirações estão mais pesadas, minha pele está vermelha. Veias pulsam no meu pau semiduro.

— Estou me tocando, e a palma da sua mão geralmente envolve meu punho na parede. Seu peito fica contra minhas costas.

Farrow tem que tirar a mão do meu assento. Ele a apoia em sua coxa devido à protuberância que se forma em sua calça preta.

Eu estico minha cabeça para trás, com meus músculos flexionados, queimando. Continuo endurecendo.

— Depois disso, você faz coisas diferentes a cada vez. Você me toca, me deixa de joelhos. Às vezes, eu te empurro contra a parede, te pego por trás. Ocasionalmente... — Eu me mexo novamente. — Você vai dentro de mim.

— Uau — Farrow respira —, eu sacudi o seu mundinho adolescente, não

é mesmo?

Lanço um sorriso irritado para ele.

— Estou mole agora. Obrigado por isso.

Farrow olha para o contorno rígido em meu jeans.

— Sua ereção diz *que você é um maldito mentiroso*.

— Não fale pelo meu pau — retruco, tentando não sorrir.

Ele está quase rindo e, então, dirige para a nossa rua.

Entramos na garagem em questão de segundos. Fechados e seguros. Escondidos do público. A única ameaça é Quinn na casa dos seguranças.

Farrow desliga o motor. Desafivelamos nossos cintos de segurança. Quando nos viramos, nossos olhos colidem primeiro, desenfreados, pulsando com *desejo* e *necessidade*. Nossos lábios se encontram. Minha língua separa a dele, e eu me aprofundo. Nossas mãos lutam com os botões e zíperes um do outro.

Ele agarra meu membro no *melhor* aperto conhecido pelo homem. Farrow tem um jeito com as mãos que *me aniquila* completa, total, massivamente. Eu interrompo o beijo apenas para murmurar: — *Me fode*.

Ele suga a base do meu pescoço e belisca minha carne. *Sim*.

Venha me foder.

Eu acaricio seu comprimento impressionante, literalmente de dar água na boca. Molhado, ele fica escorregadio em minha mão. Vislumbro seus dedos tatuados em volta de mim. Minha boca se abre, e um gemido gutural fica grudado em meus pulmões.

Venha me foder.

Farrow agarra meu queixo com a outra mão e devora minha expressão, *consumindo* meus olhos verdes-floresta estreitos que rosnam *me coma*. Ele geme baixo, e suas narinas se alargam. Seu peito sobe e desce pesadamente.

Nosso ritmo aumenta, e o atrito é como um inferno escaldante e feliz. Minha cabeça tenta relaxar. *Caralhocaralhocaralho*. Eu gozo, e quando um gemido profundo ressoa através de Farrow, percebo que ele goza me observando atingir o pico.

Quando estamos ambos sem camiseta, mas limpos e com as calças fechadas, digo a Farrow para *esperar* antes de sair do meu *Audi*. Ele fecha a porta e se joga de volta no banco. O que estou prestes a fazer é algo que *nunca*

fiz antes. Parece tão pequeno e infinitesimal comparado ao sexo, mas não para mim.

As sobrancelhas de Farrow franzem.

— O que é?

Reúno toda a confiança que possuo, que é muita.

— Tenho uma coisa para você.

— Você tem uma coisa para mim? — ele repete.

— Baseado em *todos* os filmes românticos de todos os *tempos*, parecia a coisa certa a ser feita. — Abro o porta-luvas e pego uma caixa preta do tamanho de um estojo para colares. — Não é algo caro, então, diminua suas expectativas.

— Ei, não tenho expectativas. — Farrow esfrega a nuca e pega a caixa de mim. — Estou genuinamente chocado agora. — Sua boca começa a se curvar. — Como você conseguiu comprar isso sem que eu percebesse?

— Existe uma coisa chamada compras *on-line* — eu digo —, e eles entregam as mercadorias na sua casa. Então, quando a segurança vasculha minha correspondência, ou seja, *você*, não toca em nada com o carimbo *Maximoff Hale X*. — Babacas assustadores me enviam correspondência em meu nome, então, eu sempre adiciono o *X* às minhas compras pessoais.

Seu sorriso se expande.

— O amado sabe-tudo de sempre. — Ele abre a tampa da caixa e ri. — Como eu estava dizendo. — Ele levanta um distintivo triangular cinza e preto.

As palavras costuradas dizem: *Distintivo de Mérito de Panaca*.

Eu aponto para o distintivo.

— Pela quantidade de prêmios outorgados a mim: *bravura, honestidade, integridade, desenvoltura, humildade*, pensei que deveria estar se sentindo sozinho com *zero* honrarias para si mesmo.

Ele não consegue parar de sorrir. Ele esfrega a boca algumas vezes, mas aquele sorriso não vai desaparecer tão cedo. Ele ri e acena repetidamente.

— Você quer que eu me junte ao seu pequeno clube de escoteiros lobinhos.

— Pode ser. — Eu respiro completamente, com a felicidade se espalhando pelo meu rosto, de forma clara e gratuita. Algo leve vive dentro de mim.

Farrow se aproxima, seu *agradecimento* está escrito em todo o seu olhar.

Mesmo antes de nos beijarmos.

Deslizo na cozinha enquanto disco um número no meu telefone. Farrow e eu nos separamos para almoçar. Ele está de volta em sua casa, mantendo as aparências com Quinn e realizando algumas outras tarefas de segurança, como preencher seus registros.

Abro meu armário e pego um saco de batatas fritas de linhaça. Toques e toques do *FaceTime*. Não tenho nenhum problema em ligar para meu irmão de quatorze anos mais de vinte ou cinquenta vezes até que ele atenda.

Bem quando acho que a chamada cairia, a tela muda para uma imagem de um freezer abarrotado.

Minhas sobrançelas ficam franzidas.

— O que estou olhando? — pergunto, não precisando cumprimentar Xander. Se meus irmãos não me ligam, eu ligo para *eles* todos os dias.

Mesmo que seja apenas por dois ou três minutos.

— *Estou tentando encontrar meu café da manhã. Eu acabei de acordar.*

Despejo batatas fritas em uma tigela.

— São duas da tarde.

— *É sábado. Eu teria dormido até as quatro se Kinney não tivesse estourado sua música screamo no meu quarto.* — No vídeo, sua mão desloca o frango congelado. Não posso mentir, sinto falta de estar em casa sempre que ouço essas pequenas histórias. Sinto saudades de presenciá-las em primeira mão.

Mas essa é a questão de crescer, envelhecer, por mais que eu perca alguma coisa, também ganho algo novo com *alguém* novo.

— O que você está procurando? — pergunto enquanto deslizo até a geladeira.

— *Mamãe acabou de comprar mais Toaster Strudel e Luna fica escondendo as torradas.*

A Guerra do *Toaster Strudel* é uma coisa dos Hale. Luna pensa que Xander deliberadamente come todos eles, mas ele geralmente guarda dois para ela, e eles acabam sendo comidos por Kinney.

Xander pergunta: — *O que você está comendo?*

Viro minha câmera enquanto pego um saco de queijo ralado e vou até

minha tigela de batatas fritas.

— Nachos.

De repente, vinte itens congelados caem do freezer e batem no assoalho. Ouço os cachorros da família correndo ao fundo.

— *Droga* — Xander amaldiçoa. A câmera é apontada para a bagunça por literalmente um minuto inteiro enquanto ele coloca tudo de volta. — *Ughhhh*.

Eu limparia para ele se estivesse lá.

— Apenas faça seu café da manhã. Recolha depois, Summers.

Meu apelido para meu irmão é uma brincadeira com seu X-Men homônimo: *Alexandre Summers*. Da mesma forma, meu homônimo também é relacionado aos X-Men.

Pietro Maximoff.

Como no Quicksilver.

Xander está com a caixa de Strudle na mão e vai até a torradeira.

Giro minha câmera de volta para o meu rosto e espalho queijo nas minhas batatas fritas.

— Então, ouvi dizer que você não sai há semanas.

— *E você pode me culpar? Ninguém quer me dizer como mamãe e papai acabaram sendo fotografados no quintal, Moffy. No quintal, em um bairro fechado. Eu não vou sair andando por aí.*

Eu sei como eles foram fotografados.

Farrow compartilhou as informações da segurança comigo. Entendo por que meus pais iriam querer manter esse segredo de Xander. Eles estão preocupados que a verdade aumente sua ansiedade.

Eu tenho o poder de abrir as cortinas para ele. E tenho o poder de ferir meu irmão. Uma escolha. Eu poderia dizer *ei, Summers, foram os drones de controle remoto dos paparazzi que sobrevoaram a casa. Pode acontecer novamente se a segurança não os pegar em tempo suficiente. Não há garantia.*

Então, deixo toda a verdade de lado e digo: — Não o culpo, mas você terá de enfrentar este mundo cão, mesmo que seja uma bosta, às vezes.

— *O tempo todo* — ele corrige e arranca o plástico de sua massa folhada congelada, colocando-a na torradeira. Eu deslizo minha tigela de batatas fritas para o micro-ondas.

— Vire sua câmera — eu digo.

Com um suspiro, Xander vira a câmera, e a tela mostra seu rosto pela primeira vez. Mandíbula afiada, cabelo castanho bagunçado, olhos âmbar expressivos e uma camiseta de *Hobbit* sobre boxers xadrez. Quando criança, ele foi elogiado por ter uma “beleza clássica”, e isso não mudou.

Vocês conhecem Xander Hale como *o garoto de quatorze anos mais lindo* do mundo inteiro, como dito por vocês mesmos. Vocês desmaiam sobre ele como se fosse o vocalista de uma *boy band* ou uma famosa estrela da rede social. Vocês cobiçam todas as fotos que encontram *on-line* e fazem com que o nome dele apareça na mídia semanalmente. Vocês fizeram com que suas fotos valessem o *quádruplo* do que valem as minhas. Na verdade, os paparazzi o perseguem como se fosse o antílope mais raro e escondido do bando quando, na realidade, ele é um pássaro tímido e ameaçado de extinção.

Eu o conheço como meu irmão mais novo. Um ser humano incrível que fala Élfico se você ficar com ele por tempo suficiente, e que está apenas tentando viver em um mundo um pouco grande demais para ele. Alguém de quem nunca vou desistir.

Eu só quero que ele seja capaz de sentir a luz de vez em quando. Se tiver que arrancar o sol do meio do céu com minhas próprias mãos, então, aguentarei as queimaduras. Eu daria tudo a ele se pudesse.

Aviso: imagine seus dedos dos pés sendo serrados. É isso que vai acontecer se mexer com meu irmão.

— Você está péssimo — digo honestamente. — Sabe o que ajudaria nisso?

— *Mais duas horas de sono.*

— Nadar na piscina do quintal com seu irmão mais velho.

Xander suspira e me lança um olhar raivoso.

— *Apenas venha aqui e jogue videogame comigo. Pare de tentar me fazer ser tão...*

— Saudável, próspero, um humano que sai de casa...

— *Tudo bem, tudo bem* — diz ele. — *Meu Deus, você é implacável.*

Meu micro-ondas apita. Pego a tigela de batatas fritas e, quando volto para o telefone, percebo Xander apertando os olhos para a tela.

Olho para ele.

— Você está cutucando o nariz?

Eu como uma batata.

Ele arranha o celular como se estivesse tentando limpar uma mancha da tela.

— *O que... o que é isso no seu pescoço? Isso é um chupão?*

Engasgo com minha batata. *Droga*. Deixo meu telefone no balcão e encho um copo d'água sob a torneira. Eu bebo a água enquanto Xander grita: — *O que... onde você foi? Preciso de detalhes!*

Qual são as chances de Farrow ter sido tão descuidado a ponto de me dar um chupão como na época do colegial? *Pequenas*. Talvez, não seja tão ruim.

Volto para o meu telefone e examino meu pescoço na tela. Um ponto mediano e levemente vermelho. Provavelmente, porque foi feito recentemente. Duvido que dure.

— Que tipo de detalhes você quer? — pergunto ao meu irmão.

Ele contempla a minha pergunta por um longo momento e se concentra nisso: — *A outra pessoa está viva?*

Eu sorrio. *Eu amo minha família*.

Xander explica: — *Luna diz que as pessoas com quem você fica instantaneamente se desintegram em partículas astrais. Nunca mais serão vistas ou ouvidas de novo.*

— Esse seria um superpoder horrível.

— *Sem brincadeira*. — Xander pega sua massa folhada quente com cuidado. — *P.S.: Papai está dando uma festa em homenagem à suspensão da sua carteira de motorista hoje. Todo mundo está muito feliz.*

— Eu vi as mensagens no grupo. — A festa é *só para pais*, o que é uma besteira, já que é sobre mim. Como outra batata. — Você também está feliz com isso? — Pergunto.

Ele dá de ombros e olha para sua comida. Quando Xander fica para baixo, fica muito mal, e nossos pais o mantêm em observação. Eles estão ainda mais conscientes de sua saúde do que eu.

Xander mal levanta o olhar para a câmera.

— *Ouvi Thatcher dizendo que o novo formato do Camp-Away é perigoso nível "risco de vida"*. — Thatcher Moretti é o guarda-costas dele 24/7, mas as meninas bombardeiam Xander com tanta frequência que Banks Moretti, o gêmeo idêntico de Thatcher, também está na equipe do meu irmão.

— Thatcher é um dos caras mais conservadores — lembro a Xander. — Ele provavelmente está exagerando.

— *Sim, mas...*

Um tenso segundo passa antes que ele me diga: — *Eu preciso que você viva por muito tempo, Moffy.* — Ele faz uma pausa, seus olhos estão um pouco vidrados. Ele coça o nariz e gira a câmera para o prato de papel.

Olho fixamente para o telefone.

Toda a minha vida, vi a mídia e seres humanos sem nome e sem rosto cagarem nas pessoas que amo. De novo, e de novo. Arranhando-as sem parar. Tentando acabar com elas desesperadamente. Rasgando suas jugulares. Aos dez anos de idade, andava na calçada ao lado de minha mãe enquanto ouvia a palavra *estupro* ser jogada como uma ameaça para ela.

Vocês se perguntam por que não me tornei amargo com o mundo.

Vocês se perguntam por que não sou ressentido do mundo.

Porque eu sabia que precisava me tornar algo que pudesse resistir ao mundo.

Para meus irmãos, para minha família, para qualquer um que cresceu depois de mim e precisa de alguém para defendê-los quando eles mesmos não podem se defender. Quando precisam de um ombro para chorar ou uma rede de segurança para cair, eu estou aqui.

Eu estive aqui.

Eu estou sempre aqui.

Com veemência, digo ao meu irmão: — Não irei a lugar algum, Summers.



Farrow Keene

SERPENTINAS E LUMINÁRIAS no formato de abóbora de Halloween nas cores laranja e preto cobrem os armários da cozinha de Maximoff. Eu alinho garrafas de bebidas na bancada. Tequila, vodka e rum aromatizado. Também comprei dois pacotes com meia dúzia de cervejas, uma jarra de suco de laranja e um litro de Fizz.

Maximoff faz uma careta para a encomenda.

Eu arqueio minhas sobrancelhas.

— Você me disse para comprar uma variedade. — Eu aceno para as garrafas. — Isso atende às suas necessidades.

Regra não dita n. 1: *Maximoff Hale não pode, sob nenhuma circunstância, comprar álcool.*

Não, a menos que queira uma manchete de primeira página dizendo que ele quebrou sua sobriedade. Para se livrar da dor de cabeça, ele *teve* que me pedir para ir a uma loja de bebidas.

Sua lista de compras dizia: *muitas bebidas diferentes, Tipos variados. & Chasers*¹.

Já reclamei de sua péssima pontuação e letras maiúsculas aleatórias, uma das coisas que mais gosto de fazer. E argumentei que, para um cara que é muito *preciso*, essa foi a lista mais vaga que ele já me deu.

Maximoff cruza os braços sobre a blusa vermelha escura de gola. Ele é uma presença dominante na cozinha apertada. Ao ver sua camisa, minha

mente vagueia por um segundo.

Percebi que ele tem trocado a maioria de suas camisas verdes por *vermelhas*. Uma mudança deliberada e calculada.

O público associa a maioria dos Hales, Meadows e Cobalts a suas cores favoritas.

O pai dele é *vermelho*.

Ryke é *verde*.

Nunca diria a Maximoff para não se importar com o pai. Céus, para ele, seria impossível até mesmo *tentar* não se importar. Mas quanto mais tenta provar o valor de seu pai, ele se parece mais e mais com Ryke Meadows.

É como a merda *Catch-22*. Não há vitória, e ele é inteligente o suficiente para já ter percebido isso. Maximoff é muito teimoso para não fazer nada.

— E *whiskey*, *scotch* ou *bourbon*? — Maximoff me pergunta. — Você não comprou nem um único licor.

Reclino o quadril contra o balcão, nossos corpos naturalmente próximos devido ao pequeno espaço. Maximoff se aproxima ainda mais, nossos joelhos encostam. Estamos sozinhos na casa dele.

Por enquanto, pelo menos.

Engancho dois dedos no cós de sua calça jeans escura.

— Refresque minha memória — eu digo com voz rouca —, qual é o objetivo desta noite?

Maximoff olha para meus longos dedos tatuados, perdido em sua cabeça de repente. Ele descruza os braços. E aperta meu pulso.

Ele dirige minha mão para baixo de seu jeans. Minha boca se curva, e eu de bom grado nos puxo para mais perto, peito contra peito, e deslizo minha palma sob sua cueca boxer.

Seus verdes e inebriantes olhos sobem para minha boca. Sua expressão voraz e vigorosa queima meu corpo e contrai meus músculos. Posso ver praticamente todas as maneiras em que ele quer me foder no reflexo de seus olhos.

— Além do objetivo óbvio — eu sussurro. — Meu pau na sua boca.

Ele endurece sob meu aperto firme, mas sua mão ainda está em volta do meu pulso.

— Você quer dizer *meu pau* na sua boca.

Então é assim que vai ser esta noite. Jogar pela liderança. Sorrio, não

cedendo às suas exigências tão facilmente.

— Eu disse o que eu disse.

— O objetivo... — ele lembra. — O *verdadeiro* objetivo desta noite... — Maximoff puxa minha mão para fora de seu jeans, para esfriar a cabeça por um segundo. Eu obedeço e descanso meus cotovelos no balcão.

Eu o ajudo a verbalizar o objetivo “real”. — É deixar sua prima bêbada.

Maximoff faz uma careta para todo o cenário.

— Ou como ela disse, *quero saber como é ficar bêbada pra caralho*, o que pode significar tomar de uma a três cervejas ou vinte doses de vodka.

— Vinte doses — repito categoricamente. — Estamos tentando fazer com que ela fique felizona, não tentando matá-la.

Não estamos falando de Jane Cobalt.

Sua prima de dezenove anos, Sullivan Meadows, pediu conselhos a ele sobre como participar de uma noitada, uma “festa adolescente por excelência”, bebida incluída. Algo que nunca tinha feito já que dedicou seu tempo a competir e nadar como atleta profissional.

Por três horas, a segurança só falava disso. A conversa foi mais ou menos assim:

Donnelly: *Moffy sabe alguma coisa sobre bebida?*

Eu: *ele sabe que vodka é de boa.*

Akara: *nem me faça começar.*

Oscar: *alguém precisa convencer Jane a convencer Charlie a ir para que eu possa estar lá.*

Eu: *ou podemos nos divertir sem você, Oliveira.*

Os Hales, Meadows e Cobalts mais jovens buscam Maximoff para pedir conselhos, ajuda, qualquer coisa. E embora o cara seja ótimo em muitas coisas, ele não é ótimo em *tudo*.

Como no caso de álcool.

Aparentemente, seus primos e irmãos não se importam com bons conselhos. Apenas com o conselho *dele*. Isso fala muito sobre o amor que têm por Maximoff. E sua falta de bom-senso.

Maximoff retorna ao primeiro ponto de discórdia.

— Ficar felizona *pode* incluir alguns licores. — Ele me encara enquanto minha diversão vem à tona. — O que foi?

— Agradeça a Deus por eu ter bebido na adolescência. Veja bem,

queremos começar com o básico, não formá-la em uma pós-graduação em bebida. — Conto nos dedos, começando pelo polegar. — Sem *whiskey*, sem *bourbon*, sem *scotch*, sem vômito.

Ele pisca lentamente em uma carranca sem sentido.

— Você está se divertindo com isso.

— De onde tirou isso?

— Do fato de estar sabendo mais do que eu sobre alguma coisa.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Lobinho, eu sei mais do que você sobre *um monte* de coisas. Se tivesse uma ereção toda vez que isso acontecesse, estaria andando constantemente excitado.

— E eu estava prestes a te oferecer ajuda. — Ele gesticula para o meu pau. — Já que o causador disso tudo seria eu, mas agora... — Ele coloca a mão no peito. — Não estou me sentindo tão generoso.

Reviro os olhos e lambo os lábios, sorrindo.

— É mesmo? — Dou uma olhada em nossas edificações, ainda compelidos um contra o outro. Minha mão em sua cintura, sua mão na minha bunda.

Maximoff faz cena, dando *um* passo para trás. Nossas mãos caem.

— Todo o altruísmo em meus ossos *murchou* e morreu.

— Isso é dramático e impossível.

— Quem sabe se não sou um babaca egoísta? Acelerei em uma autoestrada com você no carro. Coloquei sua vida em risco. Cristo, *saber* que Jane se recusou a andar no mesmo carro, porque eu estava ao volante. Eu fiz isso. E provavelmente ainda estaria fazendo se tivesse minha licença.

Ele não está orgulhoso. Sua mandíbula estala e seus olhos escurecem.

Estou acostumado com os desvios profundos. De boquetes ao significado da vida. É como Maximoff opera. Tudo tem um significado maior para ele. Cada ação tem um subtexto de alma que ele tenta descarregar. Sua mente é intrigante, e eu *mais* do que voluntariamente sigo cada devaneio, cada linha de pensamento.

— Você tem seus defeitos — digo, sem rodeios. — E precisa lembrar a mim, ao público e à mídia que é humano, que não é perfeito porque tem tanto medo de nos decepcionar. — Eu me inclino para mais perto e sussurro: — Isso faz de você um babaca menos egoísta.

Maximoff se aproxima, com seu corpo musculoso colidindo com o meu. Minha mão desliza contra a nitidez de sua mandíbula. Sua respiração profunda se mistura com a minha antes de seus lábios quentes cutucarem minha boca aberta. Nossas línguas se unem, e sua mão aperta meu cabelo.

Merda, Maximoff. O calor se acumula, e um gemido fica preso em minha garganta. Ele instintivamente se empurra para frente, pélvis contra pélvis. Ele procura um contato mais duro em seu pênis. Algo que noto que faz com frequência. Algo que me transforma em uma rocha latejante.

Eu coloco suas costas no balcão. Roçando minha ereção contra a dele, e ele quebra nosso beijo faminto para soltar um gemido estrangulado: — *Caralho.* — Eu o quero nu. Nu. Curvado sobre a mesa da cozinha.

Aposto que ele me quer do mesmo jeito.

Jogo mais do meu peso sobre ele. Maximoff xinga em um gemido gutural, e seu olhar penetrante mira o teto. Seu batimento cardíaco bate rapidamente contra meu peito duro. Seguro sua mandíbula de forma protetora, meus dedos deslizando sobre sua boca, até o pescoço.

— *Porra* — ele respira. Cada olhar, cada palavra que pronuncia *aperta* meu pau.

Maximoff vira a mesa. Ele agarra minha bunda e usa sua força para se endireitar. Não deixando nossos corpos se separarem, ele nos mantém juntos e me leva para trás.

Minha coluna bate na geladeira.

Ele desafivela meu cinto e, em seguida, desliza a mão áspera por minha calça preta. Apenas o algodão fino da minha cueca boxer faz uma barreira. Enquanto ele acaricia meu comprimento, eu o aperto em excitação, e o sangue bombeia quente.

Porra, eu me curvo para frente, com a cabeça girando por um segundo.

— Parece que você voltou a ser caridoso — eu respiro.

Maximoff remove a mão.

Eu quase sorrio.

— E, então, ele sai para provar que está certo.

— Estou verificando a hora, bobinho. — Ele gira o pulso, e o mostrador do relógio barato fica à vista. — Temos dez minutos antes que todos cheguem aqui. *E olhe lá.*

— Apenas um de nós sairá ganhando, então.

Nenhum de nós cede tão rapidamente sobre a maioria das coisas. Maximoff já tem uma solução e tira uma *moeda* do bolso.

— Vamos jogar cara ou coroa.

— Você carrega moedas no bolso? — Levanto minhas sobrancelhas para ele. — O que mais tem aí? Um disquete?

— Cale a boca e escolha um lado. — Ele joga a moeda.

— Cara.

Ele bate a moeda no topo da mão. Depois, levanta a palma da mão para *cara*.

— Você não pode me vencer em tudo — digo a ele.

— Estou começando a achar que essa é sua frase favorita. — Ele se abaixa em um joelho, já manipulando meu corpo e me puxando para frente — *Caramba*.

Encosto os ombros na geladeira, minha pulsação bate na garganta.

— Definitivamente, é uma delas.

Em um puxão, minha calça está nas minhas coxas. Meus dedos se entrelaçam com seus cabelos grossos. Ajoelhado diante de mim, ele ainda parece divino e escultural, digno de adoração. Suas mãos traçam a curva muscular da minha cintura, que o atrai para o meu pau.

— Acho que gosto de você aí embaixo — provoco.

— A maioria das pessoas gosta. — Ele lentamente desce minha cueca boxer pelas minhas coxas. Minha ereção salta, e seu peito cai em uma respiração desejosa. Ele olha para mim uma vez para dizer: — Sou muito bom em boquete.

Muito bom pode ser um eufemismo, mas digo a ele: — Há uma quantidade de pessoas que o chama de humilde, estou começando a pensar que são todos mentirosos.

— Sou humilde. Só não quando se trata de sexo.

Esse comentário realmente toma conta de mim por um segundo, então, ele me agarra e lambe languidamente minha ponta — *caralho*. Um nó empolgante se forma na minha garganta. Minha cabeça bate em um imã de geladeira assim que seus lábios envolvem meu eixo. *Caraaallo*.

Com os ombros na geladeira e a cintura curvada para frente, balanço em sua boca, empurrando mais fundo. Sei que consegue me colocar totalmente dentro. Intensifico meu aperto na parte de trás de sua cabeça.

Maximoff agarra e aperta minha bunda nua, e eu chego para trás, colocando minha mão na dele.

Ele chupa e lambe, fazendo a maior parte do trabalho, mas minha respiração fica pesada como se eu estivesse correndo uma maratona. Dou uma mordida, com um gemido preso dentro de mim.

Porra, solto uma respiração pesada e tensa.

— Maximoff. — Seu cabelo está emaranhado entre meus dedos. Meus músculos estão em chamas.

E, então, Maximoff levanta os olhos, levando minha ereção até a boca. Seu olhar sozinho quase me faz gozar. Ele me dá um olhar que eu nunca o vi dar a ninguém.

É aquele que, firmemente, com confiança, e sem esforço diz... *Este é o meu reino*.

Meu corpo inteiro responde, meu mundo se ilumina até o âmago. Ele me bebe, lambe o restante do meu pau e engole. Quando se levanta, como se cada ação que tivesse acabado de fazer fosse a coisa mais natural do mundo, quase endureço novamente.

Maximoff parece totalmente consumido por mim. Sua respiração está pesada e o olhar percorre cada membro, cada centímetro da minha carne. Puxo minha cueca boxer e a calça para cima. Ele segura minha mão antes de eu fechar o zíper.

Em uma respiração, ele diz: — Preciso estar dentro de você.

Precisa. Ele está morrendo de vontade de gozar. Eu me deixo levar e me rendo aos seus desejos. O que ele precisar, oferecerei tudo a ele. Com a menor janela de tempo possível, entramos apressados na pequena despesa.

Maximoff fecha a porta e puxa minha calça e cueca boxer de volta para baixo enquanto desabotoa sua calça jeans, liberando sua ereção em seguida. Nossas respirações quentes e pesadas se misturam.

— Camisinha? — pergunto.

Ele tira uma do bolso. *Claro*.

Nós nos beijamos em ondas ásperas e apressadas, e roubo sua camisinha e a desenrolo em seu eixo. Mais rápido do que ele teria feito. Ele cospe na palma da mão para lubrificá-la, a imagem gruda em meu cérebro. Sangue pulsa em minhas veias.

Eu me viro, coloco os antebraços em uma prateleira ao lado de potes de

manteiga de amendoim e geleia e me inclino um pouco. Eu sinto seu aperto forte na minha cintura.

Sua voz profunda e afiada desarma o meu forte.

— Vou te foder rápido. — Eu pressiono minha testa no braço, abafando um gemido retorcido.

— Bom — eu digo, engasgado. — Venha me foder rápido.

Maximoff entra em mim, com uma pressão enervante e porra... *porra*. Ele afunda e começa a empurrar com um ritmo rápido e faminto.

Eu tento agarrar a prateleira de madeira, mas minha mente sobe para um lugar com zero senso comum e apenas sentimentos de entorpecimento tomam meu corpo. *Meu bom Deus*.

O prazer brota dentro de mim.

Eu cerro os dentes, respirando quente e irregularmente pelo nariz. Olho para trás, seu olhar devora a forma como seu pau entra em mim em uma sucessão profunda e rápida.

Sua satisfação me prende em um vício mais forte. Suor cobre seus bíceps, e ele acelera me segurando mais perto. Minha mandíbula dói, rangendo com força, e deixo meus lábios se separarem. Um gemido rouco ecoa.

— *Porra* — Maximoff rosna em um gemido baixo. — *Farrow*. — As palavras *estou prestes a gozar* estão em todo o meu nome. Sua mão muda da minha cintura para o meu ombro musculoso.

As cordas vocais do meu pescoço ficam tensas, os batimentos cardíacos elevados, e então uma voz feminina grita: — Moffy!

Jane.

Droga.

— Chegamos em casa!! — ela descaradamente anuncia sua presença, provavelmente, para nos dar tempo de nos “recompor” se não estivermos descendentes.

Estamos demasiadamente indecentes.

— Termine ou tire — digo a Maximoff, com a voz abafada.

Surpreendentemente, ele escolhe arriscar, ficando dentro de mim. Tudo pelo clímax. *Caralho*, eu engulo outro gemido enquanto ele balança para frente. Aperto os dentes com força novamente, especialmente agora que os passos soam pela sala e cozinha.

Maximoff pega e joga o preservativo usado em uma pequena lixeira

embaixo da prateleira mais baixa. Nós dois recuperamos o fôlego e nos vestimos apressadamente. Ele está blindado, como se estivesse pronto para levar algum tiro, raramente entra em pânico. Quando abotoa a calça jeans, ele se vira para mim.

Ele ajeita os fios rebeldes do meu cabelo branco. Eu me levanto alguns centímetros e afivelo o cinto. Coloco a camiseta gola V nas minhas calças e posiciono o fone de volta no meu ouvido. Passo o polegar contra seus lábios vermelhos.

Maximoff abaixa a voz.

— A cor se chama “Meus lábios contra os seus”, e ela não sai fácil. Pare de esfregar e vamos montar um plano.

— Eu posso te dar um plano. — Abro um chiclete e coloco na boca. — Saímos e dizemos que estávamos juntando comida para a festa. — Recolho um punhado de besteiras das prateleiras: manteiga de amendoim, bolachas, e um pacote de bebidas energéticas *Lightning Bolt!*.

Maximoff pega dois rolos de papel toalha e nós dois avançamos para ser o primeiro a sair. Olhamos um para o outro, e corremos para a porta. Agarro a maçaneta *primeiro* e saio.

Sorrio quando vejo sua carranca, e meus lábios se contraem quando percebo Jane vasculhando as gavetas da cozinha.

— Aí estão vocês — ela sussurra, com seus olhos azuis curiosos pulando da despensa para nós. Depois, para o cabelo de Maximoff. Ajeito alguns de seus fios tortos e, em seguida, descarrego toda a comida ao lado das garrafas de bebida. Pego os rolos de papel toalha de Maximoff.

Ele dá a Jane um sorriso genuíno e caloroso.

— Bonsoir, ma moitié. — Ele está prestes a beijar suas bochechas, mas congela no meio do caminho. Censurando-se.

Ele faz uma careta.

Ele sabe que me deu um boquete. Muito, muito recentemente.

Jane se encolhe, juntando as peças.

— Você deveria ir... se arrumar. Vou resolver isso antes que Sulli e Akara cheguem. — Ela aponta para toda a bancada.

— Obrigado. — Maximoff estala dois dedos e, antes de sair, pergunta: — Você está bem?

Franzo a testa e mastigo meu chiclete mais devagar.

— Por que não estaria? — Li em seu olhar: *fui rápido demais para você? Eu te machuquei?* É fofo, mas sou a *última* pessoa que precisa de uma mão consoladora. — Eu teria dito na hora se não estivesse.

Seus ombros visivelmente relaxam. E ele desaparece pela casa. Eu o ouço cumprimentar Quinn, mas a troca é normal. Eu me concentro na garota na cozinha.

— Do que você precisa? — pergunto a Jane e giro o botão do meu rádio.

A conversa suave retorna.

Ela vasculha uma gaveta, vestida com o que Maximoff carinhosamente chama de “pijamas da vovó” para a festa: calças de flanela com estampa de gato e blusa de gola e manga comprida. Jane olha por cima do ombro e, então, sussurra para mim: — Vocês dois foram perigosamente barulhentos. Tive que mandar Quinn de volta ao carro para encontrar bombons de chocolate que nem comprei.

Estou mais do que agradecido por ter nos encoberto.

— Obrigado, eu te devo uma.

— Não parta o coração de Moffy. Isso é pagamento suficiente. — Ela fecha a gaveta e abre outra. — Ou como minha mãe diria: *parta o coração dele; e partirei o seu pau*.

Assobio e removo garrafas de bebidas de sacos de papel. Essa foi a versão suave da ameaça hiperbólica de Rose Calloway.

— Não vai cortar meu pau e jogá-lo ao sol?

Jane se agacha em um armário baixo.

— Quem gosta de avisos grandiosos e embelezados é Moffy. — Ela fecha o armário de mãos vazias e se levanta. — Pode ir. Sei que está apenas ajudando por obrigação, por Moffy.

Não vou mentir e dizer, *oh não, Jane, estou realmente aqui para você*. Não sou assim. Fico na cozinha porque Maximoff gostaria que eu ficasse. A única coisa que Jane Cobalt e eu temos em comum é Maximoff Hale. Tire-o da equação e seremos um número e uma letra que não podem ser somados.

— Ele quer que a gente se dê bem — digo a ela a verdade.

Ela abre uma gaveta próxima e estreita os olhos.

— Ele te disse isso?

— Não com essas palavras — eu digo. — Mas você sabe, Maximoff é tão exageradamente preparado para tudo. Estou esperando um contrato. Assinar

na linha pontilhada *que serei amigo de Jane Cobalt*.

Ela remove um ralador de queijo da gaveta, e seus lábios desenharam uma linha fina enquanto ela olha para mim. Eu disse algo errado. Sinto isso antes mesmo de ela abrir a boca.

— Então, a única maneira de ser meu amigo é se Moffy o fizer assinar um contrato?

— Não — digo rapidamente. *Porra*. — Só estou dizendo que Maximoff é muito prático e meticoloso com tudo. Foi uma brincadeira. — Passo a mão pelo cabelo. — Ele mencionou algo para você sobre *nós*? — Mudo o foco de mim para ela.

— Não, mas notei a mesma coisa que você. — Ela dá um passo para a geladeira. — Ele está com medo de que a gente não se dê bem.

— E nós dois concordamos em querer diminuir suas preocupações? — pergunto.

— Claro — diz ela ao pegar um pedaço de queijo cheddar da prateleira. Ela chuta a geladeira com o chinelo para fechar a porta. — Não há nada que eu queira mais do que vê-lo feliz.

— Eu também — digo, e levanto a mão. — Veja só, já estamos progredindo aqui. Ok, o que mais temos em comum?

O silêncio de repente engrossa no ambiente. Ela corta um pedaço de queijo lentamente.

— Você está pensando? — pergunto a ela.

— Sim, é difícil.

— Não pode ser tão difícil.

— Você tem alguma resposta? — ela atira de volta.

— Você ama os animais — digo a ela. — E eu não os odeio.

Ela corta um pedaço de queijo e pousa os olhos em mim.

— Ouvi você chamando Walrus de bastardo umas trinta vezes.

— Com carinho — digo.

Ela coloca a fatia de queijo na boca.

— Então, temos duas coisas em comum. Meus cálculos me dizem que temos semelhanças suficientes para sermos amigos daqui a quinhentos e sessenta e quatro anos.

Ela pega uma cerveja, e não sei o que dizer sem pisar na bola.

Não quero desistir disso, mas sinto o ar ficando tenso ao nosso redor. Um

silêncio constrangedor se acumula. Bato o anel do polegar no balcão da cozinha para preencher o silêncio. Ela me observa por um segundo antes de colocar a tampa de sua cerveja na lateral do balcão.

— Você poderia ter discordado — ela diz casualmente, colocando a cerveja em seus lábios.

Paro de bater o anel.

— Com a coisa de quinhentos e sessenta e quatro anos?

— Sim — ela balança a cabeça e aponta a garrafa para mim. — Você poderia ter dito: *não, Jane, seremos amigos em alguns poucos anos*.

— Não tenho uma bola de cristal — eu digo.

— Ok, então me diga que estou errada.

— Você está errada — digo. — Esqueletos no túmulo não fazem amizade.

— Uau. — Ela balança a cabeça.

— Uau, por quê? — Não consigo dizer a coisa certa, tentar corrigir o curso desta conversa é apenas me empurrar ainda mais para uma vala.

— Uau, você quer ser meu amigo, mas não acredita que isso vá acontecer — diz ela. — Não em quinhentos anos. Não em um par de anos. Que tal nunca?

— Acredito que quero tentar, mas a amizade é uma via de mão dupla — respondo.

Suas sobrancelhas ficam franzidas.

— Então, você acha que não estou tentando?

Maldito inferno.

— Você está certa — eu digo. — Isto é difícil.

— Concordo.

Algo me incomoda, algo que não vai nos aproximar mais, já que é sobre Maximoff. Coço a mandíbula.

— Maximoff perdeu a licença para dirigir — eu digo. — Pensei que a única razão pela qual vocês não andavam juntos era pela direção perigosa dele.

— Era — ela responde. Percebo o tempo verbal.

— Era, mas não é mais?

— Vocês dois não ficam muito tempo a sós... — Ela encolhe os ombros.

Quero dizer para não se preocupar com isso, para fazer o que

normalmente faria, se eu não estivesse por perto. Mas *dane-se*. Amo meu tempo a sós com Maximoff, e esses passeios de carro são uma grande parte dele. Nenhum pedaço de mim quer desistir disso apenas para ser legal.

Meu fone de ouvido vibra.

— *Akara para Farrow* — diz Akara através do meu microfone. — *Estamos entrando na garagem agora. As portas estão destrancadas?*

Eu me afasto de Jane, percebendo que nossa conversa passou de agradável a dolorosa em questão de minutos. E, honestamente, não é culpa dela. Nem sei se é minha. É apenas essa coisa intangível, não quantificável.



Maximoff Hale

— NÃO TROUXE SALGADINHOS suficientes — Sulli diz ao meu lado na minha cozinha. Nós dois preparamos um prato de comida que será servido a todos. Ela inspeciona os *Tostitos*. — Onde estava com a cabeça? *Apenas um maldito saco*. Akara come um saco inteiro sozinho. E por que eu trouxe *donuts*? Ninguém gosta de *donuts* além de mim.

— Ei. — Coloco duas mãos em seus ombros largos de nadadora. Ela tem pernas compridas e braços longos. Quando está descalça, mede um metro e oitenta e dois de altura. É apenas alguns centímetros mais baixa do que eu, e estamos quase no mesmo nível dos olhos.

Parecemos irmão e irmã. Não apenas primos.

Nossas mães são irmãs. Nós compartilhamos seus olhos verdes.

Nossos pais são meio-irmãos. Nós compartilhamos o cabelo castanho escuro do nosso avô (se eu não tingisse o meu).

Vocês conhecem Sullivan Minnie Meadows como a atleta olímpica desbocada e *ultrafocada* que voltou para casa com quatro medalhas de ouro no verão passado nos 200 e 400 metros livre e medley individual. Vocês estão com raiva porque ela acabou de se aposentar da natação, mas alguns de vocês estão muito animados com a ideia de Sullivan começar a namorar para se importar seriamente com isso.

Eu vi os *tweets* sobre a virgindade dela.

Não mexa com ela.

Eu eu... eu a conheço como Sulli. Minha prima de dezenove anos que brinca toscopicamente, ama loucamente, e pode me superar a pé ou na água sempre que quiser. Eu a amo como uma irmã menor, e ela não tem irmãos.

Aviso: arrancarei cada um dos seus pulmões de sua caixa torácica e os triturarei em um processador de carne *enferrujado* se você mexer com ela.

— Não se estresse — eu digo, segurando seus ombros. — Um saco de salgadinho é suficiente. E quando foi que você *já* se importou se alguém mais gosta de *donuts*?

— É a nossa primeira Véspera do Dia das Bruxas Entre Amigos.

Entendo. O Halloween sempre está relacionado com o aniversário do meu pai e uma festa à fantasia gigante. Apenas para a família. Jane e Sulli vêm tentando inventar uma tradição do dia anterior ao Halloween que não incluísse nossos pais ou as crianças pequenas há *anos*.

Por isso, *Véspera do Dia das Bruxas Entre Amigos*. Dos nossos primos e irmãos, decidimos convidar apenas aqueles que já concluíram o Ensino Médio. Charlie nunca respondeu. *Típico*. E seu irmão gêmeo, Beckett, acabou de se tornar o principal dançarino de uma prestigiada companhia de balé. Ele estaria aqui por Sulli, sua melhor amiga, mas tem uma apresentação hoje à noite.

Isso nos deixa com Jane, Sulli e eu.

— E é a primeira vez que dou uma festa — Sulli me lembra. — Tem que ser perfeita. — Ela inflige pressão sobre si mesma o tempo todo. Sempre que Sullivan tem um objetivo em sua mente, seu trabalho é buscar o ouro.

— Você é co-anfitriã — eu corrijo, soltando minhas mãos. — É *minha* casa. Qualquer coisa que der errado, pode ser culpa minha. — Despejo os salgadinhos em uma tigela de plástico laranja.

Sulli bufa.

— Não é assim que funciona. Você não pode cair em uma espada por mim, Mof. — Silenciosamente, ela acrescenta: — E não quero que esta seja a pior festa para a qual nossos guarda-costas já foram convidados.

Minhas sobranças franzem.

— Quem você está tentando impressionar? São apenas Akara, Quinn e Farrow. — Nós os convidamos como *amigos*. Fora de serviço. Vamos todos ficar em casa a noite toda e assistir a um filme de terror. Eles podem beber álcool, mas precisam ficar aqui.

Empurramos o sofá contra a entrada em formato de abóbada da cozinha. Então, temos que atravessar os móveis para chegar à sala de estar onde colocamos pufes e sacos de dormir. Assim como Jane, Sulli já está de pijama, short e uma regata turquesa.

— Estou tentando impressionar os três — Sulli sussurra. — Eu os ouvi falando mal da *sua* festa na piscina por... quantos anos você tinha?

— Dezoito anos, e aquela infestação de mosquitos não foi culpa minha. Estávamos do lado de *fora*, onde os insetos vivem. Naturalmente.

— Ei, não fui eu quem ficou comentando — Sulli diz. — Concorro totalmente com você. A culpa é da porra da natureza, não da melancia que você cortou ao meio.

Eu franzi o cenho.

— Você está certa, eles são irritantes. Por que nós os convidamos mesmo? — Estou meio sério, meio sarcástico. Mesmo que passe 24 horas por dia com Farrow, esta será a primeira vez que ele estará *tecnicamente* de folga perto de mim.

E ele adora seus tecnicismos.

— Se não os convidássemos — Sulli diz —, teríamos que chamar isso de *Véspera do Dia das Bruxas Entre Família* porque nós três não temos amigos. Além das pessoas que pagamos para nos proteger.

— Como somos tristes — eu digo, sendo sarcástico.

Sulli sorri.

— Tristes pra caralho. — Ela pega uma cerveja pelo gargalo e casualmente toma um pequeno gole. Ela se encolhe, e o nariz fica enrugando. Ela não gosta do sabor amargo.

Seu cabelo escuro está repartido ao meio, espalhado em ondas sobre seus ombros largos. Sulli lança um olhar para a sala de estar.

Sobre o sofá, vejo Jane entretendo Quinn, Akara e Farrow com uma história elaborada. Gesticulando loucamente, e uma bebida com limonada na mão.

— Ela é tão boa nisso — Sulli diz, melancólica. — Metade do tempo, não sei o que diabos dizer às pessoas.

— É uma coisa dos Cobalt — lembro a Sulli. — Eles têm mais dificuldade em saber quando calar.

Ela troca um sorriso comigo. Nós *amamos* nossos sete primos Cobalt.

Nossos melhores amigos são Cobalts: Beckett para ela, Janie para mim, mas é inegável como somos diferentes deles.

Ela assente e toma um gole maior de cerveja, tentando não fazer uma cara de nojo. Ela consegue. Depois, em outra língua, ela pergunta: — Has pensado en la ultra? — *Já pensou na ultra?*

Ryke Meadows ensinou as filhas a falar espanhol. E ele me ensinou também. Tenho orgulho de ser fluente, mas como fui constantemente comparado a Ryke no passado... não sei.

Eu questiono tudo.

— Mofy? — Sulli cutuca minhas costelas, me acordando de um estupor.

A ultra.

Pego uma garrafa d'água do refrigerador de chão, pensando. Sulli se aposentou da natação porque completou seu objetivo. Ela foi para as Olimpíadas. Ela ganhou medalhas. Ela poderia ter voltado para as próximas Olimpíadas de verão, mas não queria fazer mais do mesmo.

Então, ela decidiu fazer uma *ultramaratona* no Chile. A Travessia do Atacama, uma corrida de 250 quilômetros no deserto. É o próximo objetivo dela.

Sua próxima luta pelo primeiro lugar.

E ela me quer ao seu lado.

Natação e corrida andam de mãos dadas. Costumávamos nos condicionar em terra fazendo corridas de resistência juntos, e eu *adoraria* ter tempo para uma ultra.

Se ela me perguntasse há um ano, não teria hesitado como estou fazendo agora.

— É porque meu pai fez uma ultra, não é?

— Sulli. — Esfrego minha mandíbulaafiada. — Se eu for, eles vão me comparar ainda mais com seu pai.

Sulli rasga o rótulo de sua cerveja.

— Olha, sei que não é meu irmão...

— Não quis soar desse jeito. — *Droga.*

— Ah, eu sei. Eu sou terrível com as palavras. — Ela respira fundo. Ainda não desistiu. Sulli raramente desiste de alguma coisa. — Mas escute, nós começamos a nadar nas competições juntos e, no grande universo de amizade e destino, talvez, devêssemos começar isso juntos também. — Ela

faz uma pausa. — E eu simplesmente não consigo me imaginar fazendo isso sozinha. Então, pense com carinho, sim?

Eu concordo.

— Por você, eu pensarei.

Sulli coloca os lábios na borda da cerveja e me pega olhando o álcool com olhos de águia. Ela abaixa a garrafa.

— Você pode parar de olhar para mim como se asas nascessem em minhas costas.

— Na verdade, estou olhando para você como se estivesse embalando um fogo de artifício aceso.

— Sei o que estou fazendo, Moffy — ela tenta me tranquilizar.

Nosso avô era alcoólatra.

Meu pai é um alcoólatra em recuperação.

Seu pai decidiu parar de beber álcool aos dezessete anos.

O alcoolismo corre nas linhagens de Hale e Meadows. Só porque decidi nunca beber álcool, não significa que meus irmãos ou primos tenham seguido o mesmo caminho.

— Apenas seja cuidadosa. — Eu despejo *pretzels* em outra tigela.

Sulli não diz *sempre sou*. Aventura e *destemor* também correm em seu sangue. Sendo uma Meadows, ela cresceu pulando de penhascos em oceanos tropicais, montando *Ducatis* e voando de parapente a centenas de metros no ar.

Em vez disso, ela me diz: — Conheço os riscos.

Sulli pega uma caixa de padaria que contém uma dúzia de *donuts* cobertos de chocolate. Nós dois levamos a variedade de alimentos: *pretzels*, salgadinhos, petiscos, doces de Halloween e uma bandeja vegetariana, e *habilmente* escalamos o sofá de dois lugares sem derramar nada.

Akara, Quinn e Farrow descansam em puffs, e seus rádios foram deixados de lado. Então, eles realmente estão de folga. Estão de frente para a lareira, a televisão está montada acima da lareira. Coloco a comida no meio de um saco de dormir verde, e Janie apaga a luz de teto.

Cobrindo-nos em uma quase escuridão.

Farrow se apoia em um puff preto, próximo à escada. Ele está em sua própria ilha. Akara, Quinn e Janie, que se sentou perto da comida, estão agrupados muito mais próximos.

Farrow bebe uma cerveja, com os olhos fixos em mim. Ele está se perguntando qual é o meu próximo passo. Eu também. Estou morrendo de vontade de me sentar ao lado dele. Mas que tipo de mensagem isso mandaria para os demais?

Ei, eu estou fodendo meu guarda-costas!

Ou, ei, eu e meu guarda-costas somos apenas bons amigos.

Tudo bem, o primeiro soa como pura paranoia com pitadas de reação exagerada. Antes de eu dar um passo em direção a Farrow, Sulli coloca os *donuts* ao lado dos salgadinhos e xinga:

— Carácoles.

— O quê? — pergunto.

— Esqueci o molho. — Ela descansa dois dedos nos lábios, o famoso rosto de *concentração* de Sullivan Meadows, que ela está usando para uma crise sobre *molho*.

— Sulli — surto. — Está tudo bem.

— Há alguma coisa na geladeira? Eu poderia fazer um. — Ela não pode se oferecer para ir rapidinho ao supermercado. Isso implicaria *ter* um Akara Kitsuwon sóbrio à sua disposição.

— Esqueça o molho, Sulli.

— Tio Lo diz que não existe festa sem molho. É uma regra, não é?

Ela olha para Jane.

— Bem... — Jane reflete sobre a ideia por tempo demais.

Interrompo: — Meu pai também comeria cinco pacotes de molho picante de café da manhã e nada mais.

— Famosos — Farrow diz, e nossas cabeças se voltam para ele. — Não *existem* regras sobre molhos em festas. Não é normal.

Cristo, o fato de precisarmos de esclarecimentos de *Farrow* me faz apertar os olhos e gemer. Ele sorri amplamente, tomando seu gole de cerveja.

— Venha aqui, Sulli. — Akara acena para ela se sentar no puff verde ao seu lado, segurando a tigela de salgadinhos em seu colo.

Sentada, ela segura as pernas contra o peito, mas se inclina para ele.

— Isso aqui está perfeito *sem* molho. — Ele mostra um salgadinho e o joga na boca. — Delicioso.

— Está dizendo isso da boca para fora — Sulli refuta.

— Não estou. — Akara brinca puxando a tigela contra o peito. — Agora,

isso aqui é meu, obrigado.

Ela sorri radiante, e tenta pegar um salgadinho. Ele ergue a tigela sobre a cabeça dela. Provocando-a.

Provocando-a?

Atordoad, ando até Farrow. Não tiro meu olhar *dessa* troca, e afundo ao lado dele.

— O que está acontecendo ali? — Eu sussurro para ele.

— Isso se chama guarda-costas-amigo, escoteiro.

Já ouvi a segurança usar o termo antes. *Guarda-costas-amigo* (substantivo): aquele que protege uma pessoa muito importante enquanto também é seu amigo íntimo.

Eu sei que Akara sabe *tudo* sobre Sulli, seus hábitos, seus gostos e desgostos. Nunca realmente prestei atenção na *amizade* deles até que...

Até que comecei a foder meu guarda-costas.

Excelente. Agora, minha percepção de cada relacionamento guarda-costas-cliente vai se inclinar para o lado de *será que eles estão copulando?* Minha mente é túnel sem fim no qual nunca quis cair.

— Recoste — diz Farrow, bebendo sua cerveja.

Faço isso, e ficamos ombro a ombro. Mas meus olhos estreitos permanecem grudados em minha prima e seu guarda-costas. Abaixo a voz, garantindo que apenas Farrow possa ouvi-la.

— Eles não parecem muito próximos? Não parecem mais do que amizade?

— Não. — Ele bebe sua cerveja, totalmente à vontade agora. Eu observo minha prima. Ela empurra o bíceps esculpido de Akara, rindo enquanto ele esconde a tigela atrás das costas.

Faço uma careta, *eles estão flertando?* Tento nem mesmo tocar meus sentimentos contraditórios. Serei um hipócrita se disser que não gosto da mera ideia de Sulli com seu guarda-costas, mas uma parte em mim visualiza o incrível Hulk esmurrando Akara.

— Tem certeza?

Farrow vira a cabeça para sussurrar em meu ouvido.

— Conheço Akara há muito tempo, e ele nunca cruzaria essa linha com Sulli. Ele é um *líder* da segurança. Ele é muito profissional. E ele sabe que Ryke Meadows o mataria.

Meu pai vai te matar. Minha mandíbula fica tensa, e ele deve sentir meu pensamento repentino.

Ele sussurra contra o meu ouvido novamente.

— Se seu pai me assustasse, não teria te beijado.

Isso me lembra... não me arrependi de cruzar essa linha com Farrow.

Nenhuma vez.

Meus ombros caem um pouco, e Farrow morde um muffin inglês, de ovo, bacon e queijo, que ele fez em sua casa depois de tomar banho e trazer para cá, apesar de termos comprado lanches para esta noite.

Seu amor por alimentos de café da manhã não tem limites. Farrow vai *literalmente* pedir ovos fritos e salsichas sete dias seguidos em todas as refeições.

Farrow estende o sanduíche meio mordido para mim.

— Achei que você não sabia dividir.

Ele lambe o polegar, levantando os lábios.

— Eu divido apenas com você.

Eu pego o sanduíche.

— Porque sou seu cliente.

— Tente novamente.

Porque sou seu... — Me diz você.

Estamos rotulando esse relacionamento...? Não sei. Este é meu primeiro relacionamento. Quando começamos com os rótulos? Talvez Farrow espere no mínimo seis meses antes de considerar uma pessoa seu...

Eu o observo examinar a sala pela visão periférica. Farrow está sutilmente atento ao nosso redor, e amo isso. Eu sou mais óbvio. Encaro diretamente.

Janie usa o controle remoto para encontrar um filme de terror na *Netflix*. Akara e Sulli estão conversando baixinho, e ela está empilhando salgadinhos em um *donut*. Quinn brinca com Ophelia, a gata branca que corre sob suas pernas musculosas.

— Maximoff. — Farrow captura meu olhar. Ele se impede de falar mais, e não posso me sentir desapontado. Sei que ele vê alguém nos observando. Ele olha direto para a televisão.

Dou uma mordida em sua comida antes de devolver o sanduíche. Então, desenrosco minha garrafa d'água e bebo.

— Que diabos você tem? — Quinn franze a testa para o gatinho malhado

arranhando seu tornozelo.

— Isso te odeia, Oliveira — diz Farrow, dando um gole de cerveja.

— *Ele* — Janie corrige Farrow com um olhar aguçado.

Quando ela me vê assistindo, força um sorriso de *nós somos amigos, não se preocupe, Moffy*.

Isso convenceu alguém? Papel de parede, abajur, mesa, homem na lua, vocês estão convencidos? Eu também não.

— O quê? — Quinn pergunta a Farrow, parecendo genuinamente chateado com essa ideia. — Ele não me odeia. Sou *ótimo* com animais. Antes de ser um boxeador profissional, poderia ter sido um encantador de cães. — Ele estala a língua para o gatinho e faz um barulho de passarinho.

Com um copo vermelho na mão, Akara se inclina para Quinn.

— Ei, você sabe que é um *gato*, não um cachorro.

Quinn ri com todos nós. Nunca vi nenhum golpe metafórico derrubá-lo. Ele bebe seu rum e sua Fizz.

— Quando era menino, eu tive um cachorro.

— De qual raça? — Sulli pergunta.

Janie escolhe *A Hora do Pesadelo* e pergunta murmurando para mim e Farrow: *sim* ou *não*.

Faço sinal de joia para ela.

Farrow coloca o polegar para baixo de propósito.

Coloco o polegar dele para cima.

Ele usa uma expressão de *autossatisfação* como se eu tivesse concordado em masturbá-lo. Não é o equivalente, mas estou lhe concedendo muita atenção. Ele está me deixando ciente disso.

Quinn responde à minha prima: — Eu tinha um husky.

— Eu também tinha um husky — diz Sulli, e a sala fica em silêncio. Para Quinn, minha prima acrescenta: — Ela morreu há algum tempo.

— Sim, eu sei. Eu vi... — Quinn para e limpa a garganta.

— *Twitter* — diz Farrow.

Mais confiante, Quinn diz a Sulli: — Na verdade, *Facebook*.

Se os Meadows tivessem um quinto membro da família, não seria *eu*. Seria Coconut, a husky. Vocês *amavam* aquela cadela. Eu adorava aquela cadela. Ficamos todos tristes quando ela, enfim, faleceu.

Quinn tenta acariciar o gatinho malhado, e ele morde o dedo dele.

— Jane?

— Carpenter gosta de vegetais. Apenas jogue um tomate cereja para ele.

Quinn se estica em direção à bandeja de vegetais e joga um tomate embaixo do sofá. Carpenter corre atrás dele.

Ele balança a cabeça.

— Isso não é normal.

Akara aponta seu copo para a televisão.

— Ainda vamos fazer o jogo da bebida?

— Sim — Sulli acena repetidamente. — Jane sabe as regras.

— Certo. — Jane está ocupada afundando seu puff. Ela geralmente se senta ao meu lado durante esse tipo de coisa, e ela está meio deslocada.

— Janie — chamo e aceno para ela chegar mais perto.

Ela murmura, *não*. E lança um breve olhar para Farrow, como se precisasse nos dar privacidade. Não é como se estivéssemos prestes a trocar punhetas secretas no escuro. Estou em um cômodo com duas das minhas primas.

Não irá acontecer.

— Jane — Farrow chama antes que eu tenha que insistir.

Ela hesita por um segundo antes de arrastar seu puff rosa para perto de nós. Ela se joga a alguns metros de mim. Eu a alcanço e deslizo o puff para perto.

Jane não consegue esconder seu sorriso.

— As regras do jogo da bebida da *Véspera do Dia das Bruxas Entre Amigos* — ela anuncia ao grupo. — Tome um gole de sua bebida toda vez que Freddy Krueger aparecer, alguém gritar ou disser as palavras *pesadelo*, *sonho* ou *sono*.

— E Moffy? — Sulli pergunta.

— Eu não vou brincar.

— Você *não* pode não brincar — Jane responde. — E você sabe que falo *terrivelmente* sério quando uso uma dupla negativa.

Sulli morde um *donut* e com a boca cheia diz: — Tio Lo e meu pai sempre têm regras alternativas para jogadores sóbrios.

Janie se anima.

— Tire uma peça de roupa toda vez que alguém gritar.

— Ce n'est pas une bonne idée — digo em francês para que apenas Jane

possa entender. *Isso não é uma boa ideia.* Sim, eu já *gozei* hoje, e posso evitar uma ereção por pura concentração mental. Mas não se estiver fazendo strip ao lado de Farrow. Olha, há algumas coisas que não podem ser facilmente escondidas.

Meu pau enorme e duro como pedra é uma delas.

Todo mundo está olhando para mim, menos Farrow. Ele se afasta de mim e sai para a cozinha com sua garrafa de cerveja vazia.

Jane diz: — Je n'ai pas d'autre idée que celle-ci. — *Não tenho outra ideia além desta.*

Olho para Sulli e me lembro de sua apreensão sobre o fracasso da festa. Não quero desapontar minha prima por causa de uma ereção. Fecho os olhos em um longo piscar, tentando apagar aquele último pensamento bizarro.

— Tudo bem — digo, de olhos abertos. — A cada grito, tiro uma peça de roupa, *mas* paro na cueca.

A sala concordou, e Farrow voltou com uma nova cerveja clara e um dos cobertores azul-pastel de Janie. Ele joga o cobertor para mim e afunda de volta.

Tão perto quanto antes. Ombro a ombro. Sua presença é uma fornalha, me faz ferver da cabeça aos pés. *Não seja pego.* Que tal esse mantra? Se eu repetir isso várias vezes, serei capaz de evitar uma ereção. Com certeza.

Não seja pego.

Janie aperta o *play*, e depois de cerca de dez minutos de filme, Farrow grita: — Akara, você está atrasado para ir a algum lugar ou simplesmente ama a decoração de Jane? — Ele deve estar examinando a sala.

Uma atriz de repente grita. Todo mundo bebe, e eu tiro a camiseta e a jogó de lado. Eu me inclino para trás, ao lado de Farrow. Ele está tentando *reprimir* um sorriso.

Isso é raro.

Janie mantém a conversa viva.

— Akara, gostou de como decorei o lugar?

— Não entendo disso — diz ele.

— Meu irmão gosta da sua decoração — Quinn diz a ela. — Ele chama isso de “realismo retrô da vovó”. — Janie sorriu.

— Eu acho muito foda — Sulli diz a ela.

— Obrigada, Sullivan — Janie responde. — Quer ser minha nova guarda-

costas?

— Claro que sim, vou te proteger até da morte.

— E vai me seguir a todos os lugares que eu vou?

— A toda parte.

— Eieiei — Quinn interrompe, estendendo o braço para Sulli. — Não tire o meu trabalho. Não está à venda.

Jane sorri com mais intensidade. Seu último guarda-costas *aposentado* nunca expressou seu prazer em trabalhar para ela.

— Pena que você não é o encarregado das transferências, Quinn — Farrow diz a ele. — Somente Akara pode decidir isso.

Sulli cutuca o braço de Akara.

— O que você me diz, Kits? Vai me colocar na equipe de segurança de Jane?

Kits. Minha prima tem um apelido especial para seu guarda-costas. Vem do sobrenome Kitsuwon, mas, ainda assim, é um apelido. Farrow tem um apelido para mim. Dois mais dois é igual a...

Hum.

Minha mente precisa parar por uma noite. Juro que vou alcançar um novo círculo do inferno para almas paranoicas.

Akara acena para Sulli.

— Quando você me vencer no ringue, poderá ser a guarda-costas de Jane. — Ele parece falar sério, mas talvez saiba que ela nunca o venceria. Ele foi treinado em Muay Thai desde os seis anos.

Sulli franze o nariz.

— Mas sou amadora, não uma lutadora profissional.

Seus lábios se curvam.

— Desculpe, Sulli. Então, terei que dizer não. Você seria uma péssima guarda-costas.

Jane aperta seu coração.

— Não me diga isso.

— Bebam — Farrow ordena enquanto a palavra *sono* é dita na tela. O filme de terror absorve a todos nós pelos próximos vinte minutos. Eu vi todo mundo ir por mais três bebidas.

Sulli está em sua *sexta* cerveja.

Sim, estou contando.

E tenho *zero* roupas para tirar. Só minha cueca boxer verde escura. O cobertor foi uma manobra tática de Farrow para o caso de eu ficar de pau duro. Estou bem. Parei de vê-lo beber sua cerveja, e meu cérebro e meu pau estão cooperando comigo pela primeira vez.

Agradecido.

Meu telefone toca algumas vezes. Respondo a meus irmãos. A maioria dos quais está *chateado* por não ter sido convidado para a *Véspera do Dia das Bruxas Entre Amigos*.

Kinney é a mais irritada.

Kinney: *Seu merda. Você nem sabe o que é horror.*

Eu: *Faremos uma noite de cinema de Halloween na casa da mamãe e do papai em outro momento. Prometo.*

Ela envia um emoji de caveira e ossos cruzados.

Ainda não os quero perto do álcool. Não quando estou em uma festa com homens na casa dos vinte. Minha irmã tem *treze anos*. Ela pode continuar com treze anos.

E Luna está andando em uma corda bamba com meus pais depois do piercing na língua. Estou fazendo um favor a ela não estendendo o convite.

Além disso, se convidássemos Luna, teríamos que convidar os dois irmãos de Jane, Eliot Cobalt e Tom Cobalt, o que provavelmente terminaria com uma ligação para o corpo de bombeiros ou nosso médico de plantão.

Então, é basicamente por isso que fizemos a estipulação de convite apenas para graduados do Ensino Médio.

— Sulli? — A voz preocupada de seu guarda-costas rouba minha atenção. Ele se inclina sobre minha prima e segura sua bochecha. — Espere... — Ele se levanta e facilmente ultrapassa o sofá.

Sulli abraça as pernas contra o peito com mais força e depois descansa a testa nos joelhos. *Ela está tonta.*

— Sulli — começo, prestes a me levantar, mas Akara retorna com uma nova caixa de *donuts*.

— Coma isso — ele entrega a Sulli uma rosquinha açucarada simples. — Você pode matar a ressaca com comida. — Ele arranca a cerveja de seus dedos.

— Obrigada — ela murmura e levanta a cabeça o suficiente para pegar o

donut.

Jane acaricia sua gata preta, Lady Macbeth.

— A primeira vez que fiquei bêbada, vomitei por toda parte — ela diz a Sulli. — Moffy segurou meu cabelo. — Ela descansa a bochecha no meu ombro. Eu a envolvo em meus braços.

— A primeira vez que fiquei bêbado, desmaiei no meu próprio mijo — diz Quinn. — Nem pergunte.

Farrow põe de lado sua garrafa vazia.

— E agora eu vou ao...

Um objeto estilhaça a janela da frente através das cortinas, seguido por um violento e rápido *pow pow pow pow...*

Pow.



Maximoff Hale

BOMBINHAS.

Você está de sacanagem? Eu pulo de pé enquanto os três guarda-costas entram em ação.

— Farrow! — Akara grita e aponta para a porta da frente e, então, ele pega o rádio no saco de dormir. — Akara para Alfa. Akara para Alfa.

Farrow já está correndo para a saída, e não estou muito atrás dele, com olhos focados, fervendo de dentro para fora. *Alguém quebrou minha janela com a intenção de prejudicar minha família. Poderiam ter sido tiros. É tudo que eu sinto.*

E vejo tudo vermelho.

Farrow agarra a maçaneta, mas de repente se vira para mim. Ele coloca a mão no meu peito nu, impedindo-me de chegar à porta. Ele possui um olhar vigilante que nunca o vi lançando a *mim*.

— Quinn, não chegue perto da *janela*, há vidro no chão! — Akara grita. — Leve as meninas e Moffy para o banheiro e tranque a porta!

Meu pulso furioso martela na entrada dos ouvidos.

— O que *acha* que está fazendo? — Farrow fala para mim. — *Você não pode me seguir.* — Vejo um breve lampejo de preocupação, de apreensão, antes que seu olhar se torne duro e quente novamente.

Cerro os dentes. *Eu preciso ajudar. Eu tenho que ajudar, porra.* A necessidade intrínseca bate na minha cabeça, na minha caixa torácica, no meu

oração, e eu não sei como me afastar.

Não sei me esconder no banheiro e *esperar*.

— Eu o vejo! — Quinn grita de repente. Ele vem em nossa direção, atravessando Farrow e eu para abrir a porta. Ele corre com urgência para a noite escura como o breu. Os paparazzi acampados na minha rua acordam como vaga-lumes e vespas adormecidas.

Eles brilham no escuro. Prontos para picar.

Rapidamente, Farrow me avisa: — *Não. Siga.* — Então, ele sai correndo, seguindo os passos apressados de Quinn. A voz cáustica de Farrow escalda meus malditos ouvidos.

Ela está tentando me proteger. É simples assim.

Minhas mãos se fecham em punhos, mas me viro para encontrar Jane e Sulli, para mantê-las seguras.

— CARPENTER! — Jane grita a plenos pulmões, e o som lacera meu coração. Tudo acontece muito rápido. Ela desce as escadas e sai do alcance de Sulli.

— Jane! — Sulli grita, quase caindo da escada atrás dela. Akara agarra Sulli pela cintura. — KITS!

— Você tem que ficar aqui! — grita Akara. — JANE!

— MOFFY! CARPENTER! — Jane grita, com lágrimas alarmadas já encharcando suas bochechas. Tento fechar a porta, mantendo os gatos dentro, mas ela grita: — ELE JÁ ESTÁ DO LADO DE FORA! ELE ESTÁ LÁ FORA!

Walrus, o outro gatinho passa pelos meus tornozelos. Eu me abaixo para pegá-lo, mas ele corre para a noite. Não perco tempo. Persigo o maldito animal.

Correndo lá fora.

Esses gatos domésticos são os bebês de Jane, e nós moramos na cidade, onde carros passam constantemente em alta velocidade. Se algum deles morrer, ela ficará devastada. É tudo que penso.

Tudo o que eu sei.

Caramba, eu corro. Na calçada, em direção ao estacionamento na rua. Vejo Walrus correndo para debaixo de um carro estacionado.

E, então, sou cercado por paparazzi. Há câmeras em todas as direções.

— CARPENTER! — Jane grita, em pânico. *Ela está do lado de fora?*

Minha cabeça gira, apertando os olhos nos *flashes* ásperos. Mal consigo ver à minha frente.

— JANE! — grito e empurro os paparazzi para ir até onde acho que Jane foi. Eu a vejo cambaleando e tropeçando em seus pés descalços, mas determinados a perseguir outro gatinho malhado. *Ela está bêbada.*

Ela está bêbada.

Eu esqueci.

Eu sou o único sóbrio aqui.

— Peguei! Eu o peguei, Maximoff! — um fotógrafo grita para mim e de repente me entrega Walrus. Não tenho tempo para expressar todo o meu alívio ou gratidão. Aceno uma vez para ele, e coloco toda a minha maldita atenção em alcançar Jane.

— Deixe-o passar! — paparazzi começam a gritar uns para os outros. — Deixe-o passar!

— JANE! — eu grito. Eu empurro através dos corpos. Eu empurro vozes que gritam perguntas. Eu empurro as mãos tateantes.

— CARPENTER! — ela grita em lamentos. Mal consigo ver o gatinho entrando na maldita *estrada*. E Jane corre logo atrás dele.

Abro caminho através dos malditos paparazzi. Sou acidentalmente atingido na bochecha por uma câmera pesada. Não paro.

Não posso parar.

Meus pés atingem a estrada de cimento e, com Walrus em uma mão, envolvo meu braço em volta da cintura de Jane ao mesmo tempo em que ela dá um aperto mortífero em seu gatinho malhado. Faróis brilham para nós, vindo rápido pela nossa rua. Eu a guio rapidamente em direção à calçada, e chegamos ao meio-fio bem na hora que o carro passa em alta velocidade.

Jane está tremendo e mancando um pouco. *Ela deve ter caído.*

Tento discernir onde estamos. Acho que estamos a doze ou quinze metros da nossa casa. Guio minha melhor amiga em direção à nossa casa.

— Maximoff! Por que você está de cueca às oito da noite?! — é a única pergunta que chama minha atenção, lembrando-me de que estou quase nu no frio de um 30 de outubro.

Excelente.

Câmeras piscam em um frenesi feroz, e apenas me concentro em levar Jane para casa.

Em nos levar para casa.

— Moffy — Jane diz, com a voz firme e os olhos arregalados em Carpenter e apenas em Carpenter. — Ele quase... ele... você...?

— Ele está bem. Ele está bem. — Acho que ela nem percebeu que Walrus também escapou, ou que está em meus braços. Ela está com os olhos embaçados, lutando para manter suas pálpebras pesadas abertas. Olho para baixo. Sangue escorre pelo tecido de sua calça de flanela. Ela tem ambos os joelhos ensanguentados.

Minha mandíbula trava.

— Vamos, Jane. — Tento acelerar nosso ritmo. Onde há tanta comoção, podem aparecer desordeiros não muito tempo depois. Embora um desordeiro com fogos de artifício já tenha começado tudo isso. Talvez ele tenha amigos vindo para uma segunda rodada.

Talvez ele não fosse um lobo solitário.

Talvez eles estejam planejando se esconder em nossa casa.

Droga.

Walrus se contorce no meu braço esquerdo. Cravando suas garras em meu peito nu e tentando rastejar pelo meu ombro. Eu o puxo de volta para baixo, sem me importar com os arranhões.

Os paparazzi empurram meu rosto quando coloco meu braço direito em volta dos ombros de Jane. Tenho que soltá-la apenas para empurrá-los para fora.

— Afastem-se! — grito, sem brincadeira.

Muitos se jogam para trás. E alguns não dão a mínima para nós.

Balançando de bêbada, Jane quase cai de novo, com as pernas tremendo.

— *Janie*, segure o gato. — Passo Walrus para ela.

Sua boca se abre quando percebe que *dois* gatos fugiram de casa.

— Merde.

Espero que nenhum dos outros tenha corrido para fora antes de Walrus e Carpenter.

Jane segura seus gatinhos em um aperto ferozmente protetor.

Rapidamente, pego Jane. Passo meu braço sob suas pernas, com o outro apoiando suas costas. Embalo minha melhor amiga e os paparazzi enlouquecem.

— AQUI, MAXIMOFF, JANE!! OLHEM AQUI!

Vá se foder.

Posso me mover três vezes mais rápido. Jane enfia a cabeça no meu peito por causa das luzes. As câmeras só piscam mais enfurecidas, incessantes.

E, então... os paparazzi começam a criar um caminho, dando espaço suficiente para que um corpo passe, mas não os nossos. Eles abrem caminho para o guarda-costas ítalo-americano de *dois metros* de altura que se aproxima de Jane e de mim.

Aperto os olhos, minha visão está prejudicada pelos *flashes* constantes, mas distingo o cabelo comprido e desgrenhado, o queixo não barbeado e os severos olhos castanhos de Thatcher Moretti, líder da Equipe Segurança Épsilon.

Com sua altura maciça e constituição forte, ele cria uma barreira entre nós e a mídia, tornando dez vezes mais fácil empurrar a massa.

Thatcher clica no microfone da gola de sua camisa preta.

— Estou com eles. Limpe a rua. — Ele vê Walrus se mexendo no aperto maternal de Jane. Thatcher pega o gatinho e coloca Walrus protetoramente debaixo do braço. Como uma bola de futebol peluda.

Quando chegamos à varanda da frente da casa, luzes brancas dançam em meus olhos. Posso contar nas mãos o número de vezes que usei a porta da frente.

Três.

Três malditas vezes.

Porque essa loucura sempre acontece.

Assim que a porta se fecha atrás de mim, registro a enorme quantidade de pessoas na minha casa. Todos os rostos familiares são da Alfa. Eles colocam fita adesiva em nossas janelas e varrem o vidro, falando em microfones, vasculhando o resto da casa em busca de intrusos.

Descanso Jane no sofá, ainda encostado na entrada arqueada.

E Quinn corre em direção à escada. *Quinn?*

— Quinn, onde está Farrow? — pergunto.

Ele não para. Então, corro atrás dele, até a base da escada.

— Quinn!

Ele faz uma pausa para olhar para trás, com o nariz sangrando.

O que.

Aconteceu.

Quinn abre a boca, mas Thatcher diz a ele: — Vá, Quinn. — *Não*. Foda-se isso. — Onde está Farrow?! — grito, sem paciência.

Os músculos da mandíbula de Quinn se contraem, mas ele corre para cima. Balanço a cabeça, *chateado*. Eu me viro para Thatcher, mas ele está perto de Jane enquanto ela lentamente vasculha um kit de primeiros socorros para seus joelhos ensanguentados.

Thatcher late ordens: — Preciso de olhos em todos os gatos! — Ele já vai colocando os gatinhos malhados nas caixas de transporte com estampa de leopardo. Protegendo-os. — Estamos com Walrus e Carpenter. Onde estão Ophelia, Lady Macbeth e Toodles?

Jane pisca bêbada para ele.

— Você sabe os nomes deles?

Eu olho para Thatcher.

— Onde diabos está Farrow?

Nada.

Nenhum reconhecimento da minha pergunta. No grande esquema de segurança, não é *importante* que eu esteja ciente do paradeiro do meu próprio guarda-costas. Eu deveria sentar e deixar a segurança extra nos proteger.

Eu não deveria me importar com eles.

Nem mesmo se eles se machucarem.

É o trabalho deles.

Localizo Price pela janela quebrada, o líder da Alfa conversa com um membro de segurança mais jovem. Meu telefone vibra raivoso sobre os sacos de dormir amarrotados. Toda minha família deve estar assustada.

Minha mãe...

Tenho que ligar para ela.

Thatcher nem responde à pergunta de Jane. Ele é o cara mais rigoroso e sem sentido do time. Eu juro, eu gostava disso nele, mas agora estou imensamente irritado.

Thatcher segura o microfone.

— Jane, você tem algum gato vira-lata em casa? — Ela luta com o pacote de gaze, e vou ajudá-la. Ele me interrompe e toma meu lugar. Ajoelhando-se no sofá, ele rasga a gaze.

Preciso fazer alguma coisa, mas a segurança adora me impedir de fazer *algo* produtivo.

Poderia gritar de tão frustrado agora. Esfrego o rosto.

Onde está Farrow?

Onde está Farrow?!

Onde está o meu... Olho fixamente para a porta da frente fechada.

— Nenhum vira-lata — Jane diz a ele, tentando ao máximo não xingar.

— Adotei outro gato ontem. Licorice. Ele é um macho de quatro anos... cinza, de pelos compridos. Olhos azuis.

Thatcher fala em seu microfone.

— Há um sexto gato, Licorice. Cinza. — Ele pressiona a gaze nos joelhos dela, e Jane abre um *Band-aid* com os dentes.

Thatcher diz à minha melhor amiga: — Lady Macbeth, Toodles e Ophelia foram localizados.

Jane assente, mal relaxando.

A porta se abre e meu peito sobe, pensando que é Farrow. Mas não é.

Não é ele. É o guarda-costas de Luna.

Dane-se.

Vou em direção ao líder da Alfa. Marcho forte e determinado. Nunca me escondi de nenhum desses homens. Nem por um momento. Nem por um segundo. E eles vão me *responder* agora.

— Price. — Minha voz firme chama a atenção do membro mais jovem da segurança. — Preciso saber onde Farrow está. *Agora.*

— Você deveria se sentar...

— *Não.* Diga-me onde está meu guarda-costas. Isto não está em discussão.

Price clica em seu microfone.

— Price para segurança, alguém me dê uma atualização sobre Farrow.

Certo. Farrow nunca pegou seu rádio antes de sair correndo.

Price não pode contatá-lo diretamente.

Ele olha para longe.

— Price para segurança — ele repete. — *Alguém* me dê uma atualização sobre Farrow.

Cruzo os braços sobre o peito. A espera está me matando. Eu me viro um pouco e vejo Akara descendo a escada.

Franzo a testa, esperando que Sulli esteja logo atrás dele. Na última imagem que tenho, ele estava com ela. Eu tinha certeza de que ele estava com

ela.

— Akara! — Eu chamo. — Onde está Sulli?

Ele caminha tenso.

— Ela se foi. — Ele toca seu fone de ouvido, distraído, e então, seu foco volta. — Ela mandou uma mensagem para o pai no meio do filme para que ele a buscasse. Ela se sentia muito pior do que deixou transparecer.

— Ryke esteve aqui então.

Ele assente.

Não estou surpreso. Sulli tem uma amizade muito próxima com seu pai e a mãe. Ela conta tudo a eles. Se ela estava se sentindo tonta ou enjoada, não teria hesitado em ligar para Ryke.

— Ele planejava ficar e checar você e Jane — explica Akara —, mas ficou caótico e ele precisava tirar Sulli antes que os paparazzi bloqueassem a rua.

— Por que você não está com ela?

Akara parece chateado, e linhas severas cortam seu rosto.

— Não posso estar oficialmente em sua equipe agora porque estava bebendo. Outra pessoa está com Sulli. — Ele toca seu fone de ouvido e dá um passo em direção à cozinha. Antes de sair, ele dá um tapinha no meu ombro como se dissesse *estou feliz que esteja bem, aguente firme*.

— Ei — eu digo a ele. — Obrigado.

Ele assente.

— É apenas mais um dia de merda, certo?

— *Catástrofe* — eu digo, e um nó se forma em minha garganta ao lembrar de Farrow.

Price repete a mesma frase pela *quarta* vez.

Estou perto de sair para procurar Farrow lá fora, o que pode piorar a situação. Se ninguém vai encontrá-lo, eu vou.

— Price para a segurança — ele repete, e então a porta da frente se abre. — Ali está ele.

Não consigo nem relaxar com a notícia. *Ele está ferido?* Estrondos tomam conta da minha cabeça.

Farrow entra, não casualmente. Seus músculos estão tensos. Ele tranca a porta atrás dele. E no momento em que me vê, quase cai para trás com o nariz dilatado.

— Você foi *lá fora*? — Ele encara minha bochecha avermelhada e meus

lábios. Eu esfrego a boca.

Dói. Uma câmera deve ter aberto meu lábio.

Eu me concentro em seus antebraços *sangrentos*. A pele está arranhada como se tivesse deslizado contra o pavimento, até os cotovelos.

Faço uma careta, meus músculos viram do avesso. Meu coração está na garganta.

— Os gatos escaparam e Moffy saiu para pegá-los — Price explica brevemente a Farrow. — Precisamos de uma atualização.

Farrow engole em seco, seu rosto se contorce quanto mais ele olha para mim, quase com dor. Ele dá um passo em minha direção ao mesmo tempo que eu dou um em direção a ele.

Nós pausamos. Nós paramos.

Nunca quis tanto abraçar alguém na minha vida. Algo brota dentro do meu corpo. Uma emoção que nunca experimentei.

— *Farrow* — Price repete.

Pisco algumas vezes, tirando o olhar do meu guarda-costas. Farrow penteia o cabelo com as duas mãos e gira para a liderança da Alfa.

— Ambos os caras serão fichados hoje à noite — diz Farrow.

Eu fico rígido.

— Você os pegou? — Estou *atordado*. Provocadores. Assediadores. Pessoas que jogam merda. Quem nos persegue *raramente* são pegos. Essas pessoas geralmente são seres humanos sem rosto e sem nome. Tão indescritível quanto um anônimo *on-line*. Sempre vivi minha vida contente, sabendo que haveria pouca retribuição.

Eu estou bem com isso.

Eu entendo.

— Alguns paparazzi deram uma rasteira nos dois caras — diz Farrow, mais para mim do que para Price. — Eles os atrasaram. Consegui enfrentar um cara e mantê-lo deitado. Quinn agarrou o outro, e então a polícia veio. Eu lidei com a polícia... Quinn já voltou, certo? — ele pergunta a Price.

Price assente e joga o rádio para ele.

— Mantenha o volume alto. — Farrow prende o rádio ao cinto.

— Jane está com o kit de primeiros socorros — digo a Farrow e aponto para o sofá. Ainda estou de olho nos antebraços ensanguentados. Ele ainda está examinando meu rosto, mesmo enquanto encaixa seu fone de ouvido.

— É todo seu — Jane nos diz, balançando enquanto se levanta com os joelhos enfaixados. Ela levanta o queixo para encontrar o olhar de Thatcher.

— Localizou Licorice?

Sua mão paira em seu quadril para o caso de ela cair.

— Estamos trabalhando nisso. — Ouço sua cadência do sul da Filadélfia.

— Você está bem?

— Sim. — Jane pisca como se estivesse tentando lutar contra sua embriaguez. Ela soluça e diz: — Obrigada, Sr. Moretti.

Ele tem vinte e sete anos, a mesma idade de Farrow. Não é de *meia-idade*.

— *Thatcher* é melhor — ele diz a Jane.

Ela está corando?

Jane aperta os lábios e balança.

— Eu deveria ligar para os meus pais... — Seu olhar me encontra. — Você quer que eu ligue para sua mãe, Moffy?

— Por favor.

Ela soluça, cambaleia e, em seguida, com a caixa de transporte de gato na mão, tenta subir a escada com confiança como a cinderela no baile.

Ela consegue chegar ao segundo andar com segurança. Tudo sem tropeçar. Eu *bateria palmas*, mas me concentro em Farrow. Nós dois afundamos no sofá.

Vasculho o kit de primeiros socorros, e ele realmente me observa sem nem mesmo comentar que o médico é ele.

Thatcher pega a cadeira de ferro café e se senta *bem* na nossa frente, mas apenas reconhece Farrow.

— Você deveria ter pego seu rádio antes de sair de casa.

Farrow se inclina para trás.

— Não vou me desculpar por isso.

Thatcher o encara.

— Você nunca pede desculpas por nada.

— Eu peguei o cara...

— Os gatos escaparam...

— Isso não tem nada a ver com a porra do meu rádio — argumenta Farrow. — Deixe isso para lá, Thatcher. — Uma vez perguntei a Farrow qual cara ele mais odiava na segurança. Ele nem hesitou antes de dizer *Thatcher Moretti*. Agora, eu entendi.

Seu rigor é a antítese de Farrow.

Corto os pedaços de lenços antissépticos.

— Foi um tijolo? — pergunto a Thatcher, cortando a tensão. Aponto com a cabeça para a janela. A segurança prendeu um pedaço de papelão sobre o buraco aberto. Os cacos de vidro foram recolhidos e as cortinas fechadas.

Estou tentando visualizar o projétil.

— Não se preocupe com isso — Thatcher me diz. *Evasivo*. Fui lembrado esta noite que Thatcher está no time que acha que *Maximoff* faz muitas perguntas. *Maximoff* assume muita responsabilidade. *Maximoff* não faz parte da equipe de segurança. Lembre-o disso em qualquer chance que tiver.

— Não vou descobrir isso *on-line* amanhã — digo com firmeza. — Foi um tijolo, um martelo, um maldito OVNI...

— Uma bola de *baseball* — responde Farrow.

Thatcher tem um olhar severo que diz *ele não precisava saber*. Thatcher está acostumado a proteger Xander, que é resguardado dos fatos que alimentam sua ansiedade. Mas não sou igual ao meu irmão.

E sou *oito* anos mais velho.

— Eu perguntei — lembro a Thatcher.

Ele assente lentamente.

— Tem razão.

As sobrançelhas de Farrow saltam e ele gesticula para os lenços antissépticos.

— Me dê.

Eu os entrego, e ele limpa o sangue e o cascalho de seus antebraços, sem nem mesmo se encolher. Sua tolerância à dor deve ser alta. Evidência: cada maldita tatuagem.

Thatcher se senta para a frente, com as mãos em concha. De olho em mim.

— A equipe tem algumas perguntas que precisa fazer a você.

— Tudo bem. — Meus ombros se ajustam. Abro pacotes de gaze para Farrow. Ele parece fora do circuito deste interrogatório pré-planejado.

Provavelmente, porque não saiu com o rádio.

Thatcher pergunta: — Quem mordeu você?

Eu fico completamente imóvel.

— O quê?

Farrow coloca a mão em meu ombro e examina minhas costas. Thatcher esclarece: — Quem lhe deu essas duas marcas de mordida?

Eu o fuzilo com os olhos.

— Isso *não* é da porra da sua conta. — Nunca compartilhei meu histórico sexual com toda a equipe de segurança. Não quando Declan era meu guarda-costas. E, definitivamente, não agora.

— Já está *on-line*. — Thatcher me passa o celular, com a tela na página inicial do *Celebrity Crush*.

A primeira fotografia me mostra apenas de cueca boxer verde-escura na rua. Em um segundo painel, eles ampliaram duas marcas de mordidas avermelhadas. Uma perto da parte de trás do pescoço. A outra na cintura acima da faixa da cueca.

A manchete: *Maximoff Hale é pego com marcas de mordida sexy. Será que ele gosta de kink?!*

Antes mesmo de digerir isso, vejo outra manchete, outra fotografia desta noite. E, então, uma fotografia de mais de vinte anos atrás. Não pisco enquanto leio: *Maximoff Hale veste roupa íntima verde como Ryke Meadows!*

Que ótimo.

Eu tinha sido *tão* cuidadoso sobre usar verde. Não planejei correr para fora de cueca esta noite. Ou *nunca*.

Devolvo o celular a Thatcher, sem hesitar.

— Independentemente do artigo, você não precisa saber quem me mordeu ou com quem estou dormindo, *nada* disso é da sua conta.

Thatcher se vira para Farrow.

— Onde estão os contratos de confidencialidade de todos com quem ele teve intimidade enquanto você é guarda-costas dele? — *Maldito Cristo*. — Porque você não arquivou nenhum.

— Não há contratos. — Farrow não perde o ritmo, assumindo o controle da situação. — Ele está com a mesma garota, e ele queria manter isso privado.

— O *objetivo* de um contrato é proteger ainda mais sua privacidade.

— Também da equipe de segurança — esclarece Farrow, talvez, mentindo na hora. — É uma garota que seus pais não aprovariam.

Thatcher olha para mim.

Eu concordo uma vez. Ainda chateado. Quero toda a equipe de segurança fora daqui. Agora. Até do meu quarto *falso* com uma *falsa* garota que *finjo*

foder e que me morde de *mentirinha*.

— Maximoff — diz Thatcher —, se ela processar você, será um pesadelo. Quem quer que seja essa garota, é muito melhor fazê-la assinar um contrato. Seus pais são compreensivos.

— Ela não vai me processar. Eu confio nela, e isso é tudo que tenho a dizer. — Finalizo. — Essa conversa acabou. Se você tem mais alguma coisa para me perguntar, vá em frente. Se envolver sexo, nem fale.

— É isso. — Thatcher se levanta, e então, olha para Farrow. — Qualquer coisa que acontecer com ele será de sua responsabilidade.

— Alto e claro — diz Farrow, sem quebrar seu olhar compartilhado.

Não é responsabilidade de Farrow. Eu sou responsável por minhas próprias ações. Minha própria vida.

Se eu pisar em areia movediça, não culparia ninguém além de mim.

 Farrow Keene

TERMINO DE FAZER o curativo em meus braços, e Maximoff vai checar Jane e fazer algumas ligações para a família no andar de cima. Não podemos conversar, não com gente da segurança em todos os lugares. Por uma hora inteira, repasso os eventos desta noite para a TriForce com cada detalhe entorpecido.

Então, eles me liberam.

Encontre Maximoff. É tudo que quero fazer. Encontre Maximoff. Encontre-o.

Esteja com ele.

Dirijo-me à escada, passando por três guarda-costas da Alfa. Eles dão um tapinha no meu ombro e me dizem: — Bom trabalho.

Outro diz: — Mãos rápidas.

Eles me parabenizam porque o cara que prendi no cimento estava armado. Eu tive que desarmá-lo, e a maioria da ESA acredita que os dois caras poderiam facilmente ter dado meia-volta para a casa de Maximoff e Jane se não fossem pegos.

Subo a escada estreita, minha cabeça está girando. Não é por causa da bebida. Nada poderia ter queimado o álcool mais rápido do que a desventura desta noite.

Chego ao segundo andar, e a porta do banheiro está entreaberta. Maximoff está com a mão na pia, e o telefone no ouvido.

— Eu também te amo... eu sei, mãe.

Eu me inclino na porta enquanto ele termina a ligação, e seus olhos verdes-floresta derretem contra os meus. Seu lábio inferior está machucado. Sua bochecha está ferida e, sob seu olho, forma-se uma pequena mancha de tom avermelhado e roxo, quase como se tivesse levado um soco.

Meu estômago se contorce em nós brutais, e um nó aperta minha garganta. Separei o meu eu guarda-costas de mim por um momento, e isso me atingiu com força total esta noite. Estou me apaixonando seriamente por alguém cuja vida é ameaçada diariamente. Inconscientemente. Mais do que acontece com um ator. Mais do que acontece com a maioria das celebridades.

Ele é a *realiza americana*. É famoso desde o nascimento.

É um tipo de notoriedade que incita ao ódio e à descrença. As pessoas gritam *por que são famosos?! As pessoas decretam que eles são indignos!*

As brincadeiras deixam cicatrizes e as ameaças beiram os crimes. O custo disso podem ser vidas.

E eu me importo com a dele. Merda, eu me importo se ele está ferido, com dor ou se precisa de mim. Opinião desfavorável: gostaria que tivesse deixado os gatos morrerem.

E também não gostaria, porque ele não seria Maximoff Hale se não corresse atrás dos pequenos bastardos. Ele não seria Maximoff Hale se não se importasse com Jane e toda a família.

Ele não seria o cara que não consigo deixar de olhar. Não consigo deixar de pensar. Ele seria outra pessoa. Alguém que nunca teria pensado em beijar.

— Eu prometo — diz ele em seu telefone. — Boa noite.

Ele desliga e eu entro no banheiro. Fecho e tranco a porta atrás de mim.

Nossos olhos nunca se separam. E nossos braços imediatamente se envolvem. Eu o abraço no meu peito tanto quanto ele me abraça. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça com minha mão, sua palma aquece meu pescoço, e seu pulso bate contra meu corpo.

Ele inala, com seu membro aumentando de tamanho. Meus olhos ardem, mas tento respirar, profunda e fortemente.

Dois minutos devem ter passado antes que nos inclinássemos para trás. Apenas ligeiramente. Eu seguro sua mandíbula forte. Nós nos beijamos suavemente, e então, nos afastamos ainda mais, estudando um ao outro por um breve momento.

Seus olhos estão focados.

Eu me pergunto como deve ser estar na cabeça dele. Paranoico, suponho.

Pensamentos se movendo freneticamente, sem desacelerar.

Para qualquer coisa.

— Você está bem? — pergunto a ele finalmente.

Ele assente uma vez.

— E você? Pensei que algo terrível tivesse acontecido com você. Ninguém conseguia falar com você, e eu vi Quinn e... — Ele engole em seco.

— Estou bem. — Minhas sobrancelhas se unem. — Você sabe que o que fiz esta noite é apenas parte do meu trabalho, certo?

Ele lambe os lábios lentamente.

— Então, você não quer que eu me importe com você.

— Não. — Eu abaixo a voz. — Você só precisa saber que vou me machucar e que não poderá correr para me salvar, escoteiro. Você tem que deixar acontecer.

Maximoff lança um olhar para o teto, depois para o espelho. Finalmente, o pensamento recai sobre ele também. Eu tenho permissão para protegê-lo, mas ele não pode me proteger. Não exatamente da mesma forma.

— Não podemos ser todos heróis — digo com naturalidade.

Seu olhar recai em mim, mas seus lábios incham pouco a pouco, e nossos braços permanecem enganchados um no outro.

— Se não sou o herói, o que sou? — Maximoff está esperando que eu o chame de vilão. Em seus quadrinhos, essa é a dicotomia. Heróis contra vilões.

Ele está muito longe de ser um.

Eu pressiono meus lábios em sua mandíbula, seu pescoço e ouvido. E sussurro: — Você é um príncipe que quer ser um cavaleiro.

 Farrow Keene

MAXIMOFF NADA COMO um pássaro cortando o ar, graciosamente e sem esforço, feito para voar.

Em questão de segundos, ele atravessa toda a extensão da piscina coberta.

Descanso na beirada do trampolim, uma perna pendurada, e um pé na prancha. A água escorre pelo meu peito e short de natação preto, molhado. E apesar de estarmos sozinhos, ainda estaria viciado em Maximoff se a piscina estivesse lotada.

Tenho uma visão perfeita quando ele muda para o nado borboleta. Voltando para o meu lado da piscina, sua graça se transforma em *poder*. Seus braços fortes se estendem e cavam fundo na água, puxando metade de seu peito e cabeça acima da superfície.

Droga. Meu pau se mexe.

Maximoff é conhecido por sua excelente técnica no nado borboleta. Ele começou a nadar muito jovem, competiu primeiro nos níveis juniores, depois, mais velho, em competições regionais e nacionais. A segurança fofoca *frequentemente* sobre como ele poderia ter se qualificado para as Olimpíadas, mas não o fez.

Nem tentou.

Ele escolheu se lançar em sua carreira, trabalhar com caridade. Cada vez que ele nada, lembro-me do tamanho do seu coração.

Maximoff chega ao meu lado e, em vez de nadar outra volta, ele se agarra

ao trampolim e faz uma barra com *um* braço. Ele arranca o óculos e a touca, e o cabelo castanho fica espetado para todos os lados.

É fofo demais.

— Você está pronto para uma quinta rodada? — ele pergunta, com o peito subindo e descendo pesadamente como se tivesse corrido uma maratona. Já nadamos *quatro* vezes. Sim, perdi as quatro. Não, meu ego não se machuca tão facilmente.

Minha boca se estica.

— Que tal você recuperar o fôlego primeiro?

— Medo de perder? — Ele sorri como se tivesse me derrotado.

— Não — eu digo. — Temo ser uma má influência. *A arrogância* não fica bem em você. — Eu também acrescento: — E eu ainda sou mais alto. Agora e *todos os dias*.

— Por *um* maldito centímetro. — Ele tenta se erguer mais alto, só para deixar claro, mas eu o empurro no peito, forte o suficiente para que ele caia de volta na água.

Não consigo parar de rir quando ele rompe a superfície com dois dedos do meio. Então, ele pega meu tornozelo pendurado e me puxa para dentro da piscina.

Droga.

Eu mergulho, e a água brilha azul na sala escuramente iluminada. Eu volto à superfície com um sorriso crescente. Maximoff dá passos na água, de frente para mim. Seu cabelo molhado é mais escuro, quase mais próximo de sua cor natural.

Nós não nos tocamos ainda.

Meu olhar pula para as câmeras de segurança. Estamos no arranha-céu Hale Co., e os escritórios estão fechados à noite. Ele é o filho do CEO, então, isso tem sua parcela de vantagens, como ter acesso à piscina coberta depois do expediente. Ajuda que os escritórios principais da H.M.C. Philanthropies estejam neste edifício.

Maximoff raramente mexe os pauzinhos para si mesmo, mas sempre que vejo o olhar em seu rosto quando mergulha na água, faz todo o sentido porque ele escolhe fazê-lo pela piscina.

Nado até o canto de três metros. O único ponto cego. Estive na sala de segurança da Hale Co. e olhei as imagens da câmera. Estou 100% certo disso.

Maximoff me segue.

No segundo em que chegamos ao canto, explodimos. Sua boca esmaga a minha, áspera e fortemente, como se ele tivesse guardado energia para este momento sufocante. Submersos na piscina, gotas de água pingam e escorrem por nossas têmporas e mandíbulas. Molhado, mas quente, tão *quente*.

Seu corpo duro como pedra grita cada vez mais *perto*, reagindo contra mim, *droga*.

Droga. Esse cara poderia me foder o dia todo. Eu agarro a borda do azulejo e uso meu corpo para prender Maximoff no canto. Sua cabeça se inclina para trás, a excitação tentando revirar seus olhos. Ele geme com uma respiração afiada: — Porra.

Eu sussurro áspero em seu ouvido: — Gostou disso?

Ele responde com um beijo duro e sua língua habilidosa separando meus lábios. Eu massageio seu pau acima da sunga vermelha e sua ereção cresce sob minha palma.

Porra, estou pulsando. Sob a água, iluminado por uma luz azul suave da piscina, ele aperta minha cintura e nos vira. Prendendo meus ombros no canto.

Seu membro esculpido empurra o meu, e minha mão percorre os cumes esculpidos de seu abdômen.

Maximoff diminui a velocidade, sua respiração se aprofunda, e eu o vejo traçar uma das minhas tatuagens com os dedos. Perto da minha clavícula, um pardal vermelho-sangue voa pelo mastro de um navio em escala de cinza.

Ele está olhando para mim como se eu fosse uma celebridade estimada. Como se eu fosse valioso.

Roço a leve contusão em sua bochecha.

Eu odeio ver você machucado. E não sou o único. Após o incidente com as bombinhas na semana passada, todos os seus primos mais novos e dois de seus irmãos me abordaram em um churrasco de família, sem que Maximoff soubesse.

Basicamente, eles disseram: — Prometa-nos que não deixará Moffy se machucar novamente.

Seu irmão acrescentou: — Ou morrer.

— Ele não vai morrer — eu disse, certo disso. *E ainda estou*.

— Então, se machucar — todos disseram em uníssono.

— *Prometa-nos* — enfatizou Audrey Cobalt, a mais jovem de sete

Colbats, com uma faca na mão para o juramento de sangue que eu *recusei*.

Dezoito vezes, eu disse: — Eu prometo. — Até que eles acreditassem em mim.

E eu nunca carreguei uma promessa como um fardo, mas aqui, agora, *lembrando* do amor puro e incondicional que essas crianças têm por Maximoff, sinto a porra da necessidade de, pelo menos, adverti-lo.

Corro minha mão até sua mandíbula lisa.

— Você precisa ter mais cuidado.

— Sou o mesmo que sempre fui. — Seus olhos dançam sobre minha boca e bochechas. Maximoff está com um braço fora da piscina. E ele usa seu peso para me enjaular, mantendo nossos ombros acima da água. — Então, este é meu guarda-costas falando ou meu...? — Ele faz uma pausa.

— Uau. — Minhas sobrancelhas se erguem, e um sorriso aparece em minha boca. — Ele nem consegue dizer o que somos.

— Nós somos...? — Seu peito sobe em uma respiração maior. Ou ele não quer dizer a palavra primeiro ou não tem certeza se é o momento “normal” para rótulos.

Eu inclino a cabeça.

— Sua virgindade é notável.

— Tenho certeza de que perdi minha virgindade há muito tempo.

— Virgindade de *relacionamento*.

Na água, sua mão mergulha no meu short de natação, esfregando minha bunda nua. Eu cerro os dentes, e meu pulso martela. Eu o coloco mais perto do meu peito, mesmo que seja ele quem me ancora no canto.

— Há quanto tempo? — Pergunto-lhe. Não é de conhecimento público, e ele ainda não me contou.

Maximoff olha para meus lábios por um longo momento.

Eu jogo água no rosto dele.

Ele solta a borda apenas para limpar a água.

— Obrigado por isso.

— Pare de imaginar seu pau dentro da minha boca.

Ele finge confusão.

— Como você sabe?

— Palpite ousado.

Sua voz baixa para um sussurro profundo.

— Quando você teve sua primeira experiência sexual com alguém? — Ele precisa que eu responda primeiro.

Eu não me importo.

— Aos treze. Eu era jovem e confundi *você tem uma bela bunda* com amor. Algumas pessoas gostam de encontros casuais ou sexo com contratos de confidencialidade, mas essa não é minha coisa favorita. Prefiro conhecer a pessoa antes, durante ou depois por um tempo, e não suporto relacionamentos abertos.

Se estiver transando comigo, só transará comigo.

Seus lábios se erguem, mas depois caem em profunda contemplação, remoendo minhas palavras: *eu era jovem e confundi “você tem uma bela bunda” com amor*. E, então, ele pergunta: — Como você sabe que isso não está acontecendo agora?

Minhas sobrancelhas saltam.

— Isso seria assumir que eu estou apaixonado por vo... — Eu *me* interrompi, lendo sua linguagem corporal claramente rígida. Suas feições começam a travar, afastando-se de mim. *Não. Não.* — Ei, eu estou brincando com você, Maximoff. Eu sou um idiota. — Agarro seu rosto impassível. Meu estômago revira. É extremamente difícil para ele ser vulnerável. *Eu sei disso.*

Eu não deveria ter feito essa piada.

— Está tudo bem — diz ele, com uma voz vazia de emoção. — Entendo.

— Não, não está. — E eu digo a ele sem rodeios, com certeza, sem dúvida alguma: — Você é meu namorado. E, desde o início, isso sempre foi mais do que apenas sexo. — Sim, queríamos transar um com o outro, mas, para Maximoff correr esse risco, tinha que ser mais do que ele poderia conseguir em uma boate.

Seus ombros tentam relaxar, e ele começa a sorrir, com a água pingando do nosso cabelo molhado.

— Namorados. Tem certeza de que é isso que somos?

— Cem por cento. — Eu paro. — E você?

Ele assente fortemente.

— Sim.

Eu apenas o beijo. Ele aprofunda o abraço, sua mão subindo da minha bunda até a parte de trás da minha cabeça.

Quando nossos lábios se separam, ele finalmente me diz: — Dezessete.

Foi quando fiz sexo pela primeira vez.

Faz sentido. Estou prestes a falar, mas o telefone dele *toca* perto do trampolim. Uma chamada. Maximoff imediatamente nada para o outro lado, e eu saio da água.

Ele já está sentado na beirada, telefone na mão, quando eu o alcanço.

— É Luna. — A preocupação endurece seu rosto.

É uma da manhã em uma noite de escola, tarde para Luna ligar.

Ele clica no botão do viva-voz.

— Ei, o que aconteceu?

Ela funga, e assim que Maximoff tem uma mera visão de Luna chorando, ele se levanta com a cara de “precisamos ir”.

Pego nossas toalhas, roupas secas, minha arma no coldre, rádio, tudo pronto. A água escorre de nós, criando poças aos nossos pés. Mas ele não vai querer perder tempo se trocando.

No momento em que Luna fala, estamos no elevador descendo para o estacionamento.

— *Acabei de receber meus últimos resultados das provas finais.* — Sua voz falha. — *Moffy, eu reprovei três matérias.* — Ela começa a chorar. — *Eliot e Tom fizeram os cálculos, e eu... eu teria que tirar cento e noventa e três nas minhas provas finais para passar.*

Merda. Prendo o rádio no short de banho úmido e coloco o fone de ouvido no ouvido.

Maximoff segura o celular com força em sua mão e aperta o botão P3 do elevador repetidamente.

— O que diabos aconteceu, Luna? Achei que você estivesse melhorando.

— Oi, Luna — eu cumprimento e pego sua mão para que ele pare de apertar a porra do botão. E eu mantenho sua mão na minha por um longo tempo.

— *Farrow, você ouviu...*

— Sim. Mantenha-se firme.

— *Estou tentando.* — Sua voz treme. — *Mas é minha culpa. Eu perdi muitos testes. Eu faltei às aulas onde eu teria que ver Jeffra.*

— O que ela fez? — Maximoff quase rosna.

— *Ela criou um boato em agosto de que eu sou tão estranha que como merda por diversão. Eu não me importei. Ela poderia ter me chamado de*

qualquer coisa, e eu não teria me importado. — Luna faz uma pequena pausa.
— *Mas alguém colocou bosta de verdade em um saco de papel no meu armário, e não conseguia nem olhar mais para ela. Isso me deixou doente.*

Minha mandíbula contrai.

Os olhos de Maximoff brilham de forma assassina. Se ele falar, pode dizer algo como: *vou matar alguém.*

Eu aperto sua mão.

— Não é sua culpa — digo a ela.

— *Eu deixei ela me fazer sentir pior* — diz Luna. — *É minha culpa.*

— *Não* — Maximoff rosna. — Não é.

— Onde estava seu guarda-costas? — pergunto. A Épsilon não compartilhou essa informação com toda a equipe. Ou eu saberia disso.

— *Ele nunca viu. Eu apenas agi como se fosse meu almoço e depois joguei fora. Eu não queria que ele preocupasse mamãe e papai.* — Suas palavras estremecem. — *Agora, eu gostaria de ter incomodado, porque aí, talvez tivesse tido coragem de enfrentá-la na aula. Eu sei que posso repetir o ano letivo ou fazer aulas em casa como Xander, mas só queria me formar com a beca de formatura para eles. Eu vi como olharam para você, Moffy, quando você se formou, e eu queria dar isso para mamãe e papai. Eu queria que eles se orgulhassem de mim. E eu acabei estragando tudo.*

Maximoff olha para o telefone.

— Luna, me escute. Eu te amo. Estou chegando. Vamos descobrir como contar para mamãe e papai. — O elevador apita. Chegamos ao P3.



Maximoff Hale

VOLTAMOS PARA MINHA casa quase às 4 da manhã. Farrow e eu ficamos com minha irmã por cerca de três horas. Ele teria esperado na casa dos seguranças numa rua adiante, mas ele é mais próximo de Luna. Eu estava feliz que ela o queria lá.

Luna acabou se sentindo confortável o suficiente para contar à nossa mãe e nosso pai. Lágrimas foram derramadas. Abraços foram dados. No final, eles fizeram um plano para falar com o diretor. Ela pode não ter que repetir o ano inteiro se eles souberem do saco de bosta.

Achei que estava chateado, mas meu pai quase acordou os pais de Jeffra às três da manhã, não por telefone. Essa família mora em nosso bairro fechado.

Minha mãe deu uma de macaco-aranha nas costas dele para detê-lo, e ele se tornou um cogumelo afetuoso na presença dela.

Verifico meu relógio quando fecho a porta do meu quarto.

4h23

— Sinto muito — digo a Farrow. Apago a luz principal e as lâmpadas penduradas nas vigas lançam sombras e um brilho suave e alaranjado em meu pequeno quarto.

Farrow desamarra as botas e as tira.

— Essa é a quinta vez que você se desculpa desnecessariamente esta noite.

Eu puxo minha gola sobre minha cabeça e jogo a camisa no meu cesto de vime.

— Toda maldita vez que estamos sozinhos ou em uma conversa. Na verdade, quando estamos fazendo *qualquer coisa*, algo na minha vida aparece e a interrompe. Seus bolsos estão transbordando dos furos que dou. — Eu o vejo caminhar até minha única janela, as cortinas cinza estão fechadas. — Eu sou muito ruim nisso, Farrow. Você deveria reconsiderar essa coisa toda.

Ele está tão calmo enquanto se inclina contra o parapeito da janela, meio sentado nele.

— Essa coisa toda?

— Sim, *essa* coisa toda. — Eu aponto dele para mim, e de mim para ele.
— Eu posso transar. Eu sou bom em sexo...

— Quem te disse isso? — Seus lábios se curvam.

Não perco nem um segundo.

— ...mas ser namorado de alguém está tão fora do meu território. Está em outra galáxia. Minha vida não pode acomodar relacionamentos românticos. Pelo menos, não do tipo que você merece.

— É realmente isso que você pensa? — Ele franze a testa sombriamente.

— Sim. — Eu assinto várias vezes. — Você teve *quatro* outros namorados, Farrow, e posso dizer que provavelmente sou, sem dúvida, o *pior*. Em termos de foda, eu sou o número um, com certeza.

— Claro — acrescenta ele, olhando para mim, ainda sem entregar nada. Talvez, ele esteja processando tudo que eu joguei nele. Ele balança a cabeça uma vez. — Há quanto tempo você está sofrendo com isso?

— O quê?

— Vamos lá — diz ele, ainda calmo. Ainda bem. Ele cruza os braços sobre o peito mais vagorosamente do que sério. — Você é *você*. Você se fixa nos detalhes, em cada variável que pode pensar. Você provavelmente está batendo cabeça com isso há semanas, se não meses.

Ele me conhece bem.

Milhões de pessoas me conhecem, mas não assim. Não assim. Eu me agarro a esse fato como uma corda em uma parede que bloqueia minha visão de tudo. Ele é meu modo de ver o outro lado. Ele fez minha vida *parecer* mais livre.

Ele me fez acreditar que eu poderia realmente ter um relacionamento.

Ele me fez acreditar que eu poderia experimentar mais do que apenas essa coisa passageira e temporária.

E eu o tenho.

Eu o tenho, mas o que é isso para ele? Eu lhe dou *metade*. Metade de um relacionamento. Uma aparência da coisa real.

— Está na minha mente — admito. — Você experimentou como é estar comigo. As *constantes* interrupções que não vou ignorar. A falta de privacidade que não vai mudar. Os intermináveis telefonemas. Zero demonstração de afeto público. Se você quer terminar as coisas agora, eu entendo. Apenas... seja sincero. Você pode voltar a ser apenas meu guarda-costas. Volto a ser apenas seu cliente. — Meu peito está em chamas.

— É isso que você quer? — ele diz, e as palavras são como uma lâmina de estilingue.

— Não. — Meus olhos ardem. — *Não*. Quero você.

Mais do que eu já quis alguém.

Farrow não solta meu olhar.

— E você está assumindo que a falta de privacidade, a demonstração zero de afeto público e todas as interrupções me incomodam. — Ele balança a cabeça. — Não incomodam. Eu gostaria de tocar em você no carro ou na rua ou até mesmo no elevador? Claro, mas ganho *mais* ao estar com você do que ao poder demonstrar qualquer tipo de afeto público.

— Não entendo.

— Maximoff — ele diz —, a razão pela qual esse relacionamento funciona é *porque* eu sou seu guarda-costas. Estou com você quase vinte e quatro horas por dia, todos os dias. Uma semana com você é o equivalente a três meses com qualquer outra pessoa. Você sabe mais sobre mim e como é estar comigo do que alguns dos meus ex-namorados de longa data. — Ele ri de um pensamento. — O fato de estarmos dormindo juntos, um ao lado do outro o tempo todo, e não nos matarmos, é um milagre. E isso diz alguma coisa.

Suas palavras extinguem o calor tóxico em meu peito.

— O que foi?

— Nós somos bons juntos. *Muito* bons. — Farrow sorri. — E você não é um mau namorado. Você não é o pior. Não está nem mesmo no penúltimo lugar. Você é o mais atencioso, o mais preocupado, e a mídia estava certa

quando disse que quem namorar você seria o ser humano mais sortudo do mundo. Eu me sinto *sortudo* por estar com você.

Eu inspiro, mas não expiro ainda.

— Mas não posso te dar mais. Eu sei que pode haver um ponto em que uma crise na minha família pode entrar em conflito com o que está acontecendo em sua vida, e você não vai gostar da minha escolha.

— Você vai escolher sua família porque é quem você é — Farrow diz com firmeza. — E eu vou te amar por isso.

Eu coloco minhas mãos na parte de trás do meu pescoço. Ele não está considerando todas as variáveis. Ou estou apenas colocando sacos de areia pela minha casa antes que ela exploda?

— Isso não é um relacionamento — eu combato. — Eu *deveria* escolher meu namorado.

— Se você continuar pesando sua moralidade com balanças, vai acabar se perdendo. — Farrow ainda se sente à vontade. — Apenas deixe de lado as hipóteses e se afaste. Relaxe.

Eu não sei como. Eu quero dar a ele tanto quanto ele me deu.

Farrow lambe o lábio inferior.

— Podemos concordar em uma coisa? — ele pergunta. — Estamos juntos. Estamos fazendo isso e nenhum de nós quer parar.

— Sim.

Ele se afasta da janela e atravessa o quarto. Rapidamente, está na minha frente, com as mãos no cós do meu jeans. Eu seguro seus ombros musculosos, a pele quente dele sob minhas mãos.

— Um dia — ele me diz, com a voz grave e sedosa. Sua boca na base do meu pescoço, sugando e mordendo minha orelha. Meus músculos afrouxam, desmoronando. Eu me aproximo ainda mais. Sua respiração quente pulsa no meu pau. — Eu vou estar dentro de você.

Um dia. Eu ainda gosto de fantasiar sobre a ideia. É um lugar vulnerável que eventualmente quero alcançar com ele.

Mas não esta noite.

Eu acordo com o pior bip de alarme às 5h40 da manhã. *Muito cedo.* A cabeça de Farrow está no meu ombro, nossas pernas musculosas

emaranhadas.

Eu alcanço e coloco a *soneca* em seu telefone.

Não seria a primeira vez que ele fica mais tempo na minha cama. Nós dois fomos desleixados com essa precaução. Mais tarde, ele voltará para casa, torcendo para que Quinn não perceba nada de estranho.

Farrow boceja em seu punho e se escora sobre os cotovelos. Seu cabelo branco está uma bagunça, seus lábios avermelhados por um beijo áspero há apenas uma hora, e o início de um sorriso de sabe-tudo percorre sua boca.

É inegável.

Farrow Keene é *sexo* puro pela manhã. Tenho mais do que uma pequena ereção por ele. Como neste momento. Agora mesmo. Eu anseio por ele, sangue correndo para o meu pau.

Ele olha para mim como se eu fosse um candeeiro neste despertar às 5h40. Como não importa o quão cansado esteja, eu sou o primeiro rosto que ele quer ver.

Caralho. Meu pau dói sob meus lençóis e edredom laranja.

Sem dizer uma palavra, Farrow se estica até a mesa de cabeceira e pega uma camisinha e o lubrificante. Ele passa a garrafa para mim, mas fica com a camisinha.

Ele rasga a embalagem, e eu chuto o edredom e os lençóis. Eu observo o movimento de seus dedos enquanto ele cobre minha ereção. Seu aperto é leve. *Mais perto.*

Mais.

Sua boca se curva para cima, e ele se apoia nos cotovelos.

Eu me lubrifico enquanto olho para o pirata de caveira em sua caixa torácica. E para as andorinhas nas proximidades. Eu levanto meu olhar para seu piercing no mamilo, *caramba*. Minha cintura arqueia um pouco.

Eu me viro para Farrow e o puxo mais para cima, nos alinhando. Ele abaixa os cotovelos quando o coloco de lado. Não sendo nada gentil.

Ele solta um ruído áspero e gutural e apalpa seu pênis duas vezes. Sua bunda redonda roça contra mim.

Minha boca toca a parte de trás de seu pescoço. Eu agarro sua coxa. Esticando sua perna sobre minha cintura para abri-lo mais. Minha ereção o toca.

Seu nariz se dilata de desejo.

— Esta é a única maneira de você me fazer ficar de conchinha — ele me lembra. — É melhor aproveitar.

Ele vira a cabeça de volta para mim. O suficiente para beijá-lo, minha língua separando seus lábios e deslizando contra os dele. Ele estende a mão e segura minha mandíbula. Eu anseio balançar para a frente agora. Eu separo o beijo cedo e sussurro: — Acredite em mim, eu já estou.

Nós nunca nos abraçamos à noite. Nenhum de nós quer desistir da liderança. Na maioria das noites, enquanto dormimos, nossos braços e pernas acabam se emaranhados.

Agarro meu eixo e empurro *lentamente* para dentro de Farrow. Ele enterra a cabeça no travesseiro, com a boca aberta. Um ruído distorcido escapa.

Eu o observo por um segundo, minha bunda flexionando. *Sim. Sim.* Ele é muito apertado para o meu pau. Toda vez que afundo nele, é uma pressão de alto nível, de revirar os olhos.

Meu movimento é sem pressa. Dolorosamente *controlado*. Tentando aproveitar cada maldito segundo por seu valor total.

— *Porra*, Maximoff — ele quase engasga, sua respiração é superficial.

Eu solto gemidos durante todo o tempo. *Sim. Sim.* Eu balanço mais fundo nele, meu braço enganchado em torno de seu abdômen. Eu envolvo minha mão em torno de sua ereção enorme, e sincronizo meus impulsos com a mão.

Farrow se encolhe por um segundo antes de sua boca ser forçada a abrir novamente pelo prazer. Ele amaldiçoa no travesseiro, o rosto avermelhado. Segurando a respiração. Músculos do pescoço tensos.

Caralho, puta merda.

Empurro mais forte, bunda flexionando ainda mais, batendo contra ele. Meu peito está soldado em suas fortes costas tatuadas. Farrow se vira para trás e agarra minha bunda, empurrando-me mais firme nele. *Simsimsimsim.* Ele balança para trás em meu pau quando balanço para frente nele.

Nós nos movemos juntos em uníssono, como uma onda lenta e trovejante.

Ele geme, profundo e rouco. Como se o som tivesse sido desenterrado de seu núcleo.

— *Caralho* — ele geme novamente.

— *Farrow* — eu gemo, suando. Estou subindo em direção a um pico intenso. Eu acelero meu ritmo em um *impulso final* — *Simsimsimsimsim.* Meu orgasmo ondula através de mim e o dele cobre minha palma. Eu busco o

clímax, ficando dentro dele, desacelerando dentro e fora.

Dentro e fora, meu hálito quente em seu pescoço.

Farrow está tentando recuperar o fôlego no travesseiro.

Então, ele vira a cabeça, observando-me sair dele completamente.

Então, eu o beijo.

Sexo com Farrow é incomparável e imensurável. Eu sou praticamente um caso perdido. Total e completamente obcecado com o antes, durante e depois. Chega a ser ridículo. Da melhor maneira.

Sento-me, descarto a camisinha e pego uma toalha da gaveta na mesa de cabeceira, jogando-a para ele.

Farrow se inclina contra a cabeceira da cama.

— Você já se preocupou em se tornar um viciado em sexo? — Ele me pega desprevenido e espera que eu processe a pergunta.

Pisco algumas vezes. Estou sentado na beirada da cama, meus pés frios na madeira. Eu olho de volta para ele.

— Não. — É uma palavra *definitivamente* plana.

— Não? — Farrow parece surpreso. — Como evita beber, eu só pensei...

— Eu sou cuidadoso — eu digo, de pé. — Não deixo que o sexo interfira na minha vida diária. *Nunca*. — Estou muito ciente dos sinais de alerta de comportamento insalubre.

Altamente consciente.

Posso fazer muito sexo e não ser um viciado em sexo. No minuto em que o sexo arruína meus relacionamentos ou meu trabalho, então, é um maldito problema.

No que me diz respeito, não tenho um.

— Justo — diz Farrow, enrolando a toalha.

Ele abandona o assunto muito rápido.

Eu giro para encará-lo.

— Você *acha* que eu tenho um problema? — Como guarda-costas da minha mãe por três anos, ele esteve perto de um viciado em sexo por muito mais tempo do que a maioria das pessoas.

— Não — diz Farrow. — Não, eu não, mas estou perto de você o tempo todo, e você tem tendências a alguns vícios.

Não peço detalhes.

— Eu sei.

— Que bom — diz ele em um aceno de cabeça.



Farrow Keene

NA SUPERHEROES & SCONES, Jane coloca várias caixas de doces em uma mesa baixa. Puffs brilhantes e neon estão espalhados pelo salão do loft, e um filme dos *Vingadores* é exibido em telas de televisão.

São 5h da manhã e o lugar está morto; tomo meu café sentado ao lado de Maximoff em um puff azul. Estou quase ombro a ombro com Quinn.

Não é minha primeira escolha. Mas alguns dias atrás, Quinn me disse: — Não te vejo nas manhãs. Sua cama está sempre vazia.

Isso não me abalou, mas não iria inventar uma mentira elaborada e intrincada que pudesse ser desvendada. Eu apenas disse a ele: — Às vezes, durmo no sofá ou em um dos carros. É mais frio. — Ele sabe o quão quente meu quarto no sótão pode ficar.

Tenha mais cuidado com Quinn, eu concordei com a nova regra de Maximoff. Posso ter nos distanciado fisicamente esta manhã, mas ainda estou conscientemente olhando para o meu namorado. Eu sorrio para o meu café quando ele finge estar mais interessado em um filme dos *Vingadores* que está no mudo.

Ele segura um copo de papel com chá quente, bebendo devagar. Tentando não olhar para mim. Todos nós sabemos que ele me coloca acima do Homem de Ferro, Thor e qualquer outro Vingador que apareça na tela. Não apenas porque eu sou claramente melhor e claramente *não* fictício, mas porque sou seu guarda-costas. Seu super-herói da vida real.

Jane abre duas caixas cor-de-rosa.

— Para a reunião, temos *croissants*, muffins, rosquinhas recheadas, rosquinhas açúcaradas, scones, *bagels*, alguns waffles, mas não comam *este* em hipótese alguma. — Ela levanta uma lata em forma de coração. — Passei duas horas ajudando minha única irmã nos deveres de matemática ontem e, depois, ela me deu ordens estritas para entregá-los a Oscar Oliveira. Vou completar essa missão.

Eu me inclino para frente e pego a lata de suas mãos.

— Farrow.

— Calma. Não vou comer os biscoitos do Oscar. — Eu abro a lata e inspeciono os biscoitos de açúcar perfeitamente em forma de coração, com glâçê rosa e os dizeres *Oscar, eu te amo*.

Maximoff faz uma careta para Jane.

— Sua irmã de doze anos não podia escolher se apaixonar por alguém que *não seja* trinta anos mais velho do que ela?

E alguém cinco anos mais velho? Realmente tento não provocá-lo ou irritá-lo.

— Você pode descansar suas espadas, Moffy. É inofensivo — Jane diz e me olha com olhos de águia enquanto passo a lata para Quinn. Ele pega um biscoito. Jane o encara e arranca a lata inteira de suas mãos. — *Quinn*.

Eu rio. A cada dia gosto mais de Quinn.

Sem hesitar, ele morde o biscoito.

— Oscar é meu irmão. Devo ganhar *um* dos biscoitos. Eu serei o padrinho ou o que quer que seja no casamento de mentirinha.

Audrey me desconvidou para esse “casamento” três anos atrás, depois que disse a ela como tinha mau gosto para homens.

Jane abaixa o puff e segura a lata protetoramente no colo. Reparei no saco de ervilhas que vem carregando durante toda a manhã e no qual estava *sentada*, e minha intriga está se transformando em preocupação.

Tenho que perguntar agora.

— Perdi uma visita de Nate ontem à noite? — Aponto com meu café para as ervilhas congeladas que ela está usando como compressa gelada.

Jane parece genuinamente surpresa por eu estar perguntando. Ela procura meu olhar com intensa curiosidade. Querendo saber *por quê*, por que eu perguntei.

Porque você significa algo para Maximoff.

E você está começando a significar algo para mim.

As maçãs do rosto de Maximoff se aguçam, mas ele mantém sua atenção na TV, sem se preocupar. Suponho que ela deva ter lhe contado a notícia esta manhã no banheiro.

Quinn franze a testa para Jane.

— Nate foi em casa? Você não me disse que ele viria...

— Não foi ele — diz ela rapidamente.

— Foi um cara novo? — Quinn pergunta. — Então, eu deveria estar lá.

Com um contrato.

— Não, a menos que você queira dar um contrato de confidencialidade aos meus brinquedos sexuais. — Jane sorri quando a compreensão abre a boca de Quinn.

— Oh.

Eu arqueio as sobrancelhas para Jane.

— Não havia lubrificante suficiente?

— Não. — Ela se senta mais ereta. É sua postura de “estou preparando um discurso”. — O sexo é quase um legado de família. Meus pais trabalhavam com pornô.

Maximoff corrige: — Não de boa vontade. — Suas fitas vazaram.

— Ainda assim — ela diz —, pensei que talvez minha verdadeira paixão fossem os brinquedos sexuais. Eu poderia ser uma crítica fabulosa de brinquedos sexuais.

Eu descanso meu braço no joelho dobrado.

— E o que aconteceu?

— Usei algo de forma *terrivelmente* errada. — Todos nós fazemos uma cara de dor.

Jane respira profunda e tranquilamente antes de declarar: — Percebi que não é para mim.

Sério, eu digo: — Sei o que vai fazer você se sentir melhor.

— O quê? — ela pergunta, com um brilho em seus olhos.

— Um dos biscoitos de Oliveira.

Quinn ri, e Maximoff olha de Jane para mim como se estivéssemos a segundos de destruir um relacionamento que ainda nem construímos.

Jane inclina a cabeça para mim como um *touché*.

— *Akara para Farrow e Quinn.* — A voz do líder da Ômega irrompe em meu microfone. — *Sulli e eu estamos saindo agora. Chegaremos em breve.* — Uma motocicleta soa ao fundo.

Eu me levanto e inspeciono os doces.

— Sulli e Akara estão a caminho — digo a Maximoff. — O que você quer comer?

Seus olhos se estreitam dizendo *você não deveria falar comigo na frente de Quinn.*

Eu inclino a cabeça, sorrindo. *Vamos lá.* Chamará mais atenção se ficarmos jogando um jogo silencioso um com o outro. Confio em mim mesmo para controlar o flerte causal. Tenho certeza de que ele confia em si mesmo também. Ele só gosta de adicionar cinco correntes com cadeado a uma porta já trancada.

Ele se levanta, com uma postura rígida.

— Eu posso conseguir minha própria comida. — É uma frase comum para ele: *eu posso fazer isso sozinho. Você não precisa abrir a porta do meu carro.* Etecétera.

É mais cativante do que ele imagina. Pego um *croissant* de ovo e queijo e o vejo pegar um bolinho de amora. Nós nos sentamos de volta quase ao mesmo tempo.

Sua atenção quer estar em mim. Ele olha para o meu cabelo por um longo, longo segundo como se fosse algo novo.

— Meu cabelo está azul há duas semanas — eu o lembro, e empurro os fios azuis eletrizantes para trás do meu rosto. Eu queria uma mudança. Agora, só uso um piercing na sobrancelha e acrescentei um pequeno brinco de argola à orelha.

— Entendi, obrigado — diz ele, lambendo os lábios e bebendo seu chá quente.

Eu sorrio.

Quinn espalha *cream cheese* em seu *bagel* com uma faca de plástico.

— Alguém pode me explicar por que há uma reunião de produção para *Somos Calloway* se as filmagens só começarão em janeiro? — Ele lambe o polegar.

É por isso que estamos todos aqui.

Uma reunião de produção.

Somos Calloway é um docussérie premiado e indicado ao *Emmy* há mais de uma década. É a única plataforma que permite aos Hales, Meadows e Cobalts expressar suas opiniões e contar suas histórias. É para garantir que nossa verdade seja ouvida e não distorcida nas mídias sociais.

Quando *Somos Calloway* estreou pela primeira vez, eu era criança, e lembro-me de me esgueirar para baixo e me esconder atrás do sofá do meu pai enquanto ele assistia ao programa para maiores de dezoito anos (sobre temas adultos). Espiei pelo apoio de braço do sofá e vi Lily Calloway.

Uma garota magricela de vinte e poucos anos que um dia eu protegeria. E ela olhou poderosamente para a câmera e disse: — *Sempre serei uma viciada em sexo, mas sou mais do que apenas sexo.*

Cada quadro cru do show mexeu comigo e, no final, meu pai ficou em silêncio e pronunciou uma palavra de admiração. *Uau.*

Depois de todos esses anos, as famílias ainda filmam temporada após temporada. Para se humanizar, mas também para as centenas de pessoas que se relacionam com eles.

Recentemente, o docussérie esteve em um breve hiato, mas recomeçará no próximo ano. Eu só tenho um problema com o show.

Torna a segurança mais difícil.

Maximoff quebra seu bolinho ao meio.

— Temos reuniões de produção antecipadas porque precisamos conversar com Jack antes de fazer qualquer coisa.

Quinn quase engasga com o café.

— Jack? Como *aquele* Jack.

Eu digo: — O primeiro e único Jack Highland. Tome nota: lembre-se de que lado você está. Muitos se apaixonaram por seu charme.

Maximoff me dá um olhar duro.

— Não há lados.

— Definitivamente, há lados, escoteiro. — Eu aceno para Quinn e para mim. — Nós estamos encarregados de proteger suas vidas privadas. Jack está encarregado de proteger suas vidas públicas.

Ainda assim, temos que nos alinhar no final do dia e encontrar um terreno comum juntos. E quase todo mundo gosta de Jack Highland. Ele é difícil de odiar. Isso costumava me deixar um pouco cauteloso com ele, mas não tenho nenhum problema real com Jack. Ele é o produtor executivo mais jovem de

Somos Calloway e tem um enorme contato com a segurança.

Ele tem que ter. Produção e segurança se entrelaçam nos dias de filmagem.

Essas reuniões configuram a maior parte do trabalho de preparação.

Alguém bate na porta trancada no andar de baixo. Eu me levanto e espio por cima do parapeito da sacada. *Falando em Jack...*

— Vá conhecê-lo primeiro, Quinn. — Ele morde seu *bagel* e desce as escadas de ferro em espiral.

Maximoff deixou de lado a comida e o chá. Ele se senta como uma tábua em um puff vermelho desleixado e estala os dedos.

Jane move seu saco de ervilhas, mas vejo como também fica tensa.

— O que há de errado? — pergunto a eles. Permanecendo de pé, eu me inclino na parede prateada com um adesivo de relâmpago.

— É a primeira reunião de produção de Sulli — Maximoff me diz.

— Precisa ir bem — acrescenta Jane.

Certo.

A prima deles nunca esteve em *Somos Calloway*. Ao ingressar no docussérie, Sulli está se abrindo para novas críticas do público.

Maximoff e Jane estão no programa desde que eram crianças. Antes mesmo de conhecê-lo, assisti Maximoff Hale na tela professar seu amor eterno por *Power Rangers* e dizer com entusiasmo: — *Espero que, se eu tiver um irmão ou uma irmã, eles também gostem de Power Rangers.*

Fato: Xander se veste de Power Ranger todos os anos no Halloween.

Jane abandona suas ervilhas congeladas para abrir outra caixa de doces.

— O que você quer, Jack?

Jack Highland sobe a escada em espiral. Ele tem uma aparência de “atleta” por excelência: músculos largos e marcados são visíveis através de sua camisa preta apertada, os ombros são tão largos quanto os de um *linebacker* e ele tem o carisma e a popularidade de um *quarterback* de jaqueta.

Em qualquer comédia adolescente, meu “tipo” deveria odiar o dele, mas pessoas reais são mais do que apenas “rebeldes” versus “atletas”. Além disso, nós dois somos adultos.

O que sei sobre Jack: ele não era jogador de futebol. Ele nadou na faculdade. Ele tem 25 anos, é filipino-americano, mestiço, cabelo castanho

escuro curto, olhos castanhos mel, e é um centímetro mais alto do que eu.

— Dê-me o muffin de mirtilo — ele diz a Jane, e ela o passa antes de se sentar gentilmente.

Quinn cai em seu pufe.

Desembrulhando seu muffin, Jack se vira para mim primeiro.

— Você reconsiderou minha oferta?

As sobrelhas de Maximoff ficam franzidas.

— Que oferta?

Eu cruzo meus braços frouxamente.

— Jack me quer no show. *Enlouquecidamente*. — Ênfase a última palavra. — Há quanto tempo você está me perguntando?

— Há três anos. — Ele morde o muffin de mirtilo. — Quanto mais me rejeitar, mais acreditarei que é pessoal.

— Espera. — Maximoff se levanta. Ele odeia sentar quando outras pessoas estão de pé. — Você quer *Farrow*, este Farrow — ele aponta para mim —, no show?

Olho para Maximoff.

— Quantos *Farrows* você conhece? — Maximoff mostra o dedo para mim.

Jack está acostumado a trocas como essas, e não se intimidou.

— Eu sempre quis mostrar um guarda-costas em *Somos Calloway*. Farrow é bonito e há um *gif* de vocês dois... — Usando uma mão, ele rola a tela do celular e me mostra o *gif* primeiro.

Nós vimos esse *gif*.

Um usuário do *Tumblr* fez um *gif* da filmagem do tribunal suspendendo a licença de Moffy. No *gif*, Maximoff e eu passamos pelas portas do tribunal, saindo com óculos escuros, lado a lado e câmeras piscam repetidamente.

Ficamos muito gatos juntos.

— E Farrow é bonito o suficiente para ser modelo — Jack diz ao meu namorado.

Eu levanto minhas sobrelhas em um aceno de autossatisfação para Maximoff. Ele tenta não olhar para mim novamente. Seus olhos quase dizem *me fode*.

A propósito, Jack é hétero. E eu concordo, sou 10 de 10, mas vindo de Jack...

— Isso perdeu o significado depois que ouvi você usar o mesmo elogio para quarenta e duas pessoas diferentes — eu digo, sendo preciso no número porque tenho uma ótima memória. Posso ser preciso *e* exato.

Jack tem um jeito de fazer as pessoas se sentirem bem. É seu trabalho garantir que todos na sala estejam confortáveis. Então, eles podem compartilhar informações com ele.

Mesmo agora, seus olhos se suavizam para mim.

— Então, você é um cara lindo de morrer. Melhorou?

— Estamos ficando um pouco mais originais. Mas não muito — eu digo e volto para o meu puff ao lado de Quinn.

Em questão de segundos, estamos todos sentados ao redor da mesa baixa novamente.

Maximoff volta a encher seu chá e diz a Jack: — Ainda não faz sentido. Se você colocar Farrow no show, ele se tornará famoso. Ele não poderia mais ser guarda-costas.

— Exatamente. — Pego meu sanduíche de *croissant*. — Jack me quer no show *agindo* como um guarda-costas. O que ele ainda não entendeu é que eu gosto do meu trabalho como guarda-costas de verdade.

Maximoff faz um esforço concentrado para não olhar para mim e chamar a atenção. Mas ele sabe toda a verdade: eu *amo* meu trabalho porque estou perto dele.

Jack abre seu bloco de notas, relaxado em um puff amarelo.

— O que estou dizendo é que um dia você pode querer uma mudança. — Ele vira uma página. — Antes que Sullivan chegue, podemos começar com vocês dois. — Com a caneta entre os dedos, ele aponta para Maximoff e Jane. — A próxima temporada é sobre temas em alta. Há um tema específico sobre o qual vocês queiram falar?



Maximoff Hale

HÁ UM TEMA específico sobre o qual queiram falar?

Jack sempre lança essa pergunta primeiro. Minha mente gira através de várias questões que eu poderia discutir. Tudo gira em torno de um só.

Um tópico, uma situação, um maldito aborrecimento.

— Sim. — Coloco meu copo na mesa. — Quero falar sobre meu tio.

O loft de Superheróis & Scones está morto. Meus olhos voam para uma cena de guerra em *Vingadores*, o Hulk quebrando prédios em pedacinhos.

Jack contorna o silêncio como se nunca tivesse existido.

— Qual tio?

— Rike. Ontem, um artigo comparou sua “boca suja” com a minha. Eu nem digo *tanto* palavrão quanto ele. Sulli fala muito mais do que eu. — Eu não planejava entrar no tema tão calorosamente e irritado.

Sinto Farrow e seu jeito tranquilo à vontade, e sabe o que é mais estranho? Isso me acalma. Faz com que eu me sinta como se tivesse alguém preparado para pular do meu lado. Agora mesmo. Neste momento. *Qualquer* momento.

Ele está comigo.

Meus ombros tensos relaxam.

Jack não é o tipo de pessoa que simplesmente diz *não*. Ele tenta ouvir as pessoas, mas me lembra: — Você falou sobre isso na última temporada, Moffy.

— Este ano foi pior.

— Mas isso não vai mudar com este show — Jack diz. — Você discutiu o assunto *extensivamente* três vezes. Atingimos o máximo. Mais uma vez, e o público vai acreditar que você está tentando compensar alguma coisa. Como produtor, eu diria para você ir em frente e falar sobre isso. Vai nos trazer mais audiência. Mas, como seu amigo, estou lhe dizendo para não tocar no assunto.

Droga.

— E se eu falar sobre meu pai?

— Depende. — Jack abre uma Ziff, uma bebida esportiva. — Se for apenas dizer ao público como ele é um ótimo pai, *não*.

Esfrego meu ombro dolorido. Preciso me alongar.

— Então, apenas me diga sobre o que falar.

— Sexo — Jack diz. — É o que as pessoas mais querem saber sobre você, especialmente, com essas fotos. — *As marcas das mordidas.* — Com quem está saindo? Com que tipo de pressões você lida por ser filho de uma viciada em sexo? Você é mais cuidadoso? Você tem inseguranças? — Ele lista as perguntas rapidamente.

Eu já ouvi todas elas antes. Jack aborda o tema *sexo* em quase todas as reuniões de produção.

— Está pronto para falar sobre essas coisas? — ele pergunta.

— Não — eu digo com firmeza. — Não nesta temporada. Talvez, nunca. Sinto muito.

— Esta é uma zona livre de pedidos de *desculpas*, lembra? Seja qual for o conteúdo que deseje compartilhar, ótimo. Que não deseje, também, tudo é bom. Está tudo em suas mãos. — Jack já salta para um novo tópico. — E o seu relacionamento com Luna? Ela fará dezoito anos e viverá sozinha pela primeira vez. Será um grande quadro.

Dos meus irmãos, Luna é a única que está em *Somos Calloway* comigo. Nós nos unimos um pouco enquanto filmamos juntos, e sei que ela adoraria um quadro inteiro sobre nosso relacionamento.

Então, eu concordo.

— Jane? — Jack pergunta. — Algum assunto pessoal?

Janie e eu já estamos próximos um do outro. Olho para minha melhor amiga, que usa um suéter com estampa de onça, calça amarelo pálido e salto alto de lantejoulas. O que quer que ela esteja prestes a dizer, ainda não falou

comigo.

— Gostaria de falar sobre o meu peso — diz ela com segurança.

Nossos guarda-costas não têm ideia de como reagir a essas questões que não envolvem segurança. Até mesmo Farrow, eu acho. Eles apenas continuam comendo e bebendo, fazendo o possível para não parecerem *preocupados*. Não é o trabalho deles investir em nós emocionalmente.

Mas muitos deles se importam, eu percebi.

Obviamente.

Um deles é meu namorado. *Não olhe para ele*. Estou tentando. É o que tenho *tentado* nos últimos quinze minutos.

— Pode ser mais específica? — Jack pergunta à minha melhor amiga enquanto faz anotações. Ele morde seu muffin.

Envolvo meu braço ao redor de Janie quando ela diz: — Eu amo meu corpo do jeito que ele é. Eu tenho seios pequenos, nenhuma bunda, culote e uma barriga ainda maior. Me chamar de *gordinha* não é um palavrão. O ódio deles não vai me mudar. — Farrow e Quinn começam a bater palmas em apreciação genuína.

Podemos reprisar?

Nossos guarda-costas realmente sabem como reagir. *Eles são nossos amigos*.

Eu sei. *Eu sei*.

Eu aperto Jane pelos ombros e beijo sua bochecha sardenta.

— Je t'aime, ma moitié. — *Eu te amo, minha outra metade*.

Janie sorri calorosamente.

— Je t'aime aussi. — *Eu também te amo*.

Jack rabisca e assente.

— Isso será ótimo. Além disso, você está linda como sempre, Jane.

— Merci.

Farrow revirou os olhos, não com o comentário de Janie, mas com o do produtor.

— O quê? — Jack pergunta a ele. — Não posso mais elogiar esse grupo?

— Você está quase atingindo o limite — diz Farrow.

— Então, você é feioso — Jack diz com um sorriso largo. — O que acha disso?

Quinn começa a bater palmas lentamente para Jack, e Farrow, Jane e eu

nos juntamos. O sorriso do produtor executivo se expande.

O sino da porta da frente *toca*. Akara tem uma chave. Janie e eu nos endireitamos e trocamos um olhar que diz: *proteja Sulli se ficar intenso*.

O processo real do docussérie é bastante cru.

Rodada 1 do Desafio Seja Um Livro Aberto: *despeje sua história pessoal em Jack e em um bando de guarda-costas*.

Rodada 2: *permita que as equipes de produção invadam sua vida por períodos específicos de tempo*.

Rodada 3: *deixe o mundo ver você ser vulnerável*.

No momento, estou apenas focando na primeira rodada de Sulli. Ela vai querer terminar o que começou, não importa o que aconteça, mas se a primeira rodada a deixar desconfortável, *eu vou* puxar a porra do plugue e cancelar tudo.

— Jack — eu sussurro enquanto passos soam na escada de ferro. — Já que este é o primeiro encontro de Sulli, pode explicar como tudo funciona a ela?

— Claro — Jack assente, e se levanta para cumprimentar minha prima. O resto de nós se vira e observa.

— Aqui, Sulli. — Akara pega seu capacete de moto, já segurando o dele.

— Obrigada, Kits. — Sulli desabotoa sua jaqueta jeans. Ela usa jeans e uma camiseta branca lisa. Seu cabelo escuro cai longo em seu peito.

Jack se aproxima e sustenta seu olhar.

— Você deve ser Jack. — Sulli estende a mão.

Akara se afasta deles, e vejo um *longo* olhar de advertência de que ele não tem medo de atirar em Jack. Diz muito bem, *cuidado com essa aqui, ou será homem morto*.

Jack vacila por um breve segundo.

— Hum... — Ele franze a testa e ignora o momento. Apertando a mão de Sulli. — Eu sou Jack.

— Jack Highland — Sulli acrescenta, e seu aperto de mão dura um longo instante.

Janie cutuca meu ombro e suas sobrancelhas balançam enquanto ela pega um *croissant*.

Eu não sei o que diabos isso significa.

Tudo o que sei é que Jack está agindo estranho. Não consigo discernir se é

porque eu o avisei sobre Sulli, Akara lançou-lhe um olhar, ou todos nós estávamos brincando sobre seus elogios.

Akara se senta em um puff entre Farrow e Quinn. A segurança reivindica seu lado da mesa. *Tudo bem, existem lados.* Todos eles observam Sulli e Jack com mais atenção do que a maioria dos encontros casuais.

— E você é Sullivan Meadows. — Jack finalmente interrompe o aperto de mão.

— Você pode me chamar de Sulli. — Então, seu olhar voa para Jane.

Jane acena para ela e abre espaço para que se sente entre nós. Pego um puff verde azulado e o coloco no espaço livre.

Quando Jack e Sulli se juntam a nós na mesa, ele se senta do seu lado e pega seu bloco de notas. Agora, são três lados metafóricos e literais: *o famoso, a segurança e a produção.*

Eu entendo.

E vejo Jack *observando* Sulli. Minha prima fica entre Jane e eu, e se aproxima da mesa, fazendo um prato de comida.

Jack gira sua caneta.

— Você quer ser apresentada no programa como Sulli?

Sulli empilha dois waffles em um prato.

— Hmmm... sim, isso seria bom, certo? — Ela olha para mim, depois para Jane. — Porra, eu não sei. Que nome vocês usam?

— Jane.

— Maximoff.

Ela olha para Jack.

— Vou de Sullivan. — Ele concorda.

Sulli ergue *três* rosquinhas de chocolate em cima dos waffles. Ela encontra a lata de chantilly e a calda de morango que Janie trouxe e esguicha um monte nos waffle-*donut*.

Jack não consegue parar de olhar para o café da manhã dela, com a caneta congelada no bloco de notas.

— Você gostaria de falar sobre isso?

— Sobre o quê? — Ela olha para cima, confusa. — Meus *donuts*? Ainda não os comi. Como vou falar sobre eles?

Farrow inclina a cabeça para Sulli.

— *Verde*, o tom dos novatos. É uma cor fofa em você.

Ela cora e olha para Akara. Ele já joga uma almofada no peito de Farrow, que revira os olhos. Não aceito a piada ou mesmo adiciono um comentário sarcástico. Apenas fico aguardando o que está por vir.

— No show — Jack diz, ignorando meu guarda-costas... namorado. *Foco*. Eu pisco algumas vezes. Ele esclarece ainda mais: — Você quer falar sobre seus hábitos alimentares?

— Oh. Caramba, é sério? — Ela franze a testa profundamente. — As pessoas gostariam de saber sobre isso?

A imprensa fotografou Sulli em restaurantes.

Ela só pede sobremesas. Não é como se fosse seu café da manhã, almoço e janta. Mas ela também não está seguindo nenhuma pirâmide alimentar nutricional. Eu só a vi comer de forma saudável durante períodos de treinamento intenso. Ela tapava o nariz e bebia *shakes* de proteína.

— Em primeiro lugar — Jack diz a Sulli —, o programa será sobre o que você quiser. O público adoraria saber *tudo* sobre você. Portanto, não se sinta pressionada a falar sobre um assunto que a deixa desconfortável.

Sulli assente com entusiasmo, cortando seus waffle-*donuts*.

— Eu gosto disso.

Jane me mostra um polegar para cima.

Não estou pronto para ficar tranquilo. Digo a Sulli: — Jack tem uma boa percepção de como o público reagirá ao que você deseja compartilhar.

— Uau, sério? — Sulli começa a sorrir. Não é sempre que encontramos pessoas para quem podemos contar nossas vidas e confiar. — Então, o que o público pensaria sobre meu café da manhã?

Jack lança um olhar de falcão aos seguranças.

— Eles vão te rotular, dirão que é enjoada para comer — Jack diz. — Alguns acharão isso cativante. Outros vão cagar em você por isso. Essa é uma grande parte do show, você compartilha sua história e, depois, recebe coisas boas e ruins.

Jane responde: — É bom poder ter voz.

Sulli enche a boca e mastiga devagar, refletindo.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — pergunto. — Ninguém forçará você ao *Somos Calloway*. Pode recuar se quiser, Sulli.

Jack a estuda atentamente.

— Ele tem razão. Adoráramos ter você, mas a escolha é sua.

— Não, eu preciso disso. — Sulli acena para si mesma agora. — Olha, eu *preciso* falar sobre algumas dessas merdas... Estou apenas entendendo como tudo funciona.

— Tudo bem — diz Jack, reconfortando-a. — Vou guiá-la durante o processo.

Sulli respira fundo e olha para Akara. Ele penteia o cabelo preto para trás e veste o boné de *baseball* virado para trás. Ela pergunta a ele: — Você estará lá enquanto filmamos? Mesmo que não seja um lugar público?

— Se me quiser lá — ele diz —, estarei, Sulli.

— Ok, ótimo.

Jack se aproxima da mesa, dela.

— Espero que — ele diz, atraindo o olhar de Sulli — você e eu cheguemos a um ponto de confiança no qual não precise da presença de Akara na sala.

O ar fica tenso do lado da *segurança*. Jane encosta em mim novamente, e nossas sobrancelhas franzem para os três guarda-costas.

Akara está fervendo. Veneno toma conta de seu olhar, seus músculos estão extremamente flexionados. Ele se senta completamente imóvel, o que é de alguma forma mais intimidante. E *ninguém* me intimida.

Mas vocês sabem disso.

Vocês não sabem que Farrow está com o punho na boca, e com a mandíbula tensa.

Ou que Quinn cruza os braços para Jack.

Eles não estão felizes por ele ter metaforicamente banido um guarda-costas da sala. Jack sente isso e fala diretamente com Akara: — Por que você precisaria estar em um ambiente seguro?

— Porque ela me pediu para estar — diz ele secamente. — Alguma outra pergunta, *Jack*?

— Para Sulli, sim — Jack diz, tentando ignorar os guarda-costas enfurecidos.

Sulli hesita em comer outro pedaço de comida.

— Você está bem, Kits? — Jack e Akara se encaram.

Então, Akara diz sem rodeios: — Respeite a segurança e respeitaremos a produção.

— Ok, cara. — Jack bebe sua bebida esportiva.

Akara assente.

Fico impaciente.

— Vamos continuar.

— Que tal — Jack diz para Sulli — nos dizer sobre o que gostaria de falar no programa. Você disse que há merdas que precisam ser mencionadas. Que merdas?

Sulli usa seu bíceps bem desenvolvido para limpar a boca.

— Fotografias das Olimpíadas.

Meus músculos se contraem, mas ela é capaz de encontrar o olhar de Jack enquanto descarrega mais de seus sentimentos.

— Aquelas sobre pelos no corpo. Os idiotas que ficam pensando que é engraçado dar zoom na minha linha do biquíni precisam saber que são *idiotas*.

— Concordo. — Termino meu chá em um gole.

As Olimpíadas deveriam ter sido um momento para *celebrar* as conquistas atléticas de Sulli. O tempo *todo*, a mídia se agarrou a seus hábitos depilatórios. Semanas antes dos jogos de verão, eles fotografaram Sulli com pelos na linha do biquíni.

A imagem viralizou.

85% das perguntas que os repórteres fizeram nas Olimpíadas centraram-se nisso, e ela respondeu a todas com um *vá se foder* definitivo.

Isso também viralizou.

— O assunto é mais profundo do que as Olimpíadas? — Jack pergunta.

Eu fico tenso.

— O que quer dizer? — Sulli pega um pedaço de waffle.

— Ele está perguntando sobre quando era mais jovem — explico. — Você lidou com algo assim enquanto crescia? — Seus olhos verdes-floresta, que combinam com os meus, apenas *se perdem* em mim, porque eu estava lá. Eu cresci com Sulli. Eu a vi atingir a puberdade mais cedo do que a maioria das meninas. Seu pelo é escuro e cresce rápido.

Depois de nadar, eu vi os meninos *zombarem* dos pelos em suas axilas. Empurrei dois deles em uma piscina quando começaram a fazer barulhos de gorila. E, então, abracei Sulli no vestiário, e nós dissemos coletivamente: *que se fodam*.

Que se foda.

— Eu tenho que falar sobre isso agora? — ela sussurra para mim.

— Não. — Dou a Jack um olhar sério, dizendo *faça sua mágica de produção e mude de tema. Agora.*

— Talvez, você e Moffy possam ter um quadro competindo em natação e corrida. — *Obrigado.*

Eu quase sorrio.

— Você quer dizer um quadro em que ela chuta minha bunda.

Os lábios de Sulli se curvam e ela bate seu ombro no meu.

— Vou pegar leve com você.

— Não, você não vai. — Eu me viro para Jack. — Só vou fazer isso se você concordar em também tomar uma dela.

Quinn tosse no punho. *O que eu disse?*

Farrow estala o pescoço, gesticulando silenciosamente para Akara, que parece prestes a cometer assassinato. Não comigo. Com Jack.

Eu sugeri nadar, não foder.

Jack não ultrapassaria o limite da produção. Eu o esquartejaria, membro por membro.

Ele sabe disso.

Sullivan balança a cabeça para o executivo.

— Você nada? — Seus olhos se iluminam.

A lista de pessoas com quem ela pode competir em seu tempo livre é curta.

— Quatro anos na Penn. — Ele lhe dá um sorriso e depois vira uma página em suas anotações. — Posso falar sobre sua vida pessoal por um minuto?

Sulli destampa uma água.

— Certo.

— Você gostaria de discutir sua virgindade no programa?

A sala para em um silêncio tenso. Sulli não compartilhou praticamente *nada* com o público sobre namoro ou sexo. Ela tem sido privada, e todos assumem que ela é virgem.

A suposição deles está correta. Dessa vez.

— Hum... — Sulli pondera sobre isso.

— Sem pressão — diz Jack. — Já que muitas pessoas falam sobre sexo no programa, tenho que perguntar. — Ele faz uma pausa. — Você já assistiu a algum episódio da série?

— Na verdade, não. — Sulli descansa a mão no queixo quadrado. — É meio estranho ver sua família na TV. — Ela não é a única que opta por ignorar o programa.

Seu melhor amigo, Beckett Cobalt, não viu um único episódio.

Sulli procura Janie. — Você fala sobre sexo?

Jane toca no peito. — Pessoalmente, tenho que falar sobre sexo. Se outro cara tentar me estrangular na cama, vou surtar.

— Isso nunca mais vai acontecer — diz Akara, olhando de lado para mim, porque sabe que realmente vou matar a pessoa. Eu vou cometer assassinato.

Farrow não estava perto de Jane durante aquele incidente. Uma das piores noites da minha vida, quando acordei com uma lâmpada caindo. O velho guarda-costas de Jane começou a derrubar sua porta trancada. Ele tinha ficado de guarda porque ela trouxe alguém para casa. Eu entrei em seu quarto antes do segurança, e *arranquei* um cara com o dobro do seu tamanho de cima de seu corpo.

Eu estava possuído de raiva. Minha mente só dizia: *you vai matá-la, você vai matá-la, você vai morrer*. Meu guarda-costas teve que *me conter*.

Só para deixar claro, não me orgulho disso.

— Posso te perguntar uma coisa? — Sulli diz para Jack. — O que exatamente eu diria sobre sexo? Eu nunca fiz sexo, fim. Não há mais o que dizer.

Jack fecha seu bloco de notas.

— Está esperando até o casamento ou se apaixonar...

— Tenho estado *tão* focada na natação, que nunca tive tempo para mais nada, inclusive, para sexo ou namoro, e faria tudo de novo. Não me arrependo.

— Você já se sentiu atraída por alguém? Já *pensou* em namorar?

Eu juro que eles estão agindo como se fossem os únicos na sala. Eles nos bloquearam.

Sulli assente algumas vezes.

— Com certeza. Alguns... tudo bem, vários caras do time eram realmente gostosos pra caralho, mas não deixaria isso me atrapalhar. Minha mãe sempre disse que se arrependeu de não ter esperado por alguém que a fizesse se sentir confortável e amada. Como meu pai. E eu quero isso também.

Ele sorri.

— Ok. Você já foi beijada?

Ela morde o lábio.

— Não. — Espere.

Eu não sabia disso.

Olho para Akara. Leio suas feições protetoras muito bem, e digo para mim mesmo, *ele sabia*.

Jack sorri mais calorosamente.

— Então, sim: esse é um tema. Vai movimentar muito a imprensa, mas cabe a você decidir se quer compartilhar. O lado bom: posso ver muitas garotas se identificando. O lado ruim: muitos caras vão...

— Agir feito babacas?

— Sim.

Mais sem rodeios, Farrow intervém: — Babacas pervertidos.

Sulli segura a perna dobrada contra o peito.

— Não deveria ser grande coisa assim. E daí? Não fui beijada e tenho dezenove anos. Quem se importa?

— Então, faça com que isso seja menos importante — Jack diz. — Faça com que seja algo comum, normal. Você tem esse poder. E tudo depende de você.



Maximoff Hale

REUNIÕES DA DIRETORIA às oito da manhã são como as corridas matutinas de um ser humano sedentário. Se chegarem preparados à minha mesa, estaremos de volta a nossos escritórios individuais às 8h10.

Quinze outras pessoas estão sentadas em cadeiras de couro. Aos vinte e dois, encabeço a mesa. Não foi apenas o trabalho duro que me colocou aqui. Claramente, o *nepotismo* desempenhou um papel vital.

Nunca me esqueço disso.

— Temos três pedidos de subsídios que parecem promissores — diz Yara, membro de longa data do Conselho e também Diretora de Operações da Cobalt Inc.

Fora de nossos próprios projetos, a H.M.C. Philanthropies financia organizações locais e regionais sem fins lucrativos. Porém, com a quantidade de solicitações que recebemos todos os anos, precisamos ser seletivos sobre onde o dinheiro é alocado.

— São aqueles que você me enviou por e-mail ontem à noite? — pergunto.

— Sim.

— Aprove todos eles — digo a ela. Meus olhos se erguem para o relógio na parede. 8h05.

Farrow vai me pegar às 8h10 em ponto. Estou escalado para passar no abrigo de animais local e falar sobre futuros eventos de angariação de fundos.

Assim que começo a encerrar a reunião, a maldita porta se abre.

Cabeças se viram.

As pessoas congelam. Xícaras de café nos lábios e canetas levantadas no ar. O silêncio invade a sala como um *vírus*.

Que diabos ele está fazendo aqui?

Charlie Cobalt está parado na porta, com seu um metro e noventa, parecendo que acabou de transar com alguém. Está de brincadeira. O colarinho branco está desabotoado, a camisa, meio enfiada na calça preta. Seu cabelo castanho-claro está espetado em lugares estranhos. Artisticamente bagunçado.

— Desculpem, estou atrasado. — Ele entra com uma presença dominante e consumidora de oxigênio. Todo mundo está prendendo a respiração, todo mundo, menos *eu*.

Charlie passa pela minha cadeira e pela longa fila de membros do Conselho.

Ele alcança a cabeceira oposta da mesa. Eles assistem.

Encarando.

Como se ele fosse um réptil no terrário, cavando debaixo da terra.

Só se expondo quando quer que você o veja.

Meu telefone toca na mesa. Leio a mensagem sem clicar no texto.

Farrow: *Acabei de saber que Oscar está no escritório do H.M.C.*

Atenção, se Charlie ainda não está aí, logo estará.

Apenas *um* minuto tarde demais, mas aprecio que Farrow tenha tentado me avisar.

Olho para cima.

Charlie está do outro lado. Balanço a cabeça algumas vezes. Ele se mantém em equilíbrio com uma pose única que só ele possui. Seus *tweets* se tornam virais em menos de segundos. Suas palavras são como balas de canhão jogadas em piscinas.

Vocês o viram em *Somos Calloway*. Vocês o têm observado assim como têm me observado.

Rumores sobre Charlie ser uma versão em miniatura de seu pai – QI de gênio, egoísta, interesseiro e pretensioso – nadam pela internet como verdades, mas são teias de percepções distorcidas.

Vocês acham que conhecem Charlie Keating Cobalt.

Mas vocês não fazem a menor ideia.

Eu o conheço como meu primo que completou vinte anos em setembro, há apenas dois meses. Que pulou duas séries e caiu na minha. Que roubou meu dever de casa de Ciências só porque podia, não porque precisava.

Como filhos mais velhos de dois dos homens mais altos do mundo, nós dois sabemos o que é viver à sombra do passado de outra pessoa. Mas, por mais que compartilhemos semelhanças, por mais que tenhamos coisas que nos unam, optamos por deixá-las nos separar.

Aviso: se mexer com ele, vai me fazer querer defendê-lo. Então, não o faça.

Em movimentos rápidos, ele puxa a cadeira para trás, sentando-se e pousando seus sapatos de couro preto sobre a mesa de carvalho. Seus olhos verdes-amarelado se fixam em mim.

— O que eu perdi?

Eu modero minha irritação e digo tranquilo: — O que está fazendo aqui, Charlie?

— O que parece que estou fazendo? — Ele abre os braços. — Estou participando de uma reunião do Conselho.

— Você não participa de uma reunião do Conselho desde que foi *colocado* neste Conselho — eu o lembro. Tenho plena consciência de que quinze outras pessoas me separam dele. Quinze pessoas observam essa interação com grande interesse, o que eleva minha guarda *dez vezes mais*.

— Há uma primeira vez para tudo. — Charlie acena para mim, então, apoia um cotovelo na cadeira, sustentando a cabeça com um dedo na têmpora.

Ele está chateado comigo.

Mas é terça-feira e o céu está azul. Então, tudo está como deveria estar.

Falo com os outros membros do Conselho.

— De qualquer forma, terminamos aqui. Vejo todos vocês na próxima semana. Obrigado por terem comparecido.

Eles recolhem suas coisas, lançando olhares cautelosos para Charlie antes de sair.

Quando a sala fica vazia, os pés de Charlie caem no chão. Ele não faz nenhum movimento para atravessar a sala de reuniões. A longa mesa vazia nos divide.

Eu cruzo os braços.

— Quanto tempo levou para planejar essa entrada?

— Esse é o problema com você — Charlie diz —, você acha que tudo tem que ser coordenado e premeditado. Quando, na verdade: eu estava passando pelo seu escritório. Eu queria falar com você. Eu parei. Não, eu não esperei a reunião do Conselho terminar, porque quem se importa com isso.

— *Eu me importo* — eu estalo. — E esse é o problema com você. Você não entende os sentimentos de ninguém além dos seus.

— Por que eu deveria? — ele refuta. — Você domina o papel de irmão e primo superprotetor. Eu não tenho nada para oferecer porque já é tudo.

— Você está realmente sentado aí me culpando por sua própria falta de empatia? — digo, estupefato.

— Estou fazendo uma observação — diz ele. — E segundo, eu me *importo*. É por isso que estou aqui. Você simplesmente não consegue imaginar um cenário em que alguém se importe mais com essa família do que você. — Ele rola para a beirada da mesa. — O mundo acredita que você não tem ego, mas você fez um ótimo trabalho ao sufocá-lo. Eu nem tenho certeza se você sabe que ele está aí. — Ele aponta um dedo em direção ao meu corpo, meu estômago. — Lenta, mas seguramente, engordando.

Eu solto um suspiro, cerro os dentes. Um *rosnado* arranha minha garganta, um que não vou deixar escapar.

Brigar com ele não leva a lugar nenhum. Crescendo, nós entrávamos em muitas brigas, geralmente, com seu irmão gêmeo e Janie nos separando fisicamente.

Somos cáusticos juntos. Não importa o quanto tentemos ter um relacionamento melhor, sempre seguimos o mesmo caminho. Às vezes, eu acho que ele só gosta de ser do contra.

Descruzo os braços.

— Apenas me diga por que está aqui. Se isso é sobre Jane...

— Não é. Eu respeito minha irmã o suficiente para não interferir em sua amizade — diz ele, mas tem que acrescentar —, mesmo que ache você um merda.

— Obrigado por isso — eu digo secamente. — Não é um dia nutricionalmente *equilibrado* até que você me chame de merda. — Desligo meu tablet quando uma notificação aparece. — Por que está aqui?

— O Camp-Away — diz ele. — Não recebi meu convite.

Você deve estar me zoando.

— Eu parei de lhe enviar convites para eventos de caridade há um ano — eu o lembro. — Você geralmente não aparece. Quando você nos *agracia* com sua imponente e arrogante presença de pavão...

— *Pavão*, um clássico.

— ... você nunca confirma com antecedência — digo, mas ainda não terminei. — Em 365 dias, você nunca veio reclamar. Então, por que agora?

— Este é o seu maior evento do ano — ele me diz. — Estou sinceramente magoado que não tenha nem mesmo me mandado uma mensagem sobre isso.

— Você nunca responde! — Estou chegando à beira de um penhasco do qual quero empurrá-lo. Mas não posso. *Ele é família*. — Abra nossa conversa no celular. Há uma fileira de cerca de cinquenta mensagens que você *nunca* respondeu.

Eu gesticulo do meu peito para o dele. Dele para o meu.

— Esta é uma via de mão dupla.

Charlie não nega esse fato.

— Estou convidado ou não?

— *Não* — eu digo com firmeza. — Você não está convidado porque se eu fizer o anúncio para a imprensa e você não aparecer, as consequências serão para a fundação.

— Então, não faça o anúncio.

— Não quero convidados surpresa.

Charlie solta um suspiro irritado.

— Você simplesmente não me quer lá. E não pode admitir isso, covarde.
— Ele se levanta.

Eu me levanto.

Alguém bate à porta. Nós nos calamos quando ela se abre, e Farrow evita entrar completamente. Ele vê Charlie. Ele me vê.

Farrow me diz: — Você precisa que eu volte mais tarde...

— Não. Estou quase pronto. — Observo Farrow entrar e fechar a porta atrás dele. Ele reclina os ombros contra a madeira.

Meu foco volta para Charlie.

— Você não é confiável, você é *imprevisível*. Você não está convidado. E não estou brincando, Charlie. Se aparecer sem avisar, vou chamar a segurança

para escoltá-lo para fora. — Duvido que realmente vá cumprir a ameaça, mas preciso deixar meu ponto de vista claro.

Charlie não pisca.

— Você usaria *nossa* segurança contra *mim*? Existem apenas cinco guarda-costas na Ômega. Um está na porta, e o que você diria aos outros? *Trate Charlie como o inimigo.*

— *Não.* Você não é meu inimigo. Você é minha família, e a quantidade de energia que gastei *tentando* incluir você no passado poderia ser usada para remar uma maldita frota de navios vikings, mas você se recusou a embarcar neles. Você queria fazer suas próprias coisas, e eu entendi. Vá fazer suas próprias coisas. Pare de ferrar com as minhas.

Charlie se senta parcialmente na beirada da mesa, com a mão no bolso. Ele vira a cabeça para o meu guarda-costas.

— Diga-me que você vê o quão hipócrita ele é.

De pé, tranquilo, mas de guarda, Farrow diz friamente: — Eu vejo o quão imensamente idiota você é.

Charlie arqueia uma única sobrancelha.

— Nós dois podemos estar certos.

— Improvável.

— Então, você também é um idiota hipócrita. — Charlie fica de pé. — Parece que vocês são a combinação perfeita.

Eu fico rígido, mesmo que ele esteja apenas se referindo ao meu relacionamento guarda-costas-cliente. Com essas últimas palavras, Charlie sai, e eu fico esperando e rezando para que ele deixe o Camp-Away em paz.



Maximoff Hale

FARROW INSPECIONA O meu quarto de infância como se fosse uma relíquia em um museu. Ele vagueia até a cômoda de madeira e pega os bonequinhos de *The Fourth Degree*. Seus olhos castanhos balançam para as paredes pintadas de preto, os desenhos de giz dos X-Men e todos os pôsteres do Batman.

Ele é a primeira pessoa fora da minha família que já deixei entrar no meu mundo *tão* profundo. E não é uma porra de uma fantasia. Sonhei com Farrow Redford Keene neste quarto mil malditas vezes. E geralmente ele estava *apenas* na cama.

Você sabe, eu prefiro a minha realidade. Onde ele é muito mais do que uma boa transa.

Pego um osso molhado do meu tapete laranja. Jogando a coisa na caminha de Gotham, nosso cachorro. Farrow assobia para as prateleiras e prateleiras de histórias em quadrinhos e gibis que chegam até o teto.

Ele passa os dedos pelas lombadas.

Eu me inclino na minha mesa, com os braços cruzados.

— Como é o seu antigo quarto?

— Mais bagunçado que o seu. — Farrow folheia um romance gráfico robusto chamado *Duncan the Wonder Dog*, por Adam Hines. Um dos meus favoritos. — Pôsteres do Nirvana, do Blink 182, livros escolares, um sistema de som caro e um saco de boxe. — Ele gira o romance na vertical enquanto os

painéis giram. — Resumindo, eu era mais legal que você.

Eu forço um sorriso irritado.

— É como se você quisesse ser expulso do meu quarto ou algo assim.

Sua boca abre um sorriso.

— Algo assim. — Ele devolve o livro para o local original e continua a vaguear.

Não consigo parar de observá-lo. É preciso muito esforço para olhar o relógio.

— Não podemos ficar aqui por muito tempo. Meus pais devem chegar em casa com o bolo de Luna a qualquer minuto.

O dia 30 de novembro marca o aniversário de dezoito anos de Luna Hale. O tempo voa. Eu me lembro de quando ela era apenas um bebê e nós tocávamos o nariz um do outro, dizendo *bip bip*.

Conforme solicitado por Luna: *sem grandes festas de aniversário, sem convidados surpresa da família*. Apenas um pequeno jantar com a família imediata e, mais tarde, seus melhores amigos, Eliot e Tom Cobalt, virão para uma festa do pijama.

Farrow está aqui porque minha irmãzinha tem mau gosto e o convida para seus aniversários desde os *nove anos*. Apesar do quanto ele *me* irritava, Luna sempre gostou dele. Aqui estava ele, um cara com piercing e tatuagem que contrastava com sua família de sangue azul. Quando você é diferente da matilha, é preciso mais coragem para ser você mesmo.

Luna é atraída por pessoas que experimentam isso.

— Eu também tenho um relógio, escoteiro — diz Farrow. — Posso ver a hora. — Ele afunda na minha pequena cama de solteiro. A estampa é do Homem-Aranha.

Suas sobrancelhas se juntam.

— O que foi?

— Esta é uma das camas mais desconfortáveis em que já me deitei. — Ele balança a bunda no colchão. — Porra, é *dura*. — Ele se inclina para trás, sobre as mãos. — É por isso que você está tão duro o tempo todo?

As insinuações sexuais acariciam meu pau.

— Meu irmão provavelmente trocou seu péssimo colchão pelo meu quando me mudei. — Eu flexiono meus músculos e me endireito, olhando seu piercing no lábio por um breve segundo, e seu cabelo.

O cabelo dele está preto.

Ele tingiu os fios um dia desses, e observo essa imagem dele, bastante entretido. Não é apenas que ele pareça mais velho, ou que sua intimidação tenha atingido um novo nível. Ele é atraente com qualquer cor de cabelo, qualquer piercing, mesmo sem todas as tatuagens ou somando tudo.

Honestamente, é porque a *primeira vez* que vi esse cara, ele não tinha cabelos brancos. Ou azul. Quando conheci Farrow, seu cabelo era preto como azeviche. Como está agora.

Hoje.

Farrow chuta um travesseiro para o lado e apoia os ombros na minha cabeceira. Eu me imagino me juntando a ele, e ele me prendendo na cama e, então, rolo seu estômago para o colchão.

Eu o agarro pela cintura, puxo sua calça preta para baixo, o suficiente para expor sua bunda *perfeita* e redonda, minha boca trilha um caminho ao longo de seu pescoço. Desço até o ponto entre seus ombros musculosos...

— Maximoff. — Sua voz profunda me tira de uma fantasia.

Eu levanto o olhar.

Ele sorri.

— O que foi? — retruco.

Farrow dobra um joelho.

— Você está pensando sobre o significado filosófico do mundo ou está pensando em me foder por trás?

Cristo. Passo a língua pelos lábios, querendo minha boca contra a dele. *Seramente.* Estou perto da cama.

— Eu ainda não estava dentro de você.

— Ainda — ele repete, com seu olhar varrendo meu corpo em uma onda fervente. Ele gesticula para que eu me aproxime, até que ele se estica e pega meu pulso. Ele me puxa para a cama com ele.

Estou em cima de Farrow, minhas mãos estão em cada lado de sua cabeça, mas ele engancha as pernas em volta da minha cintura e rapidamente me inverte como se eu fosse um oponente de MMA. Minha cabeça bate no travesseiro. Ele está no topo.

Farrow aproxima sua boca da minha.

— Você pode me dominar na piscina, mas quando se trata de movimentos de finalização e luta, eu sempre vou te derrotar.

Eu respiro pesadamente, com o peito subindo e descendo abaixo dele. Uma noite, pedi a Farrow para me mostrar um movimento de luta. Fiel à sua natureza, ele não facilitou. Nem mesmo com seu *namorado*. Eu tive que sair do estrangulamento em menos de vinte segundos.

Farrow monta minha cintura e se senta para enfiar a mão no bolso de sua jaqueta de couro. Estou prestes a dizer *que não podemos foder aqui*, mas paro quando não aparece camisinha.

Ele segura uma caixa preta.

A mesma caixa preta que dei a ele. O *distintivo de mérito de panaca* está costurado na parte de trás de sua jaqueta de couro. Então, sei que ele não está devolvendo meu presente.

Farrow deixa a caixa atrás das costas e segura o objeto com o punho fechado. Ele se inclina para mais perto. Em uma respiração profunda e afetuosa, ele sussurra: — Levante o pulso esquerdo.

Ele colocou um maldito feitiço em mim. Eu nem hesito. Levanto o pulso, e nossos olhos derretem um no outro. Farrow abre a mão tatuada, revelando um bracelete trançado cinza, que pode ter seus fios soltos para sobrevivência.

Assistimos *Mad Max: Fury Road* na outra noite, e mencionei como a pulseira no pulso de Tom Hardy era legal.

Esse sentimento, que só senti com ele, volta como um maremoto. Brotando poderosamente dentro do meu peito, mas *leve o suficiente para não me impedir de voar*.

Seus dedos fecham a pulseira ao meu redor.

— Só para você saber, você é muito mais gostoso que Tom Hardy.

Eu rio, meus olhos queimando de emoção.

Farrow bebe em minha reação, seu peito desaba em uma respiração forte.

— Eu não te disse? — ele sussurra, com um olhar quase vidrado. — São as pequenas coisas.

Isso é o que eu perdi na minha vida, e não consigo imaginar nunca ter descoberto esse sentimento. Nunca o ter sentido. Agarro a parte de trás de sua cabeça, minha boca toca a dele. Nós nos beijamos profunda, intensamente, o suficiente para levantar minhas costas do colchão e meu peito encontrar o dele.

Nós nos separamos para que eu possa sussurrar: — Tenho certeza de que você chamou isso de estupidezes comuns. Não de *pequenas coisas*.

Ele ri contra a minha boca.

— É tudo a mesma coisa.

— MOFFY! — meu irmão grita do corredor.

Porra.

Farrow rapidamente sai de cima de mim, e nós dois ficamos de pé. Na segunda vez que Xander grita meu nome, sua voz soa menos em pânico.

Mais exigente, como *traga sua bunda até aqui agora*.

— Estou sendo convocado — digo a Farrow no caminho para o longo corredor. Seu passo combina com o meu. Paro em frente ao quarto do meu irmão. Uma placa pendurada na porta entreaberta diz em Élfico: *deem meia-volta, seus tolos*.

Eu ouço mais do que apenas a voz do meu irmão. Todos os meus três irmãos estão lá dentro.

Antes de entrarmos, Farrow pergunta: — Você quer que eu espere lá embaixo...

— Não — eu o interrompo. — Quero que esteja aqui. — Eu paro. — A menos que você não queira...

Em resposta, Farrow abre a porta com um chute. Entramos juntos, o quarto está uma bagunça de livros, mochilas de fantasia, *videogames*, puff's enormes e um cavaleiro de armadura com um e noventa e três de altura, que está ao lado de sua cama de dossel.

Eu me concentro em Luna apontando uma arma de piercing para nosso irmão. Ela usa um cropped que diz *Space Babe*, e calça preta.

Xander já passa dela, com um metro e oitenta, e catorze anos.

— Eu disse que faria isso, não disse que *você* poderia fazer isso por mim.

— Vamos, Xander, agora sou uma especialista.

— *O quê?* Você tem a porra de uma infecção na sua língua. — O tom de suas palavras é de descrença. Ele balança a cabeça e vê que Farrow e eu estamos assistindo. — Boa. Vocês dois... digam a ela para pôr a arma no chão.

— Me dê isso aqui. — Farrow se aproxima e Luna de bom grado lhe entrega a arma. — Feliz Aniversário — ele diz a Luna e então inspeciona o dispositivo.

— O que você está fazendo? — pergunto a Luna e aponto com as duas mãos para a arma. — E feliz aniversário também.

— Obrigada, obrigada. — Ela acena para nós dois e, em seguida, pega um adesivo de estrela de sua bochecha redonda. — Estou comemorando meu décimo oitavo ano neste planeta. — Ela coloca o adesivo em sua pálpebra. — Xander e Kinney disseram que fariam piercings como presente de aniversário para mim.

Kinney está deitada na cama de Xander, zapeando os canais de televisão. Ela encolhe os ombros.

— Parecia mais fácil do que ir ao shopping comprar um presente.

Vocês conhecem Kinney Hale como a princesa do gótico e todas as coisas sobrenaturais. Muitos de vocês a adoram e esperam um dia receber seus insultos e olhares mortais. Vocês até fazem compilações em vídeo de suas épicas reviradas de olhos e caras de deboche. E vocês gostariam de fazer parte de seu grupo de amigas, que inclui Winona Meadows, Audrey Cobalt e Vada Abbey.

Eu a conheço como minha irmãzinha durona de treze anos, que tem um lado meigo reservado para a família. E eu a amo demais.

Aviso: eu trocava as fraldas dessa aqui e dava papinha de ervilhas que ela jogava em mim. Meta-se com Kinney, e cortarei sua garganta. Depois, ela vai te empurrar para o fundo de um vulcão.

Luna olha para a arma de piercing nas mãos de Farrow, e se vira para Xander.

— Você ainda vai furar a orelha, certo?

— Sim. — Xander se senta na beirada da cama. — Mas Moffy vai fazer isso. Não você.

Farrow inclina a cabeça para meu irmão.

— Como ele é melhor do que Luna nisso?

— Sou cinco anos mais velho que ela — eu me defendo.

— Diga-me uma parte do corpo que você já furou, lobinho.

— Ele te pegou — Kinney diz, ainda mudando os canais de TV.

— Nenhum.

Xander levanta uma mão na cabeceira da cama.

— Moffy é o melhor em tudo.

Farrow ri muito.

— Cale a boca — digo a Farrow, tentando não sorrir quando me aproximo dele e de Luna.

— Estou falando sério — diz Xander para Farrow, fazendo com que sua risada desapareça. — Moffy nunca esteve abaixo da média em nada. Toda vez que ele tenta algo novo, ele é praticamente um profissional na primeira tentativa.

— Ele é um mágico — Luna diz com convicção.

— Ele é um demônio — Kinney diz. — Um dos feios que vivem em buracos de sapo.

O sorriso de Farrow quase divide seu rosto ao meio, tudo porque minha irmã me chamou de demônio do buraco de sapo. Ele encontra uma maneira de se concentrar e diz a eles: — Posso garantir a vocês três que sou melhor que seu irmão em tudo — Eles se animam.

— Em *pouquíssimas* coisas — eu corrijo.

— *Muitas* coisas — Farrow corrige.

— Pode ser.

Suas sobrancelhas saltam quando eu cedo. Eu prefiro que Farrow, que *é* experiente, fure meus irmãos do que eu estrague tudo. Ainda assim, não entendo por que estamos fazendo isso.

— Você realmente quer fazer isso, Luna? — pergunto. — Depois de todo o problema que seu piercing na língua causou?

— Mas já sarou, e eu adoro isso. — Ela mostra a língua, com uma bola verde-limão no centro. — E se todos vocês colocarem piercings, estaremos ligados em solidariedade fraterna. É algo que os Cobalts fariam. Não temos isso também?

Luna olha para cada um de nós, até mesmo para Farrow, como se estivesse mentalmente nos agrupando como a família Hale. Um bando de malditos esquisitos.

Estamos todos sorrindo.

— Sim, mana — diz Xander e, em seguida, aponta para Farrow e a arma. — Estou confiando em você, cara.

— Não vou te furar com uma pistola *Claire* de doze dólares. — Ele se vira para Luna. — Você precisa de agulhas perfurantes...

— Eu comprei algumas também... Bom, na verdade, Eliot comprou. Foi seu presente de aniversário para mim.

— Pegue álcool isopropílico, bolas de algodão e uma maçã. — Farrow listando itens aleatórios não deveria ser sexy. Meu pau está obcecado com

cada coisa estranha...

— Entendi. Volto logo. — Luna sai correndo do quarto.

— Isso vai doer? — Xander pergunta.

Minhas sobrancelhas franzem.

— É uma *agulha*. Na sua orelha. — *Claro que vai doer*.

— Moffy, estou perguntando ao cara com piercings de verdade.

Farrow se apoia na cabeceira da cama. — Já está ficando mais inteligente.

Mando o dedo do meio para o meu guarda-costas.

Para me irritar, ele faz questão de dizer a Xander: — Dói pouco.

— Ok, ótimo. — Xander rói as unhas, um mau hábito. Quaisquer mudanças físicas em nossos corpos são avaliadas pela mídia, a cor do cabelo, os piercings, as tatuagens, e até os hematomas e arranhões de gatos. Então, sabendo que a atenção extra virá, estou meio surpreso que Xander queira um piercing. Ou isso é seu amor por Luna ou ele espera que isso distraia os tabloides de seu súbito surto de crescimento.

Eu verifico o relógio. *Mamãe e papai devem estar em casa a qualquer minuto*.

Xander cospe a unha.

— O que você vai furar, Moffy?

Minha mandíbula fica tensa.

— Provavelmente nada.

— Eu te disse — Kinney fala da cama. — Ele é um puritano.

Farrow estoura um chiclete, seu sorriso de James Franco aparece com força total agora.

— Eu não sou um puritano — digo à minha irmã que se parece muito a uma Luna desengonçada e de rosto redondo, exceto pelo cabelo escuro, delineador, rímel e lábios pretos. — E mesmo se eu fosse, não há nada de errado nisso.

Kinney clica no controle remoto distraidamente.

— Isso é exatamente o que um puritano diria. — Então, a TV aterrissa em um canal adolescente, e uma música pop familiar e cativante começa a tocar.

— *Merda, não!* — Xander gira na cama para conter Kinney, que se lança em direção à televisão.

Eu já corro e pego Kinney pela cintura. Seus membros ossudos se debatem e lutam para alcançar a TV. Ela tem trinta e seis quilos. Eu poderia

facilmente jogá-la por cima do ombro. Mas não vou.

Ela tentaria arrancar minha orelha com uma mordida.

— Me. Solta!! — Kinney grita.

Farrow encontra o controle remoto e desliga o comercial. Ela ainda está se contorcendo em meus braços e tentando se lançar na TV.

Xander bloqueia sua tela plana.

— Ela é novinha. Você não vai quebrá-la.

Kinney chuta, e eu a aperto em meus braços.

Luna retorna com todos os suprimentos para o piercing, e nosso velho basset hound de orelhas caídas a segue. Gotham corre lentamente para cada um de nós e lambe nossas pernas. Luna fica boquiaberta para nossa irmã.

— Uh...

— Viv — eu explico, mas também solto o nome que faz Kinney acidentalmente dar uma cotovelada na minha traqueia. *Porra*. Eu tusso com voz rouca, afrouxando os braços em Kinney. Eu a solto.

E ela imediatamente se vira para mim, de olhos arregalados.

— Que diabos, Moffy?

Estendo a mão como se estivesse *bem*, mas Farrow se aproxima com uma mão nas minhas costas. Estou inclinado para a frente, com as palmas das mãos nas coxas. *Pare de tossir*. Tento me endireitar e massagear meu pescoço.

— Diga alguma coisa — Kinney exige. — Agora mesmo.

À vontade, Farrow diz: — Que tal deixá-lo respirar primeiro? — Kinney envia um olhar mortal em sua direção.

— Eu estou bem. — Eu tusso uma última vez em meu punho, e meus olhos estão lacrimejando. Eu os aperto e depois digo para minha irmã: — Pensei que tivesse superado a Viv. Já se passaram três meses desde que ela foi para Los Angeles.

Sua namorada se mudou para estrelar um show adolescente com muita dança e muito canto, e elas só se separaram para evitar um namoro a longa distância.

Isso não partiu o coração de Kinney tanto quanto o endureceu. Toda vez que o programa ou a música vai ao ar, ela quebra o telefone. A televisão. Ela já perdeu toda a mesada do ano.

E nas palavras dela: *Valeu a pena*.

Kinney bufa.

— Eu superei isso. — Ela aponta para a TV. — Esse show é uma porcaria. Não a estrela do show, obviamente. Viv merece mais. Ela é muito mais talentosa do que isso.

— Uhum — Luna assente e entrega os suprimentos a Farrow. Ele tira um isqueiro *Zippo* do bolso.

— Talvez você deva sair com outra pessoa? — eu sugiro. — Existe outra garota em que esteja interessada?

— Não — ela cospe para mim. — E você não tem experiência em namoro, então, fique quieto.

Farrow sorri e estoura uma bola de chiclete.

Receber uma tirada da minha irmã de treze anos não é novidade. Vê-la trazer à tona minha falta de experiência em namoro *na frente de Farrow*, sim, isso não tem preço.

Luna diz à nossa irmã: — Tom disse que levaria você a um bar para superar Viv.

— *Não* — Farrow e eu dizemos em uníssono.

— Eu quis dizer um bar lésbico — Luna esclarece.

— *Ainda é não* — eu digo.

Kinney fica boquiaberta comigo e Farrow.

— Eu deveria revogar suas *duas* afiliações à Brigada do Arco-Íris por serem tão injustos. — Ela cunhou a *Brigada do Arco-Íris* quando tinha nove anos, e se autodenominou presidente por ser a única lésbica. A brigada é composta por mim, Tom, Farrow, Oscar e Kinney. É tudo de faz de conta, já que ainda não fizemos nada como um grupo juntos. — Eu sei que vocês dois estiveram em bares e clubes gays...

— Nós somos adultos — Farrow diz, mascando seu chiclete lentamente.

Eu acrescento: — E você tinha doze anos há apenas um mês.

— Eu tenho um coração de quarenta anos — diz ela com total seriedade.

Farrow rebate: — Você ainda tem o corpo de uma criança de nove anos.

Kinney o encara.

— Eu tenho *treze anos*, seu bosta.

— Não o chame assim — eu a repreendo.

— E você é um bosta, também.

Farrow sorri, produz uma chama do isqueiro, esteriliza a agulha, mas não

vai muito longe. Gotham começa a latir como se a porta da frente tivesse acabado de ser aberta.

Meus irmãos, Farrow, e eu nos empilhamos na escada. Uma parte da casa gera um eco, e tudo que meus pais dizem no saguão é ampliado nestes degraus.

Ainda não podemos ver minha mãe e meu pai, e Kinney estende o braço, impedindo todos nós de descer para a sala de estar.

— Não vamos bisbilhotar — eu sussurro para ela.

— Xiii... — ela sibila. — Eles provavelmente estão falando sobre algo nauseantemente fofo. Apenas espere.

Xander descansa no corrimão, Luna cai em um degrau, e eu me viro para Farrow ao meu lado. Ele sorri como se dissesse *essa sua família, cara*. Então, ele passa um pedaço de chiclete para Luna.

Primeiro, ouço meu pai.

— Isso não é uma discussão. — Ele fala com minha mãe. — Ele é legitimamente o pior personagem da história dos X-Men. Pronto. Falei. Fim da história.

— Ele é engraçado. *Eu* gostava dele.

— Você não pode dizer isso em voz alta — ele diz a ela. — Um. É ridículo. Dois. Seu nome era *Fabio Medina, Bolas de ouro – Goldballs*.

— A parte das bolas não é o motivo de eu gostar dele — ela refuta ferozmente.

— Eu sei disso, Lil. Outras pessoas, não — diz ele. — E você é uma mentirosa, porque sei que ele não está nem entre o seu top 10. Você vai ficar aí e me dizer que ele está acima de Mancha Solar, Magia, Rainha Branca, Ciclope, X-23 ou Satânico. Cristo, nomeamos três de nossos filhos em homenagem aos X-Men.

Kinney, Xander e eu trocamos olhares.

Luna sopra uma bola com seu chiclete. Ela recebeu o nome de Luna Lovegood, uma personagem de *Harry Potter*.

Meu pai continua: — Você pode imaginar se Maximoff, na verdade, se chamasse *Goldballs*?

Eu olho para Farrow tipo *jámais fale sobre isso, nunca*. Ele está morrendo

com a diversão.

É palpável em todo seu rosto.

Querido mundo, pare de fazer meu namorado, que adora me sacanear, aproveitar o dia de hoje mais do que ele já está aproveitando. Atenciosamente, um humano irritado.

Minha mãe grunhe.

— Por favor, pare.

— Admita que ele não está no seu top 10.

— Top 20.

— Eu posso viver com isso — meu pai diz.

— Ótimo, porque eu não ia mudar isso por você — ela responde. Imagino que ela esteja sorrindo, levantando o queixo e cruzando os braços de brincadeira.

Já a vi fazer isso mil vezes antes.

— Ai — meu pai diz fingindo mágoa. — Bem no coração, Lil.

— É o único lugar que posso alcançar — ela refuta.

— Não tenho certeza disso...

Suas vozes suavizam. Tudo fica muito quieto, o que significa que estão de lábios grudados.

— Mãe! Pai! — eu grito, e Farrow e eu chegamos à base da escada primeiro.

Uma grande realização recai sobre o meu peito agora, assim que minha mãe aparece com um aceno caloroso e bochechas coradas.

Pela primeira vez, estou prestes a ter um jantar em família tendo Farrow como meu namorado. Eu entendo que *tecnicamente* ele está aqui como convidado de Luna. Ele está até de folga como meu guarda-costas. Mas é o fato clandestino que me prende.

Achei que seria ruim não poder compartilhar a verdade com minha família. Manter meu relacionamento em segredo. *Privado*.

Não é nada ruim.

Divido muito da minha vida com eles. Com todos. Ter esse espaço destinado apenas a Farrow e a mim por um tempo parece *menos* confinante, apenas livre. Sem pressão, sem expectativas. Só eu e ele.

Só nós.

 Farrow Keene

COMO EX-GUARDA-COSTA de Lily, considero-me bastante versado em tudo que tem a ver com os Hale. Em todas as conversas que tive com Lo, marido de Lily, nunca me senti apreensivo ou com medo. Nunca escorreu nem uma gota de suor.

Mas também nunca estive sozinho em uma cozinha com ele, preparando um macarrão rápido e fácil para o aniversário de Luna, enquanto carrego um segredo difícil: *não estou apenas protegendo seu filho. Estou dormindo com ele. Ah, e nós fodemos esta manhã, e dei a ele o melhor boquete de sua vida. Ele mesmo disse isso.*

Consigo agir de forma casual, não cautelosa, mas chego a um limite ao qual nunca cheguei antes. É uma sensação nova, com certeza.

Encho uma panela com água.

Lo acende o fogão a gás.

— Como você e seu pai estão?

— Não estamos. — Fechei a torneira. — Não falo com ele há dois anos e meio. — Coloco a panela meio cheia no fogão.

— Hm, bem, eu acho que eventualmente ele cairá em si. — Lo descansa uma mão reconfortante no meu ombro. O Dr. Keene tem sido leal às famílias por muito tempo. Eles esperam que meu pai e eu possamos consertar tudo o que destruímos, mas isso só vai acontecer se eu deixar a segurança e trabalhar como médico.

E não deixarei a Ômega.

Não deixarei Maximoff.

Ele abaixa a mão para despejar molho de tomate em uma panela.

— Pai. — Maximoff entra na cozinha vindo da sala de estar, onde o resto da família Hale assiste a um show de ficção científica antes do jantar. — Posso ajudar com...

— Não, *não*. — Lo aponta uma espátula para a porta. — Fora.

Esta é a quinta vez que Lo expulsa seu filho da cozinha.

Maximoff estreita um olhar para mim tipo, *faça alguma coisa*.

Eu me inclino no balcão.

— Você não pode fazer parte de tudo, escoteiro.

— Isso é você quem está dizendo — ele refuta. — Eu digo que posso.

— Pelo menos agora sabemos quem é mais inteligente.

— Eu...

— Farrow e eu temos tudo sob controle — seu pai o interrompe. — Ele e eu estamos conversando. Vá passar um tempo com sua mãe. Aquela que acabou te empurrando longe ao tentar te acordar quando era um bebê adormecido. Tudo porque achou que não estivesse respirando.

— Tudo bem. — Maximoff se endireita e me lança um olhar de *não o deixe saber que estamos juntos*.

Nem brinca.

Depois que ele desaparece, Lo me pergunta: — Como a segurança está se organizando para a próxima semana com as barracas? — Ele quer dizer no Camp-Away. *Falta uma semana*.

Tirei meu rádio esta noite, mas Donnelly está em contagem regressiva para o encerramento do sorteio. Teremos escolhidos aleatoriamente os 300 participantes até a meia-noite. Então, todos nós temos a árdua tarefa de examiná-los em sete dias. Eu tenho a mentalidade de que se algum filho da puta passar, vamos lidar com isso no acampamento.

De preferência, sem punhos.

Já tive quatro guarda-costas me dizendo: — É melhor se preparar para segurar Maximoff — acreditando que precisarei arrastá-lo para fora de uma luta. Tudo agora está sob uma nova luz. *Eu arrastaria meu namorado para longe de uma briga*. Não apenas meu cliente.

Meu namorado.

Sinto uma corrente emocional correndo em minhas veias. Em uma voltagem muito maior.

Eu jogo sal na panela d'água.

— Já que Maximoff, Jane e Sulli serão os únicos presentes no Camp-Away, além dos convidados do sorteio, vamos colocar a maior parte da segurança nos três durante as noites — eu começo a explicar as medidas de segurança para a hora de dormir a Lo.

— Quantos seguranças? — Ele mexe o molho, com preocupação aparente em seus olhos cor de âmbar.

— Os guarda-costas pessoais passarão a noite dentro da barraca deles...

— Então, você vai dormir na barraca de Maximoff com ele? — Sua voz é afiada. Normal para Loren Hale. Mas eu paro, com os ombros tensos, e estudo suas feições afiadas.

Merda, estou prendendo a respiração agora. Eu nunca prendo a respiração. Não, a menos que esteja fazendo sexo alucinante e revirando os olhos com o filho dele.

Passo as duas mãos pelo cabelo preto.

— Sim. Haverá outro guarda-costas da Alfa do lado de fora da barraca. Ninguém poderá abri-la, a menos que queira um pulso quebrado.

Lo se mexe silenciosamente e, então, assente várias vezes.

— Coordenamos tudo nos mínimos detalhes. Está tudo resolvido, Lo.

Eu sinto sua preocupação paterna avassaladora. Viro-me para o pai de Maximoff.

— Eu prometo a você que nunca deixaria nada de ruim acontecer com ele. *Estou me apaixonando pelo seu filho.*

— Eu confio em você, Farrow — Lo diz com facilidade.

Isso simultaneamente dá um nó no meu estômago e me alivia. Nossas cabeças se desviam quando Lily entra na cozinha, com um boné de *Guerra nas Estrelas* na cabeça.

Três anos na segurança de alguém 24/7 é como uma década.

— Farrow. — Ela sorri.

— Lily. — Eu abraço uma das minhas pessoas favoritas no mundo. Sem me curvar, eu me endireito e passo os braços em volta dela. Seus pés saem do chão.

Lily aperta minhas bochechas com duas mãos fortes.

— Como você está? Tem comida? Está hidratado?

Meus lábios sobem, e a coloco de pé.

— Hidratado, bem alimentado — asseguro. — Tudo está nos conformes.

Lily sorri com a minha escolha de palavras.

— Tudo nos conformes, você ouviu isso, Lo?

— Eu ouvi, amor. — Ele olha afetuosamente para sua esposa.

Lily pega uma banqueta e abre as mãos no balcão.

— Moffy não tem sido muito teimoso, tem? Não é que ele queira ser assim, mas ele gosta de assumir todas as responsabilidades.

— Eu notei — eu digo, e bem na hora, Maximoff entra e se senta em uma banqueta ao lado de sua mãe.

— Sobre o que estamos conversando? — ele pergunta.

— Você — eu digo com naturalidade.

Ele abre um sorriso agitado.

— Não conseguem descobrir nenhum outro assunto?

— Não seja malvado com Farrow — diz Lily, dando uma cotovelada nele.

Suas sobrancelhas franzem.

— Mãe, ele está sendo um idiota *comigo*.

Eu me inclino no balcão.

— Ouça sua mãe, Maximoff.

Lo joga espaguete na panela.

— Pergunta: por que você só o chama pelo nome completo?

— Pergunte isso ao seu filho.

— Moffy?

Seus ombros ficam tensos.

— Pelo amor de Deus, eu gosto do meu nome completo e não sou mais criança.

Eu assinto lentamente, e a resposta finalmente aparece. *Você não queria que eu te visse como uma criança*. Ele tem vinte e dois anos, mas eu só o chamava de Moffy quando ele era mais novo.

Lo finge estar chocado.

— Você não é mais criança? Jesus Cristo, quando isso aconteceu? Lily?

— Não fui eu — diz ela. — Eu queria que ele fosse jovem para sempre. Como Peter Pan.

— Peter Pan não tem pais — Lo rebate. — Você está nos tirando de cena, Lil.

— Um Peter Pan com os pais, então.

Maximoff observa essa interação com carinho, então, olha para mim. *Ele quer ter isso*. Ele está se permitindo *ansiar* pelo amor e admiração que seus pais têm.

Eu quero dar isso a você. Tudo isso.

— Farrow. — A voz de Lily atrai meu olhar. — Você está saindo com alguém novo?

Eu me forço a não olhar para Maximoff.

— Estou, mas é... complicado.

— Já passei por isso — diz Lo.

Maximoff franze a testa e assente para seu pai.

— O que diabos havia de tão complicado entre você e mamãe? Vocês eram *melhores amigos* que moravam lado a lado.

Lo olha para o filho como se ele fosse um ET.

— Éramos viciados que ajudavam um ao outro.

— Estávamos condenados desde o início — observa Lily.

— Vocês perseveraram — Maximoff diz a eles firmemente, querendo que eles acreditem em seu valor, mas Lo adverte seus filhos sobre o vício usando seus fracassos, mostrando *o que não fazer*. — Você superou *tudo* — continua Maximoff. — Você é...

— Tive sorte — Lo termina. — Não apague as partes difíceis, amigo.

Lily se estica sobre o balcão do bar em minha direção.

— Você tem algum amigo que possa apresentar a Moffy?

Maximoff parece atordoado pela mudança abrupta de assunto.

— Mãe.

Eu cruzo meus braços frouxamente, com um sorriso em uma risada. Eu gostaria que isso pudesse durar a noite toda.

— Você não quer que eu te apresente aos meus amigos? — pergunto.

— Você tem amigos? — ele revida, sarcástico.

— Moffy! — A boca de Lily se abre. — Você é da *Lufa-Lufa*. *Seja legal*.

Maximoff envolve seu braço em torno da mãe.

— Farrow é exceção, mãe. Ele nem foi selecionado...

— Sua mãe fez minha seleção no ano passado. — Seu amor por *Harry*

Potter é profundo.

Lily assente com firmeza.

— Ele é da *Grifinória*.

Eu mando um beijo zombeteiro para Maximoff.

Ele lambe os lábios, tentando fazer uma careta, mas falha. Lily nos observa por mais um segundo, então, pergunta novamente: — Você conhece alguém que talvez queira *namorar* Moffy?

Maximoff grunhe e suspira pesadamente.

— Já conversamos sobre isso.

Ela sempre quis que ele parasse de ter encontros casuais. Seu passado está repleto de parceiros sexuais casuais e, como viciada em sexo, ela teme um caminho destrutivo para seu filho. Apenas com base em suas próprias experiências.

Antes que eu possa falar, Lo enxuga as mãos com um pano de prato e me pergunta: — Quantos anos têm seus amigos?

Eu me mantenho distante do “círculos de amizade” que acumulei na faculdade. Sempre preferi os outros caras do Studio 9, mas, neste cenário hipotético, onde ele não é meu namorado, eu conheço mais do que algumas pessoas que estariam dispostas a namorar a celebridade mais gostosa da cidade.

Eu quero dizer: *ele é meu*.

Ele é meu, e eu não vou compartilhá-lo com nenhum homem ou mulher.

Cerro os dentes uma vez e brinco: — Por volta da minha idade, vinte e sete.

— Não — Lo diz sem rodeios. — Muito velho.

Minha mandíbula estala.

— São apenas cinco anos de...

— Meu irmão se casou com uma jovem com uma diferença de idade de sete anos... muitas complicações. Tenho que cortar o mal pela raiz. — Ele aponta para Maximoff. — Ouça este conselho, amigão. — Ele quer uma vida *fácil* para seu filho.

Faço o dia a dia dele mais fácil, mas se estivéssemos juntos na frente de sua família e em público, eu seria uma das escolhas mais complicadas da vida dele.

Mas lembro que estou com um cara firme e inabalável. Maximoff olha diretamente para mim com uma resiliência e determinação que dizem *eu*

quero você. Só você.



Maximoff Hale

DEPOIS DO JANTAR e do bolo de aniversário, meu pai pede para falar comigo em particular. Estamos no pátio dos fundos. Acendo as luzes da piscina para não ficarmos inundados na escuridão.

Eu me sento na cadeira do pátio mais próxima, e ele se senta na beirada de uma espreguiçadeira.

— E aí? — eu pergunto.

Meu pai possui uma expressão severa no rosto. Todas as linhas em sulcos. Sem recursos suaves.

Quando ele é sério ou contemplativo, é ainda menos convidativo.

Eu nunca o temi.

Mesmo agora, enquanto sua mandíbula se aguça e ele derrama seu foco intenso através de mim.

— Não falo nisso há um ano — ele começa —, porque pensei que você precisava de tempo para resolver as coisas sozinho. Mas temos que falar sobre o seu cabelo.

Droga.

Eu corro minha mão pelos fios castanhos-claros.

— Está ficando longo, sim — eu digo, sarcástico, temendo onde essa conversa vai chegar.

— Maximoff — meu pai diz, realmente sério quando usa meu nome completo. — Apenas me explique o que está acontecendo. Onde está com a

cabeça?

Eu gosto que meu pai faça isso. Ele me pergunta antes de subir a um caminho cavernoso de suposições. Ele me dá a chance de explicar o meu lado. E eu não a desperdiço.

Apertando uma garrafa d'água na minha mão, digo: — Eu não quero parecer com o tio Ryke. Estou tão... *cansado* de pessoas me comparando a ele. — Eu engulo um nó na garganta. — É todo dia, pai. Se não estou brigando como ele, estou usando uma cueca *verde*. É uma besteira completa neste momento. — Eu destampo minha água. — E antes que você diga, *os rumores nunca irão embora*, eu entendo isso. Não estou tentando convencer ninguém de que você é meu pai. Tenho testes de DNA. Não é disso que se trata.

Ele franze a testa profundamente.

— Então, do que se trata?

Meu peito dói, só de ter que encará-lo nos olhos e pronunciar essas palavras. Mas já faz um ano, e é hora de dizê-las.

— É sobre as pessoas saberem que eu te amo — digo, firmemente. — Que você é um bom pai. Que você me criou, e eu ficaria *orgulhoso* de ser como você. Mas quanto mais eu me pareço com *ele* e ajo como *ele*, mais eles me dissociam de você.

Por que meus sucessos não podem ser associados à família Hale? É tão difícil para a mídia acreditar que viciados podem criar um homem bom? Um bom filho?

Meu pai balança a cabeça repetidamente. Eu vejo o mundo de uma lente enviesada.

— Moffy, não consigo pensar em nada pior para você do que ser mais parecido comigo — ele diz clara e inconfundivelmente. Uma adaga fria perfura meu íntimo. — O fato de você ser mais parecido com Ryke é minha maior conquista como pai.

Meu nariz queima. Agarro minha garrafa d'água com mais força, tentando conter a emoção que ameaça me abalar. Eu não concordo com ele. Eu não posso concordar, mas ele está sentado aqui me dizendo que eu acabei bem. Talvez, seja um elogio, mas eu só vejo meu pai se destruindo para me ajudar.

— Eu quero ser mais como você — eu digo. — *Você* é uma ótima pessoa. O fato de você e a mídia não conseguirem ver isso é um maldito problema. —

Tudo o que eles veem é um alcoólatra em recuperação. Eles esperam que ele falhe. Eles ficam chocados e surpresos quando ele consegue. É terrível.

— Você não me conheceu no meu pior estado — ele me lembra. — A mídia sim. E eu vivi comigo mesmo por muito tempo para acreditar que as partes ruins de mim simplesmente foram embora, por mágica. Elas existem dentro de mim, e é uma batalha diária que fico *feliz* que você não compartilhe. — Eu esfrego meus olhos ardentes. — Então, você vai parar com isso? — ele pergunta.

Deixo cair minha mão e respiro em determinação flamejante.

— Não é sobre o que você pensa. *Nunca* foi sobre o que você pensa. — É sobre todos os outros. Ele pode se ver como um vilão, mas não vou aumentar a demonização de Loren Hale.

É meu trabalho mostrar a narrativa onde ele é o herói. Onde eu sou o filho que o idolatra, e preciso que todos vejam isso.

Sua mandíbula corta como uma lâmina. Seu olhar é brutal.

— Não. De jeito nenhum você vai mudar quem você é porque acha que o mundo precisa me amar.

— Eu não estou mudando quem eu sou — refuto. — É só cabelo. É apenas uma porra de uma cor que eu não estou usando.

— Então, por que você não irá à ultra? — ele refuta. — Dê-me outra razão pela qual você perderia uma experiência como essa. Vá em frente. Estou esperando.

Porra.

Pelo meu choque, ele diz: — Sim, Ryke me ligou outro dia. Ele disse que Sulli disse a ele que você está pensando duas vezes. Tudo porque meu irmão correu uma ultramaratona antes. Moffy, você vê o que está acontecendo aqui?

Fixo meu olhar intenso na noite coberta de estrelas e tomo uma decisão.

— Eu vou fazer a ultra.

— E você vai parar de pintar o cabelo — ele acrescenta. Suas palavras não ditas: *você vai deixar isso completamente de lado*. Posso deixar isso de lado e não fazer nada? Posso viver comigo mesmo?

Eu abaixo meu olhar para o meu pai.

— Tenho que continuar tentando.

Ele apenas me encara e diz: — Um dia você vai olhar para trás e perceber por que estava errado. Você vai entender. Um dia.

 Farrow Keene

— QUE PORRA — Maximoff murmura enquanto inspeciona uma caixa de tintura de cabelo e depois lê o rótulo.

Estamos no meu banheiro, do mesmo tamanho infernalmente pequeno que o dele, mas sem decorações. Ambas as casas estão vazias. Nem Jane nem Quinn estão por perto porque estão passando a noite em Manhattan, visitando os irmãos gêmeos dela. Portanto, temos rédea solta hoje e a maior parte de amanhã.

— Está faltando alguma coisa? — pergunto enquanto estou na pia. Coloco uma lâmina número dois na minha máquina de cortar cabelo.

— Luvas. — Ele remexe em um saco plástico com as coisas que acabou de comprar na farmácia. Esse passeio levou três horas, segurança extra, e o meu joelho na virilha de um filho da puta.

Quando saímos da loja, um fotógrafo de meia-idade tentou agarrar Maximoff pela virilha. *Tentou* é palavra-chave.

O homem acabou curvado de dor.

Maximoff pode estar acostumado a mãos em cima dele, a multidões enormes, como em um show lotado. Pessoas puxam sua camisa, sua cintura, e até mesmo seu cabelo e pescoço, mas de jeito nenhum vou deixar alguém segurar ou agarrar sua bunda ou pau.

— Os descartáveis estão embaixo da pia — digo a ele e coloco o cortador na ponta. Nossos olhos se encaram em um segundo quente. Ele foca no meu

abdômen e na minha camisa enfiada no meu bolso de trás.

Ele lambe os lábios.

— Posso pegá-los. — Maximoff se aproxima, se ajoelha e vasculha o armário. Seu ombro roça minha perna.

— Você fica bem de joelhos — eu digo.

— Ainda melhor do que você — ele rebate.

Meus lábios sorriem.

— Não foi isso que você disse ontem à noite quando gozou na minha boca.

Maximoff me lança um olhar tímido. Vou ser honesto aqui: ele está basicamente sorrindo. Com as luvas na mão, ele se endireita e seu peito acidentalmente esbarra no meu.

Teimosamente, não nos movemos.

Sua irritação e sorriso, que crescem lentamente, aparecem com um olhar que diz *você é o único no meu caminho*.

Eu definitivamente estou começando a amar essa coisa de falta de espaço. Eu o alcanço e deslizo meus dedos por seu cabelo grosso.

— Então, você quer voltar à sua cor natural?

Maximoff olha para mim enquanto meus dedos deslizam ao longo de seu couro cabeludo. *Ele realmente gosta disso*. Seu corpo se aproxima, com sua cintura batendo na minha. Eu passo minha mão pelo cabelo dele novamente.

— Não é tarde demais para o azul.

— O quê? — Ele pisca para fora de seu estupor. *Onde será que ele foi?*

Ele não me ouviu.

— Cabelo azul, lobinho — repito, massageando sua cabeça.

Suas sobrancelhas franzem.

— Eu gosto do seu cabelo preto.

Eu quase ri. Pagaria para ver o que ele imagina quando se desliga do ambiente em que está.

— Ok, mas eu não quis dizer cabelo azul para mim. Eu quis dizer *para você*.

— De jeito nenhum. — Ele se vira, apenas para pegar sua caixa de tinta, mas minhas mãos caem dele. — Isso é algo que você pode arquivar na categoria *nunca acontecerá*.

Eu me inclino de lado na pia.

— Não é essa a categoria em que você me colocou *dirigindo*? — Eu dou uma olhada nele. — Parece uma categoria flexível.

Ele me desanima.

— Não é.

Eu o vejo abrir a caixa e começar a misturar tintura de cabelo em uma tigela de plástico. Maximoff sempre tingi o cabelo, então, o processo não é novo para ele.

Compartilhamos o espelho e o espaço apertado na frente da pia. Eu ligo a máquina de cortar cabelo.

Ao meu lado, ele tira a camisa. *Porra*, esse abdômen. Maximoff joga sua gola cinzenta de lado.

E ele de repente pergunta: — Você acha que sou puritano?

Maximoff.

— Isso nem estava na minha cabeça. — Lembro-me de como Kinney o chamou há dois dias. — Mas vejo que está corroendo a sua.

Ele esfrega loção na testa perto da linha do cabelo. Só para que a tinta não manche a pele dele.

— Só estou pensando em como não fiz um piercing com meus irmãos, e estou pensando no que isso significa. E talvez diga que eu não os amo o suficiente para fazer um.

— Ou diz que você não é facilmente pressionado pelos colegas, nem mesmo por seus irmãos. — Eu o encaro pelo espelho. — Você recusou um piercing, sabendo que não queria um, isso é sexy.

Ele está sorrindo. E tentando não fazê-lo. Ele coloca as luvas.

Eu empurro para trás os longos fios pretos do meu cabelo. Estou apenas aparando levemente as laterais.

— De qualquer forma — eu digo — eu não acho que você seja um puritano. Você é definitivamente outra palavra com “p”. — Eu corro a lâmina acima da minha orelha.

— É melhor ser *pródigo*. — Maximoff espalha tinta em seu cabelo como xampu. No espelho, ele observa minhas mãos mais do que observa a si mesmo.

Meu sorriso se alarga.

— Puro.

Ele pisca me encarando.

— Esqueci que você não conhece a definição de puritano.

Eu corro minha lâmina sobre o mesmo local.

— Você pode fazer muito sexo e ainda ser puro. — Eu sempre vou vê-lo como sendo genuinamente de bom coração. — E se alguém discordar de mim, não ligo.

Sua garganta balança como se minhas palavras acabassem de apertar seu pau. Ele fica tenso, e alisa o cabelo para trás com uma tintura marrom escura.

— Você sabe por que estou voltando à minha cor natural?

— Posso adivinhar, mas não, não tenho certeza. — Eu não queria pressioná-lo a me dizer. Achei que ele se abriria quando estivesse pronto.

Nossos olhares se encontram através do espelho.

— Parecia o certo — diz ele fortemente. — Eu não me importava de tingir meu cabelo mais claro ou usar mais vermelho em vez de verde, mas tudo o que estava fazendo era adicionar conflito na minha família. Então, pareceu certo voltar. — Ele passa mais tinta no cabelo. — Vou encontrar outra maneira de mostrar ao mundo que estou orgulhoso do meu pai. Só não mais assim.

Eu aparo o outro lado da minha cabeça. Sempre acreditei que ele está condenado se o fizer, condenado se não o fizer, e tudo o que pode fazer é confiar em seu instinto. Certa vez, ele perguntou o que eu achava, e eu apenas disse: — *Eu escolheria a opção em que você não está brigando consigo mesmo.*

Maximoff sabe quem ele é melhor do que a maioria das pessoas. Se algo parecesse errado, ele seria o primeiro a reconhecer isso. E estou feliz que ele não hesitou.

— Você sabe que vou ficar do seu lado no que quiser fazer — eu digo com um sorriso, inclinando minha cabeça para correr a lâmina mais para trás. — A menos que seja uma besteira. Nesse caso, eu te chamo e você fica do meu lado.

— Que reviravolta — diz Maximoff, sem nenhum sarcasmo presente —, o *rebelde* quer alguém ao lado dele.

— Sim. Eu quero o sabe-tudo. — Eu sustento seu olhar. Nunca passei tanto tempo com alguém. Nem mesmo meu último cliente. Não um ex ou um amigo, e se houvesse horas extras no dia, eu escolheria passá-las com esse cara.

Porra, estou viciado.

Maximoff engatilha seu olhar *me fode*. Apenas alisa o cabelo para trás uma última vez. Ele tira as luvas e, depois de jogá-las no lixo, ajusta um cronômetro de dez minutos em seu telefone.

— Precisa de ajuda? — ele me pergunta.

Não, lobinho. Eu posso facilmente cortar meu cabelo, mas ninguém nunca *perguntou* se podia me ajudar. Inferno, é mais do que fofo.

— Aqui. — Eu passo a máquina para ele, e Maximoff vem atrás de mim, todo confiante. Olho para ele pelo espelho. — Corte da parte de trás do meu pescoço para cima, não mais alto que a minha orelha.

— Entendi.

Agarro a borda da pia. De pé, inclinando levemente, com a cabeça baixa para que ele possa alcançar meu pescoço sem esticar os braços para o alto.

Maximoff segura meu ombro para me manter firme. Então, passa a lâmina pelo meu pescoço. Ele está se saindo melhor do que eu esperava. Posso seriamente acreditar que ele já aparou meu cabelo mil vezes antes. Lembro-me do que seu irmão disse. Como Maximoff é um profissional em tudo em sua primeira tentativa.

Ok, é um pouco verdade.

Seus olhos verdes-floresta voam para mim no espelho. *Sim, estou deixando você me ajudar.*

Isso o está excitando.

Eu estico meu braço para trás de mim e agarro sua bunda, e ele se aproxima, seu pau contra *minha* bunda. Minha respiração corta, *porra*, eu posso senti-lo endurecer.

Meus músculos queimam, minhas veias pulsam.

— Alguém está animado.

— Quase — ele rebate.

Eu reviro os olhos.

— Eu sei como é o seu pau “quase” duro, lobinho, e não é assim.

Ele tenta fazer cara feia, mas tem um olhar que diz *me beije, me foda, me abraça*.

Cerro os dentes, meu pau está excitado.

Eu o observo desligar a máquina de cortar cabelo, terminar, e espanar mechas de cabelo dos meus ombros. Eu verifico a parte de trás do meu cabelo

que ele aparou. *Sim, ele pode fazer isso de novo.*

Maximoff guarda a máquina.

— Bom?

— É, *quase*.

Ele me mostra dois dedos do meio e se endireita. Perto de mim. Eu inclino meus ombros na parede e dou a ele uma lenta olhada. Ele ainda precisa lavar a tintura de cabelo.

Caralho, não consigo parar de olhar para ele.

Meu apelido para Maximoff se encaixa melhor do que ele imagina. Ele é agressivo, mal-humorado e insanamente protetor com sua matilha. Como um lobo. Então, ele é engenhoso, resiliente, confiante e responsável. Capaz de sobreviver a qualquer situação.

Essas duas palavras descrevem Maximoff Hale mais do que qualquer outra. E enquanto eu estiver vivo, ele será o meu *escoteiro lobinho*.

Ele coloca a mão na parede. Ao lado do meu ombro. Eu desabotoo sua calça jeans, e sua outra mão já mergulha na frente da minha calça preta, me acariciando. *Caralho*, um gemido arranha minha garganta.

Eu vejo seu olhar vagar por um segundo, então, se concentra mais claramente em mim.

Eu esfrego seu pau muito longe de estar *quase* duro.

— O que você estava pensando?

Ele lambe os lábios.

— Que amo seu cheiro.

Esta é a primeira vez que ouço isso dele.

— Qual é o meu cheiro?

Seus músculos flexionam, enquanto eu mudo o aperto. Ele amaldiçoa baixinho antes de dizer: — É hortelã... água fresca e homem.

Eu poderia me empurrar contra ele, mas o cronômetro *apita* e nos interrompe. Retraímos nossas mãos, tentando ignorar a tensão não resolvida por enquanto. Dentro de talvez um minuto ou dois, ele está nu no chuveiro, enxaguando a tintura de cabelo.

Enquanto espero por ele, pego uma revista *Celebrity Crush* da sacola da farmácia. Ele comprou o tabloide para ver se eles mencionavam o Camp-Away de caridade que começa em cinco dias.

Eu descanso contra a pia e folheio as páginas brilhantes.

Tomando banho, Maximoff passa as mãos pelo cabelo castanho-escuro, me observando enquanto a água o encharca.

Eu olho para ele e viro outra página.

— Algo que você quer dizer?

— É muito estranho ver você com um tabloide.

Ele não percebe quantas vezes tenho que pesquisar nas mídias sociais e comentários de tabloides potenciais ameaças contra ele.

Viro mais uma página.

E eu presto atenção em um artigo do *Como Nós* (Like Us). Eu escaneio a fotografia gigante de Luna, Xander e Kinney, os irmãos Hale reunidos em um estande dentro da Superheroes & Scones. Um fã deve ter tirado a foto.

Os artigos do *Como Nós* são impressos nesta revista há anos e são relativamente inofensivos. A legenda é sempre a mesma: *Os Hales, Meadows e Cobalts – eles são como nós! Eles leem livros. Eles adoram filmes. Eles vão às compras!*

Lembro-me de anos atrás vendo a manchete *Espertos, como nós* com uma fotografia de Jane competindo no clube de matemática da escola preparatória.

O artigo que seguro dá um zoom nos novos piercings de orelha de Luna, Xander e Kinney. O título: *Descolados, como nós*.

Maximoff pergunta: — Por que você está sorrindo?

— Eles te chamaram de *careta*.

Maximoff esfrega a água do rosto e, em seguida, estica o braço para fora do chuveiro para me atirar um dedo do meio.

Eu quase rio, mas meu telefone toca no chão de ladrilhos. Já vejo o identificador de chamadas: *Bundão da Alfa*.

Merda.

Há 85% de chance de eles me xingarem por desligar o rádio. Os comunicadores nem estão comigo agora. Então, ignoro essa dor de cabeça e apenas envio uma mensagem para Price: *Eu não estou na ESA*.

Ele responde rápido.

Price: *Pelas câmeras, podemos dizer que Moffy está em casa. Você precisa vir ajudar a examinar os participantes do acampamento.*

Eu respondo ainda mais rápido: *eu já passei seis horas examinando os participantes hoje.*

Eu propositadamente me inscrevi para um turno enquanto Maximoff

estava trabalhando no escritório da H.M.C.

Price: *Precisamos de mais olhos nisso. Você está disponível, então, venha para cá.*

Eu poderia facilmente desligar meu telefone e agir como se não tivesse acabado de receber essa porra de demanda. Mas se o pior acontecer no Camp-Away, só porque não levei mais três horas para examinar os participantes do sorteio, ficaria mais do que chateado comigo mesmo.

Eu: *Estou indo.*

Envio a mensagem e deslizo meu telefone no bolso.

— Maximoff.

Ele abre a porta do chuveiro.

— Sim?

— Eu tenho que ir. A segurança precisa de mim.

Eu coloco minha camiseta de gola V preta.

Parece que ele não é o único a nos interromper.

 Farrow Keene

AMPLOS CAMPOS VERDES contrastam com um horizonte azul brilhante, carvalhos e abetos se projetam para o céu. As folhas são laranja e vermelho agora que a temporada de outono se aproxima do fim. De uma colina, vejo o lago reluzente e as canoas empilhadas em um deck, tubos internos estão amarrados a uma doca de madeira.

Maximoff usa os acres e acres de terra do Camp Calloway, o acampamento de verão de sua tia nas Montanhas Poconos, para seu evento Camp-Away de dezembro.

É majestoso, sereno, mas estou de plantão. Não estou prestes a ser varrido pela natureza. Não quando há trezentos convidados vindos de um sorteio com idades entre dezoito e quarenta e cinco anos.

E todos eles estão jogando a primeira atividade em grupo que Maximoff programou: um jogo massivo de captura da bandeira.

Centenas de pessoas estão divididas em quatro equipes, separadas por camisas e bandanas vermelhas, verdes, azuis e amarelas. Enquanto eles correm pelo campo e pela floresta, gritando estratégias e procurando as bandeiras de outros times, os seguranças serpenteiam pela multidão.

Todos nós usamos camisetas pretas com *SEGURANÇA* em letras verdes neon.

Meus braços não descruzaram. Nos últimos vinte minutos, concentrei-me apenas em Maximoff, sem baixar a guarda. Mais cedo, confisquei uma faca

que alguém tentou contrabandear para o acampamento. Aparentemente, eles acreditavam que poderiam “pescar” e “limpar” seu próprio jantar.

Aham.

Certo.

Meu fone de ouvido vibra com conversas ininterruptas.

— *Eu vi onde o time amarelo escondeu sua bandeira* — diz Donnelly. Embora Beckett Cobalt seja seu cliente, a Tri-Force recrutou a maioria dos guarda-costas experientes para o evento. Os Meadows, Cobalts e Hales sem seus guarda-costas regulares vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, terão guarda-costas temporários por três dias.

Akara está no microfone. — *Você está realmente usando comunicações para ajudar Jane a trapacear?* — Ele assume que é Jane, mas Donnelly é totalmente Time Cobalt.

— *Eu não estou fazendo nada* — diz Donnelly, acentuando a palavra *nada*, carregando em seu sotaque. Eu o vejo circulando uma área arborizada, bandana azul no antebraço tatuado, embora não esteja jogando.

Maximoff senta-se casualmente em um tronco de árvore. Preso na “prisão” da equipe azul até que um dos membros da equipe vermelha o identifique. Eu relaxo por um segundo, apoiando meus ombros em um carvalho.

Seus olhos voam brevemente para mim, com um sorriso neles.

Ele passa os dedos pelos fios castanhos-escuros de seu cabelo.

De alguma forma, ele parece alguns anos mais velho com seu tom natural.

Ainda não consigo superar.

E ele encontrou uma alternativa a clarear o cabelo. Ele está usando meias de acampamento Thor agora. Além disso, fez Luna desenhar figuras do Homem-Aranha em suas botas *Timberland*. É sua maneira de gritar *eu amo meu pai* para os paparazzi que vão tirar fotos dele para vender e para quem queira escutar.

Meus lábios começam a subir de volta para ele.

— *Quinn para a segurança.* — Outra voz está no meu ouvido. — *Acabei de ouvir algumas garotas falando sobre sufocar alguém. Devo intervir?*

— *Não* — Donnelly fala novamente. — *Isso é apenas conversa de fandom.*

— *O quê?* — Quinn pergunta.

Clico no meu microfone. — Não é uma ameaça. Não se envolva. — Eu naturalmente “orientei” Quinn ali mesmo? Porra, eu me transformei em um professor.

— *Aff, esqueci meu lanche* — reclama Oscar. — *Alguém tem alguma coisa para comer?*

— *Mano, você acabou de comer* — Quinn refuta. — *Umas quinze panquecas.*

— *Não vejo seu ponto. Os lanches são uma parte essencial da vida. E você sabe o que, se ainda não aprendeu isso, nós encontramos um problema muito sério aqui. Pessoal, meu irmão precisa de ajuda, Encontro de Conscientização sobre a Importância dos Lanches.*

As vozes se empilham umas sobre as outras.

Abaixo o volume.

Maximoff está fora da “prisão” e corre para uma zona segura. Ele diminui a velocidade enquanto um amontoado de garotas de dezoito ou dezenove anos de camisas vermelhas o cobiça.

Eu não as culpo.

Ele é maravilhoso. E meu pau definitivamente concorda.

Estou hiper consciente das pessoas aqui que são apáticas em relação a ele. Significa que provavelmente estão no acampamento por motivos errados. Akara já marcou em vermelho vinte e três nomes para prestarmos atenção. Seus motivos para entrar no evento de caridade pareciam suspeitos.

Maximoff se aproxima das garotas, e elas gritam de alegria, pulando na ponta dos pés e agarrando seus braços animadamente.

Calma lá.

Eu aumento o volume do rádio e escuto Oscar pedindo comida.

Eu clico no meu microfone.

— Tenho uma barra de proteína. Estou perto de um carvalho.

— *Há árvores por toda parte, Redford.*

Eu reviro os olhos.

— Cara, o quanto você quer esse lanche? Porque não vou desenhar a porra de um mapa para você.

— ... *estou te vendo.* — Oscar passa correndo por um bando de caras de camisa verde e para ao meu lado. Mechas encaracoladas de seu cabelo caem sobre uma bandana azul enrolada.

Pego uma barra de proteína de um saco de primeiros socorros. O posto médico fica do outro lado da colina. Então, deixamos algumas malas de emergência por toda a área.

— Isso é loucura. — Oscar morde o bar. — Legitimamente estressado agora.

Eu sacudo meus braços cruzados, meus músculos tensos.

— Você viu quanto dinheiro ele ganhou com o sorteio?

Oscar bebe sua água. — Os números já saíram?

— Setenta milhões.

— Puta merda.

Maximoff estava radiante a manhã toda. Na verdade, se ele fosse esfaqueado no meio da noite e levado para o hospital, ainda assim, declararia isso um sucesso. Poucas coisas podem acontecer para que ele chame o Camp-Away de um fracasso. Mas ele, sendo esfaqueado, seria meu maldito pesadelo.

— *Quinn para a segurança. Acabaram de dizer sufocá-la novamente. E eu sei que estão falando sobre Jane. Isso é violento.*

Donnelly responde: — *Ainda é a linguagem do fandom.*

— *Eu não gosto disso* — Quinn diz, dando sua opinião.

— *Irmão.* — Oscar clica em seu microfone ao meu lado. — *Abra uma conta no Twitter.*

— *Você não está no Twitter?* — Donnelly pergunta.

— Ele está apenas no *Facebook* — digo à equipe, sorrindo. Donnelly deixa sua risada passar pelos comunicadores.

— *Facebook é melhor* — rebate Quinn.

Akara diz: — *Este não é o melhor uso dos comunicadores.* — Ele faz uma pausa e acrescenta: — *Mas o Facebook é melhor.*

Oscar engole a barra de proteína e ri.

— *Acabaram de dizer que Jane e Sulli foram canceladas* — acrescenta Quinn.

— *São apenas fãs apaixonados* — explica Donnelly.

— *Que porra é essa?* — Quinn pergunta e acrescenta: — *Tudo bem, eu realmente não estou gostando disso. Acabaram de dizer que Jane deveria morrer engasgada.*

Eu interrompi: — Vá falar com eles. — Isso pode ser uma ameaça. Ou

podem ser apenas fãs. Quando a cultura do fandom entra em jogo, as linhas se confundem.

Oscar bate seu braço com o meu.

— Olhe para você, ajudando meu irmãozinho. — Ele mastiga a barra de proteína com um sorriso largo. — Continue assim, a Tri-Force vai colocar todos os iniciantes com você.

— Porra — eu amaldiçoo.

Quinn repete outra possível ameaça, mas Oscar e eu não piscamos.

Ele joga a embalagem de proteína na bolsa vermelha de primeiros socorros.

— Eu odeio o quão insensível me tornei para algumas dessas merdas. Como achamos que isso é normal?

— Eu sei.

Observo Maximoff se afastar do amontoado de garotas. Ele levanta a ponta da camisa vermelha e enxuga o suor da testa. Revelando seu abdômen digno de primeira página. Então, ele puxa a camisa para cima e sobre a cabeça.

Droga.

Os frequentadores do acampamento gritam e sacam seus telefones. Alguns devem estar fazendo um *Snapchat* em vídeo, suas câmeras ficam apontadas para ele por um tempo. Uma garota caminha por perto e para quieta. De olhos arregalados.

— Oh. Meu. Deus. — *Eu sei.*

Eu estico meu braço, com meu sangue correndo para o meu pau.

Ela pega o telefone e narra.

— Ele é mais bonito pessoalmente. — *Verdade.* — Vocês estão vendo isso?! — ela grita de alegria para seus seguidores.

— Pessoas excitadas por todos os lados — Oscar sussurra para mim.

Eu empurro seu braço.

Ele ri.

Então, nós dois ficamos quietos e assistimos a uma ruiva correr e ficar boquiaberta para Maximoff. Ela não está prestando atenção em seus pés. Em câmera lenta, seu tornozelo se prende a uma raiz de árvore. Ela cai com força com um *baque* alto.

Maximoff viu tudo. E, claro, ele é o primeiro a correr para a garota. Já

peguei o saco de primeiros socorros.

— *Akara para Farrow. Você é o mais próximo com os primeiros socorros. Não parece ruim o suficiente para um médico de verdade.*

Reviro os olhos e clico no microfone, no meio da corrida.

— Eu *sou* um médico. — Eu tenho uma graduação.

Enquanto eu diminuo a velocidade para a garota e Maximoff, Donnelly tem que entrar na conversa: — *Alguém mais acha estranho que ele só nos lembre que é médico quando dizemos que ele não é médico? Em qualquer outro momento, ele nos diz que não pode passar umas receitas. Não pode trabalhar em um hospital. Não pode...*

Eu giro o botão do meu rádio. Diminuindo o volume no meu ouvido. Eu me agacho ao lado da garota. Ela agarra o tornozelo, estremecendo.

Maximoff está ajoelhado perto dela. Eu e ele trocamos um olhar em saudação viva.

— Ei, querida — eu digo para a garota. — Qual é o seu nome?

— Ella. — Ela estremece por entre os dentes.

Maximoff me diz: — Acho que só torceu...

Eu inclino a cabeça.

— E em que ano você se formou na faculdade de Medicina?

— Em que ano você terminou a residência?

— Ainda sou melhor que você.

Ele me dá o dedo médio e algumas câmeras piscam. #HMCCampAway foi tendência no *Twitter* o dia todo. Maximoff ainda tem um link em sua página de perfil para doar para o *Um Dia a Mais*.

Eu me concentro em Ella. Ela abaixa as mãos e a cabeça.

— Você está tonta?

— Um pouco.

Eu deslizo o saco de primeiros socorros para Maximoff, que está morrendo de vontade de fazer alguma coisa. Ele é tão prestativo.

— Encontre uma bolsa de gelo.

Eu inspeciono seu tornozelo: pele avermelhada, sem muito inchaço. Pressiono alguns dedos na área.

— Isso dói? — pergunto, mas ela já está afastando minhas mãos.

Então, ela lamenta como se eu tivesse esfaqueado sua garganta.

Ok.

Eu vi meu quinhão de dramas. Posso discernir o que é real e o que não. Ela se vira para Maximoff.

— Eu não posso... — Ela tenta produzir lágrimas que não vêm.

— Você vai ficar bem — ele garante a ela. Ele envolve o braço em volta dos ombros dela em um abraço de lado. Então, ele me entrega o pacote de gelo macio.

Eu nem toco seu tornozelo e ela estremece.

— Em uma escala de um a dez — pergunto —, como é a sua dor?

— Nove vírgula cinco.

Ok. Certo. Senti o suficiente da área para saber que o osso está intacto.

Maximoff parece seriamente preocupado.

— Talvez devêssemos nos assegurar e chamar uma ambulância...

— Não, não, não. — Ela levanta as mãos. — Não está tão ruim. Eu poderia... andar sobre ele... ou tentar.

Coloco a bolsa de gelo em sua mão.

— Use isso para sua cabeça. Posso enfaixar seu tornozelo, e podemos encontrar muletas se precisar. Que tal?

Ela acena vigorosamente. Então, morde o lábio para Maximoff.

— Você... você poderia ficar comigo um pouco? — Minhas sobrancelhas se erguem.

— Claro — diz Maximoff, sincero e oferecendo outro abraço. Eu procuro um curativo na bolsa, e então olho para cima.

Ao lado de um posto de bebidas, um grupo de caras brancos de vinte e poucos anos fala merda sobre Jane. Ela está conversando com algumas garotas mais adiante na floresta.

— Jane Cobalt é nojenta — diz um cara. Seu familiar rosto anguloso e nariz aquilino despertam minha memória. A folha marcada em vermelho de possíveis ameaças. Ele está nela. Seu nome é Tyler.

— Ela quer tanto ser fodida. É meio patético.

— Eu transaria com ela, mas teria que amarrá-la primeiro.

Eles riem.

Meu nariz se alarga, a mandíbula aperta.

Maximoff está ocupado ouvindo Ella, mas suas maçãs do rosto estão se aguçando. *Ele escutou.*

Eu olho para eles enquanto vasculho a bolsa de primeiros socorros.

— A merda do BDSM é uma mentira — diz um garoto loiro. *Ele também está na folha.* Brad. — Sempre que ela é empurrada neste jogo da bandeira, ela praticamente tem um orgasmo. Apenas observe-a.

Idiotas.

Oscar começa a se aproximar dos caras. Ele clica no microfone.

— *Esses idiotas de camiseta amarela precisam ser vigiados. Vou ficar de olho neles.*

Viro a cabeça e sussurro no microfone para que Ella não possa ouvir.

— Mande-os *se foderem* por mim.

— *Estamos todos pensando nisso* — diz Oscar.

Eu rasgo o plástico de um embrulho e volto para a garota.

— Como você está se sentindo, Ella? — eu pergunto antes de tocar seu tornozelo.

Ela encolhe os ombros incerta.

Maximoff deixa cair o braço de seus ombros. Isso é estranho para ele.

Eu coloco a bolsa para baixo e perto dele, minha mão em seu bíceps.

— Maximoff?

Ele apalpa o colarinho, esfrega a garganta, lutando para respirar, e eu sei.

Ele está entrando em choque anafilático. Eu rapidamente vasculho o saco de primeiros socorros enquanto ele chia, o som muito próximo a alguém sendo sufocado até a morte.

Sua garganta está inchando, fechada.

Ele tenta dizer meu nome.

— Você está bem. Fique calmo — digo a ele como se estivesse completamente tranquilo. Nenhuma preocupação no mundo.

Onde está a porra do seu EpiPen? Eu toco no meu microfone.

— Traga-me um EpiPen. — Não está nesta bolsa.

— Oh, meu Deus, Maximoff?! — Ella quase se agarra a ele, mas eu gentilmente a empurro de volta. Maximoff agarra a parte de trás do meu pescoço. Sua cabeça pende, suas respirações esporádicas, interrompidas.

— Você está bem.

Ele não está bem. Eu reajo com calma em qualquer crise médica, mesmo quando conheço a pessoa. Mesmo quando meu coração quer se alojar na minha garganta. Eu engulo, e tenho uma mente que diz, *conserte isso. Ajude.*

Ajude-o.

Não o deixe.

Eu não posso deixá-lo. À distância, Quinn corre em nossa direção com uma EpiPen.

— Ele é alérgico a formigas de fogo! — Ella grita comigo.

— Eu sei. — Eu seguro sua mandíbula. Seus olhos estreitos estão determinados a respirar quando ele não pode. Ele tenta abrir a boca para respirar.

Se eu pudesse dar a ele o meu ar, eu daria.

Eu faria isso em um maldito segundo, mas sua passagem está se fechando, a língua inchando. Sua pressão arterial está caindo, sua frequência cardíaca diminuindo. RCP não resolverá nada.

Ele precisa de epinefrina.

Eu deveria ter um EpiPen comigo. É a primeira semana de dezembro. Nós dois pensamos que não haveria formigas de fogo.

Seu rosto fica vermelho. Ele chia, os olhos lacrimejando. Eu aumento meu aperto em sua mandíbula.

— Estou aqui. Você está bem.

Maximoff não tem medo. Ele está apenas lutando contra seu corpo para ficar consciente.

— Ele vai morrer! — ela grita e explode em lágrimas.

— Não, ele não vai. — Olho diretamente para Maximoff. — Você não vai morrer sob meus cuidados, lobinho. — *Eu te prometi.*

Maximoff não consegue mais respirar, quase desmaiando.

Quinn deixa cair o EpiPen no meu colo. Eu mordo a tampa e apunhalo a coxa de Maximoff. Eu ouço o clique. Uma agulha com mola perfura sua roupa.

E ele respira fundo. Como se estivesse rompendo a superfície de uma piscina depois de quase se afogar.

Eu seguro a caneta no lugar por dez segundos.

Ele tenta falar.

— Não fale — eu digo e clico no meu microfone. — Akara, precisamos chamar uma ambulância. Seus sinais vitais precisam ser verificados no pronto-socorro. — E preciso descobrir onde ele foi mordido.

Maximoff não discute. Pela primeira vez.

Na verdade, isso só me preocupa mais.

 Farrow Keene

OS MÉDICOS VERIFICAM seus sinais vitais na ambulância antes de sair da propriedade, e encontro uma pequena mordida avermelhada em sua nuca. Depois que eles o liberam, ele salta da ambulância e retorna à programação de hoje. Praticamente, não perdeu nada.

— Desacelere por um segundo. — Eu pego seu pulso antes que ele entre no refeitório para o almoço.

Maximoff para e verifica seu relógio.

— Eles estão aqui para ver a mim e minhas primas. Não vou furar com eles.

— Ninguém vai te culpar se você precisar descansar — eu interrompo, tomando nota de sua tez pálida.

— Eu me sinto bem, ou pelo menos, bem o suficiente para comer. — Ele olha mais fundo no meu olhar com as mesmas palavras que disse no minuto em que conseguiu falar: *Estou feliz por você estar aqui.*

Eu também.

Eu quase alcanço sua mão, mas um bando de garotas e garotos passam e tiram fotos dele.

E, então, uma voz no meu ouvido chama minha atenção.

— *Akara para a segurança.*

Maximoff aponta com a cabeça para o refeitório, eu assinto e sigo do lado dele.

Entre as filas e filas das mesas de madeira da cafeteria, sento-me ao lado de Jane em uma das mais vazias.

Apenas uma mesa longe de Maximoff. Há uma multidão de pessoas espremidas perto dele. Da mesma forma, a mesa de Sulli está repleta de pessoas que querem ouvir suas histórias sobre as Olimpíadas.

Akara, Donnelly e Oscar a cercam de forma protetora.

Nossa conversa anterior de comunicação permanece comigo.

Oscar: *Como uma formiga pode ter chegado no pescoço dele?*

Akara: *Ele pode ter encostado em uma árvore.*

Donnelly: *Ou alguém colocou ela lá.*

Quinn: *De jeito nenhum.*

Eu: *Eu teria visto isso acontecer.*

Não estou me inscrevendo a essa teoria da conspiração. Ninguém traria formigas de fogo apenas para colocá-las em Maximoff e vê-lo sufocar até a morte. E mesmo que, de alguma forma, eu não tenha visto algum idiota que tenha tentado matá-lo intencionalmente ou não, a pessoa falhou.

E perderão um braço se tentarem novamente.

Jane sopra sua colher de chili.

— Lá vem outra — ela me diz, e uma morena de vinte e poucos anos se senta na minha frente.

Esta é a sétima garota que chega em mim neste almoço. Durante eventos mais longos, isso acontece com frequência com os guarda-costas mais atraentes.

E, vamos ser honestos, a Ômega está cheio de caras sensuais.

Os olhos começam a vagar e as pessoas começam a perceber os caras que não podem ter. Os que estão quietos no canto com músculos evidentes, e uma carranca. Há um monte de seguranças.

Fui paquerado por alguns homens, e muitas mulheres, e minha resposta raramente muda: *nem pensar*.

A garota acena para Jane como se ela estivesse do outro lado da sala e não ao meu lado. Cerca de 95% de seu foco se concentram em mim, e ela começa: — Meu nome é Tara. Então, meu companheiro de barraca partiu hoje, e sou só eu esta noite. Você deveria vir dar uma conferida. Eu te mostro minhas

tatuagens...

— Eu sou gay — digo, fazendo uma pausa para morder uma maçã vermelha.

Ela cora.

— Você poderia ter me dito que não está interessado.

— Não estou interessado — digo — e sou gay.

Ela rapidamente se levanta e volta para sua mesa.

Jane me dá um olhar curioso.

— O que foi?

— Você é mais popular do que eu.

— Se eu fosse tão popular, não seria segurança. Eu precisaria de segurança. — E Tara não vai se lembrar do meu rosto amanhã.

Jane diz uma palavra francesa que suponho que signifique *verdade*. Então, sigo seu olhar para Maximoff.

Ele não foi capaz de tocar em seu almoço. Eu já peguei uma marmita para ele. E toda vez que ele vai comer seu sanduíche quente, outra pessoa se aproxima para abraçá-lo. A maioria para dizer como está feliz por ele estar bem. Outros para compartilhar sua história com ele.

Ele ouve.

Ele é bom nisso.

Algumas garotas e garotos choram enquanto falam, e ele coloca uma mão consoladora em suas costas. Ele se concentra. Ele se inclina mais perto. Oferece encorajamento e alguns elogios.

Como agora, uma garota esfrega os olhos lacrimejantes. Ela não tem mais de vinte anos. Ela segura o celular com força.

— Parece bobo, mas toda vez que você posta no *Instagram* ou eu te vejo no noticiário ou se um novo episódio de *Somos Calloway* vai ao ar, isso me deixa feliz. Você sempre foi meu favorito. *Eu* te sigo desde pequena. E sinto que crescemos juntos, dessa maneira estranha.

— Não é estranho — ele diz a ela.

Lágrimas enchem seus olhos, emoções se acumulam, e enquanto alguns caras se sentiriam desconfortáveis, Maximoff estende a mão e a coloca em seu ombro.

Ela continua: — Eu só quero que você saiba que me ajudou em alguns momentos sombrios, e que o que você faz aqui, para todos nós, significa algo.

— Posso te dar um abraço? — ele pergunta a ela, com os olhos avermelhando.

Ela sorri e enxuga as lágrimas.

— Sim.

Ele a puxa em seus braços, e ela o abraça de volta.

Ela é uma entre centenas, mas sei que Maximoff vai se lembrar do momento. Do nome dela. De tudo. Essas interações me lembram como as pessoas encontram conforto em todos os tipos de lugares, com todos os tipos de pessoas.

A expressão de Jane só pode ser descrita como puro orgulho.

— Eles o amam — diz ela com carinho. — Como deveriam. — Ela come uma colher do chili.

Eu mordo minha maçã vermelha. Não consigo parar de pensar nos participantes do acampamento e em todas as merdas que disseram sobre Jane. Até mesmo sobre Sulli.

As mulheres dessas famílias famosas têm muito mais dificuldade em ganhar o carinho do público. Isso não faz sentido para mim.

Pense nisso: os “fãs” afirmam amar Maximoff ao máximo. No entanto, odeiam Jane. Se eles o amassem, perceberiam o quanto ele desprezaria qualquer um que vomitasse malícia contra sua melhor amiga.

Durante todo o dia, minha mente esteve gritando para *proteger Jane Cobalt*.

E se alguém me perguntasse no início, se eu tivesse a oportunidade de me sentar ao lado de Maximoff ou de Jane em um refeitório do acampamento, o que eu escolheria.

Eu nunca acreditaria se dissessem Jane.

E aqui estou eu.

Fazendo companhia a ela. Só porque eu estou com vontade.

— Eles podem amar você um dia também, Jane — eu digo, virando minha maçã para morder o outro lado. Ela tem seu quinhão de fãs *on-line*, mas não muitos parecem estar aqui.

— Eu não preciso do amor deles. — Jane mexe seu chili e encontra meu olhar.

Nós dois ouvimos aqueles cinco bastardos nas proximidades. Eles se reúnem em uma mesa à esquerda da nossa. Ainda vestidos com camisas

amarelas do jogo de captura da bandeira. Ainda absolutamente fixados em Jane.

— Você vê o que ela está vestindo? Deus, que horror.

Eu dou uma mordida maior e mais irritada na maçã.

Jane está vestindo calças de oncinha, uma camisa com babados e uma espécie de gola de pele falsa azul-petróleo. E quem se importa com o que diabos ela está vestindo? Jane pega sua água, sem piscar.

— A mãe dela não é *designer* de moda? Isso é muito triste, cara.

Eu mastigo grosseiramente e os encaro, quase no meu limite. Pronto para enfrentar alguns bastardos. A “conversa” de Oscar com eles obviamente não funcionou.

— É tudo por atenção. — Jane nunca vacila.

Maximoff sim. Ao ouvir essa última parte quando suas vozes aumentam, seus olhos verdes se transformam em fogo.

É isso. Com os dedos no microfone, digo à equipe de segurança:

— Não me sigam. — Eu me levanto, com a maçã meio mordida na mão, e coloco o volume do meu rádio para uma conversa suave que posso ignorar.

Meus pés me levam até a mesa de cinco bastardos de vinte anos. Eu sei seus nomes de cor, mas honestamente, não vou usá-los. Para mim, eles são apenas bastardos e idiotas.

Assim que eu me elevo acima da mesa deles, eles ficam absolutamente quietos. Seus olhares se fixam na minha infinidade de tatuagens e na minha camiseta que diz *SEGURANÇA*.

— Vamos conversar lá fora — digo a todos eles.

— Não estamos fazendo nada de errado — um deles me diz.

— Eu não disse que estavam — eu digo calmamente, mordendo minha maçã. Não posso levantar a voz. Não posso levantar os punhos. Eu intimido sem incitar o caos. — Vamos sair e bater um papo. Não vai demorar muito. — Eu aceno para a saída.

Simples assim, todos concordam.

Por alguns minutos, dou um sermão sobre a importância de ser gentil e atencioso. Você sabe, o mínimo de decência humana.

Eles assentem muito. Se eles estão realmente me ouvindo ainda não sei dizer.

— Claro — o bastardo loiro me diz —, mas acho péssimo você nos puxar

de lado e nos afrontar. Nós pagamos para estar aqui. Você está ocupando nosso tempo, que poderia ter sido gasto sentado a um metro e meio de Jane Cobalt. — Ele faz um péssimo trabalho em esconder seu sorriso.

E seus amigos explodem em sorrisos.

Eu pego mais pesado, e com o meu olhar penetrante, eles param imediatamente.

— Vou deixar isso *muito* claro — eu digo. — Ela não deve nada a vocês. Nem o tempo dela. Nem o ar entre seu corpo e o dela. Você pagou para participar de um sorteio. *Para caridade*. Se você optar por ultrapassar algum limite, a segurança o expulsará. Mas veja, eu não quero que isso aconteça. — Faço uma pausa enquanto eles se agarram às minhas palavras. E eu supero meu desprezo, apenas para dizer a eles: — Vocês parecem legais. — *Tão legais quanto uns imbecis*. — Então, a última coisa que eu quero é que vocês percam esses últimos dias. Sejam respeitosos. Diminuem o tom.

— Sim, Sim, Sim. Nós entendemos — diz um. — Vamos tentar ser mais legais ou algo assim.

Ou algo assim. Honestamente.

Outro assente para mim.

— Obrigado, cara.

— Sem problemas. — Porra, acabei de fazer amizade com esses idiotas.

Assim que todos eles saem, uma estática suave atinge meu ouvido. Eu ligo o rádio.

— *Ele bateu neles?* — A voz de Oscar.

— *Não, eles estão indo embora* — Donnelly responde.

— Ei, pessoal. — Eu clico no meu microfone. — Fiz novos amigos.

— *Bom trabalho* — Akara me diz, genuinamente.

— Vocês estão tomando notas? — pergunto a eles.

— *Na próxima vez, alguém deveria estar com você* — acrescenta Akara.

— *Isso poderia ter sido cinco contra um*.

Eu poderia ter acabado com todos os cinco.

— *Anote essa, Farrow* — Donnelly intervém.

Reviro os olhos e vejo aqueles cinco bastardos descendo a colina até o lago. Eu gostaria de tê-los expulsado do acampamento. O pesadelo publicitário de mandar alguém para casa destruiria o propósito do evento beneficente.

Então, eles têm que ficar.



Maximoff Hale

FARROW ABRE NOSSA barraca após o término da reunião na fogueira. Sem lua esta noite, segundo dia. Aponto uma lanterna para a entrada e observo a maneira como seus dedos brincam com a chave e o cadeado. E o zíper.

Tente ter seu guarda-costas a poucos metros de você o dia todo e vê-lo em seu elemento: intimidando os idiotas, prestando socorro, sendo fodão e inteligente. Agora, tente *não* imaginar o pênis dele um milhão de vezes.

Sim, é duro. Trocadilho proposital.

Agora, tente *não* ser capaz de tocá-lo. Piscar olhares *desejosos*. Agarrar a parte de trás de seu pescoço e mergulhar a língua contra a sua língua.

Eu poderia rosnar de tão reprimido. *Eu o quero.*

O dia todo eu o quis, e não fui capaz de abraçá-lo.

Eu não estou prestes a pular nele como se fosse meu brinquedo sexual. Ele pode estar exausto.

Então, enquanto nós dois rastejamos para dentro da barraca, tento me agarrar a outras coisas.

Como esta é a última noite do acampamento, e não houve ossos quebrados, não houve tantas lágrimas, porque a maioria deles estava feliz, e não houve Charlie, tudo acabou sendo muito bom, mesmo com o primeiro dia de ataque de alergia a formigas.

No que diz respeito ao *perigo*, tem sido mais seguro do que acho que toda

a equipe de segurança previu. Amanhã, depois do café da manhã, todos começarão a fazer as malas, as últimas despedidas serão trocadas e todos iremos para casa.

Eu estico minhas pernas no meu saco de dormir laranja, e Farrow tranca a barraca por *dentro*. Por mais que eu ame acampar, não sou fã dessas precauções extras. Estou tão acostumado a me sentir mais livre na floresta. Com tantas pessoas ao redor e suas câmeras de celular, é praticamente a antítese do motivo de eu acampar.

Eu tiro minha camisa pela cabeça. O frio de dezembro belisca minha pele nua. Farrow volta para o meu lado, me olhando com a visão periférica enquanto lentamente remove o fone de ouvido e torce o fio ao redor do rádio. Ele coloca sua arma no coldre embaixo do travesseiro de acampamento.

Desliguei as lanternas. Não há mais sombras dançando ao longo da tenda.

E estamos isolados dos participantes do acampamento, privados, mas não *tão* privados assim. Mais segurança está do lado de fora.

— Você sabe — sussurro —, nunca transei em uma barraca antes.

Ainda não fizemos nada por causa da minha reação alérgica. Minha pressão arterial estava fora de controle, mas estou bem agora.

Suas sobrancelhas se erguem, e ele puxa o decote em V preto pela cabeça.

— Não consegui convencer alguém a ter um caso de uma noite em uma barraca?

— Não. — Meus olhos roçam a adaga com tinta em seu abdômen, quase invisível na escuridão. — Não gostava da ideia de apenas uma fina lona me separar do meu guarda-costas enquanto eu estava fodendo. — Geralmente há pelo menos uma *parede*.

— Compreensível. — Farrow me observa enquanto observo seus dedos. Ele desabotoa a calça, abre o zíper e a chuta. Seu olhar inebriante me varre queimando lentamente. E sua cueca boxer preta apertada mostra seus músculos, bunda e ereção longa e grossa.

Cristo.

O sangue bombeia mais forte, em todos os lugares. Até que me sinto um pulso trovejante.

Eu agarro seu ombro, e ele já rola para cima de mim. Pernas entrelaçadas, nossas bocas se esmagando, eu puxo seu cabelo entre os dedos famintos.

Ele luta com minha calça, puxando-a da minha cintura, descendo pelas

minhas pernas musculosas. Fora de mim completamente.

Sim, sim.

Eu abaixo minha voz para outro sussurro.

— A que distância você disse que os guarda-costas estavam? — Alguns devem ficar do lado de fora a noite toda.

Enquanto ele abaixa para encontrar minha boca novamente, ele empurra o pau duro contra o meu.

— Eu disse a eles para lhe dar, pelo menos, cem metros. — *Quase um campo de futebol.*

— Sério? — Eu sussurro, minha excitação e desejo mais quentes. Minha mão direita sobe em seus músculos esculpidos, e eu manipulo o piercing em seu mamilo.

Seus lábios se curvam.

— Sim, mas eu não fiz isso para que pudéssemos foder. — Ele descansa os antebraços em cada lado dos meus ombros, e eu me deito sob seu peso que me queima da cabeça aos pés. — Eu fiz isso para que você pudesse dormir.

Eu lambo meus lábios ardentes. Vejo que o *sono* não está na agenda no momento.

Farrow segura minha mandíbula, sua boca provocantemente perto enquanto ele sussurra: — Tente não fazer barulho.

Eu engulo um gemido, e quando meu pau implora por pressão, ele passa a mão pelo meu abdômen, e mais abaixo, ele agarra meu comprimento, e as bolas.

— Venha — eu respiro, a cintura arqueando para ele. *Venha me foder.* Eu costumo nos virar neste momento, mas sentir seu peso sobre mim é muito bom.

Eu arranco sua cueca boxer enquanto ele tira a minha. Nus. Nós nos movemos mais frenéticos, minha boca contra a boca dele, sua mão forte correndo pela minha nuca, tudo está sensível. Aceso, e eu sufoco um gemido na minha garganta.

Nossos corpos grudam um no outro, pele contra pele. Fricção intensa nos aquece. O ar frio não me morde mais, mas seus dentes beliscam meu ombro. Minha boca se abre, mas eu aprisiono o som rouco.

Então, eu me abaixo e o acaricio, seus músculos tensos contra mim. *Jesus.* Seu ruído grave morre quando ele range os dentes.

Ele me masturba e esfrega o polegar sobre a ponta. Meus ombros afundam no saco de dormir, minha cabeça querendo arquear para trás.

Porra. Eu flexiono, impedindo-me de ejacular. *Ainda não é a hora.* Coloco a mão em seu peito e ele me solta. Eu estico meu braço. Acariciando seu saco de dormir para sua pequena mochila.

Farrow se inclina e o encontra. Ele pega o lubrificante e os preservativos em um piscar de olhos. Colocando-os ao nosso lado, ele beija meu queixo, chupa meu pescoço, e minha respiração fica pesada.

Eu aperto sua bunda nua, e meus dedos dos pés se curvam enquanto ele passa os dentes na estrutura do meu ombro. Seu hálito quente empola minha pele. Estou tão excitado, eu poderia facilmente gozar. Mas eu quero que isso dure muito mais.

— Farrow — suspiro.

Ele estuda minhas feições, mesmo sem muita luz. Acho que está aprimorando nossa posição. Eu o deixei ficar no topo por um tempo, e não estou fazendo nenhum movimento para nos trocar ainda.

Farrow passa os dedos carinhosamente pelo meu cabelo, e seus lábios tocam minha orelha.

— Você me quer dentro de você esta noite? — Sua voz áspera, mas erótica, aperta minha ereção.

— Hmm — um gemido ressoa na minha garganta, e meus músculos se contraem sob ele.

Seu nariz se alarga, sua própria excitação escaldante o atingindo com força.

— Maximoff — ele sussurra, sua mão desliza lentamente para a minha bunda.

Instantaneamente, eu pego seu pulso. Eu o paro. Eu endureço de uma maneira diferente.

Como se alguém dentro do meu corpo gritasse *fogo* em uma sala lotada.

— Está tudo bem — ele sussurra, com nossos olhos grudados.

— Você sabe que confio em você. É só... — Eu lambo os lábios. — Eu não posso pular para isso espontaneamente. Eu quero, mas... — A próxima parte que estou prestes a dizer, ainda não contei a ele. Ser vulnerável é como quebrar concreto em cima de camadas e camadas de metal duro.

Eu abaixo minha voz para mais baixo. Ele está tão perto que pode me

ouvir dizer: — Nas duas vezes que tentei, eu tinha dezoito anos e fiquei dentro da minha cabeça. E isso... bem, doeu pra caralho, e eu não deixei mais acontecer.

Ele segura minha mandíbula.

— Ele te tocou primeiro?

— Não.

Farrow engole em seco, suas feições se inclinando para *irritado*.

— Por que ele não...? — Ele balança a cabeça. — Não, não responde. — Ele solta um suspiro. — Eu me importo com você. — Ele beija minha têmpora, então, meus lábios, e um *eu nunca vou te machucar* é poderosamente pressionado contra minha boca.

Quando paramos, ficamos quietos por um momento.

Farrow suspira: — Não é apenas uma questão de confiança, então. Você está nervoso?

— Um pouco.

— Um pouco — ele repete como se eu estivesse ressaltando a verdade.

— Muito — eu corrijo.

— Vamos planejar noites para isso. Será um processo para você. Você não relaxa facilmente.

— Não? — digo sarcasticamente. Mesmo para ter seus dedos dentro de mim, preciso *não* ficar nervoso, tenso, com medo, e isso pode levar horas, dias ou semanas.

Eu quero tentar. Com ele. Só ele.

Eu olho seus lábios e seu piercing.

— Você quer?

Suas sobrancelhas se erguem como se eu não pudesse ver o que está bem na minha frente.

— Se eu quero sentir meu pau dentro de você?

Minha respiração fica superficial.

— Sim, você quer me foder?

Sua boca roça minha orelha.

— Duro e forte. — Eu me empurro, nossas pélvis se esfregando juntas.

Um barulho fica preso na garganta de Farrow. Ele fala baixinho, mas rapidamente: — Esta noite pode tomar dois rumos. Um: eu fico em cima assim, e coloco seu pau dentro de mim. — Ele é puro poder. O cara empurra

sua bunda contra o meu pau quase toda vez que transamos. Então, ele não teria nenhum problema em fazer o trabalho pesado. — Ou você me conduz como fantasiou que eu o conduzisse.

Isso. Meu pau responde a *isso*. Seus músculos flexionados também. Eu respondo empurrando seu peito para cima do meu. Sou agressivo na cama.

E toda vez que eu o maltrato, ele solta uma maldição ofegante. Um xingamento erótico. Eu me ajoelho ao lado dele e rasgo um preservativo. Cobrindo minha ereção rapidamente.

Sua respiração acelera, acariciando seu pau enquanto me observa.

Venha me foder.

Nós dois estamos fervendo com a demora. Eu o reposiciono. Empurrando-o de quatro, os joelhos sobre os sacos de dormir. Mãos nas almofadas.

Farrow estica o pescoço por cima do ombro, a boca entreaberta. Ele estende o braço atrás dele, agarrando minhas costelas. Eu lubrifico sua entrada, correndo meu dedo ao redor da borda.

Ele geme tão suavemente quanto pode: — Entre em mim. — Eu empurro dois dedos para dentro, abrindo-o.

Eu substituo meus dedos com minha ereção. Lentamente, lentamente afundando em Farrow. *Cristo, a pressão*. Eu rosno com os dentes cerrados, meus olhos em chamas.

Sua mão aperta minhas costelas.

Seu olhar voa para o meu, e nós compartilhamos este reconhecimento: que um dia este será ele; ele estará ajoelhado atrás da minha bunda, entrando profundamente em mim...

Estou completamente dentro, e eu balanço para a frente. Mãos em seus quadris musculosos. Eu empurro e empurro. Ele balança a cabeça para a frente, deixa cair a mão, precisando agarrar o chão. De alguma maneira.

Mais perto. Meu corpo dói por contato. *Mais perto.*

Mais perto.

Quero pele, fricção e suor.

Eu afundo ainda mais nele, e ele cai em seus antebraços, praguejando uma maldição vertiginosa. Ele se joga em mim.

Meu peito se funde em suas costas, um brilho de suor se acumula em nós dois. Eu o agarro mais forte, meus bíceps estão afiados.

Sim, sim. A pressão, a fricção, seu corpo musculoso e sua expressão, nós tão próximos, *tudo* se compõe em uma onda de bombeamento de sangue e foda.

Minha bunda flexiona com cada empurrão. Ele mal consegue manter a cabeça erguida. Ele está praticamente plano contra os sacos de dormir. Somos mais ou menos do mesmo tamanho, mesma constituição, e meu corpo cobre o dele, deitando-se em cima. Batendo nele. Eu envolvo meu antebraço em torno de suas clavículas. E eu cavo fundo.

— *Porra* — ele geme no saco de dormir. Suas pernas se abrem enquanto eu fodo entre elas.

Farrow levanta a cabeça, inclinando-se e sua boca encontra a minha. Nossas línguas lutam. Meu pulso bate em meus tímpanos. Eu cavo *mais forte*.

Ele se separa da minha boca para soltar um som retumbante que gira completamente o meu mundo. Farrow enterra a cabeça no saco de dormir, sufocando seus gemidos.



Farrow Keene

CARALHO.

Porra. Estou muito longe, engasgado de prazer. A água cobre o canto dos meus olhos. Seu peso recai sobre meu corpo. Eu me deito no chão.

Ele se deita em cima de mim.

É assim que ele quer que eu o foda. Duro e profundo, e implacável, mas também protetor e protegido. Totalmente conectados.

Ele agarra meus antebraços, preparando-se para que ele possa ir mais fundo, *porra*. Meus olhos rolam para trás, minha boca abre.

Maximoff geme meu nome no meu ouvido enquanto um orgasmo o atravessa. Meus músculos latejam por serem flexionados. Ele diminui a velocidade, ordenhando o clímax, e eu tento recuperar o fôlego.

Quando ele puxa para fora, ele me vira de costas. E eu agarro seu cabelo enquanto ele termina para mim com a boca. Eu cerro os dentes, meu pulso martela.

— Caralho — eu amaldiçoo quando chego ao pico.

Ele engole até a última gota. E, então, estamos respirando com dificuldade, olhando um para o outro, e meus olhos dizem o que explode em minha mente, *teremos mais semanas juntos.*

Meses.

Anos.

Não está acabando aqui.

Eu vou dar a ele o que ele acabou de me dar. Eu o puxo para baixo, e acabamos de costas, olhando para o teto da barraca. Eu enrosco meus dedos em seu cabelo, lentamente empurrando para trás os fios úmidos.

Ele corre seu tornozelo contra o meu.

Os grilos são o único som, e a escuridão nos cobre. Maximoff vira a cabeça para mim, e ele usa esse olhar que diz que ele está mais do que contente.

Ele está feliz.



Maximoff Hale

AKARA COLOCA SEU boné de *baseball* para trás.

— Moffy, você só tem três horas até que tudo isso acabe. Você tem que enfrentá-los?

— *Sim*. — É minha única resposta.

Nós nos amontoamos ao redor do suporte de canoa na doca do lago. Não muito longe, os acampados desmontam suas barracas e fazem as malas, preparando-se para o desjejum final.

Sulli e Jane estão do meu lado, nossos três guarda-costas se opondo a nós. Folhas de laranja rangem sob nossas botas.

— Se você ouvisse o que eles disseram — eu continuo —, você estaria me *empurrando* para eles.

Akara não pisca.

— Eu duvido disso. Somos nós que devemos lidar com isso. — Ele gesticula para si mesmo, Farrow e Quinn.

— Não você — diz Farrow para mediar, com seu olhar fixo em mim dizendo *de jeito nenhum que você vai confrontar alguém sem mim, Maximoff*.

Eu entendo que eles são a segurança. Eu sou a celebridade. Mas não posso chamar reforços para lutar todas as minhas batalhas. Não posso ficar como uma estátua sem voz. Nem Janie. Não neste caso.

— Você pode vir conosco. Farrow pode vir conosco. Cristo, traga Quinn também. Mas como CEO desta instituição de caridade, *não* vou deixar este

acampamento terminar sem dizer algo a eles. — Jane assente fortemente em concordância.

Esta manhã Brad, Tyler e qualquer que seja o nome dos outros três caras, estavam fazendo gestos obscenos sobre Jane novamente. Só que eles mencionaram *amarrá-la* e transar com ela, e estou orgulhoso do fato de que não pirei com eles no momento.

Fui embora com Jane. Eu esfriei a situação. Nós montamos um plano.

Mas Akara não vê isso como *um progresso* da minha parte.

— Estou me juntando a ele — Jane lembra nossos guarda-costas. — Eu preciso dizer algo também. Há centenas de garotas aqui, e se esses caras vão embora pensando que não há problema em dizer coisas assim, então, nós falhamos. Não podemos ficar calados.

Sulli estica o braço atrás de mim para segurar a mão de Janie.

— Se você precisar de mim, estarei lá.

— Obrigada. — Jane sai do meu lado, e as duas garotas compartilham um longo abraço.

— E? — pergunto a Farrow.

Ele coloca os olhos calmos em mim. Provavelmente porque eu disse as palavras mágicas *venha comigo*.

— Acho que você não vai mudar de ideia.

Pois é.

Ele se vira para Akara.

— Se nos aproximarmos deles juntos, vai parecer um ataque.

Akara considera as opções.

— Esses caras gostam de você. — Farrow revira os olhos, mas assente. — Você vai com Jane e Maximoff. — Ele deixa de fora Sulli. Acho que ele não a quer perto dessa briga. Akara olha para mim. — Não entre em briga. — Para Farrow, ele diz: — Não o deixe entrar em briga.

— Eu não vou.

Akara enfatiza seu ponto para mim.

— Você fez um bom trabalho aqui, Moffy. Se der um soco, isso é tudo que a mídia vai publicar. Não falará sobre o sucesso. Nem sobre o dinheiro que você arrecadou. *Por favor*, fique calmo enquanto fala com eles. Se você não pode fazer isso, então, deixe que Farrow, Quinn e eu lidemos com isso nós mesmos.

— Vou ficar calmo.

Farrow tenta não sorrir.

— O que isso parece?

— Estamos prestes a descobrir. — Olho para Janie, que ergue a cabeça, puxa os ombros para trás, e se mantém ereta. Como a mulher que a criou. E eu não preciso perguntar se ela está pronta.

Vamos chutar uns traseiros.

Civilizadamente.

Reunimos Brad e seus quatro amigos na fileira de cabanas de madeira que Camp Calloway usa para o acampamento de verão. Algumas pessoas ficam perto para observar a interação. Não há privacidade, mas se os levarmos para o escritório do acampamento, temo que minha raiva me supere.

Janie falou primeiro.

— Eu ouvi todas as coisas que você têm dito sobre mim em particular nos últimos dias. — Ela ajusta a alça de uma bolsa em forma de abóbora que desliza pelo ombro. — Não é assim que devem falar sobre outro ser humano. Ponto.

Brad coça o cabelo loiro na têmpora, *sorrindo*.

— Então... você não gostaria de ser amarrada? — Seus amigos riem.

Farrow está com a mão no meu ombro, e seus dedos cravam em meu músculo.

Raiva bate no meu peito. Meus braços permanecem cruzados. Eu não me movo.

— Não — Jane refuta —, e isso não é algo que você deveria estar perguntando. Não é gentil. Não é apropriado. Se você disser isso a outra garota...

— Uau. — Brad ergue as mãos. — Eu nunca diria isso para outra garota. Mas você pede. Você está sempre falando sobre BDSM nesse programa. Quero dizer, você *chama* isso. É sua culpa.

— Ela fala sobre como *não* gosta de BDSM — eu respondo —, porque caras como você não conseguem entender que ela não é a mãe dela.

Jane acrescenta: — E vocês não parecem entender o significado de *consentimento*. Mesmo se eu gostasse de BDSM como minha mãe, você não

deveria estar falando comigo ou com ela assim. Não seja uma pessoa vil. É terrivelmente difícil para você?

— Ela acabou de se comparar com a mãe? — Tyler ri para Brad.

Brad ri.

— Eu vi as fitas de sexo de Rose Calloway e... — Ele aponta para o corpo de Jane. — Isso é uma imitação barata.

Que se foda.

Jane quase dá um passo à frente, mas Farrow descansa uma mão em seu ombro agora.

Como ele não está pronto para dar uma surra nesses caras? Meu sangue está fervendo. Meus bíceps flexionados, mãos em punhos. Eu engulo mil vezes para tentar me lembrar, *não lute contra eles*.

Não se mexa.

Não resolverá nada.

Farrow mantém a voz calma e pergunta: — Qual é o sentido de dizer isso? Eles estão todos dizendo que é doloroso de *ouvir*.

Tyler acena para Jane.

— Seja mais forte.

— Vá se danar — eu rosno. — Você é um convidado aqui.

Brad sorri, mas seu tom muda com a hostilidade crescente.

— Não, nós *ganhamos* um sorteio pelo qual pagamos.

Eu ranjo meus dentes. *Calmo. Fique calmo*. Eu expiro antes de perguntar *calmamente*: — Por que entrar no sorteio se você nos odeia? Por que vir aqui e tirar a oportunidade de outras pessoas que *adorariam* estar onde você está?

Brad estende os braços.

— Acampamento gratuito.

Não tenho palavras. Divulgação completa: eu não os entendo. Eu não posso me identificar com isso. Não consigo sentir empatia. Não sei se é porque estou em uma plataforma, um pedestal muito alto para ver da perspectiva deles. Não sei se é porque, enquanto tento pular para baixo, para o lugar deles, sou inundado de *raiva*.

Meu olhar penetra. Queimando e agitando, e meu rosto se torna ferino. Todas as arestas afiadas e brutais.

Tyler ri. — Vocês realmente nos puxaram de lado apenas para nos dar um sermão?

Brad bufa. — É o que fizeram. — Ele dá um tapa no peito do amigo, e eles riem novamente.

Tyler balança a cabeça. — É quase como se pensassem que são muito melhores do que nós. A arrogância de vocês dois é honestamente nojenta.

Pela visão periférica, noto pessoas filmando a interação. Telefones disparando e apontando para nós. Isso viajou em uma direção que nunca pensei que tomaria.

Às vezes, eu não posso prever o que as pessoas vão pensar. O que o público pensa. Onde está Jack Highland quando você precisa dele?

Jane levanta o queixo.

— Nós apenas acreditamos que você deveria ser mais gentil. Não diga a uma garota que ela deve ser amarrada, mesmo que seja alguém que você vê na TV. Mesmo que elas digam que gostam, elas não estão dizendo que querem ser amarradas por você. — Ela respira fundo. — Se você considera isso certo, então... tudo bem. Eu sinto muito.

— Não se desculpe, porra — digo a ela. Eles estão falando asneira para ela há três dias. Eu não vou deixar isso assim.

— Oohh — diz Brad. — Nós atingimos um ponto fraco.

Eu rosno: — Você não atingiu nada, idiota.

— Maximoff — Farrow avisa no pé do meu ouvido.

Eu aponto para esses caras.

— Eu sinceramente espero que você nunca fale com mulheres assim em sua vida cotidiana — eu rosno. — Foda-se, você não deveria falar com *ninguém* assim. E se você não consegue diferenciar o certo do errado, então, tire a cabeça da bunda.

Assim que as palavras escapam da minha boca, os telefones tocam e tocam e tocam ao nosso redor. As pessoas sussurram, lançando olhares em nossa direção. Até meu celular vibra loucamente no meu bolso. É como se alguém ligasse um interruptor e nos envolvesse na escuridão.

Que porra está acontecendo?

Os olhares começam a se concentrar em Janie e em mim, como se tivéssemos acabado de nos despir no meio do campo. Nu. Nua. Meu pulso acelera.

Brad praticamente gargalha, olhando para seu telefone, depois, para mim, e de volta para seu telefone. Então, para mim.

— Não é à toa que você fica tão na defensiva em relação a Jane Cobalt — diz ele. — Você está transando com ela. — Eu me afundo.

— Não. — Farrow me agarra pela cintura. Estou fervendo de ira. Aponto para Brad, meus pés se arrastando na terra enquanto Farrow me restringe.

— Você é um pedaço de *merda* — eu grito.

— Você acha que eu sou um pedaço de merda? — Ele ri. — Cara, eu não estou fodendo minha prima.

— Eu não estou transando com ela! — Eu grito, com meus pulmões pegando fogo.

— Moffy — Jane diz em advertência, sua voz arrastando ameaçadoramente. Ela está olhando assombrada para o telefone.

O que diabos aconteceu?



Maximoff Hale

JANE, FARROW E EU só temos cerca de dez minutos para conversar antes que meus pais, os pais dela e nossos tios apareçam no acampamento. Todos os seis se dirigiram para cá assim que viram o artigo.

Maximoff Hale e Jane Cobalt: O Caso de Amor Secreto!

É falso.

Você também não deveria acreditar.

Artigos falsos sempre aparecem *on-line*. Nós processamos. Emitimos uma declaração pública. E lidamos com isso. Isso não será diferente no que me diz respeito.

Tudo bem, é um pouco diferente.

Nunca fui acusado de incesto. Nunca pensei que isso poderia ser feito do meu jeito, mas assim que contarmos o nosso lado da história, tudo será como era antes.

— Eles estão esperando lá por nós? — Janie perguntou a um guarda-costas da Alfa que saiu de uma cabana chamada *Green Willow*. Ele balança a cabeça tenso, rosto estoico.

Subo as escadas curtas com Jane, e paramos na varanda.

— Está tudo bem — eu a lembro. — Vamos lidar com isso como sempre fazemos. Meu assessor de imprensa está na discagem rápida, e tenho certeza de que seu pai quer que coordenemos com o pessoal dele.

Controle de danos. Somos todos profissionais experientes.

Jane inala uma respiração tensa e assente de forma tranquilizadora. Eu olho para trás.

Farrow está com um pé no degrau e olha entre nós.

— Se vocês dois precisarem de alguma coisa, eu estarei aqui.

A vibração em seu fone de ouvido o distrai.

Sua mandíbula estala antes que ele toque o microfone em seu colarinho.

Não consigo distinguir suas palavras abafadas.

Avanço, agarrando a mão de Jane.

Logo quando Jane e eu entramos na cabine, de mãos dadas, a energia muda. Nossos pais, tia e tio ficam estranhamente quietos de repente.

Sentamo-nos em duas cadeiras de madeira. De frente para uma parede de beliches e algumas das pessoas que mais amamos em nossas vidas. As seis pessoas que nos influenciaram. Nos criaram.

Que nos moldaram.

E nos protegeram.

Em um beliche de cima, tio Ryke está sentado ao lado de sua esposa, minha tia Daisy, a dona de Camp Calloway e mãe de Sulli: cabelos loiros cortados desigualmente e uma longa cicatriz na bochecha. Ela balança as pernas para o lado do beliche, e seus olhos brilhantes voam para os escuros de Ryke.

Ele parece chateado. Mas eu não sei... essa é sua expressão habitual.

Abaixo dele, no chão, minha mãe descansa em um tronco preto. Um pacote de frutas secas está em suas mãos, e ela enfia um punhado na boca.

Nervosa. *Ela está nervosa.*

Minha mãe puxa a camisa de gola alta do meu pai, como se ela também quisesse que ele se sentasse. Ele balança a cabeça, encostada no poste de outro beliche.

Braços cruzados.

Olhos cravados.

Eu olho para os pais de Jane. Tio Connor e tia Rose, todo-poderosos.

Lado a lado, de mãos dadas, blindados para a batalha como um rei e uma rainha.

Só que não posso dizer contra quem se preparam para lutar. Olho para cada um deles novamente. Eles posicionaram duas cadeiras para nos enfrentar.

Isso é um interrogatório?

— Estou feliz que todos vocês estejam aqui — eu digo, dando-lhes o benefício da dúvida. — Precisamos falar sobre como lidar com o artigo. — Faça uma pausa quando eles permanecem quietos.

Minha mãe lança um olhar cauteloso para sua irmã Rose.

Ryke está olhando fixamente para minha mão na mão de Jane, Jane sacode sua mão da minha. *O quê.*

Giro a cabeça para cada um deles. Não sou capaz de encarar todos os seis rápido o suficiente.

— É *mentira*. Cristo, eu nem deveria ter que dizer isso.

Connor toma as rédeas.

— Só temos algumas perguntas. — O pai de Jane é a voz da razão. Ele será o primeiro a entender. Todo mundo é dramático, mas, ainda assim, como *diabos* eles podem acreditar nisso, mesmo por um segundo?

Ou talvez não acreditem.

Talvez a dúvida deles seja apenas minha paranoia se sobrepondo ao bom senso.

Eles são família. Eles nunca nos confrontariam.

Jane se endireita, sua cadeira range.

— Que tipo de perguntas?

— Nous avons besoin d'explications, mon coeur. — *Precisamos de explicações, coração.*

— Sem francês — meu pai diz a ele.

Rose fala, com uma voz gelada. — Todos nós precisamos estar juntos nisso. Não podemos deixar que isso nos divida. — Seus penetrantes olhos verde-amarelados perfuram praticamente todo mundo. Até o marido.

— Isso é o que queremos — eu digo, meus ombros retos. Estou pronto para resolver isso e seguir em frente.

— Bom. — Connor assente. — Vamos começar com a noite em que os gatos escaparam. Por que você estava de cueca?

Por que diabos isso precisaria de esclarecimento?

— Nós estávamos jogando um jogo de bebida.

Jane acrescenta: — Os participantes sóbrios tiveram que se despir em vez de tomar um gole.

— E nós estávamos usando *suas* regras. — Meu olhar se volta para o tio

Ryke.

Ryke balança para trás como se eu tivesse dado um soco nele.

— *Minhas* regras? De jeito nenhum. Você pode agradecer a Cobalt por isso.

Eu faço uma careta para tio Connor.

— Você inventou as regras strip? — Ele é o polido, e ele bebe. Sempre pensei que tinha sido meu pai ou Ryke.

— Fizemos uma pergunta e o isto já saiu dos trilhos — ele diz. — E, *sim*, fui eu. De volta àquela mesma noite...

— Véspera do Dia das Bruxas Entre Amigos — Lily esclarece.

— Que nome tão fofo — sua irmã mais nova, Daisy, sorri.

— Você só está dizendo isso porque sua filha o cunhou — Rose rebate.

Daisy suspira.

Connor ignora as irmãs e me pergunta à queima-roupa: — Por que você estava com marcas de mordida?

Os olhos da minha mãe disparam para Jane. Eu começo a balançar a cabeça. *Não*. Ela não pode acreditar que Jane foi quem me mordeu. Tia Daisy olha para nós dois.

Tia Rose também.

Eu pisco lentamente como se meu mundo estivesse começando a girar, e eu estou me agarrando com força para aguentar.

A mandíbula do meu pai se aguça a cada batida que passa. Nova tensão desconfortável paira no ar da cabana. Eu sinto a mudança novamente.

Eu sinto o desconforto.

Eu estalo meus dedos, minhas costas dolorosamente retas.

— O quanto vocês *não* acreditam em nós? — Há pressão no meu peito. — Vocês não estão apenas fazendo essas perguntas para publicitários. Vocês estão se perguntando, não estão?

A mão de Jane volta para a minha, e nossos dedos se entrelaçam. Todos estão olhando com desconfiança.

Isso esfaqueia minhas costelas.

— Antes de tomarmos uma decisão, precisamos ouvir o seu lado das coisas — meu pai me diz.

Solto os dedos de Jane. Incapaz de me sentar por mais tempo, fico tão alto quanto meu pai. Encarando.

— Você honestamente *acredita* que eu poderia estar fazendo sexo com Jane?

— Não sei o que pensar, Moffy. — Seus olhos brilham quentes. — É *incesto*, pelo amor de Deus. Isso não é algo que você viria até mim e contaria!

— Eu sou seu *filho*. — Eu aceno com raiva para ele. — Você me *conhece*. Você me conhece melhor do que a maioria das pessoas jamais conhecerá. Como você pode sequer pensar... — Minhas palavras grudam na parte de trás da minha garganta ferida. Ele nem parece simpático.

Ele ainda está em guarda como se eu estivesse mentindo na cara dele.

Eu quero gritar no topo dos meus malditos pulmões, *eu não estou transando com Jane!* Mas não consigo nem soltar as palavras. O ar deixa o meu peito.

Atordoadado diante de sua dúvida.

A mãe de Jane assume. — Quando eu tinha a sua idade, eu achava que conhecia minha irmã, mas por anos Lily escondeu seu vício em sexo de mim — Rose me diz. — Ela estava mentindo. Ela estava se esgueirando. Eu perdi *todos os* sinais. — Eu ouço a culpa em sua voz. Ela gostaria de ter estado lá para a minha mãe mais cedo.

E ela acha que estou mentindo como minha mãe.

Porra. Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo e rosno: — Eu *não* sou um viciado. Não estamos mentindo! — Mas suas experiências os moldaram.

Eles *nos moldaram*. E quantas vezes meus pais disseram a Rose, Connor, Ryke e Daisy *não estamos mentindo*. Quantas vezes eles foram pegos em uma mentira?

Droga.

— Nós não estamos mentindo — Jane diz mais claramente, menos hostil. — Eu juro, não estamos.

Eu concordo uma e outra vez.

— É a porra de um incesto, Moffy — Ryke diz, sua voz áspera e tensa. — Como seu pai diz, não é algo que você vai admitir de bom grado.

— E daí? — eu questiono. — Você quer tanto nos pegar em uma mentira que vai nos forçar a admitir isso? Esse é o objetivo aqui? — Eles não dizem nada. — Jesus — murmuro.

— Aqui... — Minha mãe se levanta, com olhos lacrimejantes. — Coma um pouco.

Eu a encaro.

— Eu não quero frutos secos, mãe. — Instantaneamente, me sinto um idiota. Acho que nunca briguei com minha mãe na minha vida. Ela afunda de volta e seu queixo treme. Ela funga e tenta levantar o queixo.

— Eu quero um pouco, amor. — Meu pai pega a bolsa dela.

— Pai — Jane diz, com voz suave e cautelosa. — Estamos dizendo a verdade.

Connor mal pisca.

— Tenho que me ater aos fatos. — Ele faz uma pausa. — E eu quero que vocês dois percebam os riscos para a saúde se...

— Pare. — Rose cobre a boca dele com a mão.

Minha mãe explode em lágrimas. Tia Daisy enxuga os olhos com a barra da camisa.

— Porra, Cobalt — Ryke rosna.

Meu pai parece doente.

— Nós não estamos fazendo sexo! — eu grito, com veias quase salientes no meu pescoço. Eu coloquei minhas mãos na minha cabeça, respirando com dificuldade. *Farrow.*

Eu quase viro para a direita. Esperando que ele estivesse lá. Ele está sempre ao meu lado, mas ele está do lado de fora da porta fechada. Ouvindo minha frustração e fúria.

Ryke aponta para mim.

— Explique a porra das marcas de mordida.

— Não fui eu — diz Jane, ainda sentada, mas a confiança e o poder aumentam suas palavras.

A verdade.

É a maldita verdade.

— Então, quem diabos foi? — Ryke me pergunta.

Merda.

Merda.

Merda.

Jane, Farrow e eu já conversamos sobre o *segredo*. O real. O de estar dormindo com meu guarda-costas. Jane disse: — Não serei a razão pela qual vocês dois vão a público.

Ela foi inflexível para que não expuséssemos nosso segredo ao mundo.

Ela é inteligente e calculista e me disse: — Não há certeza de que a mídia vai acreditar que você e Farrow estavam namorando. Eles provavelmente dirão que é uma manobra para esconder nosso suposto caso de amor. O momento é suspeito. E depois, Moffy? Farrow perderá o emprego e a privacidade. Você ganhará um novo guarda-costas. E todo mundo *ainda* vai acreditar que estamos fazendo sexo.

Não há evidência de Farrow e eu ficando. Não temos textos para vazar. Nenhum tópico de e-mail. Sem fotos do passado. Nenhuma filmagem. Nós fomos tão cuidadosos. Nunca pensei que isso funcionaria contra nós.

Compare essa carga de *nada* com as inúmeras fotografias e evidências de Jane e eu juntos. Todas as vezes que nos abraçamos, beijamos as bochechas um do outro. Meus braços em volta de seus ombros.

Sua cabeça no meu peito.

Somos próximos.

Sempre fomos próximos, mas agora, toda fotografia pode ser distorcida. Adicione as horas de filmagem de *Somos Calloway*, onde nós dois falamos sobre o quanto nos amamos. Amor platônico, mas isso também pode ser distorcido.

Até mesmo a Véspera do Dia das Bruxas Entre Amigos agora é empacotada como evidência. A mídia postou uma foto minha levando Jane em meus braços. Estou praticamente nu.

Ela está de pijama. Dizem que é intimidade demais só para primos.

Pela primeira vez na minha vida, sinto-me isolado. Sozinho. Como se Jane e eu tivéssemos embarcado em um bote salva-vidas e fôssemos empurrados para um oceano intempestivo.

— Maximoff — Ryke força. — Quem te mordeu?

Eu me preparei para lidar com tabloides, o mundo. Não minha família.

E embora você possa pensar que o mundo seria uma batalha pior, não é.

Isso é pior. Isso é *angustiante*.

— Não foi Jane — eu digo fortemente.

— As marcas de mordida não podem ser de um encontro casual — meu pai diz.

Eu franzo a testa, imaginando como eles teriam tirado essa conclusão.

Ryke me diz: — Você não vai a clubes há quatro malditos meses. Liguei para Price, pedindo os contratos, e ele não tem *nenhum*.

— O que significa que você não teve nenhum caso de uma noite — Connor continua — ou qualquer conexão aleatória. Você segue a lógica, Moffy?

Lembro-me da mentira que Farrow contou à equipe de segurança.

— Vocês acham que estou saindo com uma garota.

— Price me disse — diz Ryke. *Price*. Eu balancei minha cabeça repetidamente. — Ele disse que você está dormindo com a mesma garota, e você se recusou a obter um contrato porque ela não é alguém que seus pais aprovariam.

Todos olham para Jane.

Droga.

— Não sou eu — Jane diz rigidamente.

Meu pai aponta para o meu peito.

— Quem mais não aprovaríamos? Não consigo pensar em um maldito nome além da sua prima.

Farrow Redford Keene.

Eu encaro o nada, assombrado. A moral é uma besta exigente que me pede e me *implora* para fazer a coisa certa. O que é mais certo? Estou procurando a espada em que preciso cair. Só não quero machucar Jane ou Farrow no processo.

Eu não posso machucá-lo.

Eu não posso.

Apenas me corte em seu lugar.

— Talvez não seja um caso de amor — diz Ryke. — Você está bebendo? Você está tendo algum maldito problema?

— *Não* — eu digo com firmeza.

— Você está? — Ryke olha para Jane.

— Não — ela diz com firmeza.

— Nós só queremos ajudar — minha mãe entra na conversa, lágrimas riscando suas bochechas. — Se vocês dois forem honestos, todos nós podemos resolver isso.

Eles acham que estamos mentindo.

E eu estou mentindo.

A verdade está do lado de fora da porta. E eu me lembro do que Farrow disse uma vez. *Você só precisa saber que eu vou levar uma surra e você não*

pode correr e me salvar, escoteiro. Você tem que deixar acontecer. Não devo protegê-lo. Por mais que isso esteja me matando. Por mais que esteja dando nós no meu maldito estômago.

Devemos ficar lado a lado. E precisamos enfrentar esse golpe juntos.

Vá buscar a verdade.

Eu viro a cabeça.

— Vocês dormem na mesma cama juntos? — meu pai pergunta, com a voz engasgada.

Eu fico rígido. A sala fica quente.

Minha cabeça vira de volta para ele. Eu não vou me enterrar em outra mentira.

— Às vezes — eu digo. — É sempre platônico.

Minha mãe está sentada na beirada do tronco.

— Mas vocês dormem na mesma cama — diz ela como se precisasse de uma confirmação extra. Como se ela não tivesse ouvido direito.

— Sim.

Minha mãe toca o peito com as duas mãos.

— Seu pai e eu costumávamos dormir na mesma cama quando éramos apenas amigos.

Merda.

Passo a língua pelos lábios secos.

— Vocês se sentiam atraídos um pelo outro. Não me sinto atraído por Jane.

— Da mesma forma — Jane diz, se mexendo na cadeira. — Não me sinto atraída por Moffy.

— Nós também éramos mentirosos — meu pai me diz.

Neste momento, também sou um mentiroso. Eles cheiram a mentira como sangue na água. São tubarões. Eu sou a presa. E estou sendo rasgado.

Meu pai mantém contato visual comigo, parecendo machucado e dolorido.

— Nós te amamos — ele me diz. — Nós amariamos você, não importa o que aconteça. Mas não podemos ajudá-lo a menos que você seja honesto conosco.

— Eu não preciso de ajuda — digo a ele. — Estou bem.

Ele concorda.

— Eu já disse isso antes. — Suas palavras são praticamente gelo. Ele me dá seu sorriso clássico e amargo. — Parabéns, Maximoff, você conseguiu o que queria. Você é mais como eu. — Sua decepção é um tsunami batendo no meu peito.

Eu encaro meu pai. Bem nos olhos, e digo as palavras que nunca quis dizer na minha maldita vida. É preciso cada grama de poder dentro de mim para admitir isso para mim mesmo e para ele e para a sala, e até mesmo para vocês.

E eu digo ao meu pai: — Eu não sou como você.

Eu nunca machucaria as pessoas que amo com uma mentira, e é isso que está acontecendo agora. Estou machucando meu pai, minha mãe, tias e tios, e até mesmo Jane. Eu posso lidar com a dúvida do mundo. Isso é comum. Mas não posso viver com a dúvida deles.

Vá buscar a verdade.

Eu me viro para a porta. E, de repente, congelo.

Farrow se aproxima de mim. Já dentro da cabana, seus lábios abrem um meio-sorriso de *eu sei*.



Farrow Keene

OUVI TUDO do lado de fora, e mais ou menos na metade da discussão, eu sabia o que precisava fazer. Sinto seis olhares incrédulos e confusos varrerem minha presença repentina. Ainda não os enfrento.

Antes de Maximoff perguntar repetidamente *você tem certeza de que deseja fazer isso?* Eu seguro sua mão, de pé ao seu lado.

Muito suavemente, eu sussurro: — Sua moralidade está passando para mim. — Eu me sinto mal colocando Maximoff Hale em um lugar onde ele seria forçado a mentir para essas pessoas.

A família dele. Quem precisa dele.

Quem confia nele.

Quem o ama.

Ele seria um homem pior se os pisoteasse com uma mentira, e ele me fez melhor porque nem hesito em revelar a verdade. Não me importo com as consequências da carreira, e somos fortes o suficiente para sobreviver ao golpe. No final do caminho, tudo o que sei é que estou protegendo e preservando a própria essência de quem ele é.

E eu faria isso quinhentas vezes.

Eu aceno para Maximoff para ir em frente. *Diga a eles.*

Ele agarra minha camisa e me puxa para seu peito. Em um momento rápido e pulsante, ele tem duas mãos firmes no meu pescoço, e sua boca encontra a minha.

Sem vacilar, sem duvidar. Seu orgulho de nós dois neste rápido segundo o faz subir como um arranha-céu.

Ele tem que sentir meus lábios subindo. Não consigo conter um sorriso. Eu não faria, mesmo se me mandassem. Nossos corpos se juntam em um beijo mais profundo e mais lento, e eu coloco meu braço em volta de seus ombros largos. Sua mão desliza pelo meu cabelo preto, seu desejo e fome incitando minha boca a abrir novamente. Pulsando minhas veias e coração. Todas as coisas que senti com Maximoff antes.

Ele assumiu tudo.

Assumiu tudo por mim.

Eu reconheço como todo mundo deve estar fazendo: *este é seu primeiro beijo com uma plateia.*

Se eles não acreditam nele agora, então, eles estão apenas em negação.

Quando finalmente terminamos o beijo, trocamos um olhar teimoso que diz *estamos nessa merda juntos e vamos sair juntos. Não importa para onde.*

Confrontamos sua família atordoada lado a lado, meu braço em volta da parte inferior de suas costas.

— Aí está a verdade — diz Maximoff. — E eu não estou mentindo.

Seu pai superprotetor lança um olhar gelado em mim. Só para mim.

— Ou você é o melhor guarda-costas e o está protegendo com um disfarce, ou você é o guarda-costas mais merda do mundo e está dormindo com meu filho.

Eu não perco nem um segundo.

— Estou dormindo com seu filho.

Lo ferve, seu olhar me massacra. Eu esperava por isso, mas todo o respeito e confiança que construí e ganhei dele ao longo dos anos simplesmente é arrancado do meu corpo.

Ele gira para seu irmão. Ryke pula do beliche de cima antes que sua esposa possa pegar seu ombro.

Maximoff aponta com raiva para eles.

— Farrow não é o inimigo. Ele é a porra do meu namorado!

Eu tento não sorrir. *Porra, isso foi bom de ouvir.*

Connor Cobalt comanda o andar com um passo à frente.

— Vamos nos entender antes que a reação exagerada comece. — Ele levanta uma mão calmante para Maximoff e para mim. — Acreditamos que

você estão juntos, mas o mundo não. Agora, menos. A mídia vai correr com a história de amor de Moffy/Jane.

É mais lascivo.

— Deixando isso de lado — diz Connor —, agora precisamos lidar com a questão da segurança privada: um guarda-costas fazendo sexo com um cliente...

— Com meu *filho* — Lo diz a Connor. — Juro por Deus, Connor, não trate isso como se não significasse nada...

— *Pai* — interrompe Maximoff —, eu sou um adulto. Somos dois adultos, *é consensual*. Não há nada de errado...

Ryke aponta para mim.

— Ele é o seu guarda-costas, Moffy!

Lily empurra a parede de homens e fica bem... na minha frente. Olhos verdes doloridos. Tentei não imaginar como seria esse momento.

Eu machucando a única mulher que passei anos protegendo.

Mas eu estive na Alfa por três anos, cercado por todas essas seis pessoas. Porra, eu sabia como eles reagiriam a *qualquer* guarda-costas dormindo com seus filhos.

Eu sabia que haveria condenação. Eu sabia que, aos olhos deles, eu quebrei uma regra sagrada.

— *Eu* combinei você com meu filho. — Seu queixo tenta balançar, mas ela respira fundo, levanta a cabeça e cutuca meu peito com um dedo irritado. — Eu confiei em você, Farrow. Você me olhou nos olhos e me prometeu que o protegeria.

— E fiz isso — digo do fundo do coração. — Eu sou...

— Você se aproveitou do nosso filho — Lo me corta. — Isso não é protegê-lo.

Eu me forço a não revirar os olhos. Eu estive lá para Maximoff Hale todos os malditos dias, e eu definitivamente não o coagi a chupar meu pau.

Maximoff geme em um grunhido frustrado.

— Ele não se aproveitou de mim. *Sim*, sou uma celebridade. *Sim*, ele sabe merda privada sobre mim porque é meu guarda-costas. Alguma vez ele usou sua posição para me seduzir ou me chantagear ou me machucar? *Nunca*.

Rose pousa as mãos nos quadris.

— Mas contratamos guarda-costas para *proteger* nossos filhos. — Ela me

lança um olhar ardente. — Não fodê-los. Por sua traição, seu coração deve ser dado aos lobos. — Ela estende a mão para o marido. — A faca, Richard.

Connor abaixa o braço dela.

— Vamos arquivar os assassinatos hiperbólicos, querida.

Maximoff tenta roubar a atenção de seu pai, mas isso está me espetando.

— Pai, eu tenho vinte e dois anos. Eu faço minhas próprias escolhas, e eu o escolhi.

— Há quanto tempo? — Lo me pergunta, ignorando seu filho para me interrogar. — Isso começou antes de você ser designado para ele...

— *Não* — reforço a palavra.

Lo considera isso por um momento antes de dizer: — Eu não confio facilmente. E eu te dei tanto quanto dou à *família*, e você decepcionou a mim e a Lily. Para quê?

— Para quê? — Repito com o aceno de cabeça. *Para quê*. — Eu faria qualquer coisa por Maximoff. Estou aqui, disposto a sacrificar uma carreira por ele. Porque eu me importo com ele, eu quero estar com ele. E lamento ter traído sua confiança, mas não posso mentir para você ou Lily. Se tivesse a oportunidade, faria tudo de novo.

Eu o amo.

Ainda não disse essas palavras a Maximoff, e ele não as ouvirá pela primeira vez enquanto falo com o pai dele.

Lo fica inquieto, mas todos ouvem o que estou dizendo.

— Aviso — Maximoff diz com firmeza para a sala —, vocês não demitirão Farrow. Nenhum de vocês vai. Ele ainda será meu guarda-costas.

Connor fala.

— Para que isso aconteça, seu relacionamento precisaria permanecer em segredo do público.

Ryke interrompe: — Quem diabos disse que ele estará na equipe de segurança e na equipe de Moffy?

— Quem vai demiti-lo? — Maximoff rebate. — Você?

Ryke me encara com raiva. Como se ele quisesse que eu desistisse. *E apenas enfiar outro guarda-costas nos braços de Maximoff?* Mas é claro que não.

— Eu não vou desistir — digo a ele. — E estamos bem mantendo isso do público.

— Você ainda passou dos limites — diz o pai — e é preciso que haja repercussões.

Maximoff acena para Lo.

— Mais uma vez, você não está...

— Esta é uma questão da segurança — declara seu pai. — Vamos deixar a segurança decidir. Se eles acham que Farrow não serve para ser seu guarda-costas e é muito perigoso, então, ele vai embora. E isso é diplomático da minha parte.

Antes de Maximoff falar, digo ao pai dele: — Justo.

Eu pareço agradável, mas a segurança tem mais motivos para me demitir do que para me manter. Além disso, aposto que Price e Thatcher adorariam me substituir por um guarda-costas obediente. Basicamente, alguém que nunca tiraria o som de seus rádios, discutiria ou faria sexo com um cliente.

E eu, honestamente, não tenho certeza se Akara e o resto da Ômega vão responder por mim ou virar as costas. Minhas ações cairão mal para a ESO, e se eles preferirem permanecer uma Força imaculada e respeitável, eles me transferirão.

Aqui está o que eu sei: posso ser demitido de toda a equipe, apenas ser transferido para outra pessoa, ou eles podem me suspender.

Está tudo no ar.

NÃO TENHO ARMA e nem rádio.

A segurança confiscou ambos enquanto avaliam minha posição na equipe. Aceito mudanças melhor do que a maioria das pessoas, então, naturalmente tenho dificuldade em sentir “pavor” quando encontro uma encruzilhada. Mas vejo o que posso perder. Quase como uma nostalgia incômoda, como olhar para uma faculdade amada e saber que, em um minuto, nunca mais poderei pisar no campus novamente.

Posso perder aquelas reuniões de ESO tarde da noite no Studio 9, as piadas alegres nos comunicadores, ser mantido informado sobre questões privadas, o orgulho esmagador dos Cobalt, Meadows e Hale que todos nós compartilhamos, e esta equipe unida que, de bom grado, sacrificou seu tempo e suas vidas de todo o coração para proteger três famílias.

Eu fecho minha jaqueta de couro, pois o vento de dezembro farfalha nas árvores de bordo e varre as Smoky Mountains. Não estamos mais em Camp Calloway.

Quando o Camp-Away terminou oficialmente na manhã de ontem, Maximoff não queria voltar para a Filadélfia imediatamente. Há apenas um lugar que as famílias usam como santuário longe da mídia e do público.

Uma casa de quatro andares escondida no lago das Smoky Mountains.

Oitenta quilômetros de cascalho sinuoso e terra chegam a um lugar tranquilo que as famílias visitam nas férias e no verão. O telhado de cerejeira se mistura com o emaranhado de árvores de bordo, as folhas vermelhas brilhantes antes de cair.

Eu estive aqui antes. Apenas a um quilômetro e meio a leste, eles construíram outra casa para a segurança. Essencialmente, ajudamos a manter os acres e acres de terra privados do público e da mídia, e de qualquer carro de turismo que queira dirigir por estradas de cascalho aleatórias.

Desço as escadas e o morro da varanda da casa, indo em direção ao lago.

Jane e Maximoff sentam-se juntos na beira do cais. A água brilhante reflete a paisagem das montanhas.

O que é perceptível: a distância entre eles. É apenas uma visão estranha.

Dois corpos poderiam se espremer entre os deles. E ela está embrulhada sozinha em uma colcha, não compartilhando com ele. Eles mal estão se encarando, mas pelo menos estão conversando.

Nós três, mais Quinn, somos os únicos na casa do lago. A mídia não para de especular sobre o chamado “caso de amor” e o *Twitter* até cunhou um nome: #HaleCocesto.

A atual Hale Co. está enfrentando um pesadelo publicitário. Como o pai de Maximoff é o CEO, Loren Hale está combatendo a maior parte das consequências.

Quando chego ao cais, Jane e Maximoff estão em contemplação silenciosa. Eles estão agindo friamente. Dizem coisas como: *rumores acontecem o tempo todo, não é diferente, podemos passar por qualquer coisa juntos.*

Mas este é o primeiro ataque à amizade deles.

Maximoff está prestes a se levantar quando me vê, mas eu me sento perto dele. Ombro a ombro, ele envolve o braço em volta do meu.

— Alguma notícia da segurança? — ele pergunta.

— Ainda não.

Percebo o celular dele na doca de madeira. Tela preta. Com a quantidade de caos que está acontecendo, a tela deveria estar iluminada com notificações.

Eu levanto minhas sobranceiras para ele.

— Você desligou o telefone? — Seria a primeira vez.

Jane aperta a colcha ao redor de seu corpo.

— Ele acabou de dar total autonomia à Diretora de Operações da H.M.C. Philanthropies para tomar decisões e, em seguida, desligou o telefone.

— A Diretora de Operações tem o controle por apenas dois dias — esclarece Maximoff. Então, ele fala para sua melhor amiga: — Não estou aqui para trabalhar. Estou tentando estar aqui para nós, Janie.

— Estamos bem. Dissemos que estamos bem. — Ela pega um tabloide dobrado que comprou em um posto de gasolina e distraidamente folheia as páginas. — Isso não significa nada.

Maximoff deixa cair o braço que estava em mim, apenas para estalar os dedos. Eu massajeio seus ombros, seu músculo extremamente tenso.

Eu pergunto: — Então, por que há um espaço de um metro e meio entre vocês dois?

Jane se aproxima, até que ela está a apenas um centímetro de distância.

— Ainda me sinto estranha sabendo que nossos pais e alguns membros da família acreditavam que estávamos dormindo juntos. Sem falar na equipe de segurança. — Ela suspira em um pequeno grunhido e se encolhe. — Nada me deixou mais envergonhada na minha vida...

O rosto de Maximoff se contorce, rasgado em pedaços. Ele não pode consertar isso consolando Jane fisicamente. Esse é o problema.

Eu tento lembrar a Jane: — A Ômega não acreditou no boato.

Maximoff acrescenta: — E nossa família acredita em nós agora.

Os grandes olhos azuis de Jane se erguem para nós.

— Porque vocês dois se beijaram. Não porque confiaram em nós, e não fizemos *nada* para perder a confiança deles. Eles projetaram seus próprios passados em nós como a mídia sempre faz, e eles nunca deveriam ter duvidado de nós. *Não deveriam* — enfatiza.

— Sinto muito — peço desculpas enquanto a culpa rara me atormenta. — É minha culpa. — Por um lado, eu poderia ter tentado não afundar meus dentes com tanta força nele. Por outro, a mentira que criei naquela noite alimentou a dúvida de seus pais. — A evidência que eles usaram contra você, isso é culpa minha.

Maximoff me dá uma olhada.

— Tenho certeza de que não foi você quem a embalou em seus braços, beijou sua bochecha mil vezes, colocou seu braço em volta dela...

— Todos nós participamos disso — Jane interrompe —, mas vamos ser terrivelmente honestos, esta é a situação mais estranha em que já estivemos, de longe. — *Fora de brincadeira.*

Ela folheia o tabloide antes de empurrar as páginas para o peito.

— Vocês dois viram o novo artigo do *Como Nós*?

— Não — dizemos juntos.

— Adivinhem o título — diz Jane.

Maximoff olha para a água.

— Enfurecidos como nós.

— Eu acho que você quer dizer *Estranhos* como nós — eu provoco.

Jane quase sorri, o que faz o ombro de Maximoff relaxar, e então, ela mostra o tabloide: *Danificados Como Nós*.

As fotografias mostram Jane e Maximoff no Camp-Away: ele a carrega

nas costas, ele beija sua bochecha, Jane o abraça pela cintura, sorrindo. Tudo foi distorcido para caber na manchete.

Eu roubo a revista e jogo aquele tabloide como um frisbee do outro lado do lago. Eu ouço o *plop*.

Quando olho para Maximoff, ele me pergunta: — Se essas fotos fossem eu e você, qual você acha que seria o título?

Eu começo a sorrir. E eu digo a ele a primeira coisa que vem à cabeça.

— *Apaixonados* como nós.



Farrow Keene

08h NA CASA DO LAGO. Eu cozinho bacon e olho constantemente para Maximoff. Com seu peito nu e cabelo castanho escuro desgrenhado, ele quebra os ovos em uma tigela e joga as cascas na lata de lixo mais próxima.

Seus olhos verde-floresta voam de volta para mim com a mesma frequência.

Ainda não há notícias sobre a segurança, mas é muito cedo para se importar.

E eu apenas gosto disso.

Muito.

Demais até.

É a primeira vez que conseguimos preparar o café da manhã juntos. É também a primeira manhã em que não importa se a segurança ou os membros da família nos flagram. *Eles sabem a verdade.*

Inflexível e resolutamente, seu olhar percorre meu peito e abdômen, até o cós da minha calça de algodão preta.

Meu sorriso se estende.

— Você acabou de colocar um pedaço de casca na tigela.

— Porra. — Sua cabeça chicoteia para a tigela. — ... eu não vi isso, cara.

— Ele limpa as mãos em um pano de prato.

Eu tiro o bacon do fogo, e me aproximo de Maximoff. Sua mão desliza em volta da minha cintura, puxando-me com força para seu peito. *Droga.*

Eu seguro sua bunda e o levo de volta para a beirada do balcão. Seu olhar devora o meu antes de nossas bocas se pressionarem em uma fome voraz. Ela se aquece e solda juntas.

Porra, eu seguro sua mandíbula afiada para controlar o beijo. Eu pego seu lábio entre meus dentes, e uma respiração superficial ejeta seu corpo.

Sussurro em seu ouvido: — Minhas roupas ficam bem em você. — Ele está vestindo minha calça preta.

Maximoff desliza dois dedos na minha cintura.

— Vantagens de ser do mesmo tamanho que meu namorado.

Ouvi-lo dizer *namorado* em voz alta faz meu sorriso se alargar ainda mais.

Eu diria que meu guarda-roupa dobrou também, mas não posso usar as roupas dele em público. Tabloides e fãs notariam, e mesmo com o boato “HaleCocesto”, eles inventariam outra história. Não deixando de lado o caso de amor Moffy/Jane, mas apenas me adicionando à equação.

Maximoff coloca seus braços sobre meus ombros.

— O que acontece se eu conseguir um novo guarda-costas?

Eu não estarei perto de você todos os dias.

— Que bom que você gosta de visitar essas hipotéticas realidades alternativas — eu digo —, mas vamos ficar com a nossa, onde eu ainda sou seu guarda-costas.

Maximoff agarra a parte de trás da minha cabeça. Seu aperto é forte, e sua cintura se curva em minha direção, tudo isso, todo ele, atíça gasolina em mim e me acende como fogo. Ele sussura: — Quem chupa o pau de quem às 8h12 na nossa realidade?

Eu olho para suas belas e salientes maçãs do rosto.

— Eu posso te colocar de joelhos agora, mas estou achando que você gostaria de fazer o mesmo.

Suas sobrancelhas escuras franziram, fingindo confusão.

— Como você sabe?

— Você ama seu pau na minha boca.

— Farrow! — Esse é Oscar. *A segurança está aqui.* Ouço mais do que alguns pares de passos.

Maximoff se endireita, preparando-se para outra precipitação em que sou demitido da equipe de segurança. Eu relaxo casualmente contra o balcão ao

lado dele, e envolvo meu braço ao redor de suas costas. Minha mão está em seu quadril. Enquanto ele, é claro, cruza os braços, flexionando os bíceps. Pronto para lutar por mim.

Esse último pensamento brota dentro de mim: *ele está pronto para lutar por mim.*

Oscar entra primeiro na cozinha e adentra até parar, estudando a cena: no meio do caminho, estamos preparando o café da manhã juntos, sem camisa, e meu braço ainda está em torno de Maximoff.

— Redford — diz Oscar, franzindo a testa enquanto suas sobrancelhas se erguem. — Ele está usando sua calça?

Reviro os olhos, mas meu sorriso está me matando.

— Estamos juntos há meses — diz Maximoff.

— Na minha cabeça, faz apenas dois dias, e você já está vestindo a...

Maximoff o interrompe: — Isso não é importante agora.

Oscar põe a mão no balcão da ilha.

— Moffy, você está subestimando o quão chocados todos nós estamos. Há uma década que não sou tão surpreendido assim. — Ele olha para mim. — Seu filho da puta imprudente, se eu ouvir a Alfa te chamar de maverick mais uma vez nas comunicações, vou cancelar a assinatura da *Netflix*.

— Você não tem minhas senhas, Oliveira. — Eu dei a ele minhas senhas em Yale para que ele pudesse usar a *HBO*, mas eu mudei isso há muito tempo.

Maximoff deixa cair os braços, prestes a sair e encontrar Akara, mas eu seguro seu pulso para mantê-lo aqui. Minha mão desliza na dele.

Então, Akara entra na cozinha, com Donnelly e Quinn a tiracolo. Ambos ficam no bar da ilha com Oscar, e o líder da Ômega se aproxima de mim.

— Moffy — Akara diz —, você deveria dar uma volta...

— Não — digo a Akara. — Ele deveria ouvir.

Maximoff cruza os braços novamente.

Akara aponta para o meu peito.

— Passei trinta e cinco horas seguidas tentando convencer dois homens de que vale a pena manter você por perto. — *Price e Thatcher.*

Eu me fixo na parte em que ele tentou convencê-los a me manter.

— Você queria que eu ficasse? Você percebe que eu egoisticamente escolhi um cara ao invés da equipe?

Maximoff me lança um olhar como se eu estivesse cavando minha própria

cova, mas não consigo parar de olhar para Akara.

— Sim — diz Akara —, e nós quatro na Ômega tivemos a infelicidade de conhecê-lo antes de você se juntar à segurança.

Donnelly me manda um beijo com o dedo médio. Aos dezoito anos, eu o conheci em uma loja de tatuagem. Ele era um aprendiz de tatuagem de dezessete anos que abandonou o Ensino Médio, seus pais foram presos por metanfetamina. Eu o deixei fazer *algumas* das minhas. Até que ele melhorou, então, ele pintou mais, e ele costumava ficar no meu dormitório em Yale e correr pelo corredor para zoar e rir.

Oscar, eu conheci em Yale, e depois conheci o irmão dele, Quinn.

E Akara cresceu a duas ruas da minha. Veja, eu não levei essas relações em consideração, porque quebrei uma regra inquebrável. Não durma com seu cliente.

— Eu não vou ficar aqui e elogiar você por uma hora — diz Akara. — O que você fez foi errado, mas você está longe de ser incompetente. A Alfa e a Épsilon veem você como um tiro ao alto. O resto de nós, na Ômega, conhecemos você como um bom amigo.

Esfrego minha mandíbula e assinto mais do que algumas vezes.

— Obrigado.

Donnelly estende a mão para Oscar.

— Ganhamos um *obrigado*. Pague.

— Vá se ferrar, Farrow — diz Oscar. — Agora, devo cinquenta dólares a Donnelly por causa da sua gratidão.

— Disse para você não aceitar essa aposta, mano — diz Quinn.

Eu quase sorrio, mas lembro que Akara é apenas um voto em três no que diz respeito a transferências e demissões. Ele teve que convencer Thatcher ou Price a me deixar ficar na equipe de segurança e na Ômega. Ele nunca disse que tinha conseguido.

Maximoff permanece no caminho certo.

— Então, qual é o destino dele? — ele pergunta ao líder Ômega. — Ele está sendo transferido ou demitido?

— Price foi firme em dizer *demitá-o*. Tenho passado muito tempo com ele. Ele é o guarda-costas de Daisy Calloway desde os vinte e poucos anos, e ele apenas vê o que você fez como uma violação da confiança dos pais.

Eu afundo contra o balcão.

— Droga — eu murmuro.

Maximoff pega o telefone no balcão.

— Vou falar com Thatcher e Price. — Ele deve ficar de fora da decisão. Essa foi a estipulação de seu pai. Deixar a segurança decidir meu destino. Ninguém na família tentar influenciar ou convencer a equipe.

— Você não precisa — diz Akara com o início de um sorriso.

Eu balanço minha cabeça em descrença.

— Thatcher nunca votaria para me deixar ficar no emprego.

— Há uma punição e um aviso gigantes — diz Akara —, mas Thatcher concordou comigo que você deveria ficar na Ômega e ser o guarda-costas de Maximoff.

Permanecer como guarda-costas de Maximoff.

As palavras soam em meus ouvidos até que nós dois nos viramos um para o outro, e os braços de Maximoff envolvem meus ombros, e os meus nos deles. Todo calor e todos os músculos, seu pulso bate forte contra meu peito.

Permanecer como guarda-costas de Maximoff.

Nós nos separamos na mesma hora em que Oscar diz: — Sim, ainda estou em choque.

Donnelly se aproxima de Maximoff.

— Você está usando a calça de Farrow ou o quê?

— Jesus Cristo — ele grunhe.

— Você está vestindo a calça de Jesus Cristo?

Todos riem, mas Akara é o primeiro a falar enquanto o humor desaparece.

— Você ouviu a parte em que eu disse que há uma punição e um aviso?

— Eu ouvi — eu digo. — E ainda não sei por que Thatcher votaria para me manter por perto.

Akara passa a mão pelo cabelo preto.

— Lembrei a ele que você apenas valoriza a privacidade de seu cliente em vez de compartilhar com a equipe e que, na realidade, você está protegendo seu cliente nessas situações. Moffy é adulto e se ele te disse para guardar um segredo, então, você deveria ter guardado um segredo. Depois de um tempo, Thatcher reconheceu isso, enquanto Price, não.

Droga.

— Vou precisar enviar uma garrafa de vinho para ele? — *Do que Thatcher gosta?*

— Não — diz Oscar e se aproxima apenas para roubar um pedaço de bacon da panela. — Ouça esta próxima parte.

Maximoff passa o telefone para a outra mão.

— O que é? — ele pergunta a Akara, que agora olha para ele. — É sobre mim?

Eu me endireito no balcão.

— O que está acontecendo?

— Thatcher também será designado para a equipe de Maximoff e Jane.

Eu passo minhas duas mãos pelos cabelos, jogando-me de volta no balcão. *Merda.*

— Isso parece desnecessário — diz Maximoff —, e meu irmão precisa de Thatcher. Ele é o guarda-costas dele.

— Xander ainda tem Banks como segurança 24/7, e depois do boato, Jane vai precisar de dois guarda-costas.

Maximoff concorda com a cabeça.

— Ei, eu quero ser claro aqui — diz Akara —, este é o seu castigo. Thatcher acha que vocês dois terão menos cuidado em esconder seu relacionamento publicamente agora que podem ficar juntos em particular na frente da família e da segurança. Ele só concordou em Farrow ser o guarda-costas de Maximoff se ele pudesse se juntar e ter certeza de que você não está estragando tudo.

Eu reviro os olhos.

— Ele quer ser meu acompanhante?

— Basicamente, mas por um bom motivo.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você concorda?

— Este é o seu aviso. Se a mídia e o público descobrirem que Maximoff está namorando um guarda-costas, isso não machucará apenas vocês dois.

Maximoff franze a testa.

— O que você quer dizer?

— O que você acha que seus fãs vão fazer se virem que um guarda-costas pode namorar um de seus primos ou irmãos?

Merda.

A realização também toma conta de Maximoff.

— Eles vão especular quais guarda-costas serão os próximos.

— Eles vão nos emparelhar — acena Akara. Não é muito diferente dos *sites* do *Tumblr* dedicados às nossas vidas amorosas, que fazem previsões sobre futuros relacionamentos e casamentos. — E eles começarão a analisar quais guarda-costas são solteiros, “maiores”, e a Ômega é a equipe mais jovem.

— Você esqueceu do “atraente” — eu digo.

— Farrow...

— Eu sei. — *É sério.* — Nenhum de nós pode se tornar famoso. — Ou, então, não podemos proteger nossos clientes. É uma regra antiga que não tem brecha como a que eu quebrei.

Maximoff coloca a mão na nuca.

— Então, se alguém descobrir publicamente que estou namorando meu guarda-costas, isso pode colocar toda a equipe em risco. Vocês todos perderiam seus empregos e seriam substituídos por seguranças mais velhos e casados.

Sim.

Temos que ser extremamente cuidadosos em público.

Quinn se aproxima da geladeira.

— Ei, eu sei que não estou na segurança há muito tempo, mas só quero dizer que eu gosto desse trabalho.

— Todos nós gostamos — diz Akara para nós.

Eles estão todos deixando Maximoff e eu ficarmos juntos, e se nós estragarmos tudo, isso poderia custar suas carreiras. Porra, estou em dívida com todos eles, e também digo: — Teremos cuidado.

Maximoff olha para cada cara.

— Obrigado — diz ele com tanta força que a cozinha fica em silêncio. Muitos dos caras assentem para ele.

Então, as tábuas do piso rangem no silêncio, e todos viramos a cabeça. Sulli acena, e Maximoff começa a sorrir com a presença de sua prima.

— Reunião de segurança encerrada? — ela pergunta. — Pensamos em ajudar vocês com o café da manhã.

— Nós? — Maximoff pergunta.

Beckett Cobalt aparece. Cabelo mais escuro e encaracolado do que seu irmão gêmeo fraterno Charlie, e suas tatuagens no braço direito são visíveis em uma camisa preta. As pessoas o chamam *de bad boy do balé*.

Antes de Maximoff falar, Jane entra na cozinha vestindo um pijama com estampa de gatinho.

— Mana. — Beckett abraça sua irmã, e então à direita de seu abraço, Charlie Cobalt dá um passo à frente, olhos verde-amarelados apenas em Maximoff. Eu fico em guarda, mas Maximoff dá um passo à frente, com seu rosto solidificado como mármore.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta a Charlie.

Charlie nunca quebra o contato visual.

— Sendo um primo que não duvidou de você. — Jane chora atrás dele, e Beckett beija o topo de sua cabeça.

Maximoff assente repetidamente e estende a mão para Charlie. Seu primo aperta sua mão e eles vão para um abraço.

As pessoas começam a se movimentar, trocando abraços e cumprimentos. Os cinco guarda-costas da Ômega e seus cinco clientes não ficam *sozinhos* assim há muito tempo. Definitivamente, não desde que entrei para a ESO.

Então, todo mundo vagueia pela cozinha, se atualizando e ajudando a cozinhar. Eu estou ao lado de Maximoff e desenrolo um pedaço de pão.

— Mais bacon — Oscar me diz enquanto come todo o bacon que acabei de cozinhar. Donnelly já abre o freezer para pegar carne e um saco de biscoitos congelados. Ele os entrega para Beckett.

Quinn tem outra caixa de ovos e começa a ajudar Maximoff a quebrá-los em sua tigela. Sulli e Akara tiram pratos dos armários enquanto Charlie e Jane conversam em francês, fazendo café juntos.

Poderíamos ter detonado a equipe de segurança e sua família, e como um raio perfeito, aproximamos todos os dez.

E eu tenho o cara.

Eu tenho *o cara*. Eu estendo meu braço ao redor de sua cintura, e ele inclina um pouco de seu peso contra o meu lado. Relaxando. Começo a sorrir cada vez mais.



Maximoff Hale

FAÇO UMA DAS minhas trilhas na montanha favoritas com Farrow. Não muito longe da casa do lago. O vento assobia através dos altos abetos e árvores de bordo e picos rochosos. As últimas folhas de outono estão caindo.

A natureza não ganha em nada de Farrow. Estou muito *distraído*. Mechas pretas de seu cabelo roçam em seus cílios. Sua mochila está em seu peito duro, como a minha. Bíceps salientes se destacam em sua camisa preta de manga comprida.

À medida que subimos a ladeira íngreme, ele aumenta o ritmo. E estamos juntos a cada passo o tempo todo. Nenhum de nós fica para trás.

Eu penso muito nisso.

Penso em como ele me chamou de puro de coração.

Eu penso em como vai levar tempo para minha família vê-lo como algo além de meu guarda-costas, mas eu e ele, nós nos vemos além disso desde o começo.

Penso em como ele me ajudou a pular um muro que eu nunca tentei escalar.

Eu penso em vocês.

E como eu tive medo de desapontá-los. Talvez, eu ainda tenha, talvez, eu já os tenha decepcionado, mas seria preciso muito mais do que uma curva errada ou um erro humano para decepcioná-lo.

Eu penso em como há apenas uma pessoa que eu desejo acordar e ver

antes de dormir. O sabe-tudo brincalhão que adora me irritar sobre tudo.

Eu penso nele.

Então, quando chegamos a uma clareira em um cume com vista para um vasto cenário de montanhas e horizonte azul brilhante, eu esqueço a vista. E eu apenas vejo Farrow.

Ele bebe água pela mangueira do seu *Camelbak*, sorrindo.

— Já viu essa vista uma centena de vezes?

Quanto mais ele olha para o meu olhar, mais ele vê a emoção saindo de mim. Seu peito sobe em uma respiração mais profunda.

— Eu preciso te dizer uma coisa — eu digo.

Ele se aproxima. Nossas mãos se encostam e se apertam fortemente.

Os olhares nunca se soltam.

Cristo, deixe-me dizer isso direito.

— Em retrospectiva, percebi que estava imaginando um tipo de pessoa com quem gostaria de estar por mais de um dia, a longo prazo. Você sabe, alguma coisa... — *Droga*. Eu gesticulo no ar para a palavra.

— Duradoura?

— Sim. — *Duradoura*.

Algo indestrutível.

— Eu esperava por alguém que não tivesse medo de me colocar no meu lugar, alguém que me fizesse sentir humano. Eu esperava por alguém que pudesse ser forte para que eu pudesse ser vulnerável, mas, ainda assim, nunca me fizesse sentir fraco ou inferior. Eu esperava por confiança e compreensão e um amor inato por minha família. E eu percebi, Farrow...

Sua mão desliza pelo meu pescoço até o meu queixo, seus olhos cheios de lágrimas já acariciam os meus.

— Eu percebi — eu respiro — que eu estive sempre esperando e desejando você. — *Diga as palavras*. — Eu amo você, e eu sou o sortudo aqui.

Ele ri com o sorriso mais sincero que eu já vi. Suas duas mãos tatuadas seguram meu rosto. Nossos peitos se juntam, e ele sussurra: — Você ganhou de mim.

Ele me ama. Meu rosto é pura felicidade.

— Bem, você não pode ser o primeiro em tudo, como um cara sempre me diz.

— Um cara — repete Farrow.

— Algum maldito cara — eu reformulo, minha mão subindo na parte de trás de seu pescoço.

— O cara que você ama — brinca Farrow. Então, ele lambe o lábio inferior, e sua boca se volta para o meu ouvido. Segurando minha cabeça, ele sussurra, profundo e protetor: — Eu também te amo.

UMA BOA NOTÍCIA...

Esperamos que você tenha se apaixonado pela história dessas três famílias – Hale, Meadows e Cobalt – e esteja com vontade de saber onde tudo isso vai dar; afinal, ainda há vários primos para contar suas próprias histórias.

A boa notícia é que a *Editora Bezz* está mais do que disposta a trazer as três séries que compõem a saga das famílias. As duas gerações. Primeiro, as Calloway (dentro das séries *Addicted* e *Irmãos Calloway*), depois, os filhos destes (na série *Like us*).

... E SUA PARTICIPAÇÃO!

Para isso, contamos com a sua colaboração em fazer dessas séries um sucesso, assim como elas são lá fora. Adquirindo os livros oficiais e-books e/ou impressos (e não cópias piratas), deixando suas impressões/resenhas nos principais *sites* de venda, assim como em estantes virtuais (*Goodreads* e/ou *Skoob*), e em suas mídias sociais. Isso garantirá com que as séries não sejam descontinuadas, e possamos ter todos esses livros nas nossas estantes.

Adquiram. Indiquem. Comentem.

A lista de livros será atualizada abaixo a cada novo lançamento.

Série Addicted

Viciado em Você

Série Irmãos Calloway

Série Like us

Danificados

AGRADECIMENTOS

À nossa mãe, obrigada não só por nos fornecer seus divinos poderes de edição mais uma vez, mas, também, por nos apoiar infinitamente. Você é o ser humano mais altruísta que conhecemos, e sua bondade e generosidade poderiam alimentar toda uma frota de navios vikings.

A Lanie, Jenn, Jae e Siiri, obrigada por serem as melhores administradoras do *Facebook*, amigas e ombros nos quais podemos nos apoiar. Vocês são um grupo mágico. Obrigada por sempre defenderem nossos livros e por fazerem tudo o que fazem para ajudar a espalhar a palavra. É uma coisa poderosa conhecer pessoas que só querem que você tenha sucesso, que fariam qualquer coisa para promover seus sonhos. Nós amamos muito todas vocês.

A Marie, obrigada por todo o apoio e toda a ajuda na tradução do francês. A amizade de *Jane* e *Maximoff* não seria tão especial sem o seu talento.

A Kimberly, obrigada por ser uma agente super-heroína. Sabemos que constantemente dizemos isso! Mas é tão verdade. Nos sentimos as autoras mais sortudas por tê-la ao nosso lado.

Ao Grupo *Fizzle Force* no *Facebook*, escrevemos este livro durante um dos momentos mais difíceis de nossas vidas. Seu encorajamento constante e edificante significa mais para nós do que podem imaginar. Em um mar de dúvidas, a positividade do outro pode literalmente ser a única coisa que muda tudo. Isso nos empurrou a continuar. Lutar pelo livro que queríamos e achávamos melhor. Obrigada por todo o amor. É realmente uma mudança em nossas vidas.

A Aisha, você nos mostrou o que a força realmente significa e como é a luz do sol. Nós te amamos muito, e seu lindo coração continua a nos inspirar.

A Lex, obrigada por seus conselhos maravilhosos, por estar sempre ali para conversar. Sua amizade ao longo dos anos significa tudo para nós.

A Kennedy, te conhecer sempre será um dos nossos maiores logros. Nós te admiramos muito. Obrigada por ser tão doce.

À comunidade de romance, estamos muito honradas por fazer parte desta comunidade com escritores e leitores tão talentosos e incríveis. Obrigada por nos abraçar, duas garotas totalmente obcecadas pela cultura pop,

completamente.

Aos blogueiros e revisores, seu trabalho é muito importante. Obrigada por sempre dedicar um tempo para criar, postar e passar incontáveis horas fazendo o que vocês fazem, apenas por puro amor.

Aos fãs de nossos romances anteriores, obrigada por continuarem esta jornada conosco. Obrigada por darem uma chance a esta nova série. Sabemos que nem todo mundo vai continuar lendo nossos livros, mas o fato de vocês terem ficado por aqui não é nada menos que mágica.

E, por último, mas não menos importante, agradecemos aos leitores. Vocês são uma grande parte do motivo pelo qual ainda estamos escrevendo, pelo qual ainda estamos vivendo nosso sonho. Vocês escolheram este livro. Vocês o leram. E, por isso, somos muito, muito gratas.

SOBRE AS AUTORAS

Krista e Becca Ritchie são autoras *bestsellers* do *New York Times* e *USA Today*, e gêmeas idênticas – uma, nerd de ciências, a outra, geek de quadrinhos –, mas com a paixão compartilhada pela escrita. Elas combinaram seus poderes mentais quando crianças e nunca pararam de contar histórias. Elas amam super-heróis, personagens falhos e amor de almas gêmeas. As séries conectadas das três famílias – Hale, Cobalt e Meadows – são o carro-chefe que lhes trouxeram fama, e que chegam ao Brasil através da *Editora Bezz*.

CONECTE-SE COM ELAS

WWW.KBRITCHIE.COM

WWW.FACEBOOK.COM/KBRITCHIE

WWW.INSTAGRAM.COM/KBMRITCHIE

WWW.PINTEREST.COM/KBMRITCHIE

Notes

[←1]

Chaser é uma bebida tomada imediatamente após um gole ou uma dose – ou várias doses – de bebida alcoolizada forte. Chasers são feitos para neutralizar o sabor do álcool puro para que ele não queime tanto ao descer.

Catch-22 (*Brasil: Ardil-22*) é um romance satírico-histórico do autor norte-americano Joseph Heller, publicado originalmente em 1961. O livro, situado durante os estágios finais da Segunda Guerra Mundial de 1944 em diante, é por vezes citado como uma das maiores obras literárias do século XX. Devido a seu uso específico no livro, a frase "Catch-22" passou a ter um significado idiomático (nos países de Língua Inglesa – sobretudo e quase unicamente nos Estados Unidos) para *uma situação sem saída, uma armadilha*.